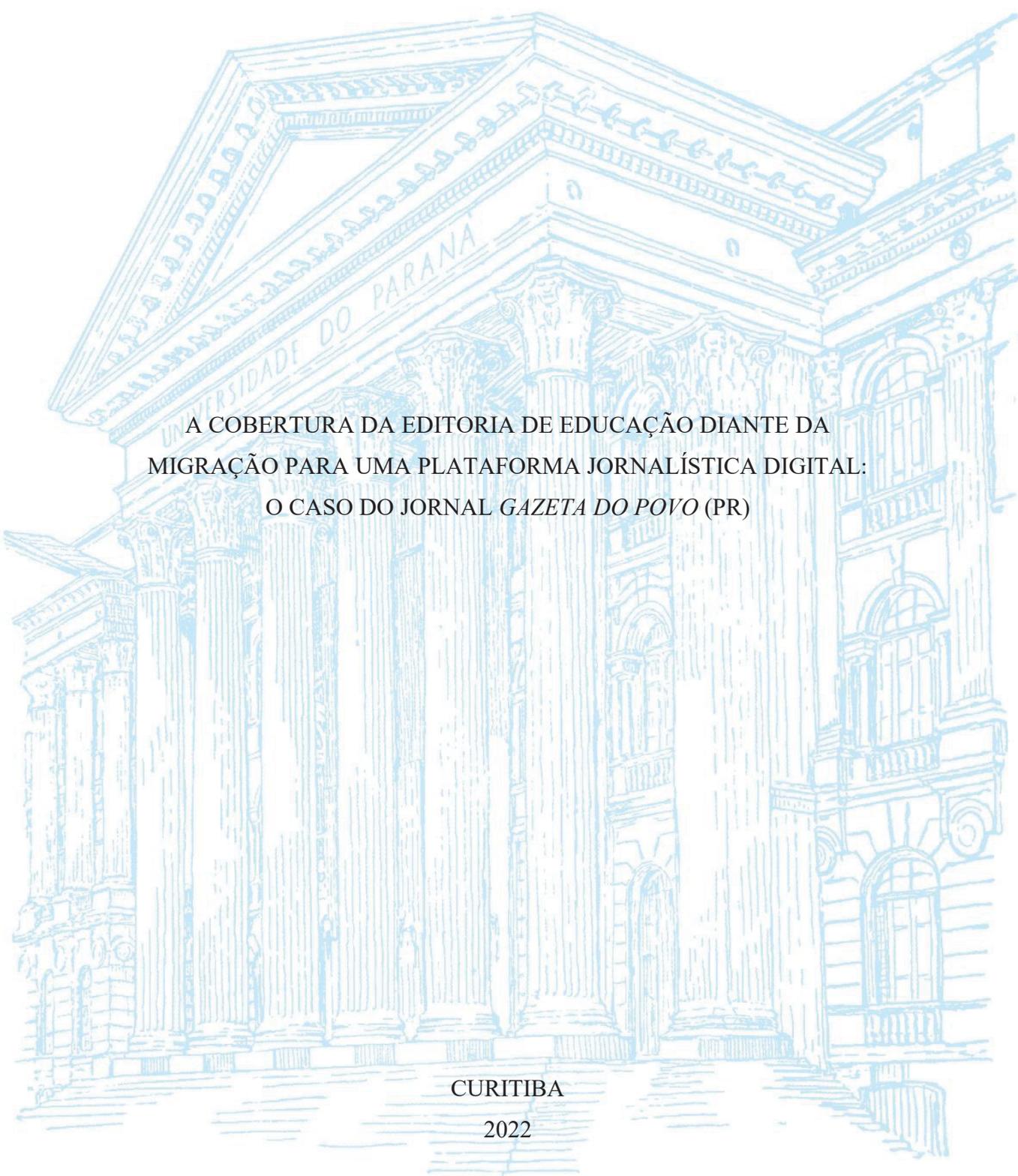


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ DE FREITAS NUNES



A COBERTURA DA EDITORIA DE EDUCAÇÃO DIANTE DA
MIGRAÇÃO PARA UMA PLATAFORMA JORNALÍSTICA DIGITAL:
O CASO DO JORNAL *GAZETA DO POVO* (PR)

CURITIBA

2022

ANDRÉ DE FREITAS NUNES

A COBERTURA DA EDITORIA DE EDUCAÇÃO DIANTE DA
MIGRAÇÃO PARA UMA PLATAFORMA JORNALÍSTICA DIGITAL:
O CASO DO JORNAL *GAZETA DO POVO* (PR)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Myrian Regina Del Vecchio de Lima

CURITIBA

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN - CABRAL

- N972 Nunes, André de Freitas
A cobertura da editoria de educação diante da migração para uma plataforma jornalística digital: o caso do jornal Gazeta do Povo (PR). / André de Freitas Nunes. – 2022.
1 recurso online : PDF
- Orientadora: Profa. Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação.
Inclui referências.
1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Plataforma digital. I. Lima, Myrian Regina Del Vecchio de. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes Comunicação e Design. Programa de Pós-graduação em Comunicação. III. Título.

CDD: 302.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO -
40001016071P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ANDRE DE FREITAS NUNES** intitulada: **A COBERTURA DA EDITORIA DE EDUCAÇÃO DIANTE DA MIGRAÇÃO PARA UMA PLATAFORMA DIGITAL: O CASO DO JORNAL GAZETA DO POVO (PR)**, sob orientação da Profa. Dra. MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 03 de Junho de 2022.

Assinatura Eletrônica

14/06/2022 14:17:23.0

MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/06/2022 17:29:29.0

JOSÉ CARLOS FERNANDES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/06/2022 19:53:05.0

PAULA MELANI ROCHA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Rua Bom Jesus, 650 - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80035-010 - Tel: (41) 3313-2063 - E-mail: ppgcom@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 193974

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prrpg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 193974

À minha esposa Paula Moura Nunes, companheira e incentivadora de todas as horas, sem a qual não teria conseguido realizar esta pesquisa.

À memória das minhas avós Porfíria de Carvalho Freitas e Ignez Spacassassi, que fizeram a grande viagem no decorrer deste mestrado.

Aos meus avôs (*in memoriam*) Afonso Américo de Freitas e João Nunes, cujo legado de trabalho e dedicação eu busco levar adiante.

AGRADECIMENTOS

A jornada pela pós-graduação *strictu sensu* dificilmente é sem percalços, mas a turma iniciada em março de 2020 foi a primeira – e esperamos que seja a última – a passar por todos os semestres de aulas, oficinas, bancas, grupos de pesquisas e orientações de forma remota, devido à pandemia. Outras turmas também foram impactadas, por concluir em 2020 ou iniciar em 2021, mas somente a turma 2020 vivenciou toda a experiência do mestrado dentro desse “novo normal”, sem se conhecer pessoalmente. Não foi fácil. Todo o agradecimento aos colegas e professores que nos ajudaram nesse caminho. Nós vencemos!

Inicialmente, agradeço a Deus pela oportunidade de expandir meus conhecimentos e poder contribuir com a pesquisa acadêmica em uma instituição que tanto prezo, e que me formou para a profissão que escolhi, a Universidade Federal do Paraná.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR por ter acreditado na minha pesquisa, no processo de seleção, e pelo apoio nas horas de incertezas, prorrogações de prazos e procedimentos com o Comitê de Ética e a Plataforma Brasil.

À professora Myrian Del Vecchio de Lima, pela orientação segura e eficaz com que me guiou por essa jornada na dissertação e no Grupo Click. Obrigado pelos conselhos e direcionamentos em toda a pesquisa. Merci pour tout!

Ao professor José Carlos Fernandes, que me acompanha desde a graduação, pelo apoio e incentivo. Zeca, obrigado pelas horas de conversas, dicas de leituras, participação na banca, qualificação e seminário.

À professora Paula Melani Rocha, da UEPG, que gentilmente aceitou fazer parte dessa banca examinadora, pelas contribuições à pesquisa desde a qualificação.

Agradeço também aos professores Michele Goulart Massuchin, Valquiria Michela John, Hertz Wendell e João Martins Ladeira pela condução das disciplinas do PPGCom, e pelo apoio à nossa turma. Aos professores e colegas do Grupo de Pesquisa Click, pelas trocas em nossas reuniões e entrevistas conjuntas ao longo desses dois anos.

Aos colegas Matheus Dias Soares, parceiro de artigos e eventos, e Cléber Gonçalves, com quem “divido” a orientação. E às colegas Juliana Goss e Maria Fernanda Mileski, obrigado por toda a ajuda com os processos do colegiado e Comitê de Ética.

Agradeço aos entrevistados que aceitaram participar desta pesquisa, de forma remota, e contribuíram com suas vivências em entidades de educação e na redação do jornal estudado. E à Plataforma Brasil, que autorizou a realização das entrevistas para a pesquisa.

À minha família, sem a qual não teria chegado até aqui. Aos meus pais, Jadir e Iracema, pelos anos de amor, educação e dedicação em formar o homem que sou hoje. Pelo eterno incentivo ao meu desenvolvimento pessoal e profissional. Amo vocês!

À minha esposa Paula, pela parceria em todas as horas. Pela paciência, amor e carinho com que viveu cada momento do mestrado ao meu lado desde a seleção, feita em 2019 enquanto a gente organizava nosso casamento. Te amo muito!

Aos meus sogros Maria de Lourdes e Hélio, por todo o apoio e suporte no dia a dia. Agradeço aos familiares que, próximos ou distantes, enviaram palavras de apoio nesses dois anos, em especial minha irmã Beatriz, madrastra Stella, Dona Gê (*in memoriam*), tio Aristides, aos padrinhos Rubens e Terezinha e à prima Rebeca, por torcerem por mim nessa jornada.

Ao professor Aroldo Murá Gomes Haygert, mestre do jornalismo e da memória paranaense, com quem tenho a honra de trabalhar e aprender desde 2014.

Às jornalistas Marisa Valério e Aline Cambuy, diretoras da Talk Comunicação, por toda a compreensão e auxílio na logística em conciliar trabalho e rotina do mestrado. Agradeço também à parceria do colega jornalista Rodrigo de Lorenzi.

Ao amigo jornalista Diego Antonelli, que me incentivou desde o início do mestrado.

Aos amigos Leonardo Muller, Guilherme Haas e Eliaquim Junior, pelos momentos de descontração. E aos amigos e colegas que, de alguma forma, me ajudaram até aqui.

A todos vocês, meu muito obrigado!

*Se a pós-verdade precisa ser desafiada e derrotada,
o esforço deve ser coletivo, prolongado e persistente.
Haverá reveses, reviravoltas e momentos de exasperação.
No entanto, se a verdade ainda importa para nós como
civilização, não é uma missão da qual podemos nos esquivar*

Matthew D'Anconna

*O Jornalismo é, antes de tudo e sobretudo, a prática
diária da inteligência e o exercício cotidiano do caráter.*

Cláudio Abramo

*Plus un caractère est fort, moins il est sujet à l'inconstance.
(Quanto mais forte é um caráter, menos sujeito está à inconstância)*

Stendhal, De l'amour (1822)

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado em Comunicação se propôs a estudar as transformações na cobertura da editoria de Educação do jornal *Gazeta do Povo* (Curitiba-PR), ao traçar um paralelo entre os períodos anterior e posterior ao fim da circulação da edição impressa diária do veículo, ocorrida em maio de 2017. Essas mudanças incluíram as principais temáticas cobertas e suas abordagens pela editoria, além do direcionamento das pautas do cenário local e regional para o nacional, de acordo com a estratégia do modelo de negócios do jornal e da divulgação de suas "Convicções" editoriais. Para isso, a pesquisa teve como *corpus* a coleta de 309 produções do jornal no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2017. O objetivo principal foi verificar e compreender *se e como* o fim da edição impressa da *Gazeta do Povo* alterou a cobertura da editoria de Educação, afetando o setor educacional na cidade de Curitiba. Os objetivos específicos foram *levantar* historicamente, de forma breve, aspectos e marcos da cobertura de Educação na *Gazeta do Povo* nas últimas cinco décadas, bem como *compreender* de que maneira as práticas jornalísticas da editoria foram afetadas pela digitalização do jornal. Para tanto, foram revisados os estudos sobre a Construção da Notícia, Construção Social da Realidade, *webjornalismo*, jornalismo pós-industrial, estudos de Mídia, Tecnologia e Educação, a fim de compreender *como* o setor educacional de Curitiba se mantém relevante na divulgação de pautas de interesse, a partir da mudança na abrangência de cobertura do principal jornal da cidade. A metodologia contou com levantamento quantitativo do material coletado e sua organização/classificação, prosseguindo com a realização de entrevistas semiestruturadas com seis informantes qualificados do segmento educacional público e privado (patronal e de professores), além de sete entrevistas com jornalistas (repórteres e editores) que atuaram na editoria no período pesquisado. O material das entrevistas foi categorizado e interpretado por meio da Análise de Conteúdo. Ao final, concluiu-se que a editoria de Educação do jornal vinha num movimento de nacionalização de sua cobertura, com predomínio de pautas de políticas de educação, ideologias político-filosóficas e pautas comportamentais sobre questões de gênero, movimento este que foi potencializado com o fim da edição impressa, em maio de 2017. Os dados do levantamento e o conteúdo das entrevistas revelaram que o jornal impresso acabou sendo um marco desse processo, também pela mudança no número de jornalistas alocados em Educação, mas que não foi o motivo causador da mudança na cobertura jornalística. Contudo, os efeitos dessa mudança de cobertura foram e ainda são sentidos, nos últimos cinco anos, pelos representantes educacionais entrevistados, principalmente pela ausência de um espaço na mídia local para veiculação de suas pautas de interesse.

Palavras-chave: comunicação e educação; cobertura jornalística; *Gazeta do Povo*; plataforma digital; editoria de educação.

ABSTRACT

The research proposed to study the transformations in the coverage of the Education section of the newspaper *Gazeta do Povo* (Curitiba-PR), by drawing a parallel between the periods before and after the end of the circulation of the daily print edition of the vehicle, which took place in May 2017. These changes included the main topics covered and their approaches by the editorial staff, in addition to directing the agenda from the local and regional to the national scenario, according to the newspaper's business model strategy and the dissemination of its editorial "Convictions". In this way, the research had as *corpus* the collection of 309 newspaper productions from December 2016 to December 2017. The main objective was to verify and understand if and how the end of the print edition of *Gazeta do Povo* changed the coverage of the Education section, affecting the educational sector in Curitiba. The specific objectives were to briefly raise, historical aspects and milestones of the Education's coverage in *Gazeta do Povo* in the last five decades, as well as to understand how the journalistic practices of the section were affected by the digitalization of the newspaper. Therefore, studies on the News' Construction, Social Construction of Reality, web journalism, post-industrial journalism, Media, Technology and Education studies were reviewed, in order to understand how the educational sector in Curitiba remains relevant in the dissemination of its guidelines, given the change in coverage of the main newspaper in the city. The methodology included a quantitative survey of the material collected and its organization/classification, proceeding with semi-structured interviews with six qualified informants from the public and private educational segment (employers and teachers), as well as interviews with seven journalists (reporters and editors) who worked in the section in the researched period. The material from the interviews was categorized and interpreted through Content Analysis. The conclusion was that the Education section of the newspaper was in a movement to nationalize its coverage, with a predominance of behavioral guidelines on gender issues, education policies and political ideologies, a movement that was strengthened with the end of the print edition, in May 2017. The survey data and the content of the interviews revealed that the printed newspaper ended up being a milestone in this process, also due to the change in the number of Education journalists, but that was not the reason for the change in journalistic coverage. However, the effects of this change in coverage were and still are felt, in the last five years, by the educational representatives interviewed, mainly due to the lack of a space in the local media to broadcast their agendas.

Keywords: Communication and Education; News coverage; *Gazeta do Povo*; digital platform; Education section.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EVOLUÇÃO DA CIRCULAÇÃO IMPRESSA DIÁRIA DE JORNAIS PELO BRASIL, DE 2016 A SETEMBRO DE 2021	34
FIGURA 2 – QUEDA NA PARTICIPAÇÃO DOS JORNAIS NO TOTAL DO BOLO PUBLICITÁRIO BRASILEIRO	39
FIGURA 3 – A ÚLTIMA EDIÇÃO DIÁRIA IMPRESSA DA <i>GAZETA DO POVO</i>	40
FIGURA 4 – ONDE TRABALHA O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO DA JEDUCA....	71
FIGURA 5 – POR QUE ESTE PROFISSIONAL TRABALHA COM EDUCAÇÃO.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – CAMPOS DE ESTUDO DAS DISSERTAÇÕES E TESES LEVANTADAS SOBRE A <i>GAZETA DO POVO</i>	83
GRÁFICO 2 – CAMPOS DE ESTUDO DOS ARTIGOS SOBRE A <i>GAZETA DO POVO</i> RELACIONADOS À ÁREA DA COMUNICAÇÃO	85
GRÁFICO 3 – ESTADOS DAS INSTITUIÇÕES ONDE FORAM PRODUZIDAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE A <i>GAZETA DO POVO</i>	86
GRÁFICO 4 – <i>CORPUS</i> DA PESQUISA POR MÊS	87
GRÁFICO 5 – NOTÍCIAS DE EDUCAÇÃO POR NÍVEL DE ENSINO	88
GRÁFICO 6 – NOTÍCIAS DE EDUCAÇÃO POR TERRITORIALIDADE	89
GRÁFICO 7 – TERRITORIALIDADE DAS NOTÍCIAS (MÊS A MÊS)	90
GRÁFICO 8 – MODALIDADES JORNALÍSTICAS DAS MATÉRIAS	95
GRÁFICO 9 – NOTÍCIAS POR TEMÁTICAS PRINCIPAIS	96
GRÁFICO 10 – TEMÁTICAS (MÊS A MÊS)	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – AGENTES JORNALÍSTICOS QUE MAIS ASSINARAM MATÉRIAS NO PERÍODO.....	91
QUADRO 2 – REPRESENTANTES DE ENTIDADES DE EDUCAÇÃO.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANJ	Associação Nacional dos Jornais
APP-Sindicato	Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná
APUFPR	Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná
CUT	Central Única dos Trabalhadores
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
Grpcom	Grupo Paranaense de Comunicação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Inep	Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Intercom	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
IVC	Instituto Verificador de Comunicação
Jeduca	Associação de Jornalistas de Educação
MEC	Ministério da Educação
Pisa	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPGCom-UFPR	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR
SBPJor	Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
Sinepe-PR	Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Estado do Paraná
Sinpes	Sindicato dos Professores de Ensino Superior de Curitiba e Região Metropolitana
Sinpropar	Sindicato dos Professores no Estado do Paraná
Sismmac	Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba
UFPR	Universidade Federal do Paraná
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
O JORNAL <i>GAZETA DO POVO</i>	22
“CONVICÇÕES” E GUINADA EDITORIAL	25
A EDITORIA DE EDUCAÇÃO NA <i>GAZETA DO POVO</i>	29
1. JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO: DESMATERIALIZAÇÕES DO IMPRESSO E MIGRAÇÕES PARA O DIGITAL	32
1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO E CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS	35
1.2 JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL E MODELOS DE NEGÓCIOS	44
1.3 ALGUNS ASPECTOS SOBRE A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA	53
2. JORNALISMO E EDUCAÇÃO: A COBERTURA NOTICIOSA NA ÁREA	60
2.1 MÍDIA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA	62
2.2 JORNALISMO DE EDUCAÇÃO NO BRASIL	64
2.3 OS JORNALISTAS QUE COBREM EDUCAÇÃO.....	71
2.4 MARCOS DA EDUCAÇÃO NA <i>GAZETA DO POVO</i>	74
3. PERCURSO METODOLÓGICO	81
3.1 ESTADO DA ARTE	84
3.2 <i>CORPUS</i> DA COLETA DE REPORTAGENS.....	87
3.2.1 Recolha de matérias jornalísticas	87
3.3 RECOLHA DE INFORMAÇÕES POR MEIO DE ENTREVISTAS	100
3.3.1 Grupo 1: Representantes de entidades educacionais	101
3.3.2 Grupo 2: Jornalistas da <i>Gazeta do Povo</i> (2017)	105
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE PROPOSTOS	106
4. RESULTADOS E ANÁLISES SOBRE A COBERTURA DE EDUCAÇÃO DA <i>GAZETA DO POVO</i> NO RECORTE TEMPORAL DESTA PESQUISA	108
4.1 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA COLETA DE REPORTAGENS	108
4.2 ANÁLISE FORMAL DAS ENTREVISTAS	113
4.2.1 Categorias de análise do Grupo 1.....	114

4.2.2 Categorias de análise do Grupo 2.....	123
4.3 SÍNTESE ANALÍTICA	129
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE 1	148
APÊNDICE 2	148
APÊNDICE 3	166
APÊNDICE 4	167
APÊNDICE 5	168
APÊNDICE 6	169

INTRODUÇÃO

O jornalismo pós-industrial¹ (ANDERSON et al, 2011) vem sendo marcado por mudanças tanto nas formas de ser produzido nas redações e outros espaços, quanto na relação com o leitor, ouvinte ou espectador – agora também denominado de consumidor – modificando as lógicas de apropriação da informação por parte da sociedade (SALAVERRÍA, 2014). Este jornalismo que se apresenta em múltiplas plataformas tem sua frequência e alcance – local, regional ou nacional – alterados (FERNANDES; DEL VECCHIO DE LIMA, 2017) e, entre outras transformações, está em embate com o fenômeno global cada vez mais denso da *desinformação* (MELO et al., 2020), buscando consolidar uma de suas características essenciais – a garantia de credibilidade junto ao público.

Em entrevista à revista *Matrizes*, em 2020, o pesquisador português de *webjornalismo*, João Canavilhas, ao refletir sobre a corrida permanente da produção de conteúdo jornalístico diante da renovação tecnológica acelerada, apontou que “o desafio do jornalismo é estar onde as pessoas estão” (HORN; DEL VECCHIO DE LIMA, 2020) – no caso, nas plataformas digitais, em especial aquelas que estão em dispositivos móveis.

Santaella (2013) aponta o ano de 2011 como divisor de águas em relação ao “boom” de acesso à internet por dispositivos móveis: em 2010, o número de celulares conectados à rede mundial não passava de 5%, avançando para 17% no ano seguinte. Ainda segundo a autora, 87% dos lares possuíam celulares e 98% televisão, no Brasil, em 2013 (SANTAELLA, 2013).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC, 2018), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em abril de 2020, o número de lares brasileiros com acesso à internet aumentou entre 2017 e 2018, passando de 74,9% para 79,1% (TOKARNIA, 2020).

A mudança na cultura de consumo midiático vem acompanhada da chegada de novos públicos. Outro dado relevante da edição mais recente da Pnad Contínua diz respeito às faixas etárias: em 2019, “o percentual de pessoas que utilizaram a internet (...) no grupo etário de 10 a 13 anos foi de 77,7%. Este percentual cresceu sucessivamente nos grupos etários mais

¹ Ao usarmos a expressão “jornalismo pós-industrial” aqui nesta dissertação, não se pode deixar de assinalar que ele é relativo. Para Eugênio Bucci (2021, p.29), por exemplo, “falar em uma sociedade ‘pós-industrial’ não ajuda e não resolve. Vivemos, em verdade, um período em que a indústria se expandiu com tal potência e em tal escala que engolfou de um golpe as práticas que antes se situavam em seu exterior”. Assim tudo passa a seguir uma lógica industrial, o turismo, as religiões, a guerra, a ciência, as artes etc, como exemplifica o autor, e ... o jornalismo.

jovens e alcançou quase 93% nos grupos de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos”², declinando a 45% no grupo de 60 anos ou mais.

Em paralelo, no panorama da mídia impressa brasileira, desde 2009 vem se intensificando o fechamento de jornais diários tradicionais como a *Gazeta Mercantil* (2009), *O Estado do Paraná* (2011), o *Jornal da Tarde* (2012), o *Brasil Econômico* (2015) e o *Jornal de Londrina* (2016) (ARAUJO, 2019), entre outros. Também merece citação o *Diário do Povo*, publicação centenária de Campinas (SP), que deixou de circular em 2012, com os investimentos do grupo alocados para outras publicações do interior paulista: *Correio Popular*, *Notícia JÁ* e *Gazeta de Piracicaba* (SACCHITIELLO, 2012).

Motivados pela concorrência entre os modelos impresso e digital, pela queda de leitores (com baixa renovação em novas faixas etárias), bem como declínio de receita publicitária, alguns periódicos encerram suas versões impressas e seguem apenas na web, configurando o fenômeno conhecido como migração digital. São os casos de publicações como o *Jornal do Brasil*³ (2010) e *O Sul* (2014) (ARAUJO, 2019).

Mas a disrupção no setor não pode ser considerada irreversível ou determinante para estratégias de fechamento das edições impressas ainda em circulação. Em 2019, segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC Brasil⁴), três dos cinco maiores jornais do país registraram crescimento na média da circulação anual, na comparação com 2018: *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Super Notícia* (SACCHITIELLO, 2020).

No Paraná, um dos marcos históricos mais recentes da migração digital foi o fim da circulação em papel do maior diário do estado em 31 de maio de 2017. A *Gazeta do Povo*, de Curitiba, passaria a circular apenas nos finais de semana em uma edição no formato de revista⁵, abandonando o formato de jornal impresso diário praticamente às vésperas de completar cem anos de existência, data que foi celebrada em 2019.

² Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acessado em 24/01/2022.

³ O *Jornal do Brasil* interrompeu sua circulação impressa entre 2010 e 2018, retomando o impresso por mais um ano, até novo fechamento em 2019. Hoje, resta apenas o jornal online: www.jb.com.br/

⁴ Fundado em 1962, o IVC Brasil é uma entidade sem fins lucrativos responsável pela auditoria multiplataforma de mídia, composta por representantes de anunciantes, agências de propaganda e editores, que fornece ao mercado dados isentos e detalhados sobre comunicação, incluindo tráfego web, circulação de periódicos e eventos. Disponível em <https://ivcbrasil.org.br/#/institucional>. Acessado em 24/01/2022.

⁵ A circulação da edição impressa semanal durou pouco mais de três anos, até 10 de outubro de 2020, quando foi suspensa pela *Gazeta do Povo*. A criação de uma revista mensal, a *Pinó*, passou a ser o "único produto impresso da empresa de mídia paranaense. O site do veículo se tornou a grande aposta, agora com foco na estratégia *mobile first*, que preza pelo crescimento da empresa na plataforma digital" (PODER360, 2020).

Mais do que partir para a produção quase que exclusiva de jornalismo na web, a *Gazeta do Povo* alterou de maneira profunda sua relação com os leitores e com sua cidade sede (Curitiba), apesar de não ser uma política editorial claramente assumida: em notícia de 2018, para comemorar o fato de que o jornal havia sido o mais lido do país durante as eleições daquele ano, a *Gazeta* reforçava que “o jornal segue especialista em temas locais e estaduais” (POZZOBON, 2018), mesmo tendo intensificado “a divulgação de notícias de interesse nacional, sem diminuir a atenção à cobertura que fez da *Gazeta* a maior referência paranaense em jornalismo” (POZZOBON, 2018).

Em entrevista a estudantes de Iniciação Científica da Universidade Federal do Paraná (UFPR)⁶, em 2019, uma das proprietárias da *Gazeta do Povo*, Ana Amélia Filizola, ressaltou que “a realidade do jornalismo impresso há 30 anos, quando entrei no jornal, e agora, são muito diferentes (...) o mercado está mudando, porque a tecnologia está mudando, porque as pessoas, os nossos leitores também”.

Fica claro que não somente o periódico investiu em jornalismo digital, como direcionou sua estratégia para o formato de notícias acessadas em *smartphones* – o *Mobile First*. Ainda em 2018, segundo levantamento feito pelo próprio jornal, a *Gazeta do Povo* era acessada em 82% das vezes por meio de dispositivos móveis (POZZOBON, 2018).

Ao publicar, em 2017, o encarte “Nossas Convicções”⁷, a *Gazeta do Povo* apresentou 28 pontos que resumem suas convicções editoriais, de forma a demonstrar “transparência e honestidade intelectual” com seu leitor, que não precisa “concordar com elas” (GAZETA DO POVO, 2017). Em paralelo, ficou cada vez mais explicitada no jornal uma alteração editorial em termos ideológicos, com viés conservador⁸.

Ao assumir a estratégia digital de forma exclusiva, a *Gazeta* parece ter alterado o direcionamento nacional de algumas editorias, em detrimento da cobertura noticiosa local. Mudaram as plataformas digitais e pretende-se verificar se mudou, também, a cobertura de editorias tradicionais como a de Educação, tema de interesse principal desta pesquisa de

⁶ A entrevista foi realizada pelos estudantes de Jornalismo da UFPR, Cláudia dos Santos Silva (bolsista do CNPq) e Enzo Labre (voluntário) no segundo semestre de 2019, como depoimento para o projeto já encerrado e aprovado de Iniciação Científica intitulado “A Figura da Mulher Jornalista na Redação e Administração da *Gazeta do Povo*: um Estudo de Memória Jornalística e Gênero”, orientado pela professora Myrian Del Vecchio de Lima.

⁷ Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaonossasconviccoes>. Acessado em 04/09/2021.

⁸ Por conservadorismo entende-se a mescla entre a defesa feita pelo jornal de valores liberais na economia (livre iniciativa), ao mesmo tempo em que defende a democracia, o estado laico, a vida e os valores tradicionais – o que, na expressão que ganhou força política desde 2018, vem sendo chamada de “liberal na economia e conservador nos costumes”. Disponível em <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/conviccoes/libre-iniciativa-e-impostos/>. Acessado em 01/06/2022.

mestrado. Não podemos deixar de ressaltar, ainda, os impactos que o posicionamento editorial provocou na relação com seus leitores e na comunidade acadêmica e jornalística brasileira (BELIN, 2020; TAVARES, 2020), aspecto a ser detalhado no decorrer do trabalho.

Assim, partimos da *premissa de* que as alterações na cobertura do setor afetaram, e afetam, os atores sociais envolvidos com Educação na comunidade local e regional, considerando que a cobertura midiática sobre a área apresenta importância fundamental em termos de divulgação de fatos diários específicos, decisões mais amplas e políticas públicas, para estudantes, professores, gestores e lideranças do setor; assim como é importante para a visibilização e debate sobre as problemáticas educacionais junto à comunidade.

Neste ponto, podemos perguntar, com base em Silverstone (2005, p.183): “Quanto a realidade da comunidade depende de nossa mídia, como agente de significado, comunicação, participação, mobilização?” – e a questão adquire ainda mais sentido diante de uma mídia que efetivou um processo de migração digital que altera, de certa forma, seu direcionamento noticioso em termos de público-alvo e de política editorial.

Com base nesta problematização e na premissa delineada, a pesquisa tem como *objetivo principal* verificar e compreender *se e como* o fim da edição impressa da *Gazeta do Povo* alterou a cobertura da editoria de Educação, afetando o setor educacional na cidade de Curitiba (PR), devido à abrangência e ao conteúdo das reportagens produzidas pelo veículo no período determinado.

Para isso, a pesquisa tem como *corpus* a coleta das reportagens da editoria produzidas pelo jornal no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2017 (seis meses antes e seis meses depois do fim da circulação da edição impressa diária, em 31 maio de 2017).

Deste objetivo principal, decorrem os *objetivos específicos* da pesquisa:

- 1) Levantar, historicamente, aspectos, contextos e marcos da cobertura de Educação na *Gazeta do Povo* nas últimas cinco décadas, período que coincide com as mudanças acarretadas pela compra do jornal, em 1962, pelos sócios Francisco da Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski.
- 2) Compreender de que maneira as práticas jornalísticas da editoria de Educação foram afetadas pela digitalização do jornal, tanto na pauta quanto no enfoque das coberturas realizadas pela equipe de reportagem e edição.
- 3) Averiguar e analisar *se e como* o setor educacional de Curitiba se mantém relevante na divulgação de pautas de interesse e eventos do segmento, a partir da mudança na abrangência de cobertura do principal jornal da cidade que, em tese,

deixou de ter foco local para privilegiar uma cobertura nacional, decisão que estaria atrelada à migração para a plataforma digital.

Ao escolher a editoria de Educação para problematizar a questão acima, salienta-se o que afirma Baccega (2009): “A construção do campo comunicação/educação arquitetado como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de sujeitos conscientes constitui tarefa complexa, pois exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber (BACCEGA, 2009, p. 21). Assim, esta pesquisa não coloca a instância da educação no espaço da escola em si, mas coloca um veículo jornalístico como este “outro lugar do saber”, o que representa enfrentar desafios, mas também tocar em aspectos importantes para o jornalismo e sua relevância na sociedade.

Muitos dos desafios estão ligados às contradições entre um jornal que manteve por mais de vinte anos um projeto significativo na área de Mídia e Educação, como o *Ler e Pensar*, que levou as notícias por ele publicadas para serem debatidas em sala de aula (ARAÚJO, 2019), ou o projeto *Televisando* (HORN, 2020), em contraste com seu perfil editorial assumidamente conservador, acentuado nos últimos anos – podemos dizer até mesmo “radicalizado” –, o que certamente afeta a abordagem jornalística das temáticas relativas à área de Educação.

Nesse contexto, o tema e o objeto de pesquisa se *justificam*, não apenas pela necessidade de valorizar e apoiar a divulgação e o debate público na área de Educação e seus problemas, tarefas do jornalismo em geral, e especificamente das vertentes do jornalismo cívico ou público (ROSENSTIEL; KOVACH, 2003), como também pela necessidade de entender como as instituições sociais e seus atores, de uma cidade ou região, não podem prescindir de espaços que construam formas de debate e fundamentação de práticas educacionais formais e informais.

A pesquisa se adequa aos estudos de Mídia e Educação (BÉVORT; BELLONI, 2009), bem como ao escopo do grupo de pesquisa Click (Comunicação e Cultura Ciber), que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCom-UFPR), pela sua inserção também no campo teórico do *webjornalismo* (CANAVILHAS, 2014; HORN & DEL VECCHIO DE LIMA, 2020; SALAVERRIA, 2019; MARTINS & RIVERA, 2020). E ainda, a temática se adequa à linha Comunicação e Formações Socioculturais do PPGCom/UFPR.

Esta pesquisa é *relevante socialmente* ao buscar, por meio dos resultados a serem alcançados, contribuir para os estudos sobre o binômio Comunicação e Educação, mais

especificamente sobre a relação dos meios noticiosos na valorização e apoio às pautas de Educação, e da permanente necessidade de dar visibilidade pública aos problemas do setor (público e privado), da educação básica ao ensino superior.

O estudo se desdobra, em termos de reflexão, para além do espaço temporal em exame, uma vez que os problemas do setor educacional se tornaram ainda mais urgentes e foram ampliados pelas decorrências da pandemia da Covid-19 na sociedade brasileira, tanto na relação de ensino-aprendizagem dos alunos e necessidade de auxílio de seus pais e responsáveis, no ambiente doméstico; quanto nas relações profissionais e de recursos comunicacionais dos professores e coordenadores pedagógicos, que passaram a se desdobrar em aulas no formato híbrido, entre o presencial e o remoto, em que a tecnologia digital online torna-se uma ferramenta estrutural no processo, mas também um desafio para a manutenção de uma efetividade pedagógica.

Também podem ser levadas em consideração as *motivações pessoais do pesquisador*, que trabalhou temporariamente na redação do jornal em exame em 2017, ano que esta pesquisa propôs como parte do espaço temporal de coleta de notícias sobre Educação; e atendeu como assessor de imprensa um sindicato do setor educacional privado em 2018, ano posterior ao fim do jornal impresso, tomando contato com o objeto de pesquisa nos âmbitos da redação e de uma entidade de classe, em sua divulgação midiática por meio de assessoria de comunicação.

Do ponto de vista teórico-conceitual, – para se compreender as percepções dos leitores, ainda que de um setor segmentado – representantes de entidades ligadas à área educacional e suas categorias – o trabalho vai se embasar nos estudos sobre a Construção Social da Realidade, “resultado da interação entre diferentes atores sociais” (PEREIRA; MORAES, 2017, p.23). Tais estudos são tradicionalmente referidos à socióloga Gaye Tuchman (1983), com contribuições de autores como Peter Berger e Thomas Luckmann (2004); e, mais recentemente, no Brasil, de Zélia Leal Adghirni (2017) e Gisele Dotto Reginato (2018), entre outros.

Da mesma forma, buscam-se análises sobre a abordagem da Construção da Notícia, também essenciais para o entendimento teórico desse panorama, como revelam as obras de Nelson Traquina (2004) e de Miquel Alsina (2009). Aliado a isso, somam-se as análises sobre o panorama do jornalismo pós-industrial, de Ramón Salaverría (2014), da denominada crise dos jornais impressos, dos novos modelos de negócio e de estudos sobre jornalismo local, conforme obras de Philip Meyer (2004), Jean Charron & Jean Bonville (2016), Axel Bruns

(2011); Rogério Christofolletti (2019); Beatriz Dornelles (2012) e do *Atlas da Notícia*⁹; leva-se ainda em conta um cenário global/local de um jornalismo em transformação, especificamente sobre as questões das desmaterializações do jornal impresso e das migrações para o digital. (DEL VECCHIO DE LIMA, FERNANDES, DALLA COSTA, 2018; GANDOUR, 2020).

Por fim, sobre as questões sociais acerca da Educação, campo temático e área essencial para a sociedade, sejam nas escolas públicas ou privadas, publicizadas pela Comunicação, numa concepção freiriana (FREIRE, 1977), Everton Luiz Renaud de Paula (2015), em dissertação sobre mídia e educação, salienta:

Na perspectiva da educação, a escola como instituição social exerce e resguarda seu poder de influência. Ela recebe críticas de ser reprodutora do paradigma dominante, recebe impulso e crédito de ser libertadora e, responsabilizada pelo futuro, às vezes é esquecida no presente. Essa instituição também se transformou. Assim como as tradições de pesquisa em comunicação, as concepções de ensino também já consideraram apenas o lado da emissão, ou transmissão do conhecimento, negando o papel do aluno na produção da aprendizagem. Hoje o perfil é o de um aprendiz ativo, que pode contribuir e construir os seus conhecimentos. (PAULA, 2015, p. 20).

Sob a perspectiva da Educação e de sua manifestação no espaço formal da escola e das universidades, tomaremos ainda como base os estudos de Martín-Barbero (2014); e especificamente sobre a Comunicação voltada à Educação e suas relações tecnológicas, aspectos abordados por Orozco Gómez (2009). E buscaremos trazer, em tópico próprio, alguns exemplos de boas práticas de cobertura jornalística na área educacional.

Ao avançar para o percurso metodológico, a pesquisa inicia quantitativamente com a coleta das reportagens da editoria de Educação produzidas pelo jornal *Gazeta do Povo* no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2017. Todo o *corpus* está disponível no site do jornal, sem necessidade de consulta das edições impressas em acervo. Não foram consideradas na coleta artigos de opinião, postagens em blogs e/ou colunistas do jornal, nem guia de carreiras e profissões.

Como trabalho exploratório inicial, foi realizada uma revisão bibliográfica com elaboração de estado da arte sobre publicações de eventos, artigos, teses e dissertações que tiveram a *Gazeta do Povo* e os campos da Educação e da Comunicação como objetos de análise nos últimos cinco anos.

Numa segunda fase, procedeu-se à realização de entrevistas semiestruturadas (DUARTE; BARROS, 2005) com informantes qualificados: representantes de sindicatos e entidades de classe da área educacional de Curitiba; bem como entrevistas com jornalistas que

⁹ Disponível em <https://www.atlas.jor.br/>. Acessado em 17/09/2021.

trabalharam na editoria de Educação em 2016 e 2017, tendo permanecido ou não no veículo após o período analisado.

Os entrevistados foram convidados pelo pesquisador por e-mail, com a explicação do objetivo da pesquisa. As entrevistas foram realizadas de maneira remota (por videoconferência com o pesquisador) e gravadas para posterior decupagem de seu conteúdo escrito, mantendo o sigilo da identificação dos entrevistados. O primeiro grupo de entrevistados foi composto por representantes de entidades de classes dos sindicatos de professores e estabelecimentos de ensino do Paraná, públicos e privados, de instituições da educação básica e do ensino superior, selecionados por sua representatividade, entre os profissionais que exercem funções nas entidades. Já o segundo grupo de entrevistados é de jornalistas que trabalharam na redação da *Gazeta do Povo* na editoria de Educação, antes da transição digital, e durante o período coletado de 2016 a 2017 (editores e repórteres). O critério de seleção se baseou nos profissionais com maior número de reportagens assinadas durante o período de levantamento da pesquisa, entre jornalistas contratados e *freelancers*.

Os dados possibilitados pela coleta das reportagens, bem como o conteúdo das entrevistas semiestruturadas, foram analisados qualitativamente, com base na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), com o estabelecimento de categorias temáticas prévias e, se necessário, em categorias de análise emergentes.

Para Bardin (2016), enquanto método, a análise de conteúdo pode ser definida como um "conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (FARAGO, FOFONCA, 2012, p.2). A autora ainda enfatiza que a análise de conteúdo é feita pela prática (BARDIN, 2016).

Neste ponto da Introdução, de forma a facilitar a leitura dos capítulos subsequentes, apresentamos algumas características do jornal em estudo (itens A e B) e da editoria de educação do mesmo jornal, objeto desta pesquisa (item C). As informações desses itens não são exaustivas – são breves, pois o histórico do jornal não é o objeto desta pesquisa, embora seja necessário estabelecer este contexto ainda que de forma resumida.

a) O JORNAL GAZETA DO POVO

Fundada em 1919 pelos advogados Benjamin Lins e De Plácido e Silva, a *Gazeta do Povo* foi comprada em abril de 1962 pelos sócios e advogados Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski (GALANI, 2019b), “que iniciam uma empreitada de modernização editorial daquele que era o mais importante diário de classificados do Paraná, mas longe de ser o melhor em circulação, título disputado por periódicos como *Diário do Paraná*, do grupo

Diários Associados, e *O Estado do Paraná*, criado nos moldes do então moderno *Última Hora* (FERNANDES et al, 2016).

No final da década de 1940, a *Gazeta do Povo* já era o jornal mais lido de Curitiba, segundo dados do anuário de publicidade de 1949, editado no Rio de Janeiro, que entrevistou 300 famílias curitibanas (FERNANDES, SANTOS, 2010). O resultado do levantamento, publicado em agosto daquele mesmo ano, revelava que “a *Gazeta* tinha a preferência de 34% dos leitores (...). Naquele período, depois de ter a sua sede transferida da Rua Dr. Muricy para a Rua XV de Novembro, o jornal iria criar uma espécie de janela para o mundo” (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.34), a partir de sua localização em uma das principais “artérias” de Curitiba. Sobre a *Gazeta*, Del Vecchio de Lima et al (2019) afirmam:

No jargão, trata-se de um “jornalão”, que um dia fora sustentado na publicação de volumosos cadernos de classificados. Depois de uma crise de liquidez, no início da década de 1960, o periódico ganhou impulso durante a Ditadura Militar (1964-1985), ao privilegiar matérias de macroeconomia e ao protagonizar mais de 30 campanhas, a exemplo da que fez para reivindicar os royalties advindos da Usina de Itaipu. Em paralelo, a gama de temas pouco palatáveis custou-lhe, por três décadas, pouca conexão com o público. A reação veio nos anos 1990, frente ao avanço da internet e à compreensão de que, em curto prazo, a sustentabilidade do jornal não viria mais dos anúncios. (DEL VECCHIO DE LIMA, FERNANDES; DALLA COSTA, 2019, p.3).

Em 2010, o jornal torna-se parte do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom), assim nomeado naquele ano (GRPCOM, 2021). Maior grupo de comunicação do Paraná e um dos maiores do Brasil, o GRPCom reúne os jornais *Gazeta do Povo* e *Tribuna*, as rádios 98FM e Mundo Livre FM (em Curitiba e Maringá), além da “unidade móvel de alta definição HDView, a Rede Paranaense de Comunicação (RPC) e suas oito emissoras afiliadas à Rede Globo” (GRPCOM, 2021). Ainda segundo informações institucionais publicadas no site do grupo, o Instituto GRPCom¹⁰ realiza a “gestão de todas as ações, projetos e programas sociais das unidades do grupo. A integração dos negócios foi consolidada em novembro de 2000 com a criação da RPC” (GRPCOM, 2021).

A *Gazeta do Povo* teve três sedes, sendo a mais duradoura aquela localizada na Praça Carlos Gomes, no Centro de Curitiba, onde a redação do jornal passou 66 anos instalada. Em 2017, foi transferida para o Edifício Aroeira, no bairro Tarumã (GALANI, 2019b). Com o início da pandemia da Covid-19, em março de 2020, parte de sua redação passou a seguir o modelo de trabalho em *home-office*.

¹⁰ O Instituto Grpcom é uma “Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), com sede em Curitiba e presença em todo o Paraná” que tem como missão “promover iniciativas para o desenvolvimento da nossa terra e da nossa gente”, atuando com “foco na educação e cultura; e fortalecimento do terceiro setor” (GRPCOM, 2021).

O jornal passou por cinco reformulações de seu projeto gráfico até encerrar a veiculação das edições diárias impressas, em 2017. Até então, a *Gazeta do Povo* era considerada “o maior e mais antigo jornal impresso em circulação no Paraná” (GALANI, 2019b). Em 2016, a *Gazeta do Povo* “ocupava a 27ª posição entre os 82 jornais com maior circulação impressa do Brasil auditados pelo IVC. A circulação média diária era de 26.664 exemplares impressos pagos, e a digital representava 6.576 acessos diários” (TAVARES, 2020, p.126). No montante desses números, o jornal tinha uma média geral de circulação diária de 33.240 edições em 2016 (*Idem*, p.126). Segundo informações institucionais, o veículo é o quarto mais acessado no Brasil entre os chamados “quality papers”¹¹, conforme monitoramento de 2018 da comScore My Metrix (TAVARES, 2020).

A *publisher* Ana Amélia Filizola contou um pouco do processo de migração, que incluiu decisões difíceis:

Antes da gente tomar a decisão de transformar, de sermos digitais (...) – porque hoje nosso modelo de negócio mudou completamente – ele é *mobile first*, celular primeiro, assim como o modelo de assinaturas – o final dos classificados, que era uma marca muito forte da *Gazeta*, foi uma coisa muito dolorida. E assim dá pra citar vários projetos que a gente tentou (para ir) ainda se segurando no impresso e que a gente não conseguiu. (...) Hoje (...) estou muito feliz com a decisão que nós tomamos. (...) E não foi uma decisão da Ana Amélia, do Guilherme meu irmão, na mudança do impresso para o digital. Nós fizemos todo esse desenho. Sabíamos que tínhamos que mudar o modelo de negócios, que a publicidade não pagaria mais a conta, mas que a gente acreditava que, com um conteúdo de valor, os leitores pagariam essa conta. A gente não tinha encerrado com o impresso. (...) Mas em uma reunião forte (...) de uma semana trancados em um hotel com os nossos diretores decidiu-se encerrar o impresso; porque o tempo que a gente gasta – por mais quente que q gente queria ser no digital, *mobile first* – todos os dias na empresa, tudo parava às cinco da tarde para fazer o fechamento do impresso, e aí o digital não tinha vez. (SILVA; LABRE, 2019, em entrevista gravada e transcrita.)

Em busca de novas estratégias para compreender como se comporta seu leitor, o jornal realizou um investimento de “R\$ 20 milhões nos últimos quatro anos” (GALANI, 2019a), em busca de tecnologias para sua plataforma digital. Isso fez com que, no início de 2019, a *Gazeta do Povo* fosse o “único jornal brasileiro a oficialmente integrar o Cubo, novo *hub* de empreendedorismo de São Paulo” (GALANI, 2019a). Em novembro de 2021, durante a pandemia da Covid-19, a *Gazeta do Povo* anunciou ter chegado à “marca histórica” de 75 mil assinantes – na esteira de uma ação promocional de *Black Friday* (RENÓ, 2022).

¹¹ “*Quality papers*, no jargão do setor, correspondem geralmente ao principal título de uma capital ou cidade média. Conceitualmente, se diferenciam dos ‘jornais populares’. O termo *quality* se consolidou na imprensa britânica e está registrado na Wikipédia como uma ‘categoria de jornais de circulação nacional que se distingue por sua seriedade’” (GANDOUR, 2020, p. 69).

Em entrevista à pesquisa, a editora E2 relata que, apesar de o anúncio do fim do jornal impresso ter sido feito “oficialmente, de forma abrupta, de um dia para o outro”, informalmente, era evidente que a *Gazeta* estava migrando para esse modelo.

Segundo E2, isso se dava:

(...) pelas discussões que tínhamos sobre a inviabilidade econômica do modelo antigo, pelas decisões da própria empresa – como pagar cursos de diagramação online por mais de um ano para os diagramadores do jornal em papel, antes do fim da edição impressa. Essas discussões não eram feitas só com os editores-chefes, mas com todos, todo mundo participava disso. Algumas pessoas se negavam a aceitar a realidade, mas para mim era indiscutível que o jornal, para sobreviver, deveria acompanhar as mudanças na forma como as pessoas consomem conteúdo. (Entrevista ao autor, março de 2022).

A seguir, abordaremos a publicação do encarte “Nossas Convicções” e a guinada editorial à direita, dada pela *Gazeta do Povo* em 2017 – mas cujo processo teve origem três anos antes, na esteira dos desdobramentos da cobertura política nacional.

b) “CONVICÇÕES” E GUINADA EDITORIAL

Deflagrada em 2014 para investigar a corrupção no país, a Operação Lava Jato¹² influenciou o panorama político, judicial e jornalístico brasileiro dos últimos anos. Com a sede da operação em Curitiba, veículos de comunicação locais e estaduais se viram no centro das atenções da imprensa brasileira. Esse cenário incentivou ainda mais a “guinada à direita” do jornal *Gazeta do Povo*, que passou a ser acessado¹³ tanto por leitores de fora do Paraná, quanto por outros veículos de comunicação (TAVARES, 2020). Segundo a pesquisadora:

Essa projeção nacional, aliada a fatores como o antipetismo e a supervalorização da Lava Jato, fomentou um novo projeto editorial, implementado em 2017. (...) O caso da *Gazeta* vai ao encontro de vários outros já identificados na literatura. No entanto, ele possui uma particularidade: as mudanças implementadas não tiveram impactos apenas na prática jornalística, mas também no modelo de jornalismo praticado na redação do veículo. (TAVARES, 2020, p.119-120).

Tavares (2020) reforça ainda que as mudanças editoriais e ideológicas assumidas em 2017 começaram a ser implantadas dois anos antes, de acordo com uma das fontes entrevistadas em sua pesquisa, que ocupava cargo de chefia na redação em 2015. Esse aspecto marca tanto uma tendência histórica, quanto uma alteração na postura editorial claramente assumida a partir das “Convicções”, que já abordamos. A tendência foi a de que a *Gazeta do*

¹² Além dos fatores econômicos e disputas políticas, a Operação Lava Jato “exerceu forte influência nos desdobramentos do cenário político dos últimos anos, contribuindo para um ambiente em que o combate à corrupção se transforma em deslegitimação do sistema político” (ATHANÁSIO, 2017, p.127).

¹³ Segundo informações institucionais, o veículo foi o quarto mais acessado no Brasil entre os chamados “quality papers”, conforme monitoramento de 2018 da comScore My Metrix (TAVARES, 2020, p.126-127).

Povo sempre tentou refletir o “gosto médio” das elites de Curitiba ao longo de sua história, reconhecida pelas campanhas encabeçadas pelo então *publisher* Francisco da Cunha Pereira Filho “em defesa dos interesses do Paraná” (TAVARES, 2020, p.129).

Já a administração do jornal, no aspecto político, era “marcada por uma postura política de extrema cautela e atrelamento ao poder, seja ele local, estadual ou federal” (OLIVEIRA FILHA, 2006, in TAVARES, 2020, p.129):

Salvo exceções, a *Gazeta do Povo* se tornou um veículo que noticia temas controversos balizados a partir da sua opinião sobre eles e não pensando em oferecer interpretações equilibradas e plurais para que o leitor tire suas conclusões. Mesmo quando se trata de um veículo com posições políticas abertamente declaradas – como os blogs –, alguns jornalistas defendem que uma cobertura baseada em fatos ainda é possível (GUAZINA, 2013). Isso ficou evidente com o peso que a opinião passou a ter no veículo, e que inevitavelmente contamina também a cobertura feita pela redação. (TAVARES, 2020, p.132).

Apesar de reconhecer que a decisão parecia acertada pela estratégia econômica de crescimento de assinaturas, avalia-se que as mudanças editoriais são questionáveis do ponto de vista jornalístico. É o que relata a repórter R2, em entrevista a esta pesquisa, quando questionada sobre como foi comunicado à redação que o jornal impresso iria acabar:

Foi um dia bastante traumático para a equipe. A gente acompanhava movimentações de que haveria alguma coisa. Foi marcada uma reunião geral com todos os setores da empresa, no barracão. Ao mesmo tempo em que comunicaram a equipe, no barracão, o mercado foi comunicado. O Dr. Guilherme e a Ana Amélia (Cunha Pereira) estavam com os anunciantes e formadores de opinião, em outro local. A gente soube ao mesmo tempo, com uma transmissão. E todo mundo ficou com aquela impressão de dúvida, sobre o que iria acontecer com diagramadores e o pessoal das rotativas. Foi bem pesado e tenso, porque algumas pessoas já foram desligadas da empresa naquele mesmo dia. (Entrevista ao autor, abril de 2022).

O aspecto político-ideológico assumido pela *Gazeta do Povo* em suas “Convicções”, publicadas em 2017, durante o processo de encerramento da circulação impressa, também foi objeto de análise de Luciane Belin. Junto à mudança do jornal diário, passando para uma edição semanal aos finais de semana, a *Gazeta* publicou na primeira edição do novo formato um encarte para “expor oficialmente seu posicionamento político e divulgar os princípios e ideologias que norteiam as atividades do veículo de informação” (BELIN, 2020, p.172).

Ao longo de 28 textos, as “Convicções” informam ao leitor e assinante do jornal as opiniões editoriais em relação a pautas e assuntos de ampla repercussão, como “laicidade do Estado, religião, aborto, liberdade e papel social da mulher, casamento, diversidade e liberdade de expressão” (BELIN, 2020, p.172). Em uma impressão inicial, as “Convicções” chamaram a atenção do público, em geral, de jornalistas e da comunidade acadêmica devido ao seu “tom majoritariamente conservador e tradicionalista, justamente quando a mesma

empresa de comunicação anuncia uma modernização técnica e de distribuição” (BELIN, 2020, p.172). Sobre o conservadorismo de jornais como a *Gazeta do Povo*, é importante ressaltar que a postura é comumente seguida, segundo esta autora, por outros periódicos tradicionais:

A imprensa é vista por parte da literatura como uma ferramenta de manutenção das hegemonias políticas, econômicas e sociais. Ao analisar a «grande imprensa» — personalizada nos jornais Jornal do Brasil (JB), O Globo (OG), a Folha de S. Paulo (FSP) e O Estado de S. Paulo (OESP)—, Fonseca (2003: 75) defende o ponto de vista de que a imprensa brasileira tradicional é conservadora, fato «expresso por sua baixa propensão ou mesmo reação à introdução de novos direitos, com vistas à manutenção de seu status quo». (BELIN, 2020, p.178).

Outro aspecto fundamental destacado por Belin (2020) é o alcance local, estadual e nacional que a *Gazeta do Povo* passou a assumir desde 2018, tendo seu ápice¹⁴ na cobertura das eleições presidenciais daquele ano. Devido a essa capilaridade nacional, a gestão do jornal avaliou como estratégico para o seu crescimento priorizar, a partir daquele momento, uma linha editorial dedicada ao público que se declara como conservador: segundo o Ibope, esta fatia da população, no Brasil, passou de 49% em 2010 para 55% em 2018¹⁵.

Em entrevista ao repórter Rafael Moro Martins, do jornal *Intercept Brasil*, em dezembro de 2018, o atual *publisher* do jornal em estudo, Guilherme Döring Cunha Pereira, “aponta o papel estratégico do conservadorismo na *Gazeta do Povo*” (FERNANDES; DEL VECCHIO DE LIMA, 2020):

[O conservadorismo adotado pela Gazeta] Tem uma ressonância com parte importante da população brasileira, que não encontrava outros veículos com idêntico posicionamento”, me disse Cunha Pereira na longa entrevista que concedeu em sua sala na redação. “A gente percebeu que isso é uma riqueza também do ponto de vista estratégico, e montou toda uma estratégia em que o posicionamento [conservador] adquiriu status especial. Ele é um diretor estratégico muito importante. (MARTINS, 2018 IN: FERNANDES, DEL VECCHIO DE LIMA, 2020, p.147).

Com relação aos temas da Educação, especificamente, Belin (2020) menciona uma polêmica ocorrida no final de 2017: o chamado “Monitor de Doutrinação”, ferramenta lançada pelo jornal para “convidar” a população a “denunciar casos de suposta doutrinação ideológica nas escolas” (BELIN, 2020, p.181). Após receber inúmeras críticas não somente de representantes do setor educacional, mas também de entidades de classe jornalísticas, a

¹⁴ Segundo dados divulgados pela *Gazeta do Povo*, o site do jornal foi o mais lido do país em outubro de 2018, com 33,7 milhões de visitantes únicos naquele mês (sendo que os acessos haviam sido de 16 milhões de usuários únicos no mês anterior). Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/centenario-jornal-maislido-brasil/>. Acesso em 11/03/2021.

¹⁵ Fonte: Revista Piauí: <https://piaui.folha.uol.com.br/grafico-conservadorismo/>. Acessado em 11/03/2021.

Gazeta tirou do ar o “Monitor” poucos dias após seu lançamento. O rescaldo dessa iniciativa, porém, evidenciou um alinhamento com as demais frentes do jornal de “ocupação de mercado, a partir de um segmento conservador” (ROMANCINI, 2018, p.101).

Belin (2020) interrelaciona uma Análise de Conteúdo dos 28 textos que compõem o encarte “Nossas Convicções” com entrevistas em profundidade realizadas com profissionais jornalistas ligados à *Gazeta do Povo*:

Embora os jornalistas tenham opiniões diversas e, em muitos casos, divergentes sobre como o ato de expressar as convicções do jornal afeta a relação com o público, essas diretrizes servem, segundo a autora, para tornar evidentes os posicionamentos e fazer uma espécie de função de filtro que, em muitos casos, limitam a atividade jornalística, entrando em desacordo com os próprios profissionais que produzem a notícia. (BELIN, 2020, p.183).

De outro lado, os pesquisadores Myrian Del Vecchio de Lima, José Carlos Fernandes e Rosa Maria Dalla Costa apresentam uma mensuração, ainda que de maneira preliminar, sobre o fim da circulação do jornal impresso e os efeitos causados nos leitores mais antigos de um periódico tradicional e centenário. Segundo os autores:

Foram enviadas aproximadas 200 mensagens ao jornal, por meio de e-mails, telefonemas e mensagens no Facebook. Desse conjunto, 47 mensagens por e-mail enquadram-se na modalidade “carta do leitor”, por terem características missivistas, como saudação, texto mais elaborado e menos espontâneo, ponderações (MELO, 1985; BRAGA, 2006; SEIXAS, 2009). (...) A informação mobilizou pessoas que, grosso modo, escreveram sobre memórias ligadas ao periódico e ponderaram sobre a transição tecnológica, não raro lamentando a decisão editorial e empresarial. Entende-se que essas cartas sejam um rico material para análise, à luz dos estudos de leitura de impressos. (DEL VECCHIO-LIMA, FERNANDES, DALLA COSTA, 2018, p.2-3).

Entre as características apontadas nas cartas do leitor analisadas estão o sentimento de protesto, ressentimento e até mesmo de “traição com relação ao veículo com o qual havia estabelecido um vínculo e ao qual havia delegado um mandato enquanto leitor (FOLHA DE S. PAULO, 2010)”, (DEL VECCHIO-LIMA et al., 2018, p.3). O sentimento de “traição” dos leitores, revelado pelos pesquisadores, também marca sua despedida como assinantes e leitores, já que algumas cartas explicitam que “não haveria interesse em continuar a relação com o jornal, o que deixa entrever nas entrelinhas que houve uma quebra de pacto por parte do jornal” (DEL VECCHIO-LIMA et al., 2018, p.18).

Apesar de esperarem reações desse tipo entre os leitores mais tradicionais, e até mesmo criarem uma “equipe de apoio, incluindo uma jornalista contratada apenas para responder aos leitores reclamantes” (DEL VECCHIO-LIMA, et al., 2018, p.2), os gestores da *Gazeta do Povo* tomaram com certa pressa algumas decisões editoriais e mercadológicas, algo que pode ser inferido, segundo os autores, após análise apurada do material coletado em seu

artigo. Por outro lado, essas cartas se tornaram históricas devido ao fato de o jornal ter sido o primeiro no país a seguir o roteiro de desmaterialização do impresso já citado:

As “cartas para a última edição”, por essas e outras razões, formam um arquivo, no qual observadores da imprensa podem encontrar matéria-prima para estudar o leitor não como consumidor, mas como homens e mulheres às voltas com um processo cultural. Esses leitores tocavam a notícia todos os dias, mediada por um processo de edição. Faziam parte da “comunidade interpretativa” chamada jornalismo. À sua maneira, manifestaram sua opinião por se sentirem fora dela. (...) Caso a tendência de desmaterialização dos jornais se confirme, o ocorrido com a *Gazeta do Povo* deve se repetir em outras empresas de comunicação. (DEL VECCHIO-LIMA et al., 2018, p.19-20).

Este breve panorama nos ajuda a situar o objeto de pesquisa escolhido, demonstrando sua influência editorial, comercial e relevância para a sociedade curitibana e paranaense – que vai além do público leitor e/ou assinante do jornal. Diante da representatividade e importância histórica local e estadual, justifica-se assim a escolha da *Gazeta do Povo* para esta pesquisa.

c) A EDITORIA DE EDUCAÇÃO NA *GAZETA DO POVO*

Como um dos seus *objetivos específicos*, a pesquisa vai levantar historicamente aspectos, contextos e marcos da cobertura de Educação na *Gazeta do Povo* nas últimas cinco décadas, período que coincide com as mudanças acarretadas pela compra do jornal, em 1962, com pouco mais de 40 anos de circulação, pelos sócios Cunha Pereira e Lemanski (GALANI, 2019b). Entre os principais marcos, talvez o inicial na área de Educação, aparece a criação do primeiro caderno voltado ao público infante-juvenil no estado do Paraná, em 1963, criado pelas educadoras paranaenses Maria Luiza Dorfmund e Sylvia Bittencourt, que mais tarde se tornaria um “suplemento infantil pioneiro da imprensa brasileira – a *Gazetinha* (extinto em 2010), precedido apenas da *Folhinha*, da *Folha de S. Paulo*” (FERNANDES, 2015). A *Folhinha* ainda está em circulação, em 2022.

Em seu livro “*Todo dia nunca é igual*”, lançado pela ocasião dos 90 anos da *Gazeta do Povo*, Fernandes e Santos (2010) contam que, mesmo quando a editoria de Educação ainda não existia de maneira formal, as pautas educacionais já faziam parte da rotina da redação:

O Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado em 1991, não passava nem em sonho pela cabeça dos cidadãos mais esclarecidos daquela época. Mas já se fazia nítida nas páginas do jornal, ainda que tímida, a associação entre educação e resgate social. O que mais incomodava os escribas, a exemplo de hoje em dia, era a ausência de mecanismos para manter a piaçada paupérrima no colégio – até porque havia poucas instituições de ensino, majoritariamente mantidas pelo estado. A Escola Municipal Papa João XXIII, no Portão, é de 1963. E o “Grupão” da Vila Nossa Senhora da Luz, de 1966. O alerta em prol do quadro-negro se repete várias vezes, mas sem conseguir mexer com os brios da sociedade local. (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.111).

A revisão bibliográfica desta pesquisa traz ainda duas contribuições específicas sobre a cobertura de Educação feita pelo jornal estudado. Louize Nascimento e Emerson Urizzi Cervi (2018) extraíram 24 notícias publicadas pela *Gazeta do Povo* durante o período de um ano (de fevereiro de 2017 a fevereiro de 2018), para investigar como o jornal retratava as instituições públicas de ensino superior, em especial a UFPR, em suas reportagens. O conceito de “jornalismo cínico” utilizado pelos autores é baseado em Poletti e Brants (2010), que o caracterizam como “anti-político, abrangendo atitudes de desconfiança por parte do repórter, negativo (expressado pelo tom), em estilo irônico / sarcástico e com o foco em escândalos” (NASCIMENTO, CERVI, 2018, p.187). Para Brants (2007), o tom negativo se torna problemático quando o “ângulo dominante das notícias se apoia na desconfiança sem provas e os atores sociais são descritos apenas como incapazes sem base em investigações jornalísticas” (NASCIMENTO, CERVI, 2018, p.187). Apesar de não esgotar o tema apresentado, o artigo revela indícios palpáveis do enquadramento noticioso do jornal pesquisado naquele período:

Mais da metade das publicações são relativas à privatização do ensino, desvio de dinheiro público e trabalhos acadêmicos considerados excêntricos. Em 80% do *corpus* somente uma versão dos acontecimentos ganha visibilidade. Os jornalistas se utilizam da ironia e do tom negativo para relatar, na maioria das vezes, escândalos e/ou conflitos sobre as universidades públicas brasileiras. (NASCIMENTO, CERVI, 2018, p.194).

Ainda segundo estes autores, uma possível contribuição deste trabalho à pesquisas futuras sobre a *Gazeta do Povo* se daria no “reconhecimento das características do jornalismo cínico nas publicações (...) sobre as universidades públicas brasileiras” (NASCIMENTO, CERVI, 2018, p.194), de forma a evidenciar que o aspecto de cinismo não estaria restrito à cobertura política partidária e às chamadas convicções editoriais do jornal, mas também permearia a editoria de Educação e os assuntos referentes à educação pública.

Também de 2018, estudo de Nelson Rosário de Souza, Juliana Inez Luiz de Souza e Daniela Rocha Drummond abrangeu dois temas fundamentais: a análise sobre produções noticiosas da *Gazeta do Povo* relacionadas a Planos de Educação¹⁶, e a abordagem das questões de gênero, temática que passou a figurar com mais frequência desde 2017 nas reportagens do jornal. Nas palavras dos autores:

¹⁶ Criados para racionalizar a prática educativa nas esferas nacional, estadual e municipal, os Planos de Educação foram marcados por muitos conflitos entre a sociedade civil organizada e o poder público durante seu processo de elaboração, debate e aprovação. No ano do estudo citado, estavam em vigência o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024); e os Planos Estaduais e Municipais de Educação (PEEs e PMEs 2015-2025).

A Educação foi escolhida como tema por ser uma das políticas de Estado que se relaciona e interfere na vida da população como um todo. (...) Em específico, os planos de educação, por serem parte do planejamento do sistema educacional, estabelecendo as metas e recursos com os quais opera em suas respectivas instâncias (municípios, estados e União). (SOUZA et al, 2018, p.6).

SOUZA et al (2018, p.106) elaboram a hipótese de que a cobertura jornalística analisada “expressa as disputas discursivas da esfera pública, de tensão entre a mobilização de discursos conservadores e novos enquadramentos, privilegiando a visão dos grupos contrários à inclusão dos temas de gênero e diversidade sexual nos planos de educação” (SOUZA et al, 2018, p.107). Os autores revelam ainda uma característica peculiar do jornal: mesmo assumindo uma postura claramente conservadora em seus editoriais e notícias, a *Gazeta do Povo* opta por dar mais visibilidade aos artigos de opinião de seus colunistas sobre as temáticas de gênero.

Verificamos que nossa hipótese de que a visão dos grupos contrários à inclusão dos temas de gênero (...) nos planos de educação foi privilegiada pela cobertura jornalística se mostrou em parte verdadeira. Ressaltamos que este resultado se refere às escolhas epistemológicas feitas neste trabalho como as consideradas por nós mais adequadas para nosso objeto e para identificar construções discursivas e as performances correspondentes que disputam espaço no social. (SOUZA et al, 2018, p.19).

Ciente destas análises já realizadas por pesquisadores locais, esta pesquisa teve como *corpus* a coleta de 309 reportagens da editoria de Educação produzidas pelo jornal *Gazeta do Povo* no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2017. Como critério de inclusão, foram selecionadas notícias da editoria de Educação (290), que em alguns casos foram publicadas nas editorias Curitiba (7) ou Vida e Cidadania¹⁷ (12).

Por matérias jornalísticas, entende-se aqui reportagens com conteúdo noticioso e informativo contextualizado ou mesmo notícias mais curtas e superficiais (os conceitos serão aprofundados em capítulo teórico adiante), desde o cenário local curitibano até o panorama internacional da editoria. Entre os critérios de exclusão, não foram considerados na coleta artigos de opinião, publicações de blogs ou colunistas do jornal, nem guia de carreiras e profissões.

¹⁷ Este caráter “flutuante” das pautas de Educação, por vezes publicadas entre as pautas locais da editoria de Curitiba, ou mais gerais de Vida e Cidadania, identificadas com um “chapéu” Educação, serão justificadas no capítulo 2, sobre a cobertura de Educação na *Gazeta do Povo* desde os anos 1960.

1 JORNALISMO EM TRANSFORMAÇÃO: DESMATERIALIZAÇÕES DO IMPRESSO E MIGRAÇÕES PARA O DIGITAL

Este capítulo busca traçar aspectos para o entendimento sobre as transformações pelas quais o jornalismo vem passando nas últimas três décadas, em especial nos veículos impressos em desmaterialização¹⁸, com migrações para o digital e a ascensão do *webjornalismo*, no cenário da chamada revolução digital da comunicação.

Ao falarmos sobre a revolução digital, não se pode deixar de lado o quão frágil e fluída é a fronteira entre a vida pública e a privada no âmbito deste cenário midiático, conforme pontua o sociólogo John B. Thompson, que defende que os cientistas sociais têm como importante tarefa tentar entender esse turbulento novo mundo de "visibilidade mediada na era digital" (THOMPSON, 2018). Ao definir esta nova forma de "interação mediada online", o autor explica que:

Como outras formas de interação mediada, esta envolve a extensão das relações sociais através do espaço e do tempo e certo estreitamento no leque de pistas simbólicas. Mas difere dos outros dois tipos de interação mediada em dois aspectos-chave: diferentemente da quase-interação mediada, é de caráter dialógico; e, ao contrário da interação mediada (por exemplo, conversas telefônicas), é orientada para uma multiplicidade de outros destinatários – é de muitos para muitos, e não de um para um. (THOMPSON, 2018, p. 20).

Para o sociólogo, é difícil superestimar o significado das transformações na visibilidade pública e privada e as mudanças nos campos da vida social e política. Afinal, "os indivíduos, as ações e os eventos agora estão visíveis de maneiras que eles simplesmente não estavam no passado" (THOMPSON, 2018, p.35), já que qualquer indivíduo com um *smartphone* pode tornar algum fato ou situação visível e acessível para centenas ou milhares de pessoas. Contudo, esses aspectos não devem limitar a percepção de que "os campos da vida social e política foram, e continuam a ser reconstituídos por essas novas formas de interação e visibilidade possibilitadas pelo uso dos meios de comunicação" (THOMPSON, 2018, p.35).

Neste contexto, também não se pode deixar de fora um conceito com ramificações diretas nesta temática: a *hipermobilidade* que nos torna "seres ubíquos" (SANTAELLA,

¹⁸ O termo "desmaterialização" para referenciar o fim da circulação de um jornal ou publicação impressa foi usado primeiramente em artigo de Del Vecchio de Lima, Fernandes e Dalla Costa (2018) publicado na revista *E-Compós*. O termo foi utilizado depois na dissertação de mestrado de Beatriz Pozzobon Araújo (2019), no PPGCom/UFPR.

2013). Para a pesquisadora, a partir de 2006 o desenvolvimento tecnológico e seus desdobramentos pelo mundo criaram uma condição ubíqua de existência, ou seja, a de estar presente (de forma virtual) em mais de um local ao mesmo tempo:

Em função da hipermobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis nos oferecem possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença. Somos abordados por qualquer propósito a qualquer hora e podemos estar em contato com outras pessoas quaisquer que sejam suas condições de localização e afazeres no momento, o que nos transmite um sentimento de onipresença. Corpo, mente e vida ubíquas. (SANTAELLA, 2013, p.16).

A cultura digital estabelecida forma intensiva desde a primeira década do século XXI, além de tornar fluída a fronteira entre vida pública e privada, alterou e “fluidificou” as relações de mediação e visibilidade que tradicionalmente remontavam aos veículos de comunicação, tudo isso em face das novas relações de tempo/espaço dos usuários das redes sociais e consumidores de conteúdos noticiosos. Não é de se espantar, portanto, que o jornalismo profissional tenha buscado novas formas de veiculação, reduzindo ou abandonando seus formatos impressos para dar protagonismo ao digital.

Bortolazzo (2016) evoca a todo um conjunto de artefatos, como *tablets* e *smartphones*, mas também aponta a conectividade e as comunicações instantâneas, entre outras manifestações virtuais e formas midiáticas permitidas pelas tecnologias digitais, além da emergência de um setor de negócios transnacional, a exemplo da Microsoft e da Apple, como evidências de uma Cultura Digital, não determinada pela tecnologia, mas pelo uso intensivo que a sociedade faz dela em seus modos de vida: “(...) em que o termo digital estaria representando uma forma particular de vida de um grupo ou de grupos de sujeitos em um determinado período da história.” (BERTOLAZZO, 2016, n.p.); o autor traz uma das definições de cultura de Williams (1975) para pensar a cultura digital “como um marcador cultural, uma vez que envolveria tanto os artefatos quanto os sistemas de significação e comunicação que demarcam e distinguem nosso modo de vida contemporâneo dos outros.” (BORTOLAZZO, 2016. n.p.).

A segunda década do século 21 também tem sido marcada pelo combate à desinformação e às *fake news*, no âmbito da chamada pós-verdade¹⁹. A modernidade líquida de Bauman (2001) traz a reflexão de que “a informação, mais que em nenhuma outra época,

¹⁹ O conceito vem sendo amplamente utilizado desde 2016, com os desdobramentos da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e da campanha do Brexit, no Reino Unido. Também encontra ecos na política brasileira, com narrativas ganhando mais força (e credibilidade) do que os fatos propriamente ditos.

apresenta-se como elemento constituinte de emancipação, e, por que não dizer, evolução social” (MELO et al, 2020, p.40). Por outro lado, os autores reforçam que não basta ter acesso à informação: é preciso, sobretudo, “ter a capacidade interpretativa da realidade em que a informação está inserida, especialmente, em tempos de pós-verdade, onde acontecimentos reais parecem ter menos importância que as deduções, crenças e suposições” (MELO et al, 2020, p.40).

Sobre a pós-verdade, D’Ancona (2017) nos recorda que o fenômeno não só tem raízes históricas, como já foi explanado por escritores hoje clássicos como George Orwell²⁰, que temia que o conceito de verdade objetiva pudesse ser sublimado no futuro:

Esse tipo de coisa é aterrorizante para mim, porque muitas vezes me dá a sensação de que o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo. Afinal, há chances de essas mentiras, ou em todo caso mentiras semelhantes, passarem para a história. Como a história da Guerra Civil Espanhola será escrita? (...) depois que aqueles que de fato se lembrarem da guerra estiverem mortos, será universalmente aceito. Então, para todos os efeitos práticos, a mentira terá se tornado verdade. (ORWELL, 1942 in D’ANCONA, 2017, p.15).

O jornalista e autor inglês enfatiza que, em sua luta diária contra a desinformação, os veículos de comunicação devem confirmar a verdade “de modo comandante, em vez de meramente repetir a mentira, negando-a” (D’ANCONA, 2017, p.127).

Afinal, políticos mentem e/ou ocultam informações desde o início dos tempos. Mas mentiras e manipulações “enfaticamente não são o mesmo que a pós-verdade” (D’ANCONA, 2017), já que dependem da resposta do público a sua veiculação. A indiferença toma o lugar da indignação, se tornando conivência com essa “versão alternativa” dos fatos. A consequência desse movimento é que a mentira acaba se tornando regra, e não exceção, já que o indivíduo desiste de “tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira”:

Se a pós-verdade precisa ser desafiada e derrotada, o esforço deve ser coletivo, prolongado e persistente. Haverá reveses, reviravoltas e momentos de exasperação. No entanto, se a verdade ainda importa para nós como civilização, não é uma missão da qual podemos nos esquivar. (...) É um desafio que vale a pena enfrentar. A coragem, a persistência e o espírito colaborativo serão recompensados: a verdade se revelará. (D’ANCONA, 2017, p.127).

Dentro deste amplo cenário e ao voltar à questão da desmaterialização dos jornais e mudança nas coberturas noticiosas, e no caso desta pesquisa o fato de se estar tomando como objeto um jornal que historicamente privilegiou uma cobertura local/estadual, é preciso

²⁰ Ensaio de 1942, "Recordando a guerra civil", do livro "Lutando na Espanha", de George Orwell. Tradução de Ana Helena Souza, Editora Globo. Original de 1938 e tradução de 2006 (D’ANCONA, 2017).

ressaltar as apostas nas plataformas jornalísticas de alcance local e regional, no âmbito do chamado *hiperlocalismo*, que ganhou força a partir de meados dos anos 1990 (MEYER, 2007), relacionado aos impactos da internet nos meios impressos. O conceito vem à tona a partir do enfoque de um jornal em cobrir “determinada comunidade, seja ela geográfica ou não, assumindo uma posição de relevância dentro desse território, a partir do conhecimento prévio da área em que quer se especializar” (BALDESSAR et al, 2013, p.53).

Na cobertura noticiosa do espaço local, o jornalismo assume tanto a lógica dos princípios dos valores-notícia, quanto a lógica que “advém dos intensos fluxos socioeconômicos e culturais impostos pelo processo de globalização mais recente” (FERNANDES; LIMA, 2017, p.46). Esta seria uma forma produtiva de se aplicar o chamado “modelo de influência” definido por Meyer (2007), que utiliza o enfoque local na comunidade como amplificador de questões e problemas em escala global, a partir do panorama das cidades:

É nas metrópoles que os grandes temas ambientais e sociais encontram suas soluções, atingindo o dia a dia do cidadão. Nesse sentido, a ação do prefeito de Nova Iorque ou de Londres teria mais impacto sobre o mundo do que a do presidente da França. Pode parecer exagero, mas é certo que se impasses como o do lixo ou a violência forem oxigenados no âmbito municipal, essas articulações encontrarão ecos nacionais. Logo, os debates locais são, por extensão, debates globais. (GUANAES, 2012, p.48).

Contudo, segundo Fernandes & Lima (2017), a imprensa brasileira ainda resiste em aderir ao termo “hiperlocal”, talvez pelo “desconhecimento de sua polissemia, incluindo a capacidade de promover uma urgente ‘sociologia urbana’ nas lides da imprensa” (p.47). Outros aspectos sobre o *hiperlocalismo* e a cobertura dos jornais (local *versus* nacional) serão retomados ainda neste capítulo, no tópico sobre modelos de negócios.

Delimita-se a seguir, de forma breve, o percurso histórico da chamada crise dos jornais impressos a partir da década de 1990, tanto mundialmente quanto no Brasil, panorama fundamental para a compreensão da desmaterialização do jornal *Gazeta do Povo*.

1.1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO E CRISE DOS JORNAIS IMPRESSOS

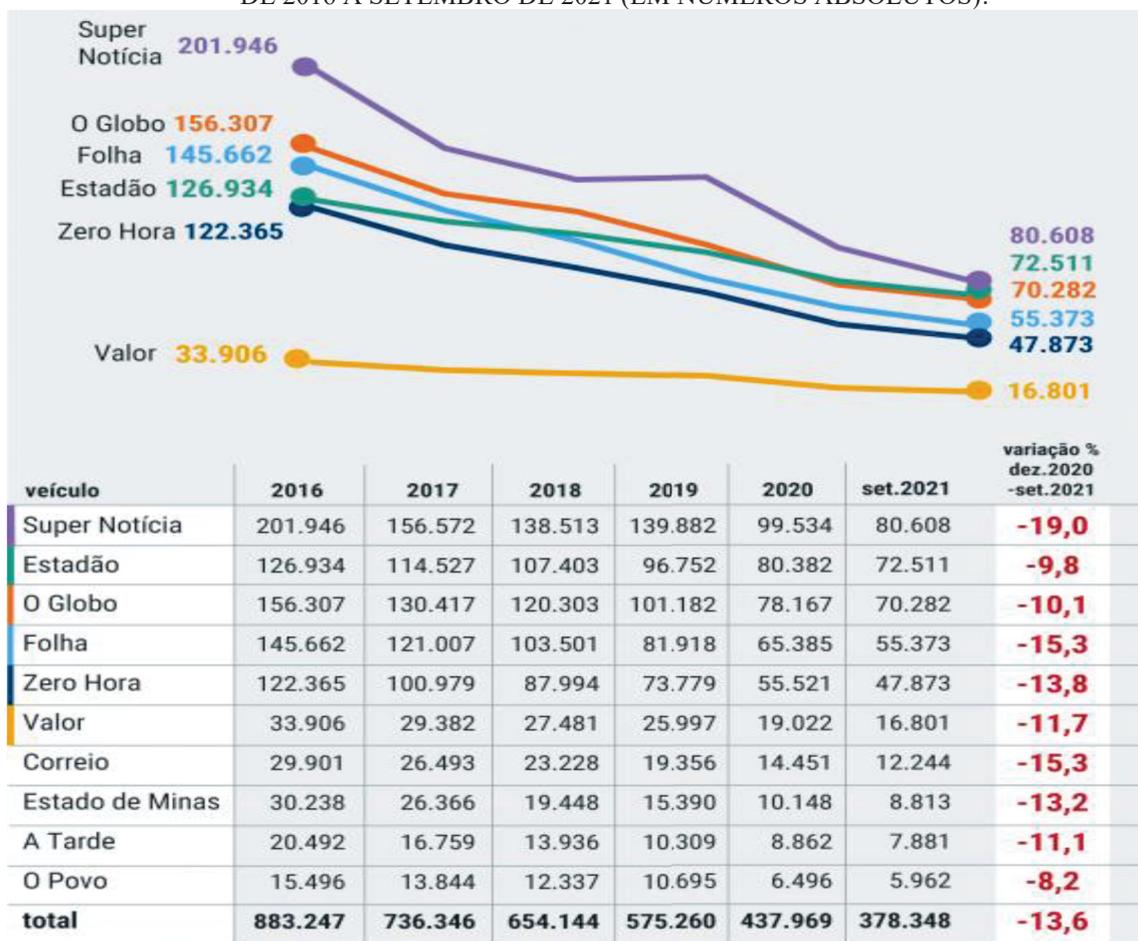
No último século, o bom jornalismo sobreviveu – mesmo sem prevalecer sempre – a muitas mudanças tecnológicas. A internet é apenas o mais recente de uma série de avanços que contribuíram para a “segmentação” da mídia (...). O jornal “guarda-chuva” deve grande parte de seu sucesso à habilidade de oferecer um mosaico de interesses específicos, mas deixou de ser o meio mais eficiente para atrair esses interesses. (MEYER, 2007, p. 12).

Mais evidente desde o final da década de 1980, a propalada crise dos jornais impressos tem desconstruído de forma globalizada modelos comerciais consagrados, com décadas de história jornalística, na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e em boa parte das nações ocidentais – independente das peculiaridades de cada país (NUNES, 2014). Esse panorama se agravou ainda mais com a pandemia da Covid-19, nos últimos dois anos, mas mesmo antes da crise sanitária a tendência era de queda dos jornais impressos:

De acordo com o estudo *The Expanding News Desert*, da Universidade da Carolina do Norte, dos Estados Unidos, 1.800 jornais impressos foram fechados de 2014 a 2018. Uma versão mais recente do estudo aponta que apenas nos dois anos seguintes (até 2020), a circulação de jornais sofreu redução de 5 milhões de exemplares. O cenário desencadeou o fechamento de 300 veículos de comunicação e a demissão de cerca de 6 mil jornalistas espalhados pelo mundo. (RENÓ, 2022).

A mesma reportagem revela ainda uma queda média de 13,6% na tiragem diária dos grandes jornais impressos pelo Brasil, entre dezembro de 2020 e setembro de 2021 (FIGURA 1), sendo a maior queda (19%) registrada pelo jornal mineiro *Super Notícia*:

FIGURA 1: EVOLUÇÃO DA CIRCULAÇÃO IMPRESSA DIÁRIA DE JORNAIS PELO BRASIL, DE 2016 A SETEMBRO DE 2021 (EM NÚMEROS ABSOLUTOS):



Fonte: IVC. Os dados de 2016 a 2020 correspondem ao fechamento do mês de dezembro (RENÓ, 2022).

Em meio a este cenário, empresas jornalísticas de todas as partes do globo vêm tentando relativizar a situação de crise de seu modelo de negócio, “chamando-a de realinhamento, reestruturação, novas estratégias” (DOCTOR, 2010, p. 19), mesmo quando o alerta já existia e um certo pânico já estava instaurado. Só no início da década de 2010, pelo menos quatro mil jornalistas norte-americanos foram demitidos das redações de jornais (DOCTOR, 2010). Entre 2005 e 2010, praticamente cem jornais deixaram de ser diários nos Estados Unidos, alguns se tornando quase folhetos. No mesmo período, as empresas reduziram a utilização de papel jornal em 40% (DOCTOR, 2010).

Desde então, a crise movimentou teóricos da comunicação, analistas midiáticos e estudiosos internacionais do ramo (MEYER, 2007; DOCTOR, 2010; RUELLAN, 2011; CANAVILHAS, 2014; SALAVERRIA, 2019, entre muitos outros) e pesquisadores brasileiros (CHRISTOFOLETTI; KARAM, 2011; SANT’ANNA, 2008; ADGHIRNI, 2017, BARBOSA, 2013; LONGHI, 2015; GANDOUR, 2020; COSTA et al., 2021 entre inúmeros outros), conforme pode-se verificar nos títulos dos grupos de trabalhos (GTs) dos grandes eventos nacionais de comunicação e jornalismo, como os da Intercom²¹ e da SBPJor²², que buscam compreender o fenômeno, seus efeitos, os impactos do *webjornalismo*, das sucessivas crises econômicas e qual seria um futuro possível para o jornalismo impresso, assim como os novos perfis e a performance do jornalista profissional nas redações e outros espaços de produção da notícia (DEL VECCHIO-LIMA, FERNANDES, MIERS, 2021). Enfim, desde meados dos anos 1990, “enquanto o público descobria a interatividade, os acadêmicos se perguntavam se aquilo era mesmo uma mídia.” (ADGHIRNI, 2017, p. 68). Foi o caso do pesquisador francês de Comunicação, Dominique Wolton, às vezes considerado um “cibercriticista” (RUDIGER, 2011).

Antes de avançarmos, é preciso salientar um embasamento histórico específico. Os pesquisadores canadenses Charron e Bonville (2016) apresentam quatro “idades” do jornalismo: no século 17, o *jornalismo de transmissão* recolhia e difundia anúncios e informações que eram enviados aos impressores, sem direito à palavra; no século 19, o *jornalismo de opinião* foi marcado pelo contexto político e ideológico que imprimiu discurso e identidade ao profissional jornalista; ao final do século XIX e início do século XX, com

²¹ Instituição sem fins lucrativos, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) foi fundada em São Paulo em 1977 e fomenta a troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado de Comunicação.

²² A Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) foi criada em 2003 com o objetivo de articular uma rede nacional de pesquisadores de Jornalismo, atuando em conjunto com outras associações científicas e profissionais como a Intercom, o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo e a Fenaj (Federação Nacional de Jornalistas).

ênfase em 1920, o *jornalismo de informação* surgiu nos meios urbanos dos Estados Unidos, quando o negócio jornalístico se tornou lucrativo, apoiado em redes de coleta de notícias, com muita ênfase na informação noticiosa e pouco espaço opinativo; por fim, o *jornalismo de comunicação* surgiu com as transformações tecnológicas entre os anos 1970 e 1980, quando a atividade se colocou em busca de mercados mais amplos, multiplicação de suportes, diversificação e abundância de oferta. Nessa quarta “idade”, havia “amplitude de gêneros/linguagens e mistura de informação com entretenimento” (DEL VECCHIO-LIMA et al, 2019).

Editora da tardia versão brasileira do livro “Natureza e Transformação do Jornalismo”, de Charron e Bonville (2016), a pesquisadora Zélia Leal Adghirni considera que a visão dos autores é singular ao ressaltar a “natureza e as transformações do jornalismo para explicar o fenômeno da comunicação midiática contemporânea” (ADGHIRNI in CHARRON, BONVILLE, 2016, p. 11). Uma das premissas desta transformação, para Del Vecchio-Lima et al (2019), é a de que o jornalismo se tornou “dependente da audiência, de uma cultura imposta pela hierarquia das empresas jornalísticas, com o (...) marketing e a tecnologia da informação passando (...) a ditar o que é noticiável” (DEL VECCHIO-LIMA et al, 2019).

Esse contexto traz ainda o velho dilema entre a separação das estratégias e coberturas entre a redação e o departamento comercial dos periódicos, algo que, conforme aponta Meyer (2007), não funciona mais como na “era de ouro” da imprensa:

Com demasiada frequência, os editores acreditam que a ignorância sobre o lado empresarial os protege. (...) O motivo pelo qual os jornais não são tão bons quanto na era de ouro não é a divisão entre Igreja e Estado. É que a decisão necessária para solucionar o conflito entre lucro e prestação de serviço era responsabilidade de um indivíduo com espírito público que controlava os dois lados da parede e era rico e confiante o suficiente para fazer o que lhe aprouvesse. No mundo de hoje, a maioria dos líderes da imprensa não tem esse tipo de autonomia. (MEYER, 2007, p. 218).

Nesse sentido, é fundamental analisar a forma como as notícias vêm sendo entregues ao público leitor, em toda sua complexidade, diversidade e amplitude de escolhas. Noblat (2002) já alertava, no início do século, que o conteúdo é o que vende jornais, e que era preciso fugir da cilada de oferecer um “cardápio” de assuntos mais de acordo com o gosto dos jornalistas do que com o que anseia o leitor. A visão é compartilhada por Sant’anna (2008):

As notícias são em geral apresentadas como novidade, provocando no leitor a sensação do déjà vu. (...) As redações não estão estruturadas para oferecer, com qualidade, o contexto e a análise da notícia, que são os atributos que diferenciam o jornal dos outros meios. (...) o meio jornal sofre de uma crescente inadequação (...) entre seu produto e as demandas do mercado. De um ângulo darwinista, como uma espécie que não evoluiu para se adaptar ao meio (...) está exposto ao risco da extinção (SANT’ANNA, 2008, p. 143).

Essa “inadequação” ou lentidão no reposicionamento das notícias, ou das coberturas, é apontada como um dos fatores que seriam “fatais” aos jornais impressos brasileiros, para Christofolletti e Karam (2011). Completam a lista que aceleram a crise dos modelos de negócio jornalísticos o aumento da oferta dos serviços de internet banda larga já na última década do século XX e primeira década do século 21 e a generalizada indisposição do internauta em pagar por conteúdos noticiosos (CHRISTOFOLLETTI; KARAM, 2011).

Outro aspecto importante nos jornais que habitam os espaços online é a representação temporal que, segundo a pesquisadora francesa Roselyne Ringoot (2002), se tornou uma das maiores revoluções da imprensa online, ao atingir duas grandes características do jornalismo: a periodicidade e a historicidade (ADGHIRNI, 2017). Com isso, emerge um novo paradigma midiático: a informação permanente ou em fluxo contínuo, já explorada no rádio e na televisão.

Combinados entre si no suporte internet, estes dois paradigmas constituem uma nova forma de temporalidade midiática que é a informação permanente. Ou “em tempo real”, como é chamada nos meios profissionais, mas que preferimos denominar de informação em fluxo contínuo uma vez que é impossível transmitir uma informação via internet no exato momento em que o acontecimento se produz. É preciso tempo para elaborar, digitar e disparar o mecanismo tecnológico que vai distribuir a informação, mesmo que segundos depois do fato ocorrido. (ADGHIRNI, 2017, p.70).

Todavia, o pesquisador Antonio Fidalgo (2004) já apresenta outro entendimento ao afirmar que o jornalismo online pode preservar e permitir acesso às edições anteriores dos jornais, o que mantém uma memória viva do jornalismo – é o caso de todo o conjunto de matérias jornalísticas da editoria de Educação da *Gazeta do Povo*, que constitui o *corpus* desta pesquisa, consultado por dia, mês e ano. Nas publicações em site jornalístico, também é importante verificar o horário de publicação, que corresponde ao processo de “atualização” em fluxo contínuo, e resulta às vezes em várias edições modificadas de uma mesma matéria.

Historicamente, no Brasil, os jornais foram a principal fonte de informação da população, em especial da classe média em ascensão, durante mais de um século e meio (LENE, 2019). Os jornais impressos não tiveram sua supremacia ameaçada nem pela chegada do rádio, na década de 1920, nem da televisão, nos anos 1950. Apesar de o telejornalismo ter impactado na atração das receitas publicitárias, os impressos permaneceram como meios de informação mais influentes ((MOLINA, 2015).

A época de ouro do impresso no país ocorreu nos anos 1950 e 1960, quando era o principal veículo de informação e de publicidade para as massas, cuja educação e capacidade de consumo estavam aumentando. Os periódicos se beneficiaram do surgimento de uma classe média para quem a leitura era uma necessidade e um símbolo de status (...). Mas o século 21 chegou e começou mal para as empresas jornalísticas (...). A história mostra que, quando a economia do país vai mal, a mídia é um dos primeiros setores atingidos, porque empresas privadas, estatais e governo se retraem e cortam imediatamente verbas publicitárias. (LENE, 2019, p. 13-14).

Os efeitos da crise dos impressos seriam sentidos de forma mais acentuada no Brasil depois dos anos 2000, com quedas sucessivas na primeira metade da década e certa recuperação na segunda metade, segundo dados da Associação Nacional dos Jornais (ANJ). Christofolletti (2019) destaca que, entre 2013 e 2017, as perdas acumuladas chegaram a um terço do mercado (33,2%). O maior tombo se deu entre 2016 e 2017, com queda de 21%: de 7,17 milhões de exemplares/dia, passou a 5,66 milhões/dia (CHRISTOFOLETTI, 2019).

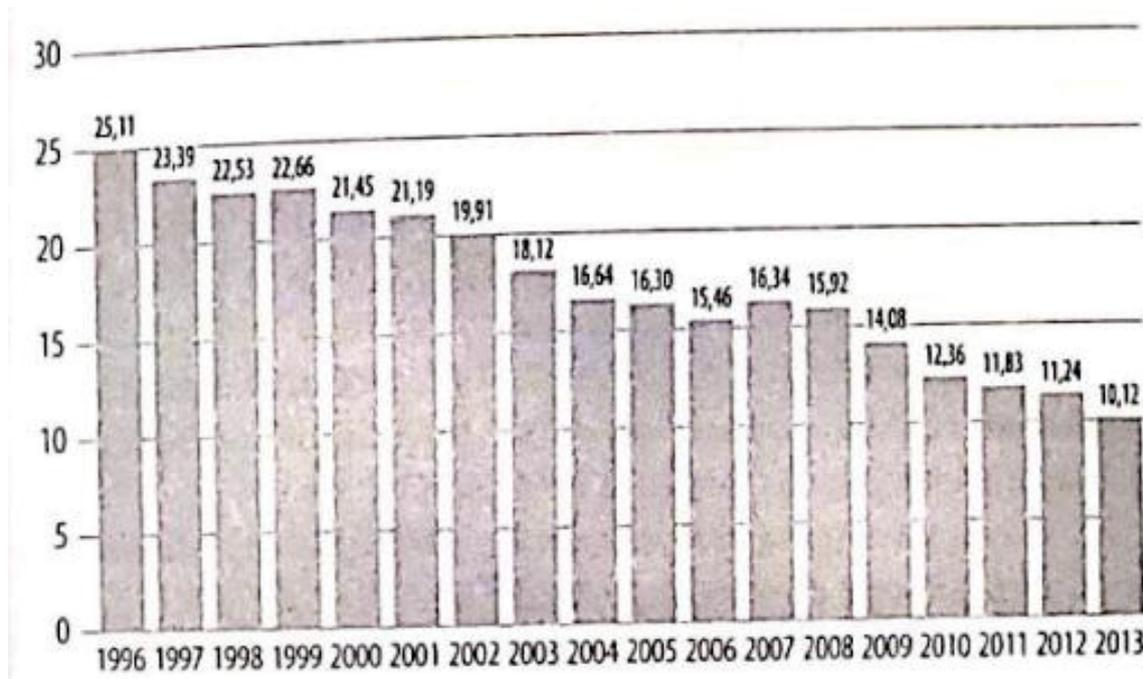
Outros reflexos foram mensurados por Lene (2019) ao pesquisar os jornais centenários brasileiros²³, constatando que, em 2014, a ANJ registrava apenas 28 publicações com mais de cem anos, número que sofreu alterações até a publicação da autora, cinco anos depois: houve o fechamento do emblemático *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e de quatro periódicos centenários da imprensa de São Paulo – *Diário de S. Paulo*, *A Mococa*, o *Diário do Povo* e *Comércio do Jahu* (LENE, 2019). A pesquisadora destaca ainda a interrupção da circulação impressa do *Jornal do Brasil*, entre 2010 e 2018, que retomou o impresso por mais um ano, até novo fechamento, restando apenas o jornal online; e os aniversários de cem anos da *Gazeta do Povo* (já 100% online) e do *Jornal do Commercio*, de Recife, em 2019 (LENE, 2019).

Outro caso emblemático da última década foi a reforma editorial da *Folha de S. Paulo*, em 2010 – ano em que a *Folha* perdeu, pela primeira em 24 anos, o posto de jornal mais vendido no Brasil, “dando lugar a um tabloide popular, o belo-horizontino *Super Notícia*” (MANNA et al, 2017, p.10). Os autores lembram ainda que essa reforma fundiu as redações do jornal impresso com a então chamada *Folha Online*, reforçando o compromisso da *Folha* em “produzir notícias, não em manter uma ou outra plataforma” (MANNA et al, 2017, p.11).

Gandour (2020) revela ainda o impacto da queda na participação dos jornais no total do bolo publicitário brasileiro entre 1996 e 2013, período em que a ANJ realizou monitoramento anual do chamado *share* (fatia de participação) deste segmento:

²³ A lista com os (cerca de 30) jornais centenários do Brasil estudados por Lene (2019) pode ser acessada em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0174-1.pdf>. Acessado em 10/04/2022.

FIGURA 2: QUEDA NA PARTICIPAÇÃO DOS JORNAIS NO TOTAL DO BOLO PUBLICITÁRIO BRASILEIRO (EM PORCENTAGEM)



Fonte: Associação Nacional dos Jornais (GANDOUR, 2020, p.25)

Em reportagem do início de 2022, publicada pelo portal *Comunique-se*, ressalta-se que o fim dos impressos também atinge a esfera pública. Um exemplo é o *Diário Oficial da União*, que desde 2017 “abandonou os papéis e assumiu apenas a sua versão online. As publicações eram feitas no papel há 155 anos, desde 1º de outubro de 1862, com edições diárias que costumavam ultrapassar a marca de 2 mil páginas” (RENÓ, 2022). O mesmo destino teve o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, que passou a existir exclusivamente nos meios digitais, prevendo uma redução de custos de R\$ 6,3 milhões por ano (RENÓ, 2022).

Especificamente sobre o cenário do jornalismo impresso diário no Paraná, Del Vecchio-Lima et al (2019) destacam três marcos representativos desde os anos 1990: a venda do jornal estadual *Folha de Londrina* para o Grupo Bamerindus, em 1992 – o jornal do Norte do Paraná tinha vendas e influência em Santa Catarina e no Mato Grosso do Sul, e com a venda passou a restringir sua cobertura ao panorama local de Londrina; o fim do tradicional *O Estado do Paraná*²⁴, em 2011, após ser vendido para o Grupo Grpcom, encerrando a

²⁴ Criado em 1951, *O Estado do Paraná* teve sua trajetória editorial situada mais à esquerda do espectro político na maior parte de sua existência, “representando uma força em termos de diversidade na cobertura política e cultural” (DEL VECCHIO-LIMA et al, 2019, p.9).

concorrência entre os dois então mais expressivos diários impressos de Curitiba; e o fim da circulação diária impressa da *Gazeta do Povo*, em 2017 (FIGURA 3).

FIGURA 3: A ÚLTIMA EDIÇÃO DIÁRIA IMPRESSA DA *GAZETA DO POVO*



Fonte: Daniel Castellano (31/05/2017)

Da mesma forma que pesquisadores e comunicadores afirmam categoricamente que a propalada crise do jornalismo abrange com maior intensidade os meios impressos, de circulação diária, o alcance dessa crise ou sua duração cronológica são refutados por alguns autores, que defendem que a crise atinge todos os veículos de comunicação, de diferentes formas. Em especial, nos breves períodos em que o quadro da queda no número de leitores e/ou assinaturas se estabilizou como, por exemplo, na comparação entre as turbulências do início da década de 2000 e na “retomada”, por assim dizer, dos anos 2010 (NUNES, 2014), conforme registro de 2011:

Nos últimos anos, tornou-se comum dizer que o jornalismo experimenta uma grave crise. (...) Não é possível determinar com segurança absoluta se os dilemas com os quais o jornalismo se defronta atualmente configuram ou não uma crise. E, se há uma crise, não está claro qual o seu alcance. (ALBUQUERQUE; BERGER; KÜNSCH. SILVA, 2011, p. 7-8).

Para o jornalista Arthur Sulzberger Jr, que foi *publisher* do *The New York Times* até 2018, os jornais (*newspaper* em inglês) não deveriam ser definidos pela segunda palavra do termo inglês (*paper*), e sim pela primeira (*news*):

Todos nós devemos nos tornar agnósticos em relação ao método de distribuição. Temos de ser tão fortes online, tão fortes na TV e no rádio, como somos em notícia impressa. (...) Não me interessa quando rodaremos nossa última edição de notícia impressa. Continuaremos sendo a grande fonte de notícias e de informação neste país e talvez no mundo. (SULZBERGER in GATES, 2002). (p.30)

Outra observação vem dos pesquisadores Manna et al (2017), que pontuam que a caracterização de todo este contexto como uma “crise” acaba por negligenciar “uma série de problemas e contradições inerentes aos processos históricos que fundam uma matriz cultural do jornalismo dominante e da própria noção de crise a ele associada” (MANNA et al, 2017, p.5). Ainda segundo os autores, essa caracterização acabaria limitando o jornalismo “dentro de um quadro estável, homogêneo e fundamentalmente não problemático”, o que explicaria a compreensão de uma crise e a necessidade (ou tentativa) de superá-la (MANNA et al, 2017).

Além dessa falta de homogeneidade do campo, Charron e Bonville (2016) reforçam que o jornalismo informativo não pode mais se limitar a “mostrar o mundo”, e sim a projetar uma perspectiva e um “olhar sobre o mundo”, diante do cenário de excesso de informações em que vivemos. Afinal, não existem sinais de que a superabundância de informação seja “acompanhada de um crescimento equivalente da capacidade cognitiva do público.” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p.57).

Salaverría (2014, p.5) também se diz “muito pouco partidário da palavra ‘fim’ em jornalismo”, devido ao fato de a profissão ser cíclica, com aspectos próprios que “alcançam uma nova vida” em distintas condições:

Penso que a informação da internet e, muito particularmente, as publicações diárias têm, efetivamente, um novo cenário informativo e um novo cenário editorial. (...) Isso quer dizer que os jornais diários impressos vão desaparecer? Eu, particularmente, não acredito nisso. A Associação Mundial de Periódicos (...) aponta que ainda há um aumento da circulação dos jornais em territórios como a Ásia e a América Latina, enquanto na América do Norte e na Europa Ocidental estão caindo. Penso ser mais provável que vejamos essa diminuição, mas não o desaparecimento, dos diários impressos, e o fortalecimento dessas novas formas editoriais em que se compatibilize o impresso com o digital. (SALAVERRÍA, 2014, p.5)

O próximo tópico busca ampliar as reflexões sobre o panorama da propalada e debatida crise que afeta, especialmente, o jornalismo impresso, a partir das pesquisas sobre o cenário de jornalismo pós-industrial e os modelos de negócio em voga nesta década.

1.2 JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL E MODELOS DE NEGÓCIOS

O principal não é que os hábitos de consumo estejam mudando ou nem sequer que as próprias tecnologias de produção e de função informativa estejam passando por uma evolução tão rápida. O fundamental é que está mudando todo o processo de apropriação da informação por parte da sociedade contemporânea. Nesse sentido, penso que uma boa maneira de denominar esta nova situação é “jornalismo pós-industrial”, devido aos novos processos de produção e difusão de conteúdos informativos. (SALAVERRÍA, 2014, p.2).

O que leva os *publishers* e diretores de um jornal centenário a tomar a decisão de encerrar a circulação impressa diária? Certamente vários fatores, mas é inegável a influência tanto do panorama do jornalismo pós-industrial (SALAVERRÍA, 2014), dos novos modelos de negócios ainda não consolidados e das transformações tanto do jornalismo impresso quanto das apostas em *webjornalismo* (CANAVILHAS, 2014), as novas possibilidades de interação das coberturas em outras plataformas e suportes (como *Youtube*, *newsletters* e *podcasts*), além da emergência da pró-atividade de um consumidor de informações que também é potencialmente produtor de informações, conforme já marcado por diversos autores, a partir do tão disseminado conceito de *prosumers* consolidado por Jenkins (2009).

Ao discorrer sobre o jornalismo pós-industrial, termo que também pode ser tensionado pois foi aplicado inicialmente do jornalismo norte-americano, Salaverría (2014) enfatiza que o processo de difusão da informação tem como uma de suas facetas o “jornalismo líquido”, concebido justamente pelas características multiplataformas. O jornalismo seria entendido como “líquido” por ser “acessível por dispositivos distintos ao mesmo tempo, fazendo com que o conteúdo seja líquido entre todas as plataformas” (SALAVERRÍA, 2014, p.4).

O pesquisador vai além da visão meramente editorial do conceito, entendida por ele como “reducionista”, ao interpretar a liquidez jornalística também pelo ponto de vista da produção da informação. Com isso, o autor acabou antecipando uma tendência que ganhou força diante das limitações presenciais trazidas pela pandemia da Covid-19 (2020-2021): o trabalho remoto:

(...) os padrões de produção de conteúdo jornalístico eram muito determinados. Havia uma série de esquemas no acesso, na elaboração e na distribuição dos conteúdos jornalísticos. Agora passamos a estruturas onde encontramos, por exemplo, redações descentralizadas, conectadas por meio da tecnologia – ao invés de uma disposição física – com modelos de teletrabalho por parte dos jornalistas. Parece-me que todos estes elementos e mais alguns outros compõem o verdadeiro conceito de jornalismo líquido. (SALAVERRÍA, 2014, p.5)

Ainda sobre o perfil multiplataforma e polivalente exigido dos repórteres e editores neste cenário da imprensa do século 21, o trabalho além de ser em equipe, exige equipes que

integram profissionais de outras áreas, como aqueles do design gráfico ou da mineração de dados (CANAVILHAS in HORN, DEL VECCHIO DE LIMA, 2020):

Claro que o jornalista precisa dominar as ferramentas habituais da profissão e, agora, precisa também dominar uma linguagem que se agregue às outras, e é aí que surge o jornalista multimídia (...). Portanto, eu diria, sim, um jornalista tem que ter a formação clássica, saber como se faz uma notícia, saber editar, porque em um determinado dia ele vai ter que fazer de imediato; precisa saber um bocado de redes, saber um pouco de programação (...). Mas não precisa ser um especialista em cada uma dessas coisas (...) a base de tudo isso estará sempre no domínio da língua, na capacidade de coordenar uma equipe e do saber de cada uma dessas coisas. (CANAVILHAS in HORN, DEL VECCHIO DE LIMA, 2020, p.151)

E qual seria o modelo mais apropriado, ou mais atrativo jornalisticamente, para esse jornalismo líquido pós industrial? Essa “arquitetura da notícia na web” (CANAVILHAS, 2014) pode seguir tanto o modelo clássico da Pirâmide Invertida – que hierarquiza as informações por ordem de importância, da mais relevante até a mais descartável, caso seja preciso retirar alguma linha ou parágrafo na edição final, pensando-se em um jornal impresso – defendido por autores como Nielsen (1996) e Stowall (2004); quanto seguir um novo modelo, com técnicas de redação e linguagens mais apropriadas ao meio digital (EDO, 2002; SALAVERRÍA, 2005; CANAVILHAS, 2014):

De uma forma geral, pode dizer-se que as notícias na Web devem obedecer a arquiteturas abertas e interativas, permitindo uma resposta mais eficaz a duas tipologias de leitores: 1) os que procuram uma informação específica, e por isso estão disponíveis para explorar itinerários pessoais de leitura; 2) os que simplesmente navegam numa notícia e precisam de ser guiados pelas qualidades estruturais do formato. (LOWREY & CHOI in CANAVILHAS, 2014, p.10).

O pesquisador reforça que os leitores dos meios noticiosos online procuram mais informação sobre aspectos que os interessam, de forma que “o mais importante passa a ser a oferta de uma notícia com todos os contextos necessários, sem perder a homogeneidade global do trabalho.” (CANAVILHAS, 2014, p.19). Dessa forma, o sucesso e a estabilidade do *webjornalismo* dependeriam da qualidade dos conteúdos apresentados ao leitor, para que ele tire o máximo proveito das características do meio online, criando uma rotina de consumo que facilite esta tarefa e evite os labirintos da leitura dispersa (CANAVILHAS, 2014).

Ao alcançar o contexto da pandemia da Covid-19, Martins & Rivera (2020) destacam que o *ciberjornalismo* mudou “substancialmente com o adensamento das redes sociais” (p.155), ambiente amplamente contaminado pelas campanhas eleitorais, com excesso de informação disseminada sem a “autoridade” do jornalismo profissional (CARLSON, 2017).

Por *ciberjornalismo*, os autores se alinham à definição defendida por Leão Serva em palestra realizada no 7º Congresso Internacional de Ciberjornalismo²⁵, em 2016:

(...) é importante esclarecer que, em 2020, pode-se afirmar que não existe mais a distinção entre jornalismo impresso, telejornalismo, ciberjornalismo, radiojornalismo ou outro formato, tudo o que se faz é ciberjornalismo (...). Todas as formas de jornalismo atual passam pelo contexto digital. O jornalismo atual é ciberjornalismo e, portanto, falar em ciberjornalismo não faz sentido na contemporaneidade. Ainda assim usaremos este termo, que deve ser compreendido no sentido amplo da atividade jornalística. (MARTINS, RIVERA, 2020, p.156)

Contudo, no prefácio da obra de Martins & Rivera (2020), Canavilhas pontua que “nunca podemos afastar a possibilidade de uma qualquer inovação tecnológica surgir nos próximos anos, influenciando mais uma vez a forma como se faz, distribui e consome informação jornalística” (CANAVILHAS in MARTINS, RIVERA, 2020, p.18).

Afinal, dos primórdios do jornalismo digital no Brasil até a atualidade, muito já se alterou. Na virada do milênio, foram os grandes conglomerados de mídia²⁶ (em receita publicitária e audiência) quem deram os primeiros passos na exploração da internet brasileira: Organizações Globo, Grupo Estado, Grupo Folha e Editora Abril (FERRARI, 2010):

Ao contrário da imprensa norte-americana, marcada pela evolução dos sites de busca "que recorreram ao conteúdo como estratégia de retenção do leitor", os sites brasileiros de conteúdo surgiram nas próprias empresas de jornalismo. O primeiro site jornalístico brasileiro foi o *Jornal do Brasil*, criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônica do jornal *O Globo*. Nessa mesma época, a Agência Estado (...) também colocou na internet sua página. (FERRARI, 2010, p.25).

Vinte anos depois, o problema que mais afeta o jornalismo digital (ou *webjornalismo*) é justamente a “ausência de modelos econômicos que permitam a viabilização das empresas” (CANAVILHAS in MARTINS, RIVERA, 2020, p.18), situação que piorou com a pandemia e engloba todas as plataformas jornalísticas.

Costa (2021, p.153) tem uma visão mais radical, ao afirmar que “no jogo da nova economia, a indústria do jornalismo precisa ser vista não mais somente como produtora de conteúdo, mas como *player* de tecnologia.” Mas, complementa: “Essa operação exige, além investimento pesado, uma cabeça estratégica digital”, ao entender que não se ganha o que ele chama de “guerra” com “pensamento analógico”. (*Idem*, p. 153)

²⁵ O evento foi organizado em Campo Grande (MS) pelo Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

²⁶ A autora contextualiza que os conglomerados começaram a surgir na década de 1950, quando uma mesma empresa ou grupo empresarial controlava jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão (FERRARI, 2010).

Para avançarmos na compreensão deste panorama de transformações e perspectivas do jornalismo no século 21, é preciso explicar um pouco mais sobre os modelos de negócios em voga, e como impactam nas decisões editoriais dos veículos noticiosos. Afinal, em tempos de jornalismo pós-industrial, as instituições que desejam manter ou aumentar sua relevância “terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais.” (ANDERSON, BELL & SHIRKY, 2011, p.37-38)

É complexo estabelecer uma linha temporal de causa e consequência, mas existem algumas pistas sobre qual seria o “problema fundamental” (CANAVILHAS in HORN, DEL VECCHIO LIMA, 2020, p.153) dessa falta de um modelo de negócios consolidado no jornalismo digital. Uma delas é a de que a crise teria começado quando os principais jornais e portais de notícias abriram gratuitamente seu conteúdo jornalístico. Historicamente, “quando algum produto é oferecido gratuitamente de início, as pessoas depois não querem pagar” (HORN, DEL VECCHIO LIMA, 2020, p.153). Lene (2019) complementa que essa adaptação em busca da sobrevivência dos jornais busca compensar as perdas com publicidade/circulação cobrando pelo conteúdo, ainda que de forma tardia. Mas para isso, segundo a autora, as pessoas “precisam vencer a inércia e o hábito de ler sem pagar” (LENE, 2019, p. 14):

É um novo modelo de negócio, no qual as empresas procuram depender mais da receita proveniente da versão digital e menos das edições impressas; mais da venda do conteúdo e menos da publicidade. O ponto de equilíbrio ainda não foi encontrado, como destacou Molina (2015). Este panorama não é apenas uma crise pura e simples, como apontou Corrêa (2006), mas uma reconfiguração do jornalismo que perante este cenário terá que reconfigurar o seu modelo econômico. (LENE, 2019, p.14).

A mensuração das audiências online requer uma combinação de fatores, tanto com modelo adaptado de assinaturas (mensais ou anuais, que passam a não dispensar mais gastos com papel e distribuição, para impressão do jornal), quanto com a publicidade nas múltiplas possibilidades das plataformas digitais – em imagem, vídeo e som (HORN, DEL VECCHIO LIMA, 2020).

Ainda nesse contexto, Charron e Bonville (2016) chamam atenção para o conceito de *hiperconcorrência* em que o jornalismo se insere atualmente, direcionando sobre os repórteres e editores as pressões comerciais e a busca incessante pela audiência, de forma muito mais presente do que acontecia no regime de concorrência “clássico”, do século 20.

Canavilhas (2020) sugere ainda alguns modelos que forneceriam apoios aos financiamentos dos jornais, seja aqueles obtidos diretamente pelo Estado, ou por taxaço de empresas e serviços digitais que indiretamente lucram com conteúdo noticioso:

Paralelamente, precisamos juntar outros tipos de medidas, e uma delas tem a ver, por exemplo, com os apoios do Estado à própria imprensa. Não defendo apoios de financiamento direto. O que apoio são medidas que, de alguma forma, coloquem os jornais em concorrência. (...) Outra forma que me parece interessante é colocar impostos em cima daqueles que estão ganhando dinheiro com jornalismo (...) se compramos smartphones não para falar, mas para procurar informação, uma porcentagem dessa venda devia ir para os jornais. Uma segunda linha tem a ver com as operadoras, as empresas que fornecem os serviços. (...) A lógica é a mesma anterior: quem compra serviços de internet para sua casa quer acessar os conteúdos, entre os quais os jornais. Daí também deveria sair uma parte dos impostos para financiar os jornais. (CANAVILHAS in HORN, DEL VECCHIO LIMA, 2020, p.154).

Ressalte-se que tanto a *Folha de S. Paulo*, quanto *O Estado de S. Paulo* e a *Gazeta do Povo* se utilizam do mecanismo de *paywall*, que permitem acesso limitado aos seus conteúdos noticiosos, com amplo acesso apenas para assinantes. Essa estratégia de negócios em busca de assinaturas pagas se soma à eterna procura por anunciantes, que integram clubes de descontos e vantagens aos leitores, entre outros atrativos oferecidos.

Por outro lado, o britânico *The Guardian* adotou, nos últimos anos, políticas e investimentos em equipe de moderação de comentários para manter e conquistar mais leitores para a sua comunidade online, em um ambiente saudável para discussões. O site do jornal permite livre acesso, apenas com preenchimento de um cadastro gratuito (MACEDO, 2020). Com 200 anos de fundação, completos em 2021, o *The Guardian* bateu recorde de audiência online pela primeira vez em 2019: a estimativa é a de que 24,1 milhões de pessoas leem o jornal britânico todos os meses em sua plataforma digital (MACEDO, 2020):

A decisão do *The Guardian* em manter seu jornalismo fora do sistema *paywall* (acesso ao conteúdo mediante assinatura), somado ao incentivo constante para que seus leitores contribuam para subsidiar seu jornalismo independente e de alta qualidade, levaram a resultados como o aumento substancial do total de visualizações de páginas mensais – de 790 milhões em janeiro 2016 para 1,35 bilhão em março de 2019. (WATERSON, 2019 in MACEDO, 2020, p. 24)

Mas se a definição de um modelo consolidado de negócios para o *webjornalismo* é incerta, não se pode dizer o mesmo sobre os caminhos adotados pelos veículos de comunicação, que acabam por repetir fórmulas na tentativa de transitar entre o impresso e o digital, bem como de ajustar suas coberturas de acordo com o perfil de seus leitores.

Nesse sentido, aplica-se a lógica de “mudar para permanecer o mesmo” (MANNA et al, 2017), uma constante na história do jornalismo brasileiro, com maior ênfase após a dita “modernização” dos anos 1950²⁷ – principalmente em relação aos “valores essenciais”:

²⁷ As reformas gráficas e editoriais do *Diário Carioca* (1950) e do *Jornal do Brasil* (1956), e o surgimento de jornais inovadores como a *Tribuna da Imprensa* (1949) e a *Última Hora* (1951) costumam ser descritos como marcos inaugurais dessa nova fase da imprensa brasileira (MANNA et al, 2017; RIBEIRO, 2007).

Entre eles, é possível destacar o compromisso com a objetividade, a independência e a imparcialidade, o que fixa normativamente o jornalismo como uma disciplina da verificação (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003), tendo a notícia ou a informação como o resultado de um minucioso trabalho de apuração, baseado em técnicas específicas de investigação e de composição textual (...). Entretanto, a própria formulação moderna e normativa do jornalismo possui uma história, que deveria ser mais questionada. (MANNA et al, 2017, p.6).

Kovach e Rosenstiel (2003) definem quais seriam os nove fundamentais *valores do jornalismo*: 1) A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade; 2) Sua primeira lealdade é com os cidadãos; 3) Sua essência é a disciplina da verificação; 4) Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem; 5) O jornalismo deve ser um monitor independente do poder; 6) O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público; 7) O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante; 8) O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional; e 9) Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p.22-23).

Para os autores, os jornalistas e profissionais da imprensa devem manter independência do fato que estão cobrindo, exercendo a profissão de forma livre do grupo para o qual trabalham. Caso contrário, o público não se veria representado na mídia. Porém, “as pessoas mais e mais veem a imprensa como parte do sistema do qual se sentem distanciadas, em lugar de um serviço público que age em seu nome” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 161).

Ao ir além dos valores que seriam seguidos como a essência do jornalismo profissional no país, chega-se ao panorama da cobertura noticiosa: local, regional ou nacional? Meyer (2007) defende que os jornais obtêm mais êxito nos lugares onde inspiram confiança. A questão estratégica para este modelo de negócio (e de cobertura) seria descobrir públicos segmentados em que haveria “maior viabilidade de conquistar essa confiança e exercer influência” (MEYER, 2007, p. 257). Ao associar a comunidade em que o jornal está inserido como “mercado”, o pesquisador norte-americano enfatiza que os conceitos são inseparáveis, ainda que “os sujeitos do lado de lá da parede” lembrem aos jornalistas funções que eles gostariam de não conhecer (MEYER, 2007, p.217).

Os riscos de se abandonar a cobertura local do jornalismo são apontados por pesquisadores e analistas de mídia como Doctor (2011): os veículos conhecidos como “locais” ou “regionais” possuem tradição e importância inequívocas e, dessa forma, sua ausência de cobertura acabaria por gerar uma sensação de “abandono” do público. Essa lacuna, na visão do analista, tende a ser preenchida por blogs e sites que por vezes destoam da

essência editorial do bom jornalismo. Seria uma tentativa de “escrever histórias que não estão sendo escritas” (DOCTOR, 2011, p.87).

E quais seriam os exemplos bem-sucedidos de jornais tradicionais e consagrados que permanecem dedicados à cobertura local? Conhecido mundialmente em 1974 por desvendar o escândalo do Watergate²⁸, que gerou influência mundial em termos de jornalismo investigativo, *The Washington Post* optou por voltar a ser um “jornal de condado”, ligado à vida das comunidades em que está presente, nas regiões metropolitanas dos Estados Unidos (FERNANDES, LIMA, 2017). Assumidamente *hiperlocal*, o *Post* inclui em sua pauta esportes e reuniões escolares e até sermões nas igrejas” (MOLINA, 2007), investindo no poder de fixação e mobilização que os espaços comunitários oferecem (FERNANDES, LIMA, 2017).

O jornalismo com foco nas notícias locais não é novidade historicamente: além de estar associado ao surgimento da imprensa (CASTILHO, 2009), os *penny papers* mudaram o panorama norte-americano no século 19, por oferecerem uma alternativa noticiosa “até seis vezes mais barata que os grandes jornais da época” (FERNANDES, LIMA, 2017, p.52). O modelo era possível graças à publicidade paga – também local – já que o conteúdo dos *penny papers* era concentrado em serviços e interesses de suas cidades.

Outra vantagem do jornalismo local, ou hiperlocal, está atrelada ao chamado jornalismo cívico (ou público), aquele que “se importa com o público que vai sofrer os efeitos de sua publicação”, na explicação de Buzz Merrit²⁹ (MEYER, 2007):

A avaliação dos efeitos de seu trabalho é parte da definição de um jornalista público. Importar-se (...) não significa manipular. Mas sim escolher assuntos e formas de reportagem e redação que lubrifiquem o processo às vezes abrasivo da opinião pública. Um simples transmissor de informações não é capaz de fazer isso. (MEYER, 2007, p.245).

Diante das alterações causadas pelo intenso uso das plataformas digitais em tempo real nas práticas jornalísticas e suas rotinas de produção e recepção, essas mesmas tecnologias são encaradas como potencializadoras do jornalismo hiperlocal, cuja expansão acaba por se atrelar às práticas do jornalismo cidadão e cívico, em meio à complexidade e às desigualdades das comunidades urbanas (FERNANDES, LIMA, 2017).

²⁸ Caso paradigmático de corrupção, o Watergate foi o escândalo político que levou à renúncia do presidente norte-americano Richard Nixon, em 1974. As investigações publicadas pelo jornal *The Washington Post* exerceram papel protagonista no desenrolar de todo o caso – posteriormente premiado com o Pulitzer.

²⁹ W. Davis Buzz Merritt é citado por Philip Meyer (2007) com sua obra “Public Journalism and Public Life: Why Telling the News Is Not Enough” (Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1998).

O próprio Meyer (2007), contudo, alerta que o “bairrismo” da cobertura jornalística também encontra limitações geográficas, já que seria necessário um “mercado razoavelmente grande para permitir uma forte cobertura local” (MEYER, 2007, 145). Segundo o pesquisador, até o período levantado em sua obra, o localismo crescia vertiginosamente em condados/comunidades de até 300 ou 400 mil domicílios (MEYER, 2007).

Em relação às organizações noticiosas especializadas – com foco geográfico local ou em temas segmentados – Bruns (2011) defende que elas podem se sair melhor nestas áreas. “Em um nível ainda maior de particularidade, mesmo os jornalistas individuais com perícia única e vozes reconhecidas poderão se posicionar como organizações noticiosas de somente uma pessoa” (BRUNS, 2011, p.137). Para o autor, em um ambiente online, as notícias dos “provedores internacionais são tão fáceis de acessar quanto as notícias dos editores locais” (*ibidem*), sendo improvável para os veículos menores concorrer com os grandes conglomerados de mídia, tanto na profundidade quanto na amplitude das coberturas (BRUNS, 2011).

A pesquisadora Beatriz Dornelles levantou 115 jornais do Rio Grande do Sul que circulam na internet (alguns também impressos), com cidades sede entre 6 mil e 435 mil habitantes (DORNELLES, 2012). Entre as conclusões publicadas estão a constatação de que, em cidades de até 300 mil habitantes, a divulgação da agenda local de interesse da comunidade é prioridade. E a maioria que possui periodicidade diária (salvo exceções) repete “as mesmas práticas de produção da notícia dos grandes jornais. E copiam também os projetos gráficos dos mesmos” (DORNELLES, 2012, p.32).

Dornelles (2012) destaca ainda uma característica editorial recorrente nos jornais interioranos pesquisados: pouca quantidade de “matérias contendo críticas, denúncias ou cobrança do poder executivo local, comportamento que revela a falta de independência e autonomia desses jornais em nome da sobrevivência” (DORNELLES, 2012, p.33). Contudo, a maioria acaba “cobrando” de uma forma moderada ações pró-comunidade, com matérias de advertência ou registrando reivindicações da população:

Acreditamos que a prática jornalística responsável, comprometida com as necessidades sociais, de alguma forma representa a maioria dos jornais do interior que se apresentam na internet. (...) O que mais importa são as identidades, o vínculo e a inserção como parte de um processo comunitário mais amplo, ou seja, o compromisso com a realidade concreta de cada lugar. E se o objetivo do jornal for a prática do jornalismo comunitário, ele terá que ter por objetivo a mobilização social, o engajamento em lutas da comunidade, espaços para reflexão, além de outras características comunitárias. (DORNELLES, 2012, p.34)

A interligação entre modelos de negócios, cobertura direcionada aos anseios do leitor (de acordo com a essência do jornalismo cidadão) e as multiplataformas midiáticas do *webjornalismo* é apontada como um caminho possível para o futuro do jornalismo – um futuro que já começou. Jornais que não entendem essa complexidade de fatores e insistem em “modelos arcaicos acabam nadando contra a maré, e o resultado vem da pior forma possível: menos leitores, menos assinaturas, cortes de gastos, demissões em massa e, em último caso, a falência de um título outrora consagrado” (NUNES, 2014, p.84).

Um exemplo dessa transformação digital veio em 2021, quando a empresa Meta – que engloba redes sociais como o *Facebook* e o *WhatsApp* – passou a ofertar mentorias, treinamentos e fundos para auxiliar meios de comunicação digitais e *startups* do segmento (RENÓ, 2022). O programa conta com a parceria de entidades jornalísticas como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e “faz parte do investimento de US\$ 2,6 milhões da empresa para a imprensa brasileira” (RENÓ, 2022).

Ao se debruçar sobre as "escolhas do empreendimento jornalístico num ambiente de hiperconcorrência", Gandour (2020, p. 48) recorda a metáfora da padaria em busca de oferecer além de produtos gostosos também produtos saudáveis aos seus clientes, assumindo a escolha como missão social mesmo diante da queda no faturamento e encalhe de mercadorias (BOCZKOWSKI, MITCHELSTEIN, 2013). O velho dilema de se adequar a oferta à demanda é uma equação "absolutamente normal e tranquila em diversos ramos de atividade, mas particularmente sensível quando se trata da oferta de notícias, análises e opiniões" (GANDOUR, 2020, p.49). Ou seja:

A maior possibilidade de escolha proporcionada pelo ambiente digital (...) pode gerar um maior consumo de itens 'supérfluos', reduzindo substancialmente o acesso a informações indispensáveis para a vida pública e formação da cidadania (...) as histórias que atraem mais a atenção do público tendem a ser aquelas sobre esportes, crimes, entretenimento e clima. (...) A questão é: quando a escolha se concentra exclusivamente nas preferências pessoais, atitude comum nas redes sociais, perde-se o contato com a oferta mais ampla – e, nesse sentido, muito mais saudável. (GANDOUR, 2020, p. 50).

Ao voltarmos ao objeto de estudo desta pesquisa, a transição da *Gazeta do Povo* para o digital, observamos que ela é vista como estratégica (e não como recuo, ou sinal de fragilidade comercial) por autores como Sampaio (2019)³⁰. Ele defende que a crise dos jornais se daria pela falta de um modelo de negócio adequado, mais do que falta de audiência (DEL VECCHIO-LIMA et al, 2019). É o que se buscará compreender nos capítulos que se seguem.

³⁰ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/nova-economia/transformacao-digital-da-gazeta-do-povo-e-tema-de-livro-dc5430skbfbuvidzqk4aiciko/>. Acessado em 10/09/2021.

1.3 ALGUNS ASPECTOS SOBRE A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

Penso que o bom jornalismo é aquele que cumpre as finalidades. É a finalidade que faz o jornalismo ser jornalismo. A democracia depende da qualidade desse campo, pois o jornalismo seleciona o que é relevante, visibiliza ou oculta problemas sociais e indica os enquadramentos a partir dos quais o mundo deve ser interpretado (REGINATO, 2018, p.16).

Desde a elaboração do projeto inicial desta pesquisa, definimos como marco teórico essencial para a compreensão do objetivo pesquisado os chamados estudos construtivistas, relacionados tanto à Construção Social da Realidade (TUCHMAN, 1983; BERGER e LUCKMAN, 2004; REGINATO, 2018), quanto à Construção da Notícia (TRAQUINA, 2004; ALSINA, 2009), tendo como contribuições as obras de Bruns (2011), sobre os desafios para o jornalismo como atividade de “participação da massa”; as rotinas e limitações do fazer jornalístico, segundo Adghirni (2005; 2017); as reflexões sobre a visibilidade mediada na era digital (THOMPSON, 2018); e as obras de Silverstone (2002, 2005) e Sirelle (2016), sobre mediação e cumplicidade dos agentes da cultura midiática.

Segundo a concepção dos autores construtivistas, a produção de notícias seria uma das formas de um cenário mais amplo da Construção Social da Realidade, uma vez que a mídia e a prática jornalística apresentam “condições de criar ou gerar uma realidade social” (CASAGRANDE, 2017, p.12). Isso acontece pois “os jornalistas são, como todo o mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade, e, divulgando-a, a tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia” (ALSINA, 2009, p. 11). Além disso, a notícia, em si, já seria um método institucional para levar a informação até o público leitor/ consumidor:

Esse processo de recategorização e redefinição das diversas construções sociais da realidade promovida por diferentes grupos exige do processo jornalístico uma série de estratégias a serem adotadas pelo profissional e também pelos veículos de comunicação de massa. Tais estratégias passam a ser institucionalizadas e permitem que o jornalista selecione os acontecimentos o que, consequentemente, irá influenciar no processo de construção social da realidade. (CASAGRANDE, 2017, p. 13).

Nesse sentido, Gandour (2020, p. 10) salienta que o método no jornalismo parece ser seu principal fator estruturante. “É por força do método – por vezes decantado no hábito – que o jornalismo institui e elabora o seu modo singular de trabalhar”, e é desse método que resulta a narrativa jornalística com todas as suas particularidades que é fator preponderante na construção social da realidade.

Quando nos debruçamos sobre uma editoria jornalística umbilicalmente ligada às questões sociais e políticas como a de Educação, ficam ainda mais evidentes os pontos relacionados à construção da realidade, e suas formas de recepção. Afinal, a atividade humana produz todos os fenômenos sociais dentro de um arcabouço historicamente construído, sendo impossível isolar produção de notícias desse ambiente humano (BERGER, LUCKMAN, 2004). Dessa forma, a notícia é uma representação da realidade gerada institucionalmente e manifestada pela construção de um mundo possível (ALSINA, 2009).

Segundo a visão de Tuchman (1983), as notícias são associadas a instituições legitimadas pela sociedade, o que as levam a permanecer como registros para a posteridade em um processo historicamente constituído. Ao invocarem as normas sociais, os jornalistas profissionais também definiriam essas normas:

A notícia é localizada, coletada e disseminada por profissionais que atuam nas organizações (...), produto de informantes que atuam dentro de processos institucionais de acordo com práticas institucionais. Essas práticas incluem necessariamente a associação com instituições cujas notícias são rotineiramente relatadas. (...) (A notícia) não apenas define e redefine, constitui e reconstitui significados sociais; também define e redefine, constitui e reconstitui formas de fazer as coisas: os processos existentes nas instituições existentes. (TUCHMAN, 1983, p. 16 e p.210, traduzido pelo autor).

Ao localizar, qualificar e classificar os acontecimentos em uma dada realidade social, caberia aos meios de comunicação “e, conseqüentemente, aos jornalistas, determinarem quais são as realidades aceitáveis e quais não são” (ALSINA, 2009, p.72). O autor enfatiza ainda que esse processo não deve ser visto de maneira unilateral e igual, já que a notícia auxilia na construção da sociedade “como se fosse um fenômeno social compartilhado” (ALSINA, 2009, p.95). Ao descrever um fato como relevante, a notícia o define dessa forma. Esse processo de mediação engloba níveis variáveis de subjetividade, mas sem ele não seria possível alguns aspectos da própria Comunicação, nem as interfaces com vários outros campos, entre eles o da Educação, que aqui nos interessa:

O mundo é editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares, de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal, na cibercultura. (...) As instituições e pessoas desse trajeto selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; fazem a montagem do mundo que conhecemos. Na seleção que nos é apresentada teremos sempre a possibilidade de reconhecer nossa cultura. (...) Assim se configura o desafio mais importante para os estudiosos do campo comunicação/ educação: o mundo a que temos acesso é este, o editado. É nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. (BACCEGA, 2009, p.25).

Ao avançar nessa reflexão, com ênfase no processo de construção da notícia, Casagrande (2017, p.45) descreve que são as táticas institucionalizadas que permitem ao

jornalista “selecionar os acontecimentos, tornando-os noticiáveis e influenciando no processo de construção social da realidade”. Essas táticas e estratégias culminam ainda na apresentação da notícia (ALSINA, 2009), e na delimitação de seus principais elementos:

Para exemplificar é possível apontar o fato de que a fonte jornalística deve ser devidamente citada, as aspas devem ser utilizadas para denotar a afirmação de determinada pessoa, torna-se necessário utilizar e publicar os dados e documentos para comprovar o que está sendo redigido, isolar o espaço opinativo do informativo, entre outros. Todas essas técnicas adotadas e institucionalizadas pelos meios de comunicação de massa e pelos jornalistas são realizadas dentro de um processo rotineiro de produção. (CASAGRANDE, 2017, p.45).

Em relação às fontes, Traquina (2004) ressalta que sua conexão com os jornalistas faz das notícias uma ferramenta importante para transmitir interpretações de caráter oficial, quando são repassadas pelo governo e por autoridades estabelecidas. “O trabalho jornalístico é condicionado pelo fator tempo, então, podemos compreender por que as fontes estáveis, regulares, institucionais acabam por ser preferidas pelos membros da comunidade jornalística” (TRAQUINA, 2004, p.193). Por outro lado, as fontes especializadas trazem conhecimento técnico ou científico sobre dado assunto, permitindo uma informação qualificada e que pode servir de parâmetros para entender assuntos específicos ou permitir tomadas de decisões para os cidadãos em geral – basta ver os cientistas como fontes nas notícias de 2020 e 2021, consultados à exaustão pelas mídias jornalísticas para orientar sobre a prevenção contra o novo coronavírus ou sobre a vacinação.

Mas, as fontes em geral, as não especializadas, trazem além de informação sobre dada situação, sua interpretação do mundo, criando variados sentidos, e um conjunto de juízos de valor elaborados socialmente em dado contexto sócio-histórico e cultural, embora muitas vezes revelem o senso comum ou certa visão ingênua sobre os fatos.

A rotina de uma redação, seus repórteres e editores, depende essencialmente do chamado *deadline*, ou prazo final para entrega e publicação da notícia (CASAGRANDE, 2017). Ao mesmo tempo em que esse tempo hábil impede coberturas mais aprofundadas e contextualizadas dos noticiários de última hora (ou *breaking news*), o *deadline* também impõe um cotidiano de concorrência que é ainda mais insuflado pelo *webjornalismo* e as redes sociais (em especial o Twitter). A tecnologia avança, mas a lógica de uma produção industrial da notícia (ALSINA, 2009) permanece diante dessa realidade diária da profissão e da periodicidade das notícias.

Nesse sentido, conforme Adghirni (2005, p.47), o jornalista acaba por se tornar um profissional híbrido e versátil, que precisa atuar com destreza nas mídias ao mesmo tempo em que serve os “senhores do campo da comunicação”:

O jornalista herói está com os dias contados. A imagem romântica do jornalista já não existe. (...) O jornalista hoje é um burocrata da notícia sentado diante de um computador que lhe serve de fonte de informação, sala de redação, tela de texto. É provável que nem ele nem a sociedade acreditem mais na função social do jornalismo. (ADGHIRNI, 2005, p.47).

Marcondes Filho (2000) interpreta os dois campos como realidades dicotômicas: o jornalista recebe a notícia de forma gratuita no campo da *Comunicação*, mas a busca pela notícia lhe custa trabalho, esforço e dedicação, no campo da *Informação*. Essa visão também concebe o jornalismo como uma forma de fazer publicidade disfarçada, sob o ponto de vista da *Comunicação*; ao passo que no ponto de vista da *Informação*, a atividade jornalística teria a função de denúncia e investigação de escândalos e imoralidades públicas, além de cobrar justiça e apontar os problemas da sociedade (MARCONDES FILHO, 2000; ADGHIRNI, 2005).

Em tempos de alta visibilidade midiática, que coloca diariamente em xeque a capacidade de ocultar e revelar aspectos públicos da vida política, essa arena entre jornalistas, os fatos, suas fontes e a construção da realidade e da notícia que entregam ao público receptor se torna cada vez mais instável e imprevisível (THOMPSON, 2018). Afinal, se tornaram ameaças recorrentes o vazamento de informações e a divulgação de eventos que antes da revolução digital poderiam ser mais facilmente ocultados do público – o que amplia ainda mais a necessidade de se entender a visibilidade mediada na era digital (diante da fluidez entre a vida pública e privada) e a função dos pesquisadores e cientistas sociais em compreender este cenário (THOMPSON, 2018, p.43).

Essa enorme gama de grupos e atores sociais envolvidos tanto na difusão de conteúdos que se tornam noticiosos, quanto no consumo desenfreado de notícias nas redes sociais (BRUNS, 2011), acaba por incluir os jornalistas profissionais nesse “rol de informadores” da *web*. Para que seus conteúdos não sejam ignorados pela audiência, é necessário “trabalhar mais duro para mostrar o valor agregado que fornecem para os usuários das notícias, através dos seus esforços de investigação profissional, curadoria e comentários” (BRUNS, 2011, p.137).

O pesquisador entende o jornalismo do século 21 como “uma atividade com participação da massa” (BRUNS, 2011, p.138), pois nos encontramos em uma esfera midiática com abundância de informações e canais, tirando dos veículos tradicionais (jornais impressos, revistas, emissoras de rádios e televisões) a exclusividade – e até mesmo a importância – dos “espaços para a discussão pública das notícias e dos eventos atuais” (BRUNS, 2011, p.137).

Nesse contexto, Reginato (2018, p.15) elenca quais seriam doze finalidades do jornalismo por ela elencadas com base em uma reflexão teórica e da análise dos relatos de jornalistas e leitores de três dos principais jornais em circulação no Brasil³¹: a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; e l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

A proposta da autora “não supõe que todas as finalidades do jornalismo devam ser cumpridas na mesma pauta, mas sim que o jornalismo precisa buscar alcançar essas finalidades para continuar sendo jornalismo” (REGINATO, 2018, p.15). Nesse sentido, a pesquisadora entende que o jornalismo requer reciprocidade nas relações entre veículos e leitores, mesmo que de maneira assimétrica, e que os aspectos tecnológicos estariam relacionados ao papel social desempenhado pelas notícias (REGINATO, 2018):

Também penso que, apesar das transformações resultantes da tecnologia, existem valores inegociáveis e fundamentais para discutirmos as finalidades que o jornalismo deve cumprir para demarcar sua distinção em relação a outros gêneros – como o publicitário, o científico ou o literário – e reiterar os vínculos com o público a partir do contrato de comunicação. (REGINATO, 2018, p.4).

Antes de avançarmos, é preciso enfatizar as implicações éticas da mediação jornalística, dependente das tecnologias de comunicação para prover os recursos simbólicos que dão sentido à vida cotidiana (SILVERSTONE, 2005; SERELLE, 2016). Em que se pese que as últimas publicações de Silverstone sobre a temática tenham mais de 15 anos (o autor faleceu em 2006), é notória a previsão de que, no século XXI, a geração de tecnologias midiáticas e a comunicação em rede implicariam o conceito de mediação que se tornaria central e múltiplo (SILVERSTONE, 2005) “para a apreensão de uma economia midiática fundamentada na promessa de interatividade” (SERELLE, 2016, p.89).

O estabelecimento de uma relação crítica com a mídia deve passar, necessariamente, pelo desafio da mediação, que constitui a comunicação dos meios e que falha no reconhecimento da alteridade e da diversidade. Essa prática se inicia, contudo, pela reflexão como nós, na condição de sujeitos representados e audiências, engajamos com os gêneros e textos midiáticos e fazemos usos deles no cotidiano, principalmente no que diz respeito à nossa conduta em relação ao outro. (SERELLE, 2016, p.89)

³¹ Por meio da Análise de Discurso, a pesquisadora estudou a percepção dos principais sujeitos no “contrato de comunicação jornalístico” (veículos, jornalistas e leitores), analisando relatos de 85 jornalistas e 250 leitores dos jornais *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo* (REGINATO, 2018).

Serelle (2016) destaca ainda que os desafios propostos pelo século XXI envolvem a disseminação das tecnologias das redes digitais, bem como as interligações entre os meios de massa, mídias segmentadas e sociais. Esse “enredamento do midiático no cotidiano” (SERELLE, 2016, p.84) se tornou peça fundamental para o modo como as pessoas administram suas vidas. Ao reconhecerem e aceitarem que estão implicadas em um projeto que gera conhecimento e informação de maneira muitas vezes discutível, as partes envolvidas na cumplicidade da cultura midiática são entendidas por Silverstone (2002b) e definidas por Serelle (2016, p.87) como três: “os sujeitos representados, os produtores e as audiências.”

Os sujeitos são cúmplices quando jogam de acordo com as regras, quando aceitam as limitações do gênero, quando falham em reconhecer a impossibilidade e a parcialidade da representação. Os produtores são cúmplices da mesma forma quando falham em refletir sobre as limitações de suas práticas e falham em comunicá-las tanto aos sujeitos como a suas audiências. As audiências são cúmplices na medida em que aceitam acriticamente as reivindicações representativas da mídia e na medida em que o sabido reconhecimento de suas limitações permanece implícito. (SILVERSTONE, 2002b, p. 775)

Como contribuição a esta discussão teórica sobre a produção da notícia, podemos ressaltar alguns pontos advindos das entrevistas realizadas pela pesquisa. É o caso da editora E2, que editou assuntos da Educação na *Gazeta do Povo* em parte do período levantado. Sobre a rotina de definição de pautas, ela conta que:

Procuramos cobrir políticas públicas, voltadas à qualidade na educação. Fazíamos uma reunião semanal e pequenos encontros diários para confirmar as pautas e sua abordagem. Em geral, privilegiamos ações concretas a brigas declaratórias de atores políticos. O critério principal é ser notícia, ter interesse público. As pautas são debatidas em reuniões, em que todos podiam opinar. Como os temas em educação são extensos e não temos braços suficientes para tudo, chegamos sempre a um consenso sobre o que tem mais importância. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Já o entrevistado E1, que comandou a editoria de Educação após E2, ressaltou que os superiores hierárquicos da época (Ewandro Schenkel, coordenador de redação, e Leonardo Mendes Junior, diretor de redação), além do *publisher* Guilherme Cunha Pereira, costumavam enviar sugestões, mas a equipe de Educação “tinha bastante autonomia para decidir”:

A rotina era sempre a mesma, todo dia tinha uma reunião de pauta cedo por vídeo conferência, por volta das 8h, era uma reunião pra *home* do site com todos os editores do jornal. E a gente tinha uma reunião informal minha e do repórter R1, já que era somente nós dois fixos, e tínhamos verba para contratar *freelancers*. Eles mandavam sugestões também, mas não participavam das reuniões de pauta. (Entrevista ao autor, março de 2022).

O relato sobre a rotina e as sugestões da chefia é confirmado pelo repórter R1:

Em termos de dia a dia, a gente tinha a mesma relevância em sugerir as pautas. Não tinha esse tipo de distinção. Vinham sugestões de cima também, do Leonardo (Mendes Junior) ou do Guilherme (Cunha Pereira). Mas se a gente não quisesse fazer, não tinha pressão. Nunca teve. O critério era nosso. Eu não acredito em nada daquilo. Mas se achasse muito absurdo, não fazia. Mas não adianta defender pautas que o dono do jornal não acredita. O Guilherme nunca reclamou de nada, só dava ideias de pautas como todo chefe dá, algumas boas, outras não. Tinha problemas em outras editorias com colegas que não entendiam essa dinâmica. Mas acredito que o combinado não sai caro. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Em face desse complexo – e desafiador – panorama que permeia o jornalismo no início do século XXI, em suas multiplataformas e possibilidades de construir realidades por meio das notícias, bem como nas formas de se relacionar com a sociedade, com o poder público e com todos os seus possíveis públicos-alvo, em nichos ou *bolhas* específicas, passaremos ao embasamento teórico sobre a relação entre Comunicação e Educação, com base em estudos de autores latino-americanos, que inserem nesta relação a mediação tecnológica, até chegar aos marcadores históricos da cobertura noticiosa da editoria de Educação na mídia paranaense – em especial no jornal estudado.

2 JORNALISMO E EDUCAÇÃO: A COBERTURA NOTICIOSA NA ÁREA

A comunicação e a educação são ao mesmo tempo processos sociais e campos de batalha cultural. Nesta perspectiva, os aspectos históricos de conexão se expressam como espelhos do desenvolvimento da educação e da comunicação. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.66).

A interface entre os campos da Comunicação e da Educação, sob o ponto de vista conceitual de integração entre os dispositivos técnicos, tem uma tendência de ocorrer de forma bastante desigual (BEVORT, BELLONI, 2009). Enquanto os processos comunicacionais se dão de maneira rápida, em que os agentes das “mídias” se apropriam “imediatamente das novas tecnologias e as utilizam numa lógica de mercado” (*Idem*, p.04), os processos educacionais tendem a uma maior lentidão com desigualdade de acesso, “cujas características estruturais e institucionais dificultam mudanças e inovações pedagógicas e organizacionais” (BEVORT, BELLONI, 2009, p.04).

As pesquisadoras ressaltam ainda que essa desigualdade estrutural de acesso e apropriação das novas tecnologias e plataformas decorre tanto pelas diferenças entre as classes sociais, quanto pelas regiões do planeta (BEVORT, BELLONI, 2009). A inclusão digital, sob essa perspectiva, engloba ainda a chamada “mídia-educação”, conceito definido na década de 1970 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)³². Em uma concepção mais atual, o conceito pode ser entendido como a:

(...) apropriação dos modos de operar estas "máquinas maravilhosas" que abrem as portas do mundo encantado da rede mundial de computadores, possibilitando a todos se tornarem produtores de mensagens midiáticas; e, de outro, às dimensões de objeto de estudo, antiga "leitura crítica" de mensagens agora ampliada, e de ferramenta pedagógica, que diz respeito a seu uso em situações de aprendizagem, isto é, à integração aos processos educacionais. (BEVORT, BELLONI, 2009, p.18).

Um dos avanços mais importantes trazidos pela chamada Agenda de Paris – conferência internacional realizada em 2007, em comemoração aos 25 anos da Declaração de Grünwald³³ – talvez seja a “afirmação da mídia-educação como um direito fundamental da humanidade, que reafirma, legitima e estende aos adultos os direitos à liberdade de expressão,

³² Por mídia-educação entende-se o “estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem em outros campos do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia” (UNESCO, 1984).

³³ Em janeiro de 1982, a Unesco reuniu em Grünwald (na então Alemanha Ocidental) representantes de 19 países que adotaram uma “Declaração comum sobre a importância das mídias e a obrigação dos sistemas educacionais de ajudarem os cidadãos a melhor compreenderem estes fenômenos” (BEVORT, BELLONI, 2009, p.17).

ao acesso à informação e à participação na vida cultural e nas decisões” (BEVORT, BELLONI, 2009, p.15), direitos que estavam presentes na Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, de 1989:

A Agenda de Paris reafirma, com muita ênfase, a necessidade da mídia-educação face à onipresença das mídias na vida social, principalmente na vida dos jovens, como elementos importantes da cultura contemporânea, como meios potenciais de participação ativa do cidadão e como ferramentas de expressão da criatividade pessoal. Ressalta também a importância cada vez maior da mídia-educação para lutar contra as desigualdades (sociais e regionais) de acesso às diferentes mídias e para a formação das competências necessárias ao domínio técnico e à compreensão crítica, não apenas das mensagens das mídias, como das forças político-econômicas que as estruturam. Competências estas indispensáveis para o exercício pleno da cidadania, ou seja, para estimular a participação ativa dos jovens baseada na valorização das diversidades culturais e identitárias. (BEVORT, BELLONI, 2009, p.19).

Baseada em leituras de Belloni (2001) e Fantin (2006), Beatriz Pozzobon Araújo (2019) aponta que a mídia educação se estabelece em uma vertente na qual “as próprias mídias são estudadas por meio de leitura crítica e ideológica, com objetivo de ensinar a compreender, interpretar e avaliar os conteúdos publicados nos veículos de comunicação” (ARAÚJO, 2019, p.61); mas, que se observa ainda a prática de uma perspectiva produtivista, que objetiva que “os próprios participantes do processo sejam capazes de produzir e se expressar por meio de novos canais de comunicação, como em programas de rádios e jornais escolares, valorizando a autonomia de pensamento, a criticidade e a cidadania” (*Idem*, p.61).

A autora acrescenta que a Unesco “reconhece a escola como lugar ideal para fomento da mídia-educação”, mas que seria ilusão “pensar que a grande mídia irá se adaptar aos objetivos da escola, assim como é ilusório acreditar que as famílias, especialmente as mais pobres, tenham condições de educar seus filhos e conscientizá-los sobre as mídias” (ARAÚJO, 2019, p.61). Entretanto, a autora concorda com Rivoltella (*apud* FANTIN, 2006), que a atuação da mídia educação “pode se dar em diversas instâncias formativas extraescolares, instituições ou associações sem fins lucrativos e instituições comerciais” (ARAÚJO, 2019, p.61).

2.1 MÍDIA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Ao avançar nesse percurso, é preciso nos debruçarmos sobre as mediações com que a mensagem propagada pelos meios de comunicação é entregue aos destinatários – entendidos aqui no interior do campo de Comunicação, Educação e Tecnologia, especialmente com base nas obras de Jesús Martín-Barbero (2014) e Guillermo Orozco Gómez (2009). Nesse sentido, o receptor é capaz de formar seus discursos, emissões e construir os sentidos das mensagens que recebe (OROZCO GÓMEZ, 2009). Essa possibilidade “se constrói na família, na igreja, na comunidade, mas em grande instância na escola. Trata-se da comunicação, diferente do paradigma da agulha hipodérmica, na veia das mediações múltiplas” (PAULA, 2015, p.63).

Em um panorama de estudos latinos, a comunicação e a educação são processos sociais e campos de batalha cultural, ao mesmo tempo (MARTÍN-BARBERO, 2014). Nesta perspectiva, “os aspectos históricos de conexão se expressam como espelhos do desenvolvimento da educação e da comunicação” (PAULA, 2015, p.66). Ou seja, justamente pelo fato de que a mensagem propagada pelas mídias não é entregue ao público (destinatário) da mesma forma com que foi produzida/enviada, são as mediações que acabam por influenciar a recepção das mensagens, especialmente na produção de sentidos pelos receptores, de maneira ativa (MARTÍN-BARBERO, 2014; PAULA, 2015).

Como consequência desse processo, Martín-Barbero (2014) reforça que, mesmo diante da massificação, é “preciso pensar a comunicação a partir da cultura [...] e isso significa compreender as múltiplas formas da cumplicidade” entre o dominador e o dominado. Everton Renaud de Paula (2015, p.63) vai além nessa reflexão, ao pontuar de forma mais radical que “defender a possibilidade autônoma e capaz das pessoas de decidir democraticamente os rumos de um país é incompatível com o discurso de manipulação alienante por parte exclusiva dos meios de comunicação”.

E de que forma os comunicadores podem auxiliar nesse processo? Segundo Orozco Gómez (2009), o papel desses profissionais seria múltiplo ao se vincular adequadamente às novas tecnologias nos processos com potencial de serem voltados para publicações vinculadas a instâncias diversas da educação. Assim, os comunicadores estariam “encarregados do projeto das estratégias de produção dos materiais comunicativos, bases de dados, formatos audiovisuais e redes para a intercomunicação” (OROZCO-GÓMEZ, 2009, p.68). Com isso, segundo o autor, tomariam conta das características de comunicação dos usuários-educandos em potencial:

Uma produção comunicativa a partir das características dos sujeitos, não dos conteúdos nem dos meios, é um dos desafios principais para os comunicadores do século XXI. Do mesmo modo, os comunicadores profissionais seriam os especialistas no desenho das lógicas midiáticas para vincular diversos conhecimentos e informações, por uma parte e por outra, para vincular os educandos-usuários com essa informação. (OROZCO GÓMEZ 2009, p.68)

Ainda sobre o panorama da América Latina, em especial da realidade brasileira, há que se ressaltar a visão propagada pelo educador Paulo Freire (1995) sobre a educação popular, principalmente a de que seus princípios estariam “associados à mudança da realidade repressora, ao reconhecimento e à valorização do sujeito como um indivíduo inserido na coletividade, concebendo a prática da educação popular e a reflexão sobre ela como elementos básicos para a transformação social” (PEREIRA, 2009, p.41).

Segundo destaca Ribeiro (2013, p.78), a obra e as ideias de Freire tiveram grande impacto sobre as teorias da comunicação, “inspiraram os movimentos de comunicação dialógica e participativa e de leitura crítica na década de 1970, quebrando a lógica ‘emissor que fala e receptor que recebe passivamente’”. Além disso, estimularam “a dimensão política da comunicação, em que o oprimido tem o direito de pronunciar a sua voz. Trabalharam com as dimensões crítica, libertadora, participativa, horizontal e dialógica da comunicação” (*Idem*, 2013).

Em sua obra clássica “Educação como prática da liberdade”, Freire (2011) define que o diálogo se realiza entre pessoas que trocam experiências quando se encontram. Porém, existem diálogos que não se concretizam “porque alguma das partes – comunicadores (...) ou até o próprio público – ouve mal ou não está, de fato, disposta a ouvir” (BORGES, 2009, p.8). Existem também os “retratos” produzidos pela mídia, como o diálogo estabelecido entre a televisão, o rádio, o jornal, a internet, a fotografia e seu público-espectador, que não se dá necessariamente em um mesmo intervalo de tempo e local, “mas não deixa de ser diálogo à medida que produz um sentido que tem, no tempo e no espaço do público-espectador, uma resposta negociada” (BORGES, 2009, p.8)

Quando Freire explicita seu método, credita à interpretação cotidiana da cultura e da história o processo de tomada de consciência. Quando aproximamos Freire (2000), Martín-Barbero (2008) e Canclini (2008) optamos por considerar que a consciência crítica dos processos sociais pode vir da escola e também da mídia, uma enquanto espaço de práticas sociais e outra enquanto produto cultural. (BORGES, 2009, p.11).

Segundo a pesquisadora, reside na interface entre Comunicação e Educação uma “possibilidade de apropriação de técnicas e linguagens que levem, em suas relações dialógicas e também conflitivas dentro do espaço da sala de aula, professores e alunos a falarem de si,

dos outros e do que os cerca” (BORGES, 2009, p.11). O pressuposto é o de que “falar é enxergar, enxergar é ler e ler é conquistar” (*Idem*, 2009), e não uma suposta “salvação das consciências ou a garantia de que a transição da ingenuidade para a criticidade ocorrerá” (*Idem*, 2009).

Interessante ressaltar que Paulo Freire (2011) já fazia um alerta décadas antes de o conceito de pós-verdade ganhar notoriedade, segundo Bredarioli (2019): o alerta de que seria fundamental para os seres humanos criar “um modo de enfrentar a potencialidade mitificante da tecnologia, que se faz necessária à recriação da sociedade”, já que nas “sociedades massificadas, os indivíduos ‘pensam’ e agem de acordo com as prescrições que recebem diariamente dos meios de comunicação” (FREIRE, 2011, ebook 1620-1625):

A tecnologia deixa de ser percebida como uma das grandes expressões da criatividade humana e passa a ser tomada como uma espécie de nova divindade a que se cultua. A eficiência deixa de ser identificada com a capacidade que têm os seres humanos de pensar, de imaginar, de arriscarem-se na atividade criadora para reduzir-se ao mero cumprimento, preciso e pontual, das ordens que vêm de cima. (FREIRE, 2011, ebook 1647-1649).

Até aqui, apontamos, de forma muito breve, aspectos gerais, sobre o binômio Mídia e Educação. Mas, para nos aproximarmos do nosso objeto de estudo, que é jornalístico, passamos a abordar as principais características sobre a cobertura do jornalismo de Educação no Brasil, com ênfase nos grandes jornais e estudos acadêmicos sobre o campo, bem como no perfil dos profissionais que trabalham na área, até chegar aos principais marcos sobre a cobertura da área de Educação no jornal deste estudo, a *Gazeta do Povo*.

2.2 JORNALISMO DE EDUCAÇÃO NO BRASIL

Se comparada a editorias e cadernos como Política, Economia e até Esportes, presentes em periódicos e jornais praticamente desde seu surgimento (guardadas as devidas diferenças editoriais, com o passar das décadas e séculos), a editoria de Educação é relativamente recente na imprensa ocidental, de um modo geral. Sua emergência estaria ligada ao processo de maior segmentação dos jornais a partir da década de 1960, com o início das publicações *soft news* – ou mesmo notícias “frias” – como nos campos da Saúde e Meio Ambiente (RATIER, 2015). Segundo Forestier (2015), que estudou o contexto da mídia francesa, antes desse “nascimento tímido” da editoria/caderno de Educação nos anos 1960:

(...) a área se caracterizava pela publicação das declarações oficiais das autoridades institucionais (*journalisme d'enregistrement*) e por comentários de intelectuais da academia ou professores, situação em que a educação – então confinada à rubrica “atualidades universitárias”, voltada para o ensino superior – “não era ainda um objeto midiático por inteiro”. (...) A fragilidade dos contatos com o terreno (os estabelecimentos escolares só se abrem – parcialmente – aos jornalistas no final dos anos 1970) e a concentração de fontes (particularmente no Ministério [da Educação]) condenam esses profissionais a se apoiar sobre sua própria experiência. (FORESTIER, 2015, p.5, IN RATIER, 2015, p.40).

Ainda de acordo com Ratier (2015), a historiografia do jornalismo brasileiro em Educação traz muitas lacunas, mas autores como Bontempi Jr. (2006) apontam o tema presente em jornais importantes já na primeira metade do século 20. Ao analisar as colunas de Ramos de Carvalho entre 1946 e 1957, em *O Estado de S. Paulo*, o pesquisador considera que a educação ocupava um “espaço considerável em órgãos de imprensa” do quilate do *Estadão* (BONTEMPI JR., 2006, p.124).

Por sua vez, o Paraná também testemunhou no final dos anos 1940 o que poderia ser considerado o “embrião” das campanhas cívicas encabeçadas pelo *publisher* Francisco da Cunha Pereira Filho, que marcariam a história da *Gazeta do Povo*, em especial voltadas à Educação. Conforme relato de Fernandes e Santos (2010):

Na segunda metade da década de 1940, Cunha Pereira era estudante de Direito na UFPR, quando iniciou um movimento para que mais escolas públicas fossem abertas, atendendo a população de baixa renda. Também sugeria que as instituições já existentes abrissem suas portas para o ensino noturno. (...) nasceu a Campanha Nacional de Educandários da Comunidade, (...) a mãe de todas as campanhas nascidas de suas mãos. Juntas, somam 60 anos de vida pública – uma proeza para constar nos anais da República. (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.178).

Contudo, foi mesmo nos anos 1960 e 1970 que a Educação como segmentação editorial ganhou força e espaço nos jornais, inclusive destinando quadros de repórteres e editores especializados para sua cobertura (RATIER, 2015). Mas essa “jornada” não deixou de ser tumultuada e inconstante, com as notícias vinculadas à Educação comumente estando associadas aos cadernos de Cidades e Cotidiano (PEREIRA, 2009). Segundo a autora, além de serem escassas as informações sobre o dia a dia nas escolas públicas e privadas, os jornais pecavam “pela falta de profundidade, de investigação e de apuração jornalística, o que compromete, sobretudo, o interesse e o impacto que esse assunto poderia suscitar na sociedade do ponto de vista da reflexão crítica e da capacidade de mobilização” (PEREIRA, 2009, p. 49).

Um bom exemplo sobre as notícias de Educação em um grande jornal vem de Crippa (2007), que comparou a cobertura da editoria pela *Folha de S. Paulo* nos anos de 1973 – quando o caderno foi criado – e de 2002. Segundo o autor, a editoria de Educação chegou a

ter cinco páginas exclusivas em determinados períodos, até ser reduzida e terminar por ser incorporada (de volta) ao caderno “Cotidiano”, no início dos anos 1990 (CRIPA, 2007):

Duas outras tentativas de cadernos dedicados especificamente a temas educacionais, o Sinapse (início dos anos 2000) e o Saber (virada dos anos 2000 para 2010) também seguiram a mesma trajetória de emagrecimento de páginas, incorporação a outro caderno e posterior desaparecimento. (...) Do depoimento do *publisher* Otávio Frias Filho, Cripa (2007) destaca a não intencionalidade da perda de relevância. Na opinião de Frias Filho, as notícias de educação diminuíram com a concorrência de outras áreas que ganharam cadernos e coberturas específicas. É interessante notar, ainda, o argumento da “falta de trepidação do assunto”, “pecado” que inviabiliza uma cobertura maior. (RATIER, 2015, p.41).

Ainda em sua dissertação, Cripa (2017, p.128) conclui que a *Folha* chegou a ter uma cobertura de Educação modelar, mas que “foi definhando com o passar dos anos, principalmente durante a década de 1980, e acabou por completo no início dos anos de 1990”. Segundo o pesquisador, entre as razões apontadas para esse destino editorial, estariam a crise econômica, “que contribuiu para reduzir o quadro de profissionais da *Folha*, e a própria diminuição física do jornal, que restringiu o espaço editorial entre 25 e 30%, conforme admitiu Frias Filho, diretor de redação da publicação” (CRIPA, 2017, p.128).

Para Pereira (2009), essa inconstância na cobertura de Educação em grandes jornais como a *Folha de S. Paulo* acaba gerando um “círculo vicioso difícil de ser rompido” (PEREIRA, 2009, p.70), reforçando ainda que pautas de interesse sobre a situação da escola pública e do ensino básico entre as camadas mais socialmente vulneráveis da população não gerariam interesse para o “perfil de leitor que compra ou assina (...) qualquer jornal de grande prestígio e grande circulação no Brasil” (PEREIRA, 2009, p.70).

É preciso ainda mencionar duas publicações especializadas que surgiram a partir dos anos 1970: a revista *Escola*³⁴ – primeira publicação do gênero tida como jornalística sobre a área, publicada pela Editora Abril entre 1971 e 1974 – e a revista *Educação*, que surgiu em 1997, “como publicação do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo (Sieeesp), entidade representante da rede privada da qual se desliga em 2003, migrando para a editora Segmento.” (RATIER, 2015, p.42).

Gilberto Dimenstein (1956-2020), jornalista que atuou por quase 30 anos na *Folha de S.Paulo* e fundou o portal *Catraca Livre*, deixou como legado a integração entre Jornalismo e Educação, ao trazer à mídia debates e lutas por uma cidadania mais efetiva, com ações

³⁴ A revista *Escola* tinha como público os professores do então Primeiro Grau, nível de ensino criado no período pela Ditadura Militar, com a Lei 5692/71. Segundo Ratier (2015, p.42), “a adesão ao regime era bastante explícita”, sendo a revista apresentada como “entusiasticamente a serviço” da reforma de ensino vigente naqueles anos.

reconhecidas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela Unesco (FOFONCA, 2018). Sua atuação profissional não se limitou às pautas pela cidadania e direitos humanos: por meio de organizações não governamentais (ONGs), Dimenstein trouxe plataformas digitais midiáticas “ao serviço de ações socialmente inclusivas, democraticamente sustentáveis e economicamente viáveis” (FOFONCA, 2018, p.312).

Antes de avançarmos sobre o perfil dos jornalistas que cobrem Educação no país, vale ressaltar que boa parte das pautas de Educação, em especial sobre os rankings e sistemas de avaliação nacionais, ganhou força a partir da consolidação da Constituição de 1988, que prevê a necessidade de o Estado garantir o ensino fundamental obrigatório, gratuito e de qualidade para todos os cidadãos (DA PAZ, 2009).

Para assegurar o padrão de qualidade do ensino fundamental, a Carta Magna define que essa mensuração pode ser feita por meio de “sistemas de avaliação externos criados em regime de colaboração com os Estados e municípios, reafirmando a importância da avaliação em todos os seus segmentos para a reorganização do trabalho pedagógico eficaz” (DA PAZ, 2009, p.03).

A partir do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), o sistema nacional de avaliação foi fortalecido com a regulamentação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (atual Fundeb), além da “criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a municipalização do ensino e o forte apelo da racionalidade técnica para equacionar os problemas educacionais” (DA PAZ, 2009, p.04).

Nesse movimento, foram criados o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)³⁵, em 1990; o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 1998; e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc), em 2005, com o desmembramento do Saeb.

Para melhorar a radiografia do ensino público brasileiro por unidade escolar, o Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) aperfeiçoou o SAEB, incluindo a Prova Brasil, criada em 2005 (...). Com a Prova Brasil, o sistema de avaliação da educação básica passa a ser um dos mais avançados da América Latina, pois oferece informações mais precisas sobre a qualidade de educação por escolas brasileiras. A Prova Brasil e o SAEB são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo INEP/MEC. (DA PAZ, 2009, p.04)

Nos últimos anos, com os governos Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), foram formuladas novas políticas educacionais, dentro da tendência iniciada no governo anterior, como a continuidade e a expansão dos “mecanismos de

³⁵ Realizado desde 1990, o Saeb passou por várias estruturações até chegar ao formato atual. A partir de 2019, a avaliação contempla também a educação infantil, ao lado dos ensinos fundamental e médio. Disponível em www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb. Acessado em 05/04/2022.

avaliação externa inserida no contexto de criação do Fundeb e do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)” (DA PAZ, 2009, p.4). Em 2007, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) estimulou os ministérios a apresentarem ações que se enquadrassem no programa. Foi quando o MEC lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Ainda nesse contexto, em 2007, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi desenvolvido pelo Inep para avaliar os sistemas de ensino dos estados e municípios, possibilitando uma compreensão da qualidade do ensino oferecido em cada escola. O Ideb combina dois dos fatores que mais interferem na qualidade da educação: os indicadores de fluxo (taxas de aprovação, reprovação e evasão), medidos pelo Censo Escolar; e os indicadores de desempenho, a partir do Saeb e da Prova Brasil, realizados a cada dois anos ao final do 5º e 9º anos do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio (DA PAZ, 2009).

Dentro do decênio iniciado em 2014, está em voga no Brasil até 2024 o Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 13.005/2014, que definiu dez diretrizes para guiar a educação brasileira e estabeleceu 20 metas a serem cumpridas³⁶.

Já em relação ao ensino superior, é importante mencionar as políticas públicas de expansão do acesso aos cursos de graduação, em especial o Programa de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade para Todos (Prouni), criados em 1999 e 2005 (MIRANDA, AZEVEDO, 2020), que geraram (e geram) elogios e ponderações até hoje:

Os programas analisados apontam que a expansão ocorrida (...) concorreu para o processo de democratização da educação superior, todavia não se pode deixar de fazer a crítica ao modo como essa expansão ocorreu, ou seja, às custas do fundo público e em favor da expansão do setor privado-mercantil e da transnacionalização da educação superior. Portanto, para os atores sociais que defendem a educação superior pública, continua o desafio de rever criticamente as políticas públicas e os paradigmas políticos, econômicos e ideológicos que as sustentam, haja vista que a educação superior ainda permanece como um bem distribuído a uma pequena parcela da população brasileira. (MIRANDA, AZEVEDO, 2020, p. 15).

Não podemos deixar de mencionar os desdobramentos – até hoje – da Lei n. 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, política de ação afirmativa que busca minimizar a histórica discrepância social no acesso à universidade pública entre estudantes da escola pública, negros, pardos e indígenas. Uma pesquisa publicada em 2019 pelos pesquisadores Adriano Senkevics e Ursula Mello, a partir de análise exploratória dos ingressantes dos cursos presenciais de graduação das instituições federais de educação superior – com base no cruzamento de dados do Censo da Educação Superior (2012-2016) e do Enem (2011-2015) –

³⁶ Essa mesma lei reitera o princípio de cooperação federativa da política educacional, já presente na Constituição e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (...) e que “caberá aos gestores federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal a adoção das medidas governamentais necessárias ao alcance das metas previstas neste PNE”. Disponível em <https://pne.mec.gov.br/>. Acessado em 05/04/2022.

revelou que “a Lei de Cotas tem apresentado resultados inclusivos sobre a maioria das instituições no Brasil (com efeitos contraditórios em algumas), em especial entre os ingressantes provenientes da rede pública e os autodeclarados pretos, pardos e indígenas” (SENKEVICS, MELLO, 2019, p.184).

Contudo, o levantamento não pretendeu isolar o efeito da reserva de vagas de outras “políticas que possam ter contribuído para a alteração do perfil discente das instituições, a exemplo da adoção gradual do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), de transformações no perfil dos egressos do ensino médio e de medidas para a ampliação do acesso implantadas desde a última década” (SENKEVICS, MELLO, 2019, p.205).

Diante desse panorama aqui resumido, que pautou boa parte da cobertura de jornalismo em Educação pelo país nos últimos 25 anos, fica ainda uma reflexão sobre os sistemas de avaliação e seu lado prático na rotina das escolas, professores, pais e alunos:

O grande problema do Saeb é que os seus resultados não chegam à escola e nem aos professores, não gerando, por conseguinte, qualquer impacto no sistema de ensino. Podem dar margem a pesquisas, muitas de grande sofisticação estatística, e importantes do ponto de vista científico, cujos resultados não se traduzem em ações pelos professores. (VIANNA, 2002, p.136)

Em entrevista à pesquisa, o repórter R3 (que trabalhou como *freelancer* sazonal na *Gazeta do Povo* entre 2017 e 2019) comparou a cobertura de Educação feita pelo jornal e pelo portal R7, do Grupo Record, em que R3 atuou por um ano (2012-2013):

No período em que estive na *Gazeta do Povo*, a linha editorial de Educação era bastante enviesada, na tentativa de sustentar a ideia da “Escola Sem Partido³⁷”, de procurar elementos que justificassem a tal paranoia da doutrinação marxista etc. A cobertura já vinha bem direcionada. No R7, a gente tinha uma equipe pequena e usava muito conteúdo de agências sobre pautas de dia a dia e do MEC, como a Agência Brasil. Então a gente tentava inventar assuntos que rendessem, coisas diferentes, contar histórias de personagens legais que a educação teve um papel transformador na vida dele e etc. Tentava sair dessas pautas de agenda, para ter um diferencial, já que o R7 não era acessado por leitores que buscavam, necessariamente, pautas sobre Educação. E as matérias de *breaking news*, até pela equipe ser pequena, a gente sempre tendia a ficar para trás, perder os furos. (Entrevista ao autor, abril de 2022).

Por sua vez, o editor E1 (que além da *Gazeta* já atuou na revista *Veja* e na rádio CBN, ambas em Brasília) considera a cobertura de Educação no Brasil “em todos os jornais, muito burocrática”:

³⁷ Movimento fundado por Miguel Nagib em 2004, o Escola Sem Partido se define como “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”. Nagib se desvinculou do movimento em 2020. Disponível em www.escolasespartido.org/quem-somos/. Acessado em 10/05/2022.

Por exemplo, a *Folha* tem repórter cobrindo o MEC, o *Estadão* e *O Globo* também. Então quando o MEC emite uma portaria mudando um repasse de recursos, todos publicam. Também existem as pautas vindas de ONGs (como o Todos Pela Educação), que tem poder de fôlego e financeiro, são pautas importantes, mas relacionadas aos métodos de ensino e não tanto ao que era ensinado em sala de aula. A gente entendia que deveria priorizar a forma como o conteúdo era exposto. Nosso princípio era não focar apenas na parte física do dinheiro da Educação, dos recursos, uma escola a mais aqui ou ali, mas sim do que era ensinado. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Além disso, segundo E1, as pautas de rankings de Educação na *Gazeta do Povo* surgiam devido ao acompanhamento frequente dos meios de divulgação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

Vinham os relatórios, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), com um resumo de cada país para tirar conclusões das métricas cruas. Lembro que, na época, o Brasil gastava muito mais com educação por aluno do que países com resultados muito melhores, ou então havia mal uso ou dinheiro está indo para outros lugares, então a gente tentava explorar qual eram os problemas. Acompanhando de perto as organizações. (Entrevista ao autor, março de 2022).

E como essa cobertura é percebida pelas entidades sindicais de Educação? Na entrevista com S1, representante da APP Sindicato, foi destacada a responsabilidade social e o papel das rádios e veículos televisivos enquanto concessões públicas:

O papel do jornalismo é mostrar os dois lados, sem fazer julgamentos. É importante ter posição, claro, mas com a obrigação de ouvir os lados. Rádios e TVs são um espaço público concedido à iniciativa privada, que como tal deveria ter mais fiscalização pelo poder público para que se utilizasse da melhor forma. É como se fosse um transporte coletivo, que tem uma agência de regulação. Mas não são vistos dessa forma e acabam se tornando muito comercial, do jeito que querem, como empresa privada, que ouve quem quer, como quer e divulga o que quer. Sem um meio de regulação (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

O representante sindical enfatizou ainda as relações existentes entre veículos comerciais e instituições privadas de ensino, descrita como uma “disputa nacional”:

Essa é uma disputa da iniciativa privada com aqueles que defendem o serviço público. Quando um veículo só tem patrocinadores privados, o olhar vai ser apenas desse público, sem o olhar dos trabalhadores e educadores públicos, um olhar freiriano de quem sonha com uma educação pública de qualidade. Eles defendem a privatização, a formação para o mercado e não para a vida, a gente percebe isso nas editoriais da *Gazeta* e da maioria dos jornais de circulação nacional. A grande mídia ouve especialistas ligados a fundações, como a Lemann, bancada pelo empresário mais rico do país, do Todos pela Educação, e não por quem é ligado aos trabalhadores e ao chão da escola. Então esse olhar acaba sendo enviesado, pois esse nicho está em disputa. Como maior serviço público prestado pelo Estado, como as rodovias, é um nicho em disputa. Estão de olho, pois dá lucro. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Já S2, representante da APUFPR, ressaltou que “a pauta de Educação no Brasil é fundamental desde que a escola pública foi ‘sucateada’ a partir da década de 1970”:

Os grupos escolares eram de alto nível, estaduais e municipais. (...) Havia bons colégios particulares, mas as classes dominantes colocavam seus filhos nos estaduais, que tinham o melhor ensino. O que se fez na ocasião foi esvaziar um setor, secundarizar, no que perdeu importância. Os filhos dos ricos foram para as escolas privadas, e hoje nós também colocamos, pois queremos que eles tenham chance de passar no vestibular. (...) Mas graças a resistência dos professores no ensino superior, estamos seguindo, com ensino vibrando em nosso país nas universidades estaduais e federais. Em geral, o que temos fora da universidade pública são “fábricas de diplomas”, sem o investimento necessário em ensino e pesquisa, que é um investimento do Estado, em Ciência, Tecnologia e Inovação. (Entrevista ao autor, novembro de 2021).

O contraponto das instituições particulares de ensino vem na fala de S3, representante do Sinepe-PR, que critica a letargia burocrática das três esferas de governo, que compromete não só a Educação, como a Saúde e outros segmentos:

Quando surge uma regulamentação, vem com 10 ou 20 anos de atraso, como o Novo Ensino Médio. Quando se falava do “bug do milênio” em 2000, a Unesco já orientava que o ensino deveria ser modificado. E o “Novo Ensino Médio” só chegou 20 anos depois. Mas as escolas particulares já trabalhavam com isso na virada do milênio. Nosso problema é muito mais a burocracia, questão que contunde nosso próprio desenvolvimento. Regula-se muito a ponto de causar um movimento letárgico na Educação, na Saúde e em outros âmbitos. E isso se reflete nos indicadores internacionais como o Pisa. (Entrevista ao autor, dezembro de 2021).

Para S3, “existe uma equação que fundamenta essa letargia do governo”, já que o excesso de regulação nas escolas públicas e privadas impede que se avance “mais rapidamente nos métodos de aprendizagem, de forma moderna”:

Nós temos 55 milhões de crianças e adolescentes, com 18% nas escolas particulares do ensino básico, o que significa quase 10 milhões de alunos. Dessa população na escola particular, se for estratificada no ranking Pisa (que fez essa segregação a partir de 2019), ficamos entre os 10 maiores países do mundo. Então é o sistema particular quem eleva a régua da educação no país, sob a mesma regulação do ensino público. Eu vim da escola pública e lamento muito o sucateamento que houve nas últimas décadas. (Entrevista ao autor, dezembro de 2021).

Face a tantos desafios, quem são os jornalistas que pautam e escrevem sobre Educação? O próximo subtítulo traz dados que ajudam a revelar o perfil desses profissionais.

2.3 OS JORNALISTAS QUE COBREM EDUCAÇÃO

Fundada e dirigida por jornalistas dedicados à área, a Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca) conta com 1.409 associados, segundo dados de junho de 2021. Um levantamento foi realizado pela entidade entre abril e maio de 2021 com 286 desses associados, que incluem “jornalistas, assessores de imprensa, produtores de conteúdo,

pesquisadores, professores e estudantes interessados no tema da educação”³⁸. Entre os dados mais relevantes do levantamento estão algumas tendências que podem ser observadas na cobertura de Educação no contexto da pandemia de Covid-19. Com faixa etária preponderante *entre 31 e 40 anos* (39,6%), os jornalistas de Educação são em sua maioria *mulheres* (66,3%), de cor *branca* (79,3%), *heterossexuais* (78,2%), com *renda* entre R\$ 4,4 mil e R\$ 6,6 mil (26,3%). Nesse tópico, a pesquisa faz um adendo: "Se fizermos um recorte por gênero, a maior parte das mulheres (17,9%) está concentrada na faixa salarial do primeiro grupo, enquanto a maior parcela dos homens (8,4%) está numa faixa salarial mais elevada, entre R\$ 8,9 mil e R\$ 13,2 mil" (JEDUCA, 2021, p.11).

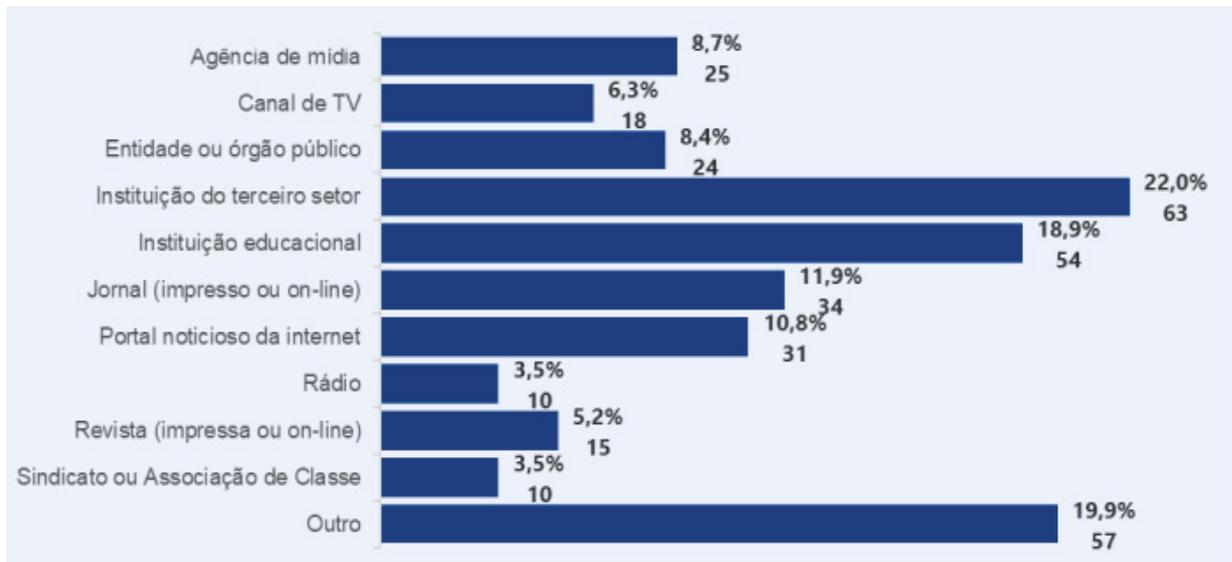
Geograficamente, a maioria dos associados da Jeduca reside no estado de São Paulo (56,1%), seguidos do Rio de Janeiro (9,1%). Do Paraná, que aparece em sexto lugar, são 3,9% dos entrevistados. Em relação à escolaridade, o grau de formação é elevado, aspecto descrito como característico dos profissionais interessados na pauta de educação. “A maioria dos respondentes (96%) tem *nível superior*, sendo que 59,6% já concluíram também a *pós-graduação* e outros 16,8% frequentam cursos neste nível” (*Idem*, p.13).

Além disso, segundo o levantamento, as pautas de educação são realizadas por *profissionais experientes* de Jornalismo, que atuam na área há algum tempo. “A parcela dos que trabalham com educação há menos de cinco anos é de 22,8%. A maior parcela dos profissionais (28,4%) atua na área entre 6 e 10 anos” (JEDUCA, 2021, p. 15).

Já os locais de trabalho desses profissionais são bem variados, com maioria atuando em organizações do *terceiro setor* (22%), seguidos de *instituições educacionais* (18,9%), *jornais* (11,9%) e *portais de notícias* online (10,8%), conforme a FIGURA 3. A pesquisa revela ainda que, devido à pandemia da Covid-19, 79,3% dos profissionais pesquisados estão trabalhando em regime de *home-office*, em suas casas:

³⁸ Disponível em https://jeduca.org.br/arquivos/Relatorio-Pesquisa-Associados-Jeduca_2021.pdf. Acessado em 26/02/2022.

FIGURA 4: ONDE TRABALHA O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO DA JEDUCA



Fonte: Jeduca, 2021, p. 18

Por fim, o levantamento feito pela Jeduca traz ainda um aspecto subjetivo sobre as razões que levaram os profissionais a atuarem com Educação – em que mais de 63% não buscou a área por interesse pessoal-, segundo a FIGURA 4:

FIGURA 5: POR QUE ESTE PROFISSIONAL TRABALHA COM EDUCAÇÃO



Fonte: Jeduca, 2021, p. 16

A partir deste panorama, conclui-se que o jornalista que escreve, pauta e edita conteúdos noticiosos sobre Educação necessita estar preparado para esta cobertura, em especial por sua experiência e formação, ao escolher se dedicar à editoria. Mas que o faz, em sua maioria, por interesse pessoal ou gosto pelos temas educacionais. Sobre essa tarefa, é válida a recomendação de Pereira (2009) aos jornalistas que estão na ativa, e aos que chegarão em breve:

(...) esse novo profissional de jornalismo que está sendo preparado para cobrir a Educação no Brasil deve estar ciente da necessidade de ir além das instâncias oficiais em termos de informação, em busca de novas fontes que direta ou indiretamente refletem as condições da prática educacional, rompendo assim com a mesmice com que esse tema vem sendo tratado pela imprensa brasileira nas últimas décadas. (...) Em razão da necessidade de construir uma democracia plena e uma cidadania ativa exige hoje novas práticas de exercício do poder inserido em um ambiente político-democrático regido pelos princípios da ética. (PEREIRA, 2009, p.72)

Dentro da amostragem de entrevistados desta pesquisa, os dados de formação superior (graduação e/ou pós-graduação) e experiência profissional também se refletem nos jornalistas que cobriram Educação no período de 2016 a 2017 na *Gazeta do Povo*. Os detalhes estão apresentados no Capítulo 4.

Enquanto subcampo da Comunicação, o Jornalismo deve ser praticado de maneira bem embasada e, principalmente, com notícias contextualizadas em todas as plataformas de acesso ao público. Afinal, conforme pensamento de Dimenstein (2015), o excesso de informação não significa excesso de conhecimento. Para o jornalista e escritor, reside nesse ponto a convergência entre Comunicação e Educação: “ou seja, a informação não pode ser desprovida de contexto, caso contrário não gera conhecimento” (DIMENSTEIN, 2015, p. 11) para as pessoas de forma consciente.

2.4 MARCOS DA EDUCAÇÃO NA *GAZETA DO POVO*

Ao embasar o cenário do jornalismo brasileiro de Educação, bem como as principais teorias que interrelacionam os estudos de Mídia, Tecnologia e Educação, passamos agora a um dos *objetivos específicos* desta pesquisa: o de levantar e apresentar alguns dos principais marcos da editoria de Educação na *Gazeta do Povo* nas últimas cinco décadas.

Conforme antecipado na Introdução desta dissertação de mestrado, o período de pesquisa sobre o tema no jornal em estudo coincide com o das mudanças pelas quais o veículo passou a partir de 1962, quando foi comprado pelos sócios Edmundo Lemanski e Francisco da Cunha Pereira Filho (FERNANDES, SANTOS, 2010). No ano seguinte, em 1963, foi criado o primeiro caderno voltado ao público infantil e juvenil no Paraná, que anos depois viria a se tornar a *Gazetinha* – suplemento pioneiro da imprensa nacional, que circulou até 2010 (FERNANDES, 2015).

Antes de apresentarmos o papel das educadoras Maria Luiza Pereira Dorfmond – descendente da educadora Emília Erichsen, “uma das maiores brasileiras do século 19” (FERNANDES, SANTOS, 2010) – e Sylvia Bittencourt, que encabeçaram a criação do

caderno infanto-juvenil na *Gazeta*, é preciso contextualizar a cobertura noticiosa e as dificuldades pelas quais o veículo passava na década de 1960.

Conforme relatam Fernandes e Santos (2010, p. 97), a “quarentona” *Gazeta do Povo* “chegara à maturidade com 43 funcionários, 15 freelancers e dificuldade de crédito na praça. A gerência tinha de negociar todos os dias – prática que a dupla teve de aprender na marra a partir de 1º de junho de 1962, quando assumiu de vez a sala da presidência”.

Dois anos depois, porém, a situação melhoraria: além de liquidarem a dívida do jornal, Lemanski e Cunha Pereira investiram no melhoramento do parque gráfico: em 1963, uma “impressora Marinoni, comprada junto com o *Diário da Tarde*, em 1963, teria trazido mais tranquilidade ao barracão” (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.99). Além disso, em meados daquele ano, a *Gazeta* passaria a rivalizar ainda mais em circulação com *O Estado do Paraná* e *O Diário do Paraná*, seus concorrentes criados, respectivamente, em 1951 e 1955:

Concorria a favor a “injeção de ânimo” dada pelos novos donos. Mas, acima de tudo, havia o “alalaô” dos anos 1960 – uma época excitante demais. Para quem fazia jornais era botar um olho nas reviravoltas políticas e comportamentais, outro na máquina de escrever. (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.152)

E as pautas de Educação? A cobertura, até então, era feita de maneira bastante esparsa, diluída entre as notícias sobre a cidade, por vezes com algum viés político ou social: em 30 de janeiro de 1962, por exemplo, um texto intitulado “A triste infância abandonada” trazia uma descrição sobre crianças da periferia curitibana como “pequeninos seres verminosos que são uma triste perspectiva de um futuro sombrio e até mesmo desumano” (FERNANDES, SANTOS, 2020, p.112).

Um dos aspectos que mais incomodava os repórteres do período era a ausência (ou carência) de mecanismos que pudessem manter as crianças e jovens nas escolas, em um tempo em que havia poucas instituições de ensino mantidas pelo Estado. Ainda segundo os autores, a “Escola Municipal Papa João XXIII, no Portão, é de 1963. E o 'Grupão' da Vila Nossa Senhora da Luz, de 1966. (...) As classes lotadas do Gabriela Mistral, na Vila Izabel, com 40 alunos cada uma, entre outros casos, mobilizavam a redação” (FERNANDES, SANTOS, p.111).

A relação da pobreza e desigualdade de condições com os baixos níveis de escolaridade e educação no Estado aparecia em notícias comuns até na década seguinte, como

naquela que afirmava que, no governo Ney Braga³⁹, 44,68% dos paranaenses não sabiam ler ou escrever (FERNANDES, SANTOS, 2010). Mas o foco da *Gazeta* em pautas sobre o ensino ainda estava em maturação, sem gerar impactos significativos na sociedade.

Ainda segundo Fernandes e Santos (2010, p.173), a década de 1960 testemunhou um estilo de se fazer comunicação bastante próximo ao “jornalismo cívico” nas páginas da *Gazeta do Povo* – independente dos efeitos e mobilizações que geravam, ou não, com essa cobertura. Um desses temas, já citados anteriormente, é o da defesa das escolas especiais, considerada como a primeira “campanha” informal impulsionada pelo *publisher* Cunha Pereira: “A partir da segunda metade do século, qualquer ameaça às escolas públicas de ensino básico e fundamental desembarca na *Gazeta*” (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.171).

Ao voltar para o ingresso de Luíza Dorfmond no jornal, registre-se que a educadora contava, em 1963, com livros didáticos de História implementados em escolas, ainda que a quantidade de exemplares e o número de colégios seja desconhecida (FERNANDES, 2015). Antes da *Gazeta*, Luíza fizera um breve estágio como colaboradora de *O Estado do Paraná*, em 1958, “onde trabalhava seu irmão, José Erichsen Pereira, mito da imprensa local nos anos dourados” (FERNANDES, 2015). Ao entrar na *Gazeta* com a irmã, Sylvia Bittencourt, que dava aulas de Artes, a educadora passou a fazer uma página para as crianças de forma arrojada, com cruzadinhas, ainda feita em sua casa com poucos recursos (*idem*):

Suas três filhas eram enredadas no trabalho. Os layouts ficavam pendurados nas paredes. A máquina de escrever, no centro da casa; laudas podiam ser vistas em qualquer canto. “Usávamos a régua de paica”, lembra a filha Maria da Graça, sobre um instrumento pré-histórico de diagramação de jornais. “Avó” do suplemento *Gazetinha*, era seção que saía aos domingos ao lado do espaço literário, pontificada por Dalton Trevisan. A coluna também reproduzia redações dos alunos da Escola Municipal São Luiz, na Água Verde (...). Parte do processo artesanal do “jornal para crianças” era reproduzida nos livros didáticos de Dorfmond. Com exceção do primeiro, lançado em 1958, os demais tinham aspecto de cartilha e comunicação ágil. (FERNANDES, 2015, s/p).

O caderno infantil de Dorfmond e Bittencourt foi sucedido, em 1969, pela *Gazetinha*, capitaneada por Renato Toniolo, Alceu do Rosário, Vilmar Sauner e pelo diagramador Romeu Daldegan – foi reconhecida como um dos suplementos infanto-juvenis de circulação mais longevos do país (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.207).

Já em relação a cobertura de notícias e pautas do dia a dia sobre Educação, ensino, escolas públicas e privadas, ensino básico, médio e universidades, a *Gazeta do Povo* só viria a formalizar um caderno semanal voltado à editoria na década de 1990, na esteira das reformas

³⁹ Ney Braga foi o 45º governador do Paraná, entre 15 de março de 1979 e 14 de maio de 1982. Nas palavras de Fernandes e Santos (2010, p.84), acompanhar o noticiário da época e “saber que metade da população do estado nunca tinha pegado numa cartilha não fazia ninguém estufar o peito e sair cantando o Hino do Paraná”.

editoriais e gráficas trazidas pela consultoria da chamada Escola de Navarra – em que uma dezena de jornais brasileiros, como *Zero Hora*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, buscaram ajuda de profissionais da universidade espanhola para que seus veículos pudessem se preparar para a “tragédia anunciada da internet, que em poucos anos minaria a principal fonte de renda dos periódicos nacionais e regionais – a venda de classificados e a publicidade tradicional” (FERNANDES, LIMA, 2020, p.141).

Em entrevista para esta pesquisa, o jornalista E3⁴⁰ – que trabalhou tanto como repórter, quanto como editor na *Gazeta do Povo* – relata que foi um dos primeiros participantes do Master de Jornalismo oferecido pela Universidade de Navarra⁴¹, ao longo de um ano, em encontros com duração de 15 dias cada, realizados em São Paulo:

Até então, o que predominava na cobertura de Educação era vestibular, congêneres e ensino superior. Quando eu era repórter, dificilmente se fazia pautas variadas. Era um período em que se usava muito release de assessorias e agências. Quando passei a ser editor de Cidades, a gente começou a dar uma atenção maior e a pautar mais os repórteres. Foi quando Saúde e Meio Ambiente também ganharam mais espaço no jornal, com equipes direcionadas para as editorias. Quando fiz o Master de Navarra, passamos a ter essa visão mais abrangente do jornalismo na Espanha e da apresentação desse material: a *Gazeta* até então era sisuda, não era um jornal visualmente bonito. A mudança de diagramação veio nesse período, com a reforma gráfica. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Ainda durante a entrevista, E3 comenta que a mudança na cobertura das notícias de Educação – e de Cidades, de um modo geral – causou um mal-estar inicial entre as agências e empresas de assessoria de imprensa, até então acostumadas a terem seus *press releases* publicados sem muitas alterações:

Quando eu era repórter, a gente recebia muito release e publicava praticamente tudo. (...) Depois de Navarra, continuávamos recebendo muita sugestão de pauta, mas a gente não publicava mais releases. Quando a pauta interessava, no mínimo a gente ligava ou mandava um repórter cobrir. Foi uma época tumultuada com as assessorias, porque deixamos de publicar muita coisa, e publicar com a cara da *Gazeta*. Essa visão tinha vindo de Navarra. Foram seis meses bem tumultuados com as agências, que chagaram a cobrar e tirar satisfações com o diretor de redação sobre as mudanças. Mas com o tempo, as assessorias foram entendendo. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

O período do final dos anos 1990 e início dos 2000 trouxe ainda as primeiras reportagens de Educação sobre rankings de ensino, ainda com pouco costume em se fazer e

⁴⁰ A tabela de identificação dos entrevistados pela pesquisa está no Capítulo 3.

⁴¹ A Universidade de Navarra foi fundada em 1952 em Pamplona, na Espanha, pelo monsenhor José Maria Escrivá, santo católico que também fundou o Opus Dei, prelazia do Vaticano “controversa devido a seus princípios e práticas ultraconservadoras e autônomas (...) considerada como um ‘trajetado dissidente’ por religiosos progressistas” (FERNANDES, LIMA, 2020, p. 144). A consultoria internacional em Jornalismo realizada por Navarra, dentro do campo da intelectualidade, faz parte de um dos campos de penetração do Opus Dei.

apresentar esses levantamentos ao público, segundo o jornalista E3. Ele conta que, além das pautas sobre os problemas na escola pública – como merendas, livros didáticos, estrutura, evasão, fila de matrículas, entre outros – a *Gazeta do Povo* passou a trazer um olhar positivo, apresentando projetos e pesquisas que surgiam nessas mesmas escolas, além de suas peculiaridades. Ainda, de acordo com E3, nesse período a escola pública tinha mais espaço de cobertura do que os colégios privados, devido ao viés comercial das pautas que surgiam nessas instituições de ensino⁴².

Outro marco no campo educacional é o projeto *Ler e Pensar* (LeP), criado em 1999. Segundo Araújo (2019, p.29), que fez sua pesquisa de mestrado sobre a iniciativa, o LeP “nasceu dos exemplares não vendidos da *Gazeta do Povo* que iam parar na reciclagem”, que passaram a ser enviados às escolas públicas para uso didático em sala de aula. A ideia, de Francisco Cunha Pereira Filho, foi a de criar “um programa de leitura nas escolas, mesmo que para isso fossem necessários produzir mais exemplares, visto que o encalhe não daria conta de atender a demanda” (ARAÚJO, 2019, p.29):

A visão do então presidente, com o projeto, era social, e não voltada para resultados de negócios, ou seja, na formação de futuros assinantes da *Gazeta do Povo*. Para iniciar a empreitada, ele convidou duas jornalistas da *Gazeta* sensíveis à causa da Educação, Joanita Ramos e Marleth Silva. A também jornalista Clarice López de Alda assumiu a chefia do LeP. Nesta época, o *Ler e Pensar* existia enquanto projeto que se limitava a enviar exemplares da *Gazeta do Povo* para escolas cadastradas de Curitiba (PR) e Região Metropolitana. (ARAÚJO, 2019, p.29).

Em decorrência do *Ler e Pensar*, o Grpcom criou, em 2001, o atual Instituto Grpcom, voltado a projetos educacionais e do terceiro setor. No mesmo ano, a pedagoga Célia Cunico criou o Boletim de Leitura Orientada (Bolo), informativo do LeP voltado aos professores participantes do projeto, com publicação mensal sobre temas de educação e tecnologia (ARAÚJO, 2019). Foi a forma que o jornal encontrou de direcionar de forma mais pedagógica, em sala de aula, o uso dos exemplares da *Gazeta do Povo*.

As pautas e campanhas em prol da educação foram uma constante na trajetória do *publisher* Francisco da Cunha Pereira Filho, que faleceu em março de 2009. Coincidentemente, segundo relato de Fernandes e Santos (2010):

(...) a última bandeira que o *publisher* hasteou, na virada dos anos 2000, também contemplava a Educação: embora já passado dos 70 anos, Cunha Pereira (...) emprestou seu know-how para que a UFPR fosse eleita símbolo de Curitiba. Conseguiu. E fez da cidade onde nasceu o local em que não uma torre, nem um parque, nem uma rua são o marco mais importante, mas uma instituição de ensino. (FERNANDES, SANTOS, 2010, p.178).

⁴² Entrevista ao autor, 2022.

Entrevistada para essa pesquisa, a jornalista E4⁴³ atuou por 17 anos na *Gazeta do Povo*, como repórter e editora, entre os anos 1990 e 2010, em especial na editoria de Educação. Segundo ela, depois do falecimento de Cunha Pereira, o jornal passou por um período de investimento em jornalismo investigativo, em especial nas editorias de *soft news*:

Depois que ele (Cunha Pereira) faleceu, a gente teve uma ideia inicial de que o jornal estava se abrindo, investindo em jornalismo investigativo, crescendo... Foi um período de ouro. Parecia mais democrático. A gente já fazia matérias sobre rankings, cotas e inclusão no ensino superior, por exemplo, trazendo o lado estatístico e histórias de como o ingresso na faculdade impactou a vida das pessoas. Na fase de repórter, eu cobria greves e manifestações sempre ouvindo os dois lados, e sendo criticada por ambos. Não tinha alinhamento editorial sobre ficar ao lado do governo ou dos professores, por exemplo (...). Mas infelizmente parece que a *Gazeta* foi regredindo até chegar ao que é hoje, com cobertura dirigida para uma parcela do público. Não conversa mais com boa parte da população. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Em relação à rotina da editoria, E4 conta que havia uma página semanal de Educação no jornal impresso, com matérias mais aprofundadas, de página toda ou dois terços de página, além de uma diagramação especial. Já as pautas mais factuais acabavam dispersas nas editorias de Cidades (Curitiba), Paraná ou mesmo Política – além da página de vestibular⁴⁴.

Restam poucas reportagens desse período ainda disponíveis no site da *Gazeta do Povo*, mas uma delas exemplifica o que E4 relatou sobre as matérias especiais da então editoria de Vida e Cidadania: uma entrevista com Rita Esmanhoto, "Os motivos de Rita", de 3 de setembro de 2011. O perfil apresenta uma professora e voluntária que atende há mais de 20 anos pessoas com HIV, "abraçando as políticas de saúde pública e enfrentando a obscuridade que ainda paira sobre o assunto"⁴⁵.

O entrevistado S1, da APP Sindicato, mencionou ainda a boa relação que havia entre a entidade e a equipe da *Gazeta do Povo* até 2017, período em que conseguiam “ter esse canal e essa troca de informações”. Segundo a visão de S1, “quando (a *Gazeta*) mudou para o digital, ficou mais nítida a mudança editorial de um jornal histórico do Paraná, que sempre teve lado, mas que antes não era tão explícito”:

⁴³ A tabela de identificação dos entrevistados pela pesquisa está no Capítulo 3.

⁴⁴ Entrevista ao autor, fevereiro de 2022.

⁴⁵ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/entrevistas/os-motivos-de-rita-bhvde1uj39f19m1icyo8x5pvy/>. Acessado em 10/04/2022.

Quando havia a *Gazeta* impressa, o jornal sempre nos procurava em casos de greves e ações judiciais, a gente ficava quase uma hora no telefone explicando a pauta aos jornalistas. A gente percebia que o que apontava era divulgado, virava notícia. E ouvia-se os dois lados. A greve de 2015 foi um exemplo disso: a *Gazeta* publicava o que acontecia no dia a dia da greve, ouvindo a posição do governo e da categoria. A própria RPC TV teve uma atuação importantíssima na cobertura do Massacre do Centro Cívico no 29 de abril de 2015⁴⁶, por exemplo. A *Gazeta* também, estavam lá levando bomba com a gente. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Essa relação com a *Gazeta* no período do antigo *publisher* também foi citada pelo entrevistado S4, representante do Sinpes:

No tempo do Dr. Francisco da Cunha Pereira, nós tínhamos uma relação muito boa, a gente conseguia publicar na *Gazeta* na gestão do professor Aloísio Surgik. Uma vez houve um racha na OAB, com renúncia coletiva, e ele publicou um texto intitulado “A ordem não é desordem”. Quando assumimos a Associação dos Professores da PUCPR, fomos recepcionados pelo Dr. Francisco na *Gazeta*. Ele mantinha uma postura conservadora, alinhado às elites, mas aberta à comunidade. E não é o que temos visto depois de sua morte. (Entrevista ao autor, janeiro de 2022).

Já em relação ao número de repórteres alocados para a editoria, a equipe fixa variava, mas costumava contar com um ou dois jornalistas responsáveis pela página impressa semanal, além de colaborações pontuais de repórteres mais generalistas. Segundo E4, o mesmo se dava em cadernos como Saúde e Meio Ambiente. O modelo duraria até maio de 2017, com o fim do jornal impresso. A seguir, passaremos ao percurso metodológico da pesquisa.

⁴⁶ Conhecido como Massacre do Centro Cívico, o episódio de 29 de abril de 2015 começou com protestos nas imediações da Assembleia Legislativa, quando foi votado, a portas fechadas, o projeto do governo Beto Richa que modificou a previdência dos funcionários públicos estaduais. A data foi uma das mais violentas da história recente do Paraná, com saldo de 200 feridos. Na época, a *Gazeta do Povo* revelou que, na operação, “houve emprego de praticamente todos os meios de força da Polícia Militar ao mesmo tempo: cães, atiradores de elite que foram posicionados –considerado importante como ato de prevenção – e até um helicóptero foi usado”. Disponível em www.plural.jor.br/colunas/fragmentos-da-historia/29-de-abril-de-2015-para-nunca-esquecer/. Acessado em 03/05/2022.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao conceber o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno complexo a ser compreendido, é fácil entender que as peças individuais representam um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas ideias, perguntas e dados. Ao mesmo tempo, a diversidade nas peças deste mosaico inclui perguntas fechadas e abertas, (...) utiliza procedimentos qualitativos e quantitativos. (GÜNTHER, 2006, p.202).

Na tentativa de compreender a evolução da cobertura da editoria de Educação do jornal *Gazeta do Povo*, com o fim da circulação impressa diária do veículo, esta pesquisa apresenta uma predominância qualitativa em seu objeto específico de análise. Entretanto, em uma primeira etapa do material coletado, alguns aspectos quantitativos que interessam ao conjunto do estudo, foram trabalhados e destacados.

A pesquisa teve início com uma revisão bibliográfica dos últimos cinco anos⁴⁷ em bancos de teses e dissertações, além de prospectar artigos científicos e publicações de eventos acadêmicos da Comunicação e do Jornalismo; esta revisão possibilitou a elaboração de um estado da arte com enfoque na *Gazeta do Povo* e suas interfaces com os campos da Educação e da Comunicação como objetos de análise.

Foi preciso ainda delimitar de maneira quantitativa um *corpus* inicialmente numeroso, que engloba treze meses de publicações digitais na editoria de Educação do jornal em estudo. Para isso, o pesquisador levantou as reportagens da editoria no período delimitado (de dezembro de 2016 a dezembro de 2017), realizando a classificação do *corpus* em aspectos que interessam a esta pesquisa: 1) *níveis de ensino* abordados (educação básica, ensino superior, vestibular e temas gerais sobre Educação); 2) *territorialidade* principal da pauta (local, regional, nacional e internacional) – embora uma matéria jornalística possa repercutir os fatos em territorialidades simultâneas; 3) *agentes jornalísticos* (repórteres, editores e jornalistas *freelancers* que mais assinaram notícias no período em exame) – ponto que foi utilizado como critério de seleção para as entrevistas da fase qualitativa da pesquisa; 4) *modalidades jornalísticas* (notícias, reportagens, entrevistas, notas/editoriais), além de observação de recursos próprios da modalidade do webjornalismo, como por exemplo, a aplicação de multimidialidades; e 5) *temáticas principais* – temas preponderantes em

⁴⁷ O período compreende acontecimentos variados no cenário da Educação nacional, como a greve de estudantes secundaristas e universitários ocorrida no segundo semestre de 2016 em diversos estados. As manifestações visavam barrar projetos e medidas de governos estaduais de SP, GO, RS, PR, RJ e do governo do então presidente Michel Temer. Os estudantes protestaram contra a chamada lei da "PEC do teto de gastos" (PEC 241), o projeto "Escola sem Partido" (PL 44) e a medida provisória que instituiu o Novo Ensino Médio pelo país. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pelo-menos-21-estados-tem-escolas-e-institutos-ocupados-por-estudantes.ghtml>. Acessado em 10/4/2022.

educação, como valorização da carreira dos professores, aspectos pedagógicos, diversidade em sala de aula (racial, política e outras), tecnologias educacionais, políticas públicas educacionais, eventos na área, ideologia de gênero, recursos para educação e várias outras.

Posteriormente, na etapa qualitativa, foram empregadas técnicas de Análise de Conteúdo (AC) do recorte do material coletado (BARDIN, 2016), já sistematizado em categorias temáticas mais amplas, que podem englobar subtemáticas.

Do total de 309 matérias inicialmente coletadas e inseridas em planilha do Excel (APÊNDICE 1) que compõem o *corpus* noticioso completo – e classificadas nas colunas *título, data, link* para repositório (acessado apenas por meio de *login* de assinantes) –, a classificação e quantificação nos cinco aspectos acima referidos foi realizada por meio da leitura flutuante (BARDIN, 2016) de títulos, “gravatas” (subtítulos) e lides das 309 matérias.

Numa segunda fase de recolha de informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas (DUARTE & BARROS, 2005) com informantes qualificados: representantes de sindicatos e entidades de classe educacionais de Curitiba; bem como entrevistas com jornalistas que trabalharam na editoria de Educação em 2016 e 2017, tendo permanecido ou não no veículo após o período analisado, cujo critério de escolha foi o de encabeçarem a lista de reportagens assinadas na coleta de notícias realizada (*agentes jornalísticos*).

Acerca do modelo de entrevista semiestruturada, ou semiaberta, sua lista de questões ao entrevistado "tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível" (DUARTE & BARROS, 2005). Apesar de ser baseada em um roteiro prévio (APÊNDICES 3 e 4), o modelo semiestruturado permite ao entrevistador adaptar ou ajustar individualmente as perguntas ao longo da entrevista, de acordo com as especificidades de cada entrevistado e de suas vivências no contexto educacional e jornalístico.

Ainda sobre esse modelo de entrevista, enquanto ferramenta teórico-metodológica, Kaufmann (2013) afirma que “não havendo neutralidade nas nossas ações, a entrevista compreensiva jamais poderá ser impessoal” (KAUFMANN, 2013, p.39). Em relação aos métodos qualitativos na análise de entrevistas, o sociólogo francês aconselha ainda que “não se deve [fazer os dados] dizer mais do que eles podem em área que não lhes corresponde” (KAUFMANN, 2013, p. 56).

Os chamados “informantes qualificados”, ou “entrevistados de elite” estão inseridos em uma técnica de entrevista definida por Gillham (2000), que consiste na seleção de entrevistados que detenham "alguma autoridade no assunto tratado", com conhecimento

técnico específico na área ou campo de estudo escolhido (GILLHAM, 2000; SANTOS, 2006). Esta autoridade e conhecimento técnico sobre o objeto de estudo é que definem, portanto, o adjetivo de “qualificados” para estes informantes.

Por meio de entrevistas de profundidade, a pesquisa também buscou mensurar – além das alterações decorrentes da migração do jornal para o digital – as maneiras pelas quais a produção noticiosa do jornal foi afetada pela explicitação da posição política e ideológica da *Gazeta do Povo*, oscilando entre o perfil esperado dos veículos jornalísticos tradicionais e o dos chamados “blogs sujos” da esquerda progressista (GUAZINA, 2013), que contrapõem os padrões de neutralidade e objetividade (mesmo que sejam valores tensionados e bastante relativizados por vários autores, entre eles ALSINA (2009), e rompem com os valores éticos da profissão e da prática, tidos como balizadores de credibilidade na imprensa profissional.

Os entrevistados foram convidados pelo pesquisador por e-mail, com a explicação do objetivo da pesquisa e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴⁸, de acordo com regulamento e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/SD) da UFPR (CAAE 46449221.4.0000.0102, parecer 4.766.134). Os entrevistados também ficaram cientes, de forma prévia, sobre a forma de realização da entrevista (remota, sem necessidade de deslocamento), em plataforma online, por videoconferência, devido às medidas de isolamento social diante da pandemia da Covid-19, e gravadas para decupagem de seu conteúdo escrito, mantendo o sigilo da identificação dos entrevistados. Como vantagem do registro em vídeo, a gravação “permite capturar o gestual executado e daí também podem ser extraídos dados para análise” (GILLHAM, 2000; SANTOS, 2006).

Ao falarmos sobre a categorização para operacionalização da AC, que foi empregada no conteúdo obtido pelas entrevistas, levamos em conta que Bardin (2016, p.118) define que "a mensagem pode ser submetida a uma ou várias dimensões de análise". A autora defende que o ato de se classificar elementos em categorias requer uma investigação sobre seus pontos em comum, permitindo seu agrupamento e a condensação de informações, de forma que as inferências finais sejam "efetuadas a partir do material reconstruído" (BARDIN, 2016, p.119).

A seguir, daremos início ao percurso metodológico aqui introduzido, com a apresentação do estado da arte da pesquisa.

⁴⁸ O TCLE está disponível na íntegra no APÊNDICE 6.

3.1 ESTADO DA ARTE

Foram levantadas 50 produções acadêmicas e publicações científicas sobre a *Gazeta do Povo* desde 2016, enquanto objeto de estudo, com uma breve análise de conteúdo de cinco artigos escolhidos de acordo com categorização temática definida pelo autor – por meio da leitura flutuante dos resumos das produções selecionadas. Esse levantamento traz indícios do que a dissertação se propôs a responder ao se debruçar sobre a cobertura da editoria de Educação do jornal durante o período de sua desmaterialização, entre 2016 e 2017.

Além de utilizar “Gazeta do Povo” como termo de busca no período delimitado, foram demarcadas nas buscas as publicações que perpassam os campos de estudo da Comunicação, Mídia e Educação. Dessa forma, chegou-se à soma de 20 dissertações e teses relacionadas à temática desde 2016, além de seis artigos no banco de dados da Scielo, 14 artigos no banco da Web of Science (Capes), e mais 10 artigos publicados em eventos, localizados por meio do Google Acadêmico, totalizando 50 publicações.

A escolha pelos bancos de dados da Capes (Banco de Teses e Dissertações e Web of Science), bem como da Scielo e Google Acadêmico (voltado exclusivamente à busca de artigos de eventos), se deu a partir das características da pesquisa apresentada: mapear e elencar quais os principais artigos e produções acadêmicas do Brasil nos últimos cinco anos que se debruçam sobre as mudanças editoriais na *Gazeta do Povo*, diante do panorama de editorias, temáticas e posicionamentos editoriais assumidos pelo jornal desde então, para contribuir com o campo de pesquisa da dissertação do autor. Dessa forma, foram selecionadas apenas publicações brasileiras em português, sem acervos internacionais.

Deste montante, a partir da aderência dos temas apresentados nos resumos com a pesquisa do autor, foram escolhidos cinco artigos para uma análise qualitativa de seus conteúdos e temáticas, que são detalhadas a seguir.

Para este panorama teórico, somam-se as contribuições de Nascimento e Cervi (2018), que pesquisaram notícias sobre as universidades públicas brasileiras e a UFPR; os impactos do fim da circulação do jornal impresso em seus leitores mais antigos, por meio de cartas à redação (DEL VECCHIO DE LIMA et al, 2018); e as relações entre questões de gênero e diversidade abordadas nos planos de educação (SOUZA et al, 2018).

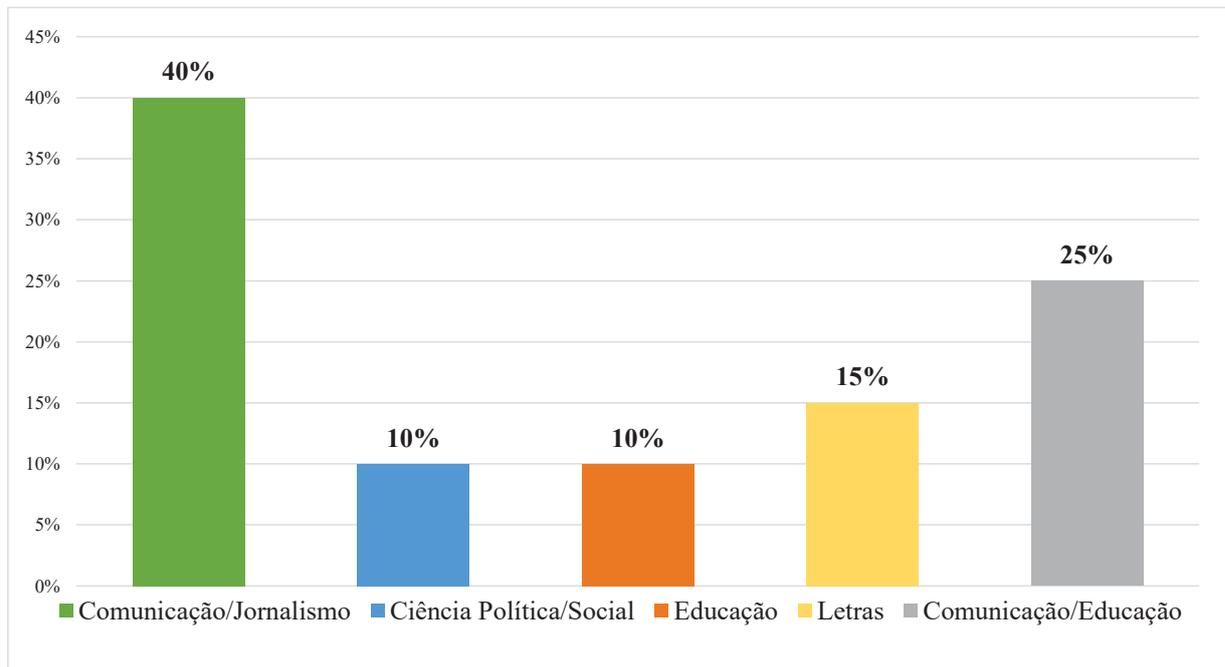
Dentre as 50 publicações mapeadas neste estado da arte, 20 vieram do Banco de Teses e Dissertações da Capes, sendo 15% teses de doutorado e 85% dissertações de mestrado. Os anos das publicações revelam 2016 e 2017, período em que o jornal *Gazeta do Povo* anunciou as mudanças e passou pela migração de plataformas, foram os mais profícuos: das 20 teses e

dissertações, sete foram publicadas em 2016 e sete em 2017; na sequência vêm quatro produções em 2018 e duas em 2019, revelando que este marco de migração tecnológica do jornal e suas consequências funcionou como um catalisador de interesses de pesquisa.

Já em relação aos 30 artigos levantados nos bancos da Scielo, Web of Science e eventos científicos, o predomínio também se deu nos anos de 2016 (oito artigos) e 2017 (seis artigos); 2018 também foi um ano de bastante produção sobre o assunto, com oito artigos; 2019 apresentou quatro artigos, com mais quatro publicações em 2020 contendo as palavras-chave buscadas: “Gazeta do Povo”, “Educação”, “Comunicação” e “Mídia”, utilizando-se os filtros e segmentações de campos de estudo disponíveis em cada banco de dados.

O levantamento deste estado da arte também revela quais os campos de estudo, editoriais e áreas de estudo mais abordados no período buscado, conforme os gráficos a seguir, observando que, somados, os temas Educação e Comunicação/Educação chegam a 35% do total das dissertações e teses levantadas:

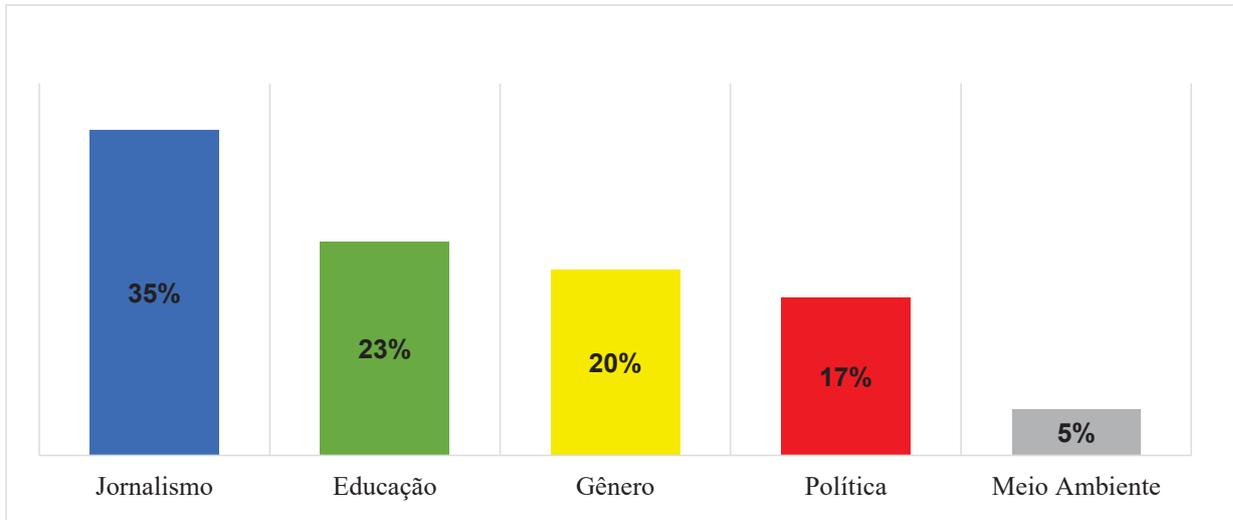
GRÁFICO 1: CAMPO DE ESTUDO* DAS DISSERTAÇÕES E TESES LEVANTADAS SOBRE A *GAZETA DO POVO* (ENTRE 2016 E 2020)



Fonte: Autor (2022).

*Além dos campos acima, temos como subtemas presentes: violência, criminalidade e feminismo

GRÁFICO 2: CAMPOS DE ESTUDO* DOS ARTIGOS SOBRE A *GAZETA DO POVO* RELACIONADOS À ÁREA DA COMUNICAÇÃO (ENTRE 2016 E 2020)



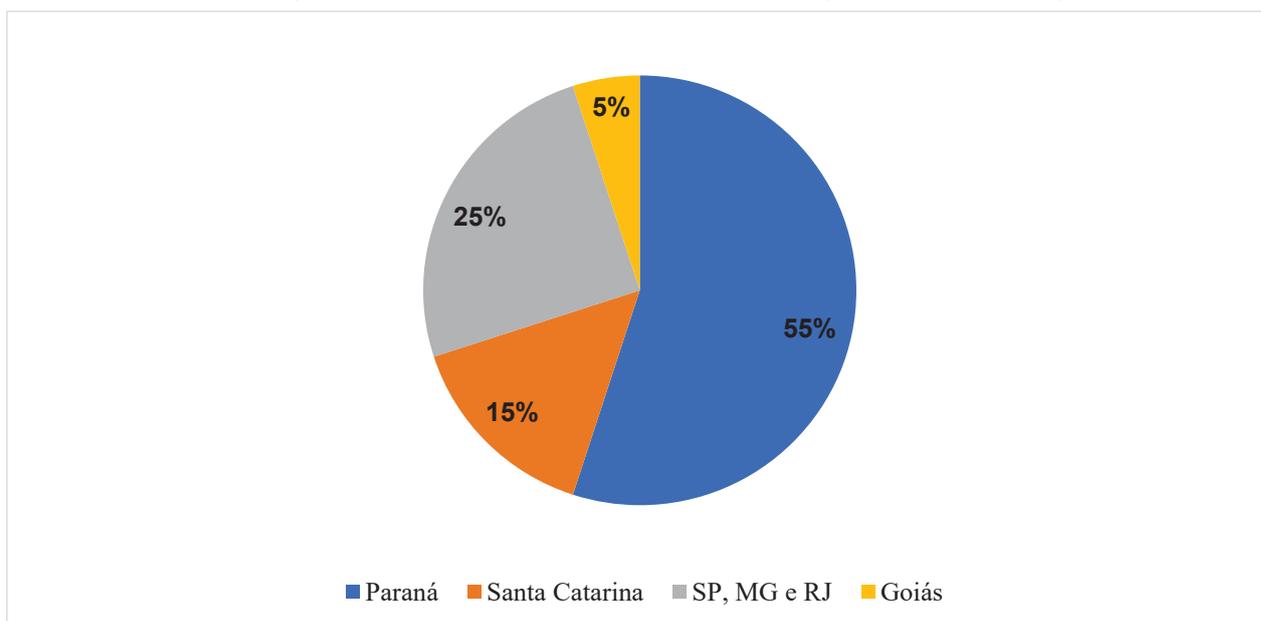
Fonte: Autor (2022).

*Além dos campos de estudo acima, temos como subtemas presentes: problemas sociais e imigração

Conforme o Gráfico 2, os artigos levantados revelam uma fatia considerável de temas relacionados aos campos de estudo do Jornalismo (35%) e da Educação (23%). Na sequência, aparecem as publicações sobre os estudos de Gênero (20%), de Política (17%) e de Meio Ambiente (5%). No Gráfico 1, nas teses e dissertações os campos disciplinares/interdisciplinares mais abordados foram os da Comunicação e Jornalismo (40%), Comunicação e Educação (25%), Letras (15%), Ciência Política e Social (10%) e 10% exclusivamente sobre Educação.

O Gráfico 3 traz ainda a distribuição geográfica das instituições onde as 20 teses e dissertações levantadas foram defendidas, sendo mais da metade no Paraná (cinco delas na UFPR, três na UEPG, duas na UEM e uma na UEL), 15% em Santa Catarina (todas na UFSC) e 25% em instituições de estados do Sudeste (Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro).

GRÁFICO 3: ESTADOS DAS INSTITUIÇÕES ONDE FORAM PRODUZIDAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE A *GAZETA DO POVO* (ENTRE 2016 E 2020)



Fonte: Autor (2022).

Com isso, pode se inferir que a produção acadêmica e científica relacionada aos campos da Comunicação, Mídia e Educação que se debruçam sobre a cobertura das editorias e os posicionamentos editoriais do jornal *Gazeta do Povo* nos últimos cinco anos têm se concentrado nas instituições, revistas e eventos das regiões Sul e Sudeste, o que está relacionado com a localização geográfica e área de influência do próprio jornal.

Ao tomar como objeto uma editoria tão cara à sociedade quanto a de Educação, a proposta foi a de ampliar o entendimento sobre os impactos que este panorama de desmaterialização de um jornal impresso, somado ao seu posicionamento editorial e enfoque no leitor nacional, geraram no setor educacional de Curitiba.

A seguir, será detalhada como foi realizada a coleta do *corpus* da pesquisa.

3.2 CORPUS DA COLETA DE REPORTAGENS

3.2.1 Recolha de matérias jornalísticas

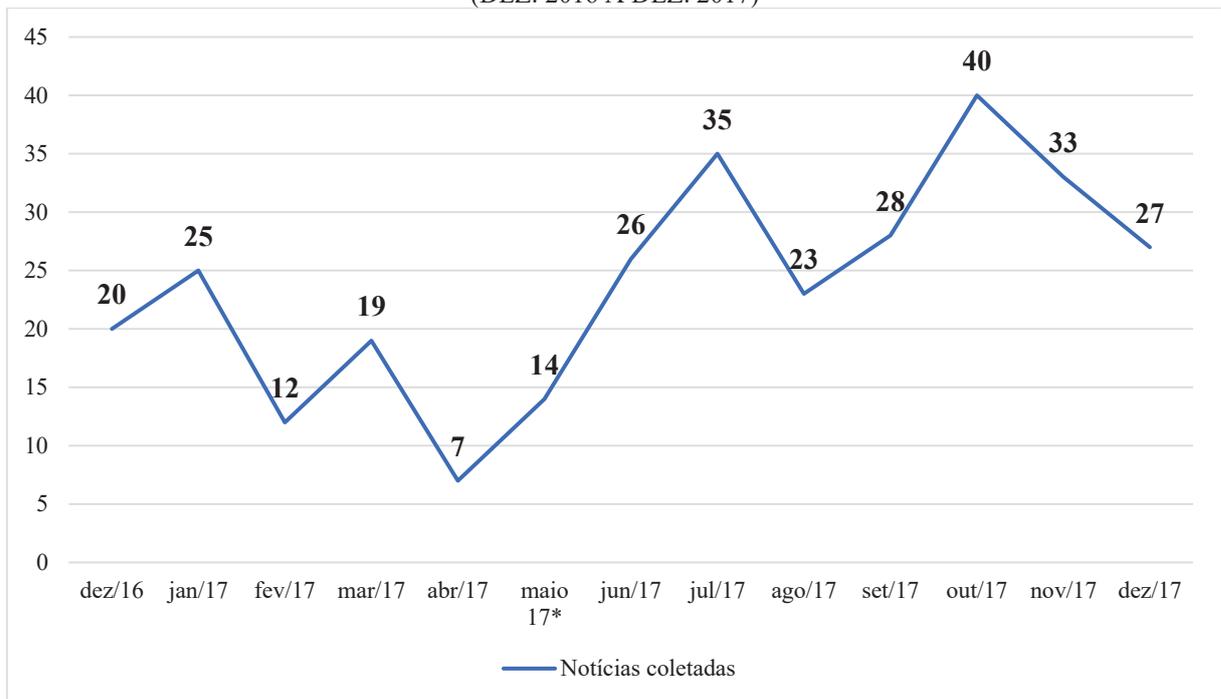
Conforme menção anterior, esta pesquisa se debruçou sobre um recorte de 309 reportagens⁴⁹ produzidas e publicadas pelo jornal *Gazeta do Povo* no período que compreende o semestre anterior e o posterior ao fim da circulação impressa diária do periódico.

⁴⁹ Os links das reportagens coletadas estão disponíveis no APÊNDICE 2

Devido à disponibilidade de acesso a todo o *corpus* no site do jornal, bem como a buscadores de acesso público, como o Google, não houve necessidade de consulta das edições impressas em acervos físicos ou bibliotecas. Lembramos que o jornal *Gazeta do Povo* utiliza mecanismos de *paywall* que limitam o acesso do conteúdo de seu site a assinantes, de forma que o pesquisador necessitou usar o mecanismo de *login* para realizar esta coleta.

O levantamento realizou-se por meio de mecanismos de busca online com o filtro temporal de 1º de dezembro de 2016 a 31 de dezembro de 2017, compreendendo 13 meses de publicações do jornal de acordo com os critérios de inclusão e exclusão anteriormente justificados. Dessa forma, as 309 reportagens selecionadas para o *corpus* quantitativo inicial da pesquisa apresentam-se como a seguir (GRÁFICO 4), do ponto de vista temporal, com uma média de 23 reportagens/mês:

GRÁFICO 4: *CORPUS* (PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO) DA PESQUISA POR MES (DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



Fonte: Autor (2022).

*Mês do fim do impresso diário

Os picos observados nos meses de julho e outubro de 2017 se devem à pauta factual de eventos nacionais, especialmente em política e assuntos sobre gênero. Das 40 notícias em outubro de 2017 (mês de mais publicações), 29 matérias foram sobre pautas nacionais; sete, sobre pautas internacionais; e quatro pautas locais/estaduais. Dentre as pautas nacionais no mês de outubro, os assuntos foram variados: desde gênero (*Universidade Federal do Tocantins passa a oferecer banheiros unissex*, em 03/10/2017) até política (*Aula de química em escola estadual tem “Fora Temer” no quadro*, em 11/10/2017), passando por cotas raciais

(*Estudante negra abre mão de cotas: “Não achei legal tirar a vaga de uma pessoa que precisa mais do que eu”*, em 16/10/2017).

Já o mês de menor circulação foi abril de 2017, com apenas sete notícias na editoria de Educação, todas sobre assuntos nacionais. Conforme elucidado nas entrevistas com a equipe de reportagem, em abril de 2017 houve uma transição de equipes em Educação, com a realocação da editora E2 e da repórter R2 para outras editorias do jornal, e a chegada do editor E1 e do repórter R1. Questionado sobre a razão da queda acentuada no número de matérias em Educação no mês de abril de 2017, E1 afirmou:

Imagino que seja pela transição da equipe. Eu entrei em maio de 2017, mas lembro que estavam desfalcados antes, com jornalistas de outras editorias. Vez ou outra surgia reportagem como Paraná e a gente via que valia para Educação, e publicava. Mas de forma geral a gente quase não usou repórteres de outras editorias (Entrevista ao autor, março de 2022).

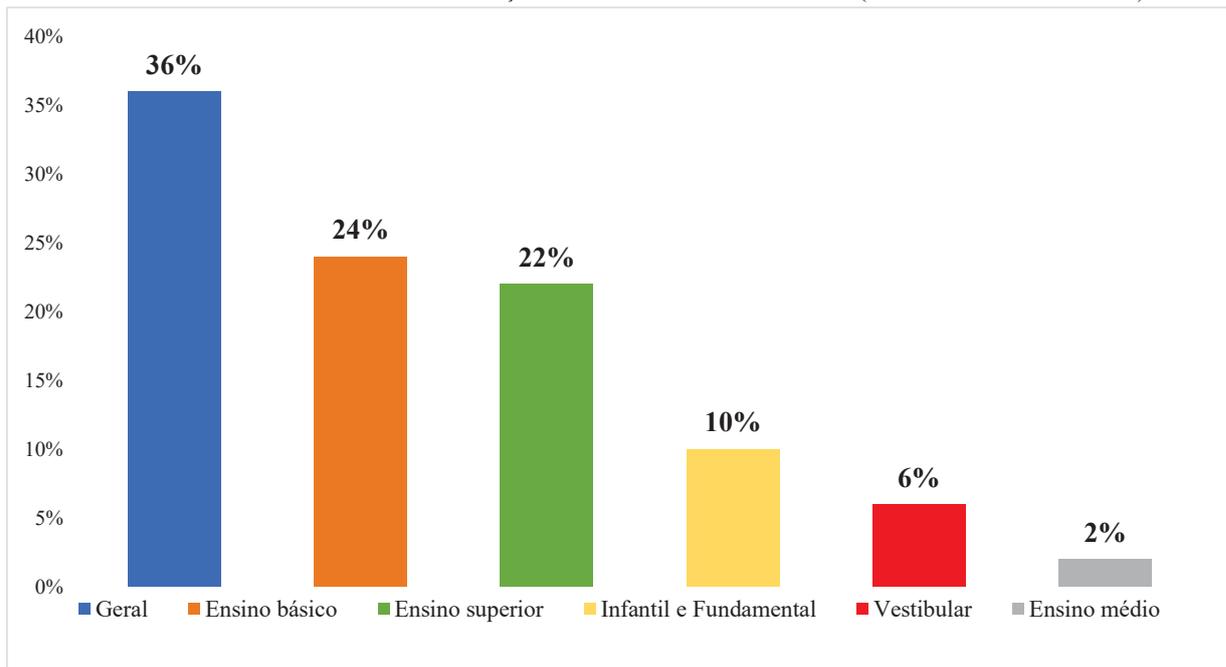
Passando para a classificação do *corpus* de 309 reportagens, pode-se observar os seguintes resultados quantitativos com relação aos *cinco aspectos* definidos para análise:

a) *Níveis de ensino*

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, são dois os grandes níveis de educação escolar: a *educação básica* (que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio) e a *educação superior* (que engloba graduação e pós-graduação). As outras formas de educação tratadas pela lei classificam-se como modalidades, já que podem se localizar nos diferentes níveis da educação escolar (MENEZES, 2001).

Dessa forma, a pesquisa realizou a classificação em *níveis de ensino* tanto de temas gerais sobre Educação e disciplinas curriculares, quanto aqueles especificamente atinentes ao ensino básico (educação infantil, ensinos fundamental e médio), ensino superior e um tópico específico sobre vestibular:

GRÁFICO 5: NOTÍCIAS DE EDUCAÇÃO POR NÍVEL DE ENSINO (DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



Fonte: Autor (2022).

Considerou-se assim cada uma destas classificações:

- *Geral*: engloba pautas gerais sobre o panorama educacional, que perpassam todos os níveis de ensino e disciplinas variadas, como línguas e matemática. Exemplo: “Um bom jeito para fazer os alunos conversarem: aulas online”, de 24/07/2017.
- *Ensino básico*: pautas que abordam questões comuns aos três níveis de ensino: infantil, fundamental e médio. Por exemplo: “Como lidar com a mudança de escola do filho?”, de 23/01/2017.
- *Ensino superior*: compreende pautas relacionadas a graduações e pós-graduações, além de assuntos das universidades públicas e privadas. Exemplo: “Cola tecnológica cresce em sala de aula e assusta universidades”, de 11/04/2017.
- *Infantil e Fundamental*: pautas exclusivas sobre a educação infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental. Por exemplo: em 17/01/2017, a matéria “3 de cada 4 alunos não sabem matemática do 9º ano em 85% dos municípios”.
- *Vestibular*: compreende pautas sobre vestibulares e processos seletivos. Exemplo: “Inscrições para o Sisu podem ser feitas de hoje até sexta-feira (27)”, em 24/01/2017.

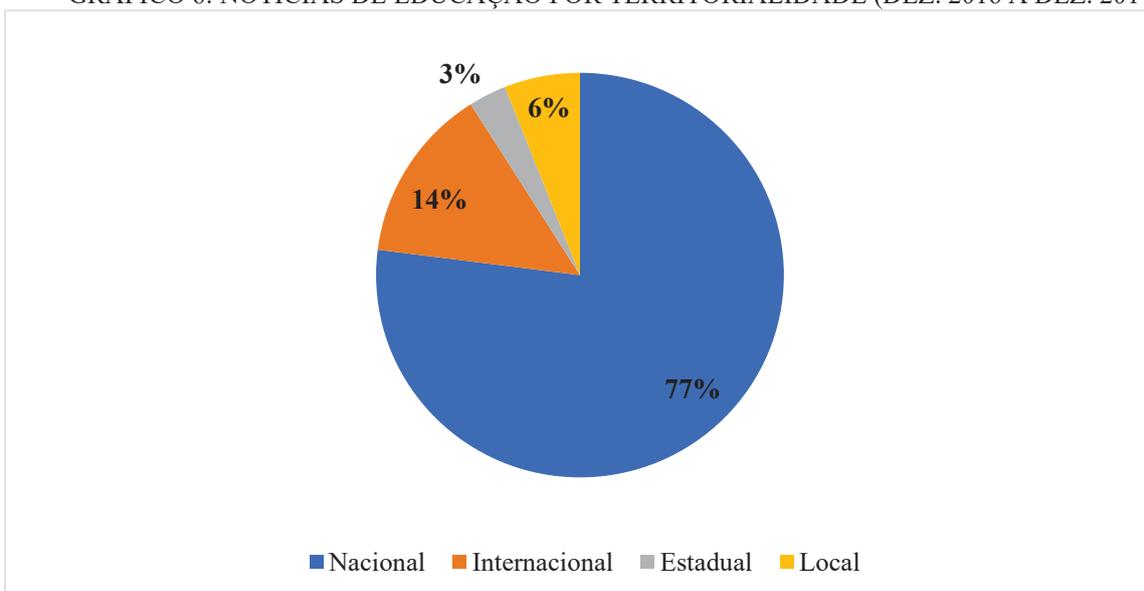
- *Ensino médio*: pautas exclusivas sobre os três anos do ensino médio. Por exemplo: “Escolas particulares se preparam para o novo ensino médio; custo deve aumentar”, em 17/03/2017⁵⁰.

Com 36% das reportagens no período coletado dedicadas a pautas gerais sobre o panorama educacional, a *Gazeta do Povo* pautou 24% das notícias voltadas a aspectos comuns entre o ensino básico; 22% de suas pautas foram sobre o ensino superior (graduação e pós-graduação); as matérias restantes se dividem entre pautas exclusivas da educação infantil e ensino fundamental (10%), matérias sobre vestibulares e processos seletivos (6%) e pautas exclusivas sobre o ensino médio (2%). Ou seja, no período examinado, o volume de cobertura de notícias sobre o ensino básico e o ensino superior foi bastante equilibrado.

b) *Territorialidade das pautas*:

O Gráfico 6 apresenta dados que revelam que a *Gazeta do Povo*, no período levantado, dedicou 77% de suas pautas a assuntos nacionais, com um total de 237 notícias coletadas. Destas, 71 foram publicadas até maio de 2017; e 166 depois de maio (e do fim da circulação impressa), mais do que o dobro. As pautas internacionais triplicaram na comparação entre os períodos, sendo dez no semestre anterior a maio de 2017, e 32 matérias depois deste período. As pautas locais mantiveram certa estabilidade (oito antes, 11 depois), e as estaduais apresentaram uma leve queda (de oito para três, no decorrer dos semestres).

GRÁFICO 6: NOTÍCIAS DE EDUCAÇÃO POR TERRITORIALIDADE (DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



Fonte: Autor (2022).

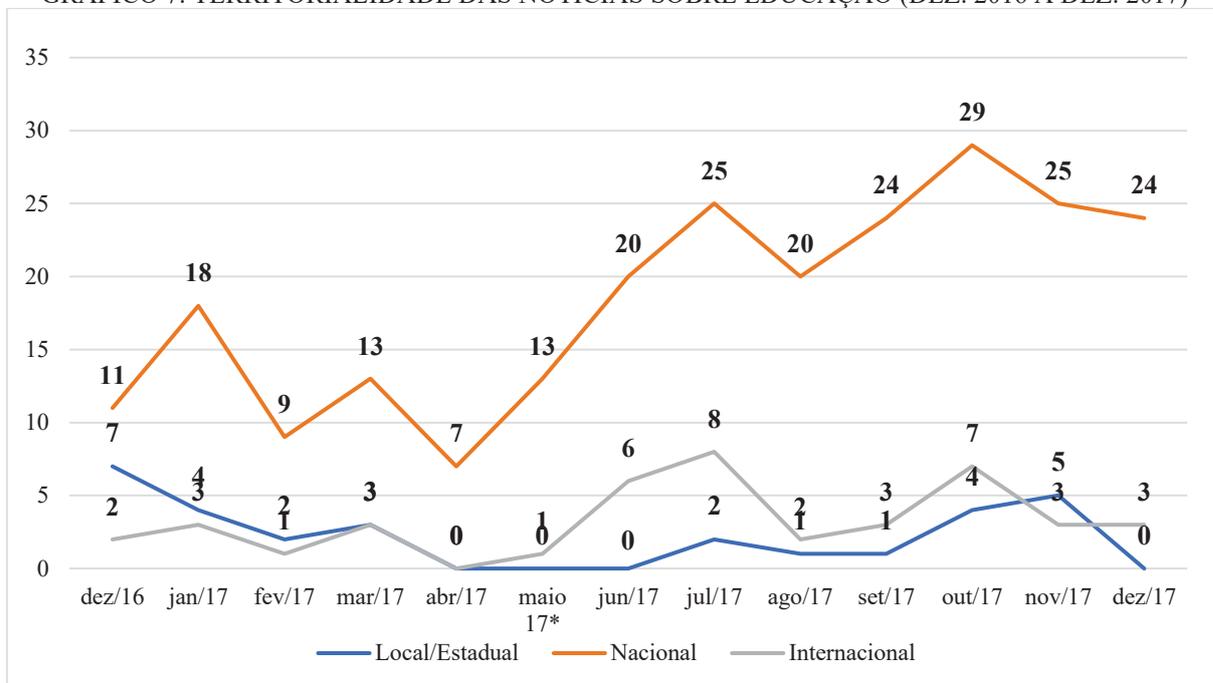
⁵⁰ Os links das reportagens citadas estão disponíveis no APÊNDICE 2.

Por exemplo, uma das pautas com enfoque estadual, no primeiro semestre, intitulada “Hora-atividade, sozinha, não garante a qualidade do ensino”, foi publicada em 01/02/2017. O enfoque era o Ensino Básico, e o assunto principal políticas de educação. Já no segundo semestre, o jornal se dedicou a pautas de rankings do Ensino Superior, como “Terceira melhor particular do país, PUCPR fica à frente da UFPR em novo ranking”, em 20/07/2017.

Já as pautas locais, em sua maioria, trazem matérias de Serviço sobre matrículas, inscrições, vagas abertas e similares, como em “Curitiba vai ganhar novo Colégio Militar; veja como garantir a vaga do seu filho”, publicada em 28/07/2017.

Essa percepção mês a mês da territorialidade das pautas pode ser vista no Gráfico 7:

GRÁFICO 7: TERRITORIALIDADE DAS NOTÍCIAS SOBRE EDUCAÇÃO (DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



Fonte: Autor (2022).

c) Agentes jornalísticos principais

A coleta permitiu também que se ranqueasse os jornalistas (repórteres, editores e *freelancers*) que mais produziram e assinaram matérias no período – individuais ou em duplas – o que constituiu critério de seleção para as entrevistas realizadas na etapa seguinte da pesquisa. Dois repórteres e dois editores, locados nas editorias de Educação, foram responsáveis por assinar 131 notícias. O “campeão” foi o editor responsável pela editoria durante o ano de 2017, com 52 matérias. São estes os jornalistas entrevistados para a pesquisa, além de um jornalista freelancer (R3) e de dois editores (E3 e E4) que auxiliaram na elaboração do Capítulo 2 (dos marcos históricos da Educação no jornal), sendo que ambos os

jornalistas foram editores em períodos anteriores ao levantamento de 2016 e 2017. Ficam identificados a seguir:

QUADRO 1: AGENTES JORNALÍSTICOS QUE MAIS ASSINARAM MATÉRIAS NO PERÍODO:

Identificação	Função	Quantidade de matérias
E1	Editor	52 notícias assinadas
R1	Repórter	43 notícias assinadas
E2	Editora	18 notícias assinadas
R2	Repórter	18 notícias assinadas
R3	<i>Freelancer</i>	9 notícias assinadas
E3	Editor	Período anterior ao da pesquisa
E4	Editora	Período anterior ao da pesquisa

Fonte: Autor (2022).

Além disso, 72 matérias foram assinadas por "repórteres especiais", terminologia aplicada pela *Gazeta do Povo* para designar jornalistas *freelancers*; e 17 reportagens foram produzidas por repórteres contratados do jornal, mas que eram fixos de outras editorias. É o caso de Andressa Muniz, repórter especial (*freelancer*) que produziu “Educação: Os desafios da alfabetização bilíngue”, em 23/09/2017. E de Felipe Aníbal, repórter de *Vida e Cidadania*, que assinou a matéria “Escolas públicas e privadas do Paraná definem calendários letivos de 2017; veja datas”, em 06/12/2016.

Foi possível levantar um montante de 37 notícias com assinatura "Da Redação", que não especificam quais jornalistas da editoria a produziram; 31 matérias originadas em agências de notícias e sites de outros jornais (como o *The New York Times*, em 06/12/2016, na matéria “Banir clássicos literários que usem linguagem racista não é a saída”), além de seis notícias com assinatura "Da redação com agências" – cujo conteúdo foi adaptado. Um exemplo é a matéria “Em carta, alunos rebatem professores e defendem a reforma da Previdência”, de 27/04/2017, assinada como “Redação com agências”.

Segundo o repórter R1, o uso da assinatura “Da Redação” costumava se dar em duas ocasiões mais frequentes: quando um repórter não queria assinar determinada matéria, ou quando havia falha no sistema de publicação, entrando a assinatura geral “Da Redação”, ao invés do nome do jornalista que a produziu. Isso pode ser exemplificado em “Novo Colégio da Polícia Militar no Paraná terá 120 vagas”, publicada em 27/11/2017, matéria de serviço mais genérica, assinada pela Redação; enquanto “Pergunta sobre transexuais no Enade gera crítica por viés ideológico”, também de 27/11/2017, já traz como pauta os assuntos de Gênero – mas sem identificar o autor, também “Da Redação”. Nas palavras de R1:

Quando não era apuração nossa, a gente assinava com “Redação”. E “Redação com Agência” era quando a gente editava um pouco. Mas até os *freelancers* em geral não recusavam pautas. Quando recusavam assinar, a gente fazia. Mas eram poucos casos. Esse exemplo de assinar ou não matérias não tem uma razão muito clara, ao meu ver. Porque as vezes um repórter não assinava hoje, mas assinava na semana seguinte, e sobre o mesmo assunto. Isso é muito variável. A gente nunca publicou mentiras nem fatos que não existiam. Mas havia o viés editorial, era enviesado. A partir do momento em que se “bate” em um lado, fica enviesado. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Houve ainda uma espécie de direito de resposta, concedido em formato de artigo, em 14 de junho de 2017, à autora Mylene Mizrahi, citada em na matéria “Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público”⁵¹, publicada um dia antes, que levantou dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em universidades públicas brasileiras que, na concepção da *Gazeta do Povo*, seriam sobre “temas pouco ortodoxos” e “difíceis de explicar ao contribuinte”.

Na entrevista à pesquisa, o editor E1 comentou o episódio, defendendo tanto o espaço ao contraditório, quanto a postura editorial do jornal:

Proporcionalmente, havia muitas pautas sobre pesquisas científicas entre as que deram mais repercussão. Sobre essa pesquisa do funk carioca, a gente sempre abria espaço quando havia resposta dos pesquisadores quando havia um contraponto. Ela escreveu um artigo inteiro, se não me engano, e entrou. (...) O projeto da *Gazeta* do Dr. Guilherme (Cunha Pereira), em si, tem essa postura de abrir espaço, com uma posição clara, sempre atento ao que é verdadeiro, sem *clickbaits* e sem mentir para o leitor, abrindo espaço para quem quiser responder. E o leitor tem acesso aos princípios da *Gazeta*. Levando em conta que os recursos das universidades públicas são escassos, sem mensalidade, o debate era adequado para mostrar para o leitor o que era feito com dinheiro público, com os impostos. Era algo que os jornais muitas vezes não faziam na cobertura de Educação. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Por fim, um conteúdo noticioso de caráter editorial foi assinado como “Gazeta do Povo”, em 10 de dezembro de 2017, relacionado a uma polêmica iniciativa chamada “Monitor da Doutrinação”⁵², que gerou repercussão entre sindicatos, entidades de classe jornalísticas e educacionais, além da “reação de professores, parte dos leitores, advogados e empresários”, conforme descrição feita pelo jornal.

Em entrevista ao jornalista Rafael Moro Martins, do *Intercept Brasil*, o *publisher* Guilherme Doring da Cunha Pereira explicou a proposta do “monitor”, ressaltando que “a ideia partiu da redação” e que ele seria “contra a Escola Sem Partido” (MARTINS, 2018):

⁵¹ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/autora-de-tese-de-doutorado-sobre-mr-catra-critica-pensamento-elitista-e-preconceituoso-9jxaz85j3uucblcipuyve3r5j/?ref=link-interno-materia>. Acessado em 20/06/2021.

⁵² Ferramenta que ficou poucos dias no ar e “se propunha a receber relatos de doutrinação ideológica nas salas de aula brasileiras, que seriam publicados após rigorosa apuração jornalística”. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/gazeta-do-povo-tira-do-ar-monitor-da-doutrinação-entenda-por-que-31f43x0adm4bz2nc0p951gqvo/>. Acessado em 20/06/2021.

“Foi uma iniciativa da [equipe que cobre a] área [de Educação]. A redação, a equipe que acompanhava esses casos, recebia um volume grande de denúncias de abusos concretos. A intenção deles era alertar para um problema, o que acho legítimo. Foi um trabalho puramente jornalístico”, argumentou. “Mas sou contra o Escola Sem Partido. A ideologização do ensino é um problema grave, mas não se resolve isso criando tensão entre alunos e professores. E como um aluno vai ter condições de se arvorar como juiz do professor, permanentemente, numa idade em que se deve fomentar um respeito grande pelo professor?”, questionou Cunha Pereira. (MARTINS, 2018, entrevista ao repórter).

Sobre o “Monitor”, o editor E1 conta que a ideia foi dele, diante das denúncias que a equipe de Educação estava recebendo, ao longo de 2017, sobre a postura de professores em sala de aula – a maioria em escolas públicas – tendo “um ou dois casos pró-Bolsonaro, mas a maioria à esquerda”:

A gente recebia as denúncias e apurava com as escolas: se houvesse apenas depoimento de aluno, não entrava. Só entrava se tivesse algum vídeo ou áudio, e sempre ouvindo as escolas, os dois lados. Como esse volume aumentou de forma exponencial, as pessoas perceberam que podiam nos procurar, não só em Curitiba e no Paraná, de todo o país. Então eu tive a ideia de fazer um canal que agregasse isso de forma organizada. Era a mesma coisa que fazíamos antes, noticiar os casos e ouvir as escolas, mas de forma estruturada, com um canal único do fluxo de informações. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Ainda segundo E1, o projeto levou um tempo para ser feito, pois exigia um trabalho de organização, uso de plataforma online de questionário (do Google) e edição gráfica. Ao longo do tempo, o projeto montaria um mapa para “revelar que o problema era nacional, mostrando que fim levou cada caso”:

Quando entrou no ar, no primeiro dia não houve grande impacto negativo, mas um ou dois dias depois, os sindicatos e entidades começaram a se manifestar. Num primeiro momento, lembro que o jornal decidiu manter, mas depois avaliou que não valeria a pena, pois o Monitor foi percebido como um ataque aos professores. Se o público percebeu daquela forma, não valeria a pena manter. Mas era apenas uma forma de organizar a cobertura que a gente já fazia. Pessoalmente, não concordei com a decisão de tirar do ar, mas não seria eu quem arcaria com a repercussão judicial. Minha posição era mais confortável que a do editor chefe e dos donos do jornal. Mas não houve mal estar. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Segundo R1, que também estava na equipe durante o episódio do “Monitor de Doutrinação”, no cenário de polarização política nacional potencializado após 2018, a iniciativa até poderia ter sido melhor recebida se tivesse ido ao ar algum tempo depois:

Achei a ideia “sem pé nem cabeça”, avisei que não daria certo, mas hoje vejo que, de certa forma, foi visionário pra *Gazeta*. Se fosse em 2019 ou depois, não daria em nada. Tem deputado que criou canal de WhatsApp sobre isso. Mas o nome “Monitor de Doutrinação” era ruim, a ideia era ruim, pegou muito mal com as entidades, as escolas, sindicatos, jornalistas, todo mundo. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Ao voltar ao levantamento de reportagens, esses dois casos *sui generis* descritos acima, dentro do universo de 309 notícias, têm sua coleta justificada devido aos temas

abordados: matérias que geraram reações com posterior publicação de artigo em direito de resposta, e editorial, tendo como pano de fundo críticas ao setor educacional (universidades públicas e escolas da educação básica, respectivamente).

d) Modalidades jornalísticas

A pesquisa também definiu em *modalidades jornalísticas* o aspecto que diferencia notas, notícias, reportagens que exigem maior apuração e entrevistas. Uma das mais conhecidas classificações é a de José Marques de Melo fundamentada “em observações empíricas do jornalismo brasileiro no quinquênio 2002-2007” (MARQUES DE MELO, 2009, p.35) –, a distribuição dos formatos é assim sugerida, enquanto *gêneros informativos*:

- *Nota*: relato curto de um acontecimento que está em processo de configuração, segundo definição de Marques de Melo (2009), ou início de um fato que pode virar notícia.
- *Notícia*: narração dos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer em qualquer atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público. Para Beltrão (1969, p.82), além de previsível e imprevisível, os atributos da notícia são “imediatismo, veracidade, universalismo, interesse e importância”.
- *Reportagem*: envolve maior apuração, checagem e número de fontes, podendo ser desdobrada ainda no tipo grande reportagem. É o relato ampliado de um acontecimento que produziu impacto social, busca do aprofundamento dos fatos, com exposição de detalhes e contextualização do assunto de interesse público (COSTA, 2010).
- *Entrevista*: função essencial no papel da atividade jornalística, traz um perfil jornalístico sobre um personagem noticioso que pode ou não ter o formato *ping-pong* (de perguntas e respostas). No sentido técnico, podemos afirmar que a entrevista é constituída por relatos de certas pessoas, uma ou mais, com mediação de um jornalista (MARQUES DE MELO, 2009). Segundo Medina (2008), a entrevista abre espaço às diferentes vozes da sociedade, democratizando o processo de informação.

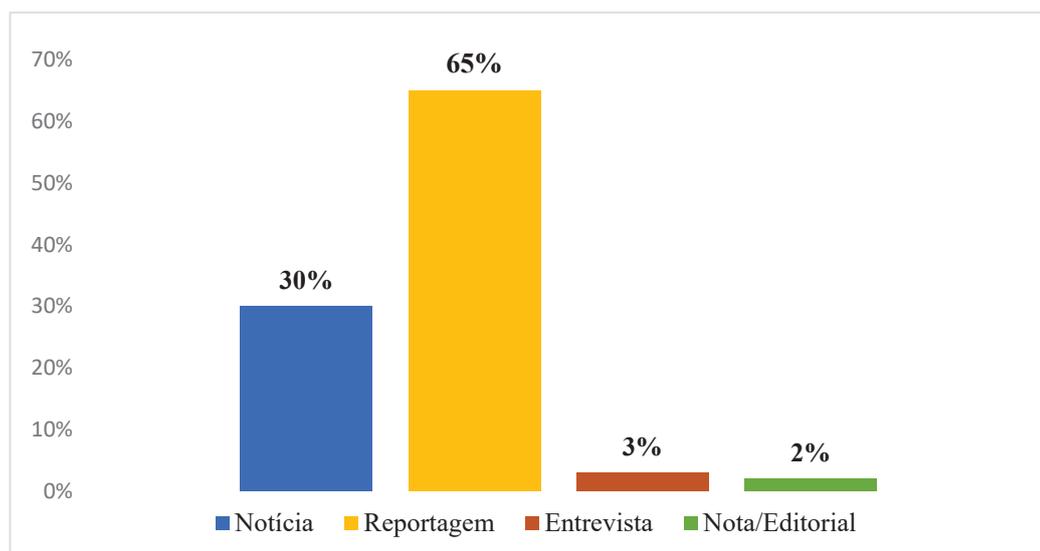
Melo e Assis, fazem ainda um adendo:

(...) tipo jornalístico é o modelo assumido pela mensagem da atualidade com a finalidade de melhor preencher a função social que lhe corresponde na engrenagem midiática. Um exemplo: o gênero informativo comporta o formato reportagem, que, por sua vez, pode ser desenvolvido no tipo grande reportagem. A espécie – ou seja, o tipo – varia de acordo com a necessidade de trabalhar um acontecimento de determinada maneira, mas também pode implicar numa decisão autoral ou institucional e, mesmo, seguir uma padronização exigida pelo suporte que a veicula. (MELO, ASSIS, 2016, p.48).

Novas classificações das modalidades jornalísticas têm sido produzidas, em especial, em função de novos critérios de classificação, como também das necessidades decorrentes de novos formatos praticados no *Webjornalismo*. Exemplos sobre estas novas classificações também serão consideradas nesta dissertação.

Lembramos ainda que as matérias de viés opinativo e as colunas assinadas foram excluídas da coleta. A grande maioria (65%) das matérias da editoria de Educação foram reportagens que envolvem apuração, pesquisa e consulta a mais de uma fonte. Já as notícias (mais diretas e curtas, sobre fatos do dia a dia) compõem 30% da amostragem, totalizando apenas 3% as entrevistas e 2% as notas/editorial (sobre o “Monitor”, comentado no tópico anterior).

GRÁFICO 8: MODALIDADES JORNALÍSTICAS DAS MATÉRIAS DE EDUCAÇÃO
(DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



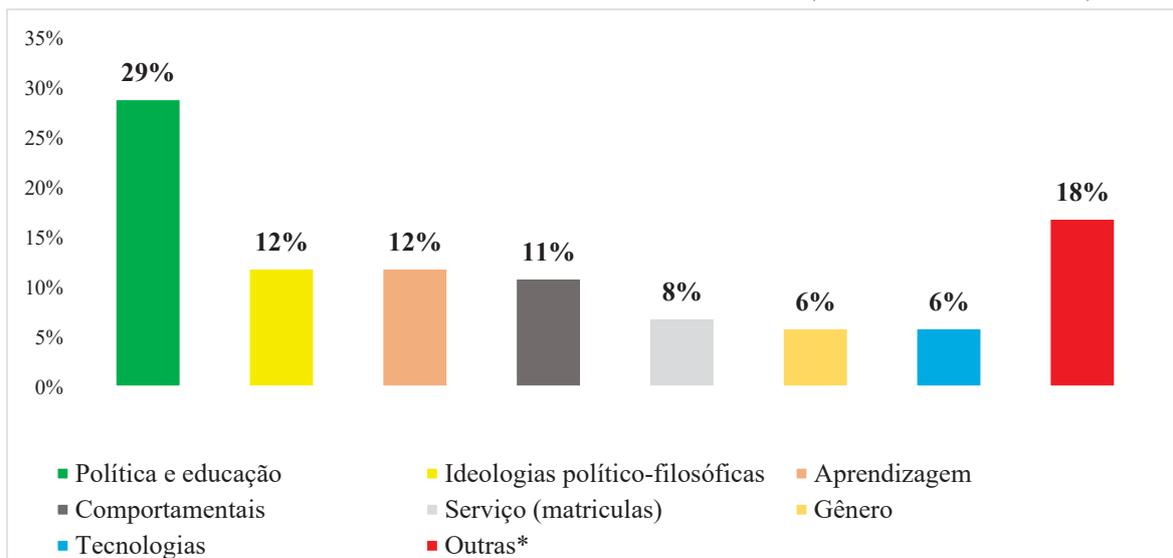
Fonte: Autor (2022).

e) *Temáticas principais*

O Gráfico 9 propõe uma classificação em temáticas principais, como pautas de educação relacionadas à política (nacional, estadual e local); às ideologias político-filosóficas

(socialismo, comunismo, liberalismo, nacionalismo etc), sob a ótica das “Convicções” do jornal; a aspectos de aprendizagem dos alunos; pautas comportamentais sobre estudantes e salas de aula; pautas de serviço, com informações sobre matrículas e processos seletivos; matérias sobre discussões de gênero no ambiente escolar, também alinhadas às “Convicções” da *Gazeta do Povo*; e pautas que abordam tecnologias em sala de aula e o *homeschooling* – assunto que acabou sendo impulsionado pela pandemia, defendido pelo jornal em 2017.

GRÁFICO 9: NOTÍCIAS POR TEMÁTICAS PRINCIPAIS (DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



Fonte: Autor (2022).

Com 29% da amostragem, a temática *Política e Educação* engloba boa parte das pautas nacionais presentes na editoria no período, como em “Projeto de lei acaba com a aprovação automática nas escolas; Senado abre consulta”, matéria publicada em 02/10/2017. Também inclui pautas com recortes partidários (“Na era petista, Brasil quadruplicou pesquisa, mas perdeu relevância”, de 22/09/2017) e polêmicas de repercussão nacional (“O que os casos do Santander⁵³ e do MAM⁵⁴ dizem sobre a educação”, de 30/09/2017).

⁵³ A exposição "Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira", realizada entre agosto e setembro de 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre, foi cancelada após protestos em redes sociais. A mostra “contava com 270 obras que tratavam de questões de gênero e diferença. Os trabalhos, em diferentes formatos, abordam a temática sexual de formas distintas, por vezes abstratas, noutras mais explícitas. São assinados por 85 artistas, como Adriana Varejão, Cândido Portinari, Ligia Clark Yuri Firmesa e Leonilson”. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-os-casos-do-santander-e-do-mam-dizem-sobre-a-educacao-al226doj5hk785mfvr87il0o/>. Acessado em 28/04/2022.

⁵⁴ A performance artística com nudez no Museu de Arte Moderna (MAM), em São Paulo, gerou polêmica nas redes sociais após circularem vídeos que mostravam uma menina tocando o artista e coreógrafo Wagner Schwartz, que fazia a performance no evento de abertura da 35ª Mostra Panorama da Arte Brasileira. A apresentação se chamava "La Bête", em que ele se tornava "um Bicho de Lygia Clark" e podia "ser manipulado

Na temática *Ideologias políticas*, 12% do total, são abordados aspectos políticos (nacionalismo, liberalismo, socialismo, comunismo, etc., como em “O mito da pluralidade ideológica nas universidades”, de 24/02/2017); religiosos (cristianismo, islamismo, ateísmo, Estado laico, etc., por exemplo: “Por que é aceitável criticar o Cristianismo, mas não o Islã?”, diz ícone ateu após evento cancelado”, de 25/07/2017); além de pautas surgidas diretamente das Convicções da *Gazeta do Povo*, como em “Cinco táticas de doutrinação em sala de aula que você precisa conhecer”, de 29/09/2017.⁵⁵

Também com 12%, a temática sobre *Aprendizagem e Tecnologias* abrange tanto pautas sobre as dificuldades de ensino, aprovação escolar e aprendizagem em sala de aula (“3 de cada 4 alunos não sabem matemática do 9º ano em 85% dos municípios”, de 17/01/2017), como sobre tecnologias e inovações aplicadas ao ensino (“Aprender linguagem de programação é falar o idioma do futuro, de 01/05/2017).

Com 6% da amostragem, a temática *Gênero* debateu pautas como “Guerra contra os meninos? Padronização do ensino não dá conta das diferenças entre sexos”, de 30/06/2017. Tanto no ensino básico (“Drag queen dá “aula” sobre papéis de gênero para comemorar Dia das Crianças em escola”, de 13/10/2017) quanto no ensino superior (“Evento sobre gênero tem ato com nudez em universidade pública”, de 18/10/2017), as pautas sobre gênero, pessoas transsexuais, travestis, banheiros unissex e a defesa de valores pelo jornal estiveram presentes.

Já as pautas de *Comportamento* representam 11% da amostra. Incluem desde pautas sobre aprendizagem de línguas (“Estudantes buscam métodos alternativos para aprender idiomas”, de 26/12/2016), passando por “Risco de suicídio entre alunos de medicina exige cuidados”, em 14/07/2017, até “Aluno superdotado pode ser apenas... Inteligente”, de 16/08. As demais temáticas principais são *Serviço/matriculas*, com 8%; *Rankings*, *Cotas raciais*, *Professores*, *Violência e Investigações de corrupção*, cujo somatório é de 18%.

Sobre as temáticas mais recorrentes no período, o editor E1 justifica que:

Esses assuntos de sala de aula, e relacionados, caíam para a gente. (...) Uma das coisas que eu lembro que a gente tinha como importante eram os valores da família em sala de aula, o *homeschooling*, o que por vezes ultrapassava a barreira de assuntos que não deveriam ser tratados em sala de aula, em especial na escola pública. Por exemplo, “conteúdos que seriam inadequados para crianças de seis anos na escola pública”. (...) Eram assuntos prioritários pelas Convicções do jornal. (Entrevista ao autor, março de 2022).

pelo público”, segundo descrição do site do museu. A presença de crianças nessa mostra e na exposição do Santander geraram protestos e mobilizações. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/crianca-e-estimulada-a-tocar-em-homem-nu-em-performance-no-mam-24dhfe3eb4ma6iyxi1s56dh48/?ref=link-interno-materia>. Acessado em 28/04/2022.

⁵⁵ Os links das reportagens citadas estão disponíveis no APÊNDICE 2.

Ainda segundo E1, o enfoque maior sobre episódios nas escolas públicas se dava pois “de certa forma a escola particular tem o aval dos pais que pagam mensalidade e têm escolha, ao contrário dos pais que dependem da rede pública” que, segundo ele, “todos financiamos e existem parâmetros claros do que pode e não pode ser ensinado”:

3.3 RECOLHA DE INFORMAÇÕES POR MEIO DE ENTREVISTAS

Em sua obra referencial sobre métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação, Duarte & Barros (2005) explicam que a chamada entrevista semiaberta, ou semiestruturada, se origina em um roteiro de "questões-guia" que irão direcionar a entrevista de acordo com os interesses e objetivos da pesquisa. Dessa forma, os questionamentos pré-estabelecidos em roteiro "oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante" (TRIVIÑOS, 1990, p.146). Os autores acima citados reforçam que, justamente pelo caráter amplo das questões, é natural que o pesquisador comece com um roteiro e termine com outro (DUARTE, BARROS, 2005).

Para assegurar uma maior assertividade nas entrevistas individuais propostas por esta pesquisa, optou-se por dois modelos de roteiros: o primeiro, voltado para representantes de sindicatos e entidades educacionais; o segundo, para repórteres e editores da editoria de Educação da *Gazeta do Povo*.

Sobre a seleção dos entrevistados, além de válidas, as fontes precisam ser suficientes para responder aos objetivos da pesquisa, de forma que novas indicações de pessoas podem ser acrescentadas, já que:

É importante obter informações que possam dar visões e relatos diversificados sobre os mesmos fatos. Pessoas em papéis sociais diferentes, recém-chegados ou que tenham deixado a função recentemente, podem dar perspectivas e informações bastante úteis. A relevância da fonte está relacionada com a contribuição que pode dar para atingir os objetivos de pesquisa. (DUARTE, BARROS, 2005, p.69).

Inserida neste percurso metodológico, a técnica da entrevista semiestruturada e seus roteiros otimizam, ainda, a sistematização das variadas informações fornecidas pelos informantes, "como base para a descrição e análise em categorias" (DUARTE & BARROS, 2005, p.67).

A seguir, serão detalhados os roteiros do Grupo 1 e Grupo 2, de acordo com as características de cada entrevista individual.

3.3.1 Grupo 1: Representantes de entidades educacionais

O primeiro grupo de entrevistados foi composto por representantes de entidades de classes dos sindicatos de professores e estabelecimentos de ensino do Paraná, selecionados por sua representatividade. Todos os entrevistados ligados a essas instituições de classe são adultos (mais de 18 anos), homens e mulheres que nelas exercem funções:

QUADRO 2: REPRESENTANTES DE ENTIDADES DE EDUCAÇÃO:

Identificação	Entidade
S1	APP
S2	APUFPR
S3	SINEPE
S4	SINPES
S5	SINPROPAR
S6	SISMMAC

Fonte: Autor (2022).

- APP-Sindicato – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná:

Primeira organização criada pelos professores da rede pública de ensino do Paraná, em abril de 1947. Em 1981, a entidade unificou-se com a Associação do Pessoal do Magistério do Paraná (APLP), fundada em 1967, e com a Associação do Pessoal do Magistério do Paraná (APMP), fundada em 1972. Em 18 de março de 1989, em assembleia realizada em Londrina (Norte do Paraná) seus membros definiram que “livre do impedimento imposto pela Ditadura Militar, a APP pôde assumir a condição de sindicato”⁵⁶, passando a denominar-se: APP-Sindicato dos Professores das Redes Públicas Estadual e Municipais no Paraná.

- APUFPR – Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná:

Criada em 1960, a APUFPR inicialmente apenas associava os docentes da universidade, de forma recreativa. Fundada com o nome Associação dos Professores da Universidade do Paraná (Apup), a entidade não possuía até então um caráter de classe. Em 1969, nos anos de chumbo da Ditadura Militar, a APUFPR passou a representar os docentes enquanto instituição, função que exerce até os dias atuais. A gestão 2021-2023 tem como proposta "dialogar com diferentes setores da educação e da sociedade para defender a

⁵⁶ Disponível em <https://appsindicato.org.br/historico/>. Acessado em 28/09/2021.

universidade pública, os direitos dos docentes e zelar pela Democracia"⁵⁷. Segundo o entrevistado S2, a APUFPR conta hoje com 2 mil associados na ativa e mil aposentados.

- Sinepe-PR-Curitiba – Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Estado do Paraná:

Com o objetivo de obter representatividade para a categoria patronal, a Associação dos Estabelecimentos Particulares de Ensino no Estado do Paraná surgiu como a primeira forma de organização de escolas particulares do Estado, posteriormente, transformada em sindicato, em 20 de abril de 1949. Com a criação dos Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Norte e o do Noroeste do Paraná, foi alterada sua base territorial e a denominação: Sinepe-PR-Curitiba. Tem como função representar as escolas "através de ações que possam conquistar ganhos para todo o grupo de escolas", tanto com o poder público, quanto nos meios de comunicação e na esfera jurídica. Além disso, propõe "estreitar as relações entre os proprietários de escolas conhecendo suas necessidades e representando-os junto a outros segmentos". Ao todo, tem 500 associados e pelo menos 3 mil escolas, segundo o entrevistado S3. O Sinepe-PR é filiado à Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep)⁵⁸.

- Sinpes – Sindicato dos Professores de Ensino Superior de Curitiba e Região Metropolitana:

O Sinpes é uma entidade pioneira na representação desta categoria profissional no Brasil, formada em 1991, quando existia uma única entidade sindical representativa dos professores de ensino superior no Brasil, a Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior (Andes), com atuação voltada ao ensino público superior. Antes do Sinpes ser criado, os professores dos ensinos fundamental, médio e superior atuavam junto ao Sinpropar⁵⁹. Nas palavras do entrevistado S4, o Sinpes "originou-se a partir do Sinpropar, com divergências em função da atuação na esfera do ensino superior, já que o Sinpropar era ligado à sistemática antiga de relação com o empregador. E a gente, mais jovem, tinha uma visão mais combativa do sindicalismo".

⁵⁷ Disponível em <https://apufpr.org.br/diretoria-apufpr/>. Acessado em 28/09/2021.

⁵⁸ Disponível em http://www.sinepepr.org.br/institucional/institucional_historia.html. Acessado em 28/09/2021.

⁵⁹ Disponível em <https://sinpes.org.br/site/historico/>. Acessado em 28/09/2021.

- *Sinpropar – Sindicato dos Professores no Estado do Paraná:*

Surgida em 19 de julho de 1943, a Associação Profissional dos Professores do Paraná representa os professores independentemente de onde exercessem sua atividade profissional, considerada "categoria diferenciada", segundo ato de 1963 do Ministério do Trabalho e Previdência Social. A medida representou “um passo importante na caminhada do Sinpropar, o atender às necessidades da categoria e possibilitar uma melhora na atuação do sindicato por melhores condições de trabalho”⁶⁰.

- *Sismmac – Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba:*

A primeira entidade da classe municipal foi criada em 1971: Associação dos Professores Municipal de Curitiba (APMC), durando apenas dois anos. Em 1979, foi criada a Associação do Magistério Municipal de Curitiba (AMMC), que deu origem ao Sismmac em outubro de 1988, no contexto da redemocratização no Brasil. Ao longo de sua história, o sindicato "impulsionou a organização do magistério na busca por valorização e melhores condições de trabalho”, além da “luta em defesa da qualidade da educação pública." A nova gestão assumiu no final de 2021⁶¹. Segundo S6, o Sismmac representa 8 mil professores.

Sobre a relevância da atuação sindical na Educação, e as pautas que unificam a categoria, no estado, o entrevistado S1 justificou:

Os sindicatos de educação sempre têm atuação mais efetiva, aparecem mais pois se trata do maior serviço público prestado pelo Estado. Temos mais de um milhão de alunos, 2 mil escolas estaduais em 399 municípios, a capilaridade desse serviço leva a uma mobilização maior dos trabalhadores. Temos a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que unifica a pauta nacional de plano de carreira, salários e concursos. E isso integra os sindicatos estaduais, os da rede privada e os servidores da rede pública municipal. Então algumas pautas são relacionadas e integradoras, que nos levam a trabalhar juntos. Já outras pautas são mais específicas de cada carreira e serviço, com uma atuação mais corporativa de cada sindicato (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Na análise de S1, “poderia haver mais integração, unificar mais as lutas”, uma crítica que se faz também no campo da comunicação sindical, por exemplo:

⁶⁰ Disponível em <http://sinpropar.org.br/sobre-nos/>. Acessado em 28/09/2021.

⁶¹ Disponível em <https://www.sismmac.org.br/diretoria>. Acessado em 28/09/2021.

Cada um faz o seu e acha que aquilo é o mundo. O Vito Giannotti⁶², do Núcleo Piratininga de Comunicação, dizia que temos essa necessidade de unificar, afinal somos todos trabalhadores. Os setores privados se unificam, fazem propagandas juntos, mas nós não. Em outros setores, público e privado também se unem. E isso acaba transparecendo no resultado (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Passando para a Análise de Conteúdo das entrevistas do Grupo 1, esta foi dividida nas seguintes categorias (as análises de cada categoria estão apresentadas no Capítulo 4):

a) Atuação sindical e profissional

Categoria que justifica o caráter de *informantes qualificados* dos entrevistados selecionados para esta pesquisa. Trata-se de breve apresentação das experiências acadêmicas, profissionais e sindicais dos entrevistados.

b) Consumo de notícias e assinatura de veículos

Categoria que reúne os relatos dos seis entrevistados do Grupo 1 em relação a seus hábitos de leitura e consumo diário de notícias, além de agregar uma subcategoria que explicita suas relações enquanto assinantes de veículos noticiosos.

c) Percepção da editoria de Educação da *Gazeta do Povo*

Categoria para explicitar a percepção que os entrevistados têm – enquanto informantes qualificados, que representam um setor, e enquanto leitores – do jornal estudado. Também busca expressar se a *Gazeta do Povo* cumpre (ou não) um papel social com sua cobertura de Educação, sob a percepção dos entrevistados do Grupo 1.

d) *Gazeta do Povo*: impactos da cobertura e do fim do jornal impresso

Por fim, a quarta categoria apresenta como os seis representantes sindicais foram afetados com o fim da *Gazeta* impressa, bem como a mudança da cobertura noticiosa, saindo do panorama local para se dedicar (majoritariamente) às pautas nacionais de Educação.

Veja as perguntas, organizadas por temáticas, no roteiro da entrevista (APÊNDICE 3). A seguir, detalharemos o segundo grupo de entrevistados individuais.

⁶² Comunicador popular e sindical natural de Lucca, na Itália, Vito Giannotti (1943-2015) veio para o Brasil em 1964. Dentre muitas atividades, criou o Núcleo Piratininga de Comunicação junto com a esposa Cláudia Santiago. Em 20 anos, o NPC exerceu papel importante no campo da chamada comunicação contra-hegemônica, incentivando a criação de sites, jornais, boletins e rádios pelo Brasil. Giannotti faleceu no Rio de Janeiro aos 72 anos. Disponível em <https://nucleopiratininga.org.br/vito-giannotti-presente/>. Acessado em 03/05/2022.

3.3.2 Grupo 2: Jornalistas da *Gazeta do Povo* (2017)

O segundo grupo de entrevistados foi composto por jornalistas que trabalham ou trabalharam na redação da *Gazeta do Povo* na editoria de Educação entre dezembro de 2016 e dezembro de 2017 (editores e repórteres).

O critério de seleção se baseia nos profissionais com maior número de reportagens assinadas durante o período de levantamento da pesquisa, entre jornalistas contratados e *freelancers*, homens e mulheres, todos adultos (maiores de 18 anos). Também foram inclusos nessa lista dois jornalistas que atuaram na edição da editoria de Educação nos anos que antecederam ao processo de transição do impresso para o digital, para fins de ambientação histórico-contextual do período.

Por sua vez, a Análise de Conteúdo das entrevistas do Grupo 2 foi dividida em três categorias (os detalhes estão apresentados no Capítulo 4):

a) Critérios de seleção de pautas e sugestões recebidas

Categoria que explicita a dinâmica entre jornalistas e suas fontes, tanto nos critérios de seleção diária e semanal das matérias, quanto do recebimento (ou não) de sugestões de pauta – em especial dos atores educacionais aqui enfocados.

b) Relações da equipe com as “Convicções” da *Gazeta do Povo*

Esta categoria buscou jogar luz sobre a percepção individual dos jornalistas sobre a linha editorial do jornal, bem como sobre as consequências das “Convicções” e das ingerências da chefia da redação no seu dia a dia enquanto repórter ou editor.

c) Mudança de cobertura e fim do jornal impresso

Por fim, essa categoria reúne as impressões dos jornalistas sobre a mudança territorial da cobertura de Educação, bem como sobre as consequências da digitalização da *Gazeta do Povo* em seu fazer jornalístico diário.

Veja as perguntas, organizadas por temáticas, no roteiro da entrevista (APÊNDICE 4).

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE PROPOSTOS

A Análise de Conteúdo (AC) surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento; entre 1950 e 1960 a AC estendeu-se para várias áreas. Portanto, esta técnica “existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas” (MADS,1993, p.54), sendo anterior a Análise de Discurso (CAREGNATO, MUSSI, 2006, p.682).

Para a realização do método proposto, a Análise de Conteúdo, segundo Laurence Bardin (2016), foram reunidos os dados e os conteúdos da coleta das entrevistas, com apropriação preliminar do teor do conteúdo, permitido por meio da “leitura flutuante”, entendida como uma “leitura intuitiva, muito aberta a todas as ideias, reflexões, hipóteses, numa espécie de *brainstorming* individual” (BARDIN, 2016, p.75).

A Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que são utilizados para “analisar todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte. A ideia desta técnica é saber mais sobre determinado texto, ir além das aparências, enriquecer a leitura e superar as incertezas” (ARAUJO, 2019, p. 78). Esclarecemos que esta pesquisa, em sua fase de análise, não irá utilizar todo o conjunto de procedimentos metodológicos propostos por Bardin, mas alguns deles, considerados essenciais para entregar resultados e permitir inferências que conduzam a interpretações adequadas à uma dissertação de mestrado.

Organizada em etapas, a Análise de Conteúdo se inicia com uma pré-análise que reúne aspectos teóricos, estruturantes e sistematizadores; passa pela exploração do material coletado e organizado; até chegar aos resultados e seu tratamento interpretativo. A primeira fase da técnica busca escolher os “documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2016, p. 125).

Mais uma vez se enfatiza que, nesta pesquisa, foi realizada a leitura flutuante de todas as 309 notícias coletadas para definir a escolha de uma amostra mais enxuta deste *corpus* inicial – com base nos critérios de inclusão e exclusão já explicitados – para inseri-las, posteriormente, nos aspectos considerados: *níveis de ensino, territorialidade, agentes jornalísticos, modalidades jornalísticas e temáticas principais*. Neste momento, optou-se por uma visada mais quantitativa.

A segunda fase da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016) se baseia na exploração sistematizada do material coletado com as entrevistas. Ao partir de um “universo de documentos de análise” (BARDIN, 2016, p.122), é preciso reconhecer que, para um

trabalho mais profícuo de Análise de Conteúdo, é necessário restringir as amostragens (FARAGO, FOFONCA, 2012). Nas palavras da autora, “a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” (BARDIN, 2009, p.123).

Já a terceira e última fase da técnica parte para o tratamento dos resultados obtidos e devidamente categorizados e sua interpretação a partir de inferências, itens apresentados no próximo capítulo.

Lembramos que esta pesquisa tem uma proposta qualitativa – quantitativa, já que foi realizada uma etapa quantitativa prévia na coleta das notícias do jornal *Gazeta do Povo* no período estudado, seguida de categorizações de parte do conteúdo coletado (recortes do *corpus* inicial) em categorias que vão permitir a operacionalização analítica. Por sua vez, o conteúdo coletado por meio de entrevistas foi analisado com enfoque qualitativo.

Assim, a etapa analítica é constituída essencialmente pela análise de conteúdo das falas dos entrevistados que trazem informações essenciais para o desenvolvimento da etapa qualitativa desta pesquisa, ao interpretarem a realidade estudada no papel de protagonistas do processo jornalístico – são aqueles que apontam pautas para as notícias, além daqueles que são fontes do processo de produção jornalística e, ao mesmo tempo, leitores.

O eixo central nas análises contou com o levantamento das reportagens do *corpus* como uma espécie de repositório de dados quantitativos e qualitativos, localizado na pergunta central desta pesquisa, diante das possibilidades levantadas com base nos cinco aspectos quantitativos que surgiram a partir do recorte de 309 matérias, já citados e apresentados.

Ao final, uma síntese analítica permitiu o cruzamento dos resultados/análises das duas etapas anteriores, bem como das análises das categorias eleitas nas falas recolhidas nas entrevistas, e a construção de novos significados à luz da teoria utilizada e dos contextos examinados, buscando responder ao objetivo principal da pesquisa.

4 RESULTADOS E ANÁLISES SOBRE A COBERTURA DE EDUCAÇÃO DA GAZETA DO POVO NO RECORTE TEMPORAL DESTA PESQUISA

A partir das definições teóricas e metodológicas expostas, parte-se neste capítulo para às análises e resultados tanto da coleta de reportagens, quanto das entrevistas, a fim de responder ao *objetivo principal* da pesquisa: o de verificar e compreender *se e como* o fim da edição impressa da *Gazeta do Povo* alterou a cobertura da editoria de Educação, afetando o setor educacional na cidade de Curitiba (PR), devido à abrangência e ao conteúdo das reportagens produzidas pelo veículo no período determinado.

A pesquisa partiu da *premissa* de que as alterações na cobertura do setor educacional feitas pelo jornal *Gazeta do Povo* nos últimos cinco anos afetam os atores sociais envolvidos com Educação na comunidade curitibana, no âmbito local, e paranaense, por se tratar de uma das publicações mais antigas e conhecidas do Estado.

Este capítulo também apresenta os resultados da pesquisa que elucidam dois dos *objetivos específicos* propostos:

- Compreender de que maneira as práticas jornalísticas da editoria de Educação na *Gazeta do Povo* foram afetadas pela digitalização do jornal, tanto na pauta quanto no enfoque das coberturas realizadas pela equipe de reportagem e edição.

- Averiguar e analisar *se e como* o setor educacional de Curitiba se mantém relevante na divulgação de pautas de interesse e eventos do segmento, a partir da mudança na abrangência de cobertura do principal jornal da cidade que, passou a privilegiar uma cobertura nacional.

Cada uma dessas etapas de análise e apresentação de resultados será relatada em subtítulo específico.

4.1 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA COLETA DE REPORTAGENS

O capítulo anterior, no tópico 3.2, apresentou o *corpus* da coleta de 309 reportagens do período de treze meses entre dezembro de 2016 e dezembro de 2017, bem como a definição de cinco aspectos que auxiliaram a nortear, quantitativamente e qualitativamente, as entrevistas semiestruturadas realizadas posteriormente à coleta.

Num primeiro momento, cogitou-se propor que a técnica de Análise de Conteúdo (AC) fosse aplicada a categorias de amostragem do *corpus* de reportagens, analisadas em paralelo ao conteúdo obtido nas entrevistas. Porém, diante do conteúdo esclarecedor que se

obteve na recolha de entrevistas – tanto na produção das notícias pelos jornalistas, quanto na recepção destas por informantes qualificados do setor estudado – houve uma readequação de método, já explicado no percurso metodológico. Dessa forma, foi possível construir significados à luz da teoria proposta e dos contextos aqui apresentados.

Ao voltar aos *cinco aspectos*, foi possível chegar aos seguintes resultados:

a) Em relação aos *níveis de ensino*, no período levantado, o volume de cobertura de notícias sobre o *Ensino básico* (24%) e o *Ensino superior* (22%) foi equilibrado. Contudo, as *temáticas gerais* sobre Educação dominaram o período, com 36% das notícias. Destas, 28 matérias foram publicadas no primeiro semestre analisado e 83 matérias no semestre posterior, ou seja, um aumento de 196%.

Sobre *Ensino superior*: 18 matérias foram publicadas no primeiro semestre levantado, e 53 matérias no segundo semestre, com aumento de 194%. Somando-se as pautas de *Ensino básico* (comuns aos níveis básico, fundamental e médio) e dos níveis *Infantil/Fundamental* (exclusivas), foram 38 matérias no primeiro semestre e 66 no segundo, com 73% de aumento.

Ainda sobre os *níveis de ensino*, o resultado quantitativo dessa cobertura não necessariamente reflete uma relação de causa e consequência com o fim da circulação do jornal impresso em maio de 2017: apesar de haver um aumento expressivo na cobertura de pautas gerais (196%) e de Ensino Superior (194%) na comparação entre os períodos, as entrevistas revelaram que essa tendência na cobertura já vinha sendo aplicada meses antes de a edição em papel ser encerrada:

Quando entrei (em maio de 2017), não conhecia muito a *Gazeta* pois não morava em Curitiba, mas sabia que apesar do jornal historicamente cobrir o Paraná, a orientação que recebi foi que a partir daquele momento a cobertura de Educação, Justiça e Ideias seria focada no que era importante para o leitor nacional, como produto online, sem enfoque no Paraná. Então a gente recebia pautas locais, de assessorias e sindicatos, mas eu explicava que só poderia aproveitar se o tema rendesse como pauta nacional. Se fosse algo local, iria para a editoria de Curitiba. (...) Eu tinha esse filtro de morar fora do Paraná e não ser do Paraná, então me perguntava sempre o que valeria para audiência nacional? Não tinha esse apreço em especial pelo que vinha do estado, apesar de gostar muito do Paraná. (Entrevista com o editor E1, realizada em março de 2022).

Contudo, mesmo não se podendo afirmar categoricamente uma relação de causa e consequência, o fim do jornal impresso impactou, sim, na cobertura de Educação, devido à redução de equipe, conforme relato da editora E2 (responsável pela editoria antes de E1):

Como ficamos com uma equipe menor (apenas dois jornalistas fixos), tivemos de escolher melhor os temas e renunciar a outros que já têm cobertura extensa em outros jornais (dicas para o Enem, datas do ProUni, etc). Ao mesmo tempo, percebemos que a cobertura de educação na imprensa em geral é pobre e que poderíamos fazer algo diferente, buscando evidências científicas para assuntos poucos explorados em reportagens. Funcionou: os leitores gostaram e trouxemos temas inusitados, de interesse público. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Ou seja, com a digitalização da *Gazeta*, a editoria passou a ampliar ainda mais o espaço das pautas gerais sobre Educação, o que implicou em maior quantidade – passando de 28 para 83 matérias, na comparação entre os semestres levantados. E isso se deu com uma equipe reduzida, que dedicou atenção especial a essas temáticas. No aspecto analisado a seguir, percebeu-se que essas *temáticas gerais* coincidem com as *pautas nacionais*.

b) Ao passar para o aspecto da *territorialidade*, que revela a quantidade de pautas locais, regionais, nacionais e internacionais presentes na editoria de Educação, constatou-se que as matérias *nacionais* concentram 77% da amostragem. Destas, 71 matérias foram publicadas no primeiro semestre levantado, passando para 166 no semestre seguinte, ou seja, um aumento de 133% na cobertura. Já as *internacionais* triplicaram: eram 10 matérias no primeiro semestre, passaram para 32 depois.

Já as pautas locais (Curitiba) e regionais (Paraná) mantiveram-se estáveis em ambos os semestres levantados, o que demonstra que a cobertura pouco ou nada se alterou mesmo tendo sido encerrado o jornal impresso. Sobre esse aspecto, quando questionada sobre o impacto do planejamento editorial macro da *Gazeta do Povo* e das estratégicas específicas da editoria de Educação, E2 ressaltou que “foi um pouco dos dois”:

Foi uma construção coletiva. (...) Não queríamos fazer o que outros jornais estavam fazendo. Lembro que o nosso lema era oferecer ao leitor informações que “só a Gazeta do Povo tem”. Além disso, com o conhecimento da equipe em Educação, não só de dados do Brasil, tínhamos dados científicos novos que, por vários motivos, não eram abordados em reportagens nacionais. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

A percepção se repete na fala da repórter R2, no mesmo questionamento:

Junto com a migração do impresso para o digital, houve a escalada nacional também, de modelo de negócio e busca de crescimento com leitores nacionais. A ideia não era abandonar o local, mas trabalhar a pauta nacional para ter um ganho de escala e conseguir crescer no digital. E isso orienta todas as editorias. (Entrevista ao autor, abril de 2022).

Os depoimentos de E2 e R2 jogam luz sobre o impacto do modelo de negócio (CANAVILHAS, 2014) do jornal no dia a dia da produção da notícia – conforme teorizado por Alsina (2009) e Traquina (2004) – pela editoria de Educação. Dessa forma, tanto os dados

do *corpus* noticioso, quanto o conteúdo das entrevistas, nos ajudam a revelar o cenário de predominância de pautas nacionais e internacionais em detrimento dos assuntos locais, aspecto este potencializado pela desmaterialização da *Gazeta do Povo*.

c) O aspecto dos *agentes jornalísticos* – que foi explicado no capítulo metodológico – serviu como critério de seleção para os entrevistados que mais assinaram matérias no período levantado, detalhados no QUADRO 1. A seguir, detalharemos a formação acadêmica e as experiências profissionais dos agentes jornalísticos entrevistados

Natural de São Paulo, o editor E1 foi criado em Brasília, onde se formou pela UnB. Trabalhou na rádio CBN, no *Jornal de Brasília* e no *Correio Braziliense*, além de ter passado por experiências profissionais em *O Estado de S. Paulo* e na revista *Veja*. Fez mestrado em administração pública e atualmente faz doutorado, ambos em instituições dos Estados Unidos.

Graduado em Jornalismo há 11 anos, R1 já trabalhou na revista *Rolling Stone* e na Editora Abril, foi *freelancer* de *O Estado de S. Paulo*, atuou em revistas segmentadas do setor florestal e de energia, e atualmente trabalha numa assessoria de imprensa terceirizada que atende uma universidade particular paranaense.

Já a editora E2 conta que:

Terminei a graduação em Comunicação Social, Jornalismo, em 1997. Trabalhei quatro anos em São Paulo, em assessorias de imprensa de empresas e políticos. De volta a Curitiba, em 2002, trabalhei dois anos em uma assessoria de imprensa e, em 2003, entrei na *Gazeta do Povo*. Morei quatro anos na Itália (entre 2007 e 2011), para estudar uma especialização em Filosofia. Na volta, consegui ser recontratada no jornal. (Entrevista ao autor, março de 2022).

A repórter R2 se formou em Jornalismo na UFPR, já trabalhou em agências e assessorias de imprensa antes da *Gazeta do Povo*, e atualmente faz mestrado em Comunicação. Por fim, o repórter R3 (também de São Paulo) se formou em 2000, vive em Curitiba há 12 anos, trabalhou na Editora Abril, no *Valor Econômico* e na *Rolling Stone*.

Ainda como resultado dessa segmentação, é preciso listar que 17 matérias foram feitas por dez jornalistas contratados da *Gazeta do Povo*, realocados de outras editorias para Educação (pautas sob demanda). Já os *freelancers*, jornalistas não contratados pelo jornal, assinaram 72 matérias, num total de 22 jornalistas ao longo dos treze meses levantados.

d) Em relação às *modalidades jornalísticas*, o *corpus* noticioso do período revelou que 65% das matérias se enquadram como reportagens, que trazem apuração mais extensa, fontes variadas e análises que levam mais tempo para leitura. Sobre esse aspecto, a editora E2

detalhou como era o processo de seleção das pautas, as dificuldades em se ter uma equipe de reportagem e *freelancers* na quantidade adequada para atender as pautas, além das razões pelas quais as matérias, em sua maioria, se tornavam reportagens extensas:

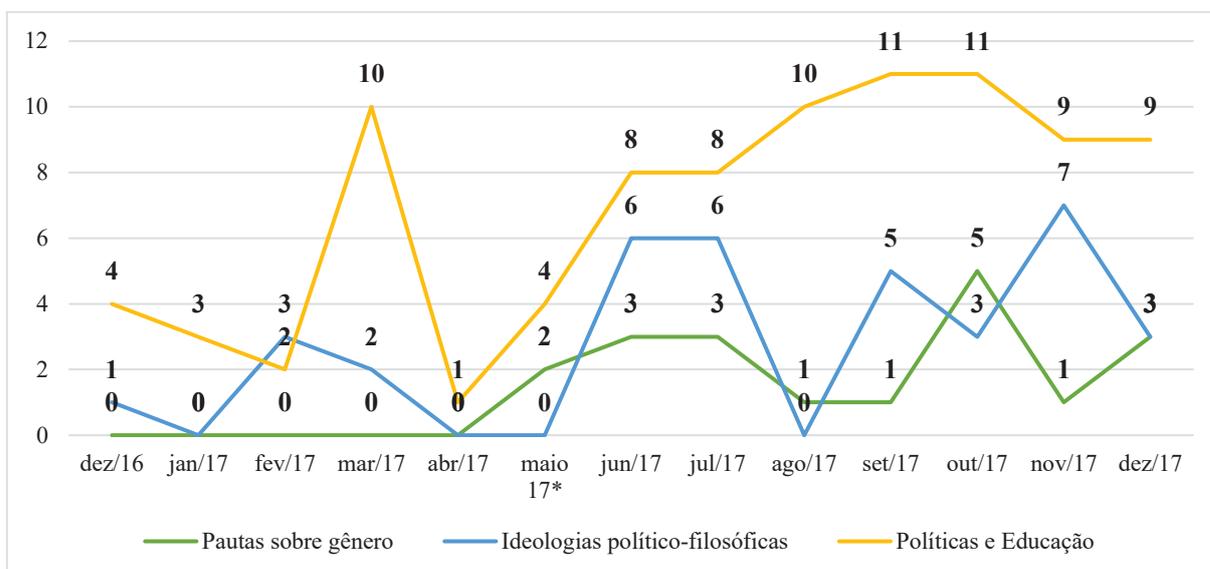
O critério principal é ser notícia, ter interesse público. As pautas são debatidas em reuniões, em que todos podem dar sua opinião. Como os temas em Educação são extensos e não temos braços suficientes para tudo, chegamos sempre a um consenso sobre o que tem mais importância. (...) aceitamos várias sugestões (de sindicatos, entidades e assessorias) e rejeitamos algumas, principalmente por falta de braços. E porque muitas sugestões não são notícia, há muito desconhecimento sobre isso entre os atores educacionais. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Mesmo que E2 seja especialista em seu campo de atuação jornalística, cabe um adendo sobre sua interpretação acerca do conhecimento que os atores educacionais teriam (ou não) sobre o que seria notícia. Em que se pesem os critérios básicos de noticiabilidade (ALSINA, 2009), há ainda a busca estratégica do jornal pelo *leitor nacional* e seus interesses, que vão além do cenário local, povoado pelos atores educacionais de Curitiba e do Paraná. Ou seja, pode-se dizer, como o entrevistado E2, que a *Gazeta do Povo* cobre notícias de “interesse público”, mas desde que sejam matérias de caráter *amplo e nacional*.

e) Por fim, o aspecto das *temáticas principais* jogou luz sobre quais foram os assuntos e pautas mais recorrentes entre dezembro de 2016 e dezembro de 2017, período marcado por agitações nos âmbitos local e nacional, antecipando o panorama de polarização política e ideológica que estaria mais perceptível em 2018, ano de eleições presidenciais, para governadores e representantes no Congresso Nacional.

O Gráfico 10 revela a variação mês a mês de três das pautas mais ligadas às “Convicções” editoriais do jornal (que foram detalhadas no Capítulo 3): pautas sobre *Gênero* (média de três pautas/mês a partir de junho de 2017, tendo vindo de um semestre anterior com apenas duas pautas no total), sobre *Ideologias políticas* (de uma pauta/mês para quase cinco pautas/mês, após junho de 2017) e sobre aspectos da *Política ligados à Educação*:

GRÁFICO 10: TEMÁTICAS MÊS A MÊS (DEZ. 2016 A DEZ. 2017)



Fonte: Autor (2022).

O maior salto foi justamente nos assuntos sobre política, a maioria em pautas nacionais, que passaram a uma média de nove notícias mensais entre julho e dezembro de 2017 (no semestre anterior, a média foi quatro notícias/mês nessa temática).

Encabeçados pela tríade “política-ideologia-aprendizagem/tecnologia”, com 29%, 12% e 12%, respectivamente, os assuntos mais recorrentes foram acentuados no período levantado tanto pelo panorama nacional – que iniciava uma polarização política e ideológica focada em tais temáticas, com desdobramentos em movimentos de ensino e educação -, quanto pela predileção editorial da *Gazeta do Povo* em pautar seus conteúdos noticiosos nessa “tríade” – que incluía ainda pautas nacionais sobre ações políticas e legislativas de Educação, bem como ideologias políticas e a “disputa entre esquerda e direita” em sala de aula.

Aponte-se ainda um adendo sobre as pautas dedicadas às questões de gênero (6%), que abordavam denúncias de supostas doutrinações em sala de aula, quanto manifestações diversas sobre pessoas transsexuais e travestis

4.2 ANÁLISE FORMAL DAS ENTREVISTAS

Conforme explanado no capítulo metodológico, essa pesquisa optou por dois modelos de roteiros nas entrevistas individuais semiestruturadas, para assegurar uma maior assertividade na coleta de informações: o primeiro roteiro foi voltado aos representantes de sindicatos e entidades educacionais; o segundo, aos repórteres e editores que atuaram na

editoria de Educação da *Gazeta do Povo* (ambos os roteiros estão disponíveis nos APÊNDICES 3 e 4).

Dentro da técnica de Análise de Conteúdo (AC), a tipologia escolhida para essa pesquisa foi a da análise categorial, para examinar o discurso das entrevistas individuais com os representantes de entidades e sindicatos (Grupo 1), além dos jornalistas que atuaram na editoria de Educação do jornal no período estudado (Grupo 2).

Segundo Bardin (2016), a análise categorial leva em consideração a totalidade de um texto para distribuí-lo em categorias temáticas. Como a análise das entrevistas parte de um *corpus* reduzido – seis representantes de entidades e sete jornalistas – nosso foco traz uma abordagem qualitativa.

4.2.1 Categorias de análise do Grupo 1

Conforme explicado no capítulo metodológico, com apresentação da ementa de cada categoria, o grupo que reúne os seis representantes de sindicatos de Educação no Paraná foi dividido em quatro categorias para a aplicação da AC. São elas: *Atuação sindical e profissional*; *Consumo de notícias (gerais e de Educação) e assinatura de veículos*; *Percepção da editoria de Educação da Gazeta do Povo*; e *Gazeta do Povo: impactos da cobertura e do fim do jornal impresso*.

a) Atuação sindical e profissional

A primeira pergunta que engloba um padrão de categoria é, justamente, sobre a trajetória profissional e sindical dos seis entrevistados.

Representante da APP Sindicato, S1 é servidor concursado, formado em Administração e Marketing, com pós-graduação em gestão escolar. Além da APP, atuou por poucos anos na CUT. "Venho de uma formação católica e uma vivência de Pastoral de Juventude, baseada na Teologia da Libertação, trabalho com os jovens e uma formação alinhada nas comunidades de base", descreve, como sua motivação. Sobre o aspecto negativo, S1 afirma que os últimos anos "foi um período de 'tiro, porrada e bomba', literalmente", em referência ao episódio do 29 de abril de 2015. "Foi pesado, inclusive precisei me afastar depois por questão de saúde. A vivência sindical exige muito da gente", afirmou.

Já S2 – que representa a APUFPR – é professor aposentado da UFPR desde 2019, processo que foi antecipado pela "reforma da previdência e perseguição política do governo atual", S2 lecionava no Departamento de Estatística, tem mestrado na USP e doutorado em

uma universidade norte-americana. Na UFPR desde 1990, o professor trabalhou ainda com estatística ambiental. Sua militância política e sindical surgiu na faculdade, cursada na UNB, onde foi "presidente do DCE em 1979. E isso foi me aproximando da política, por meio da política estudantil." S2 também possui filiação partidária.

Por sua vez, S3 – que representa o Sinepe-PR – é administrador especializado em meio ambiente, auditoria e capacitação gerencial, com mais de 20 anos de atuação no setor educacional de ensino superior. Natural do ABC paulista, atuou numa faculdade de São Paulo que anos depois se tornou centro universitário, além de uma instituição ligada à tradicional Fundação Álvares Penteado (FAAP). Também é consultor de empresas e grupos de educação e já teve vivência sindical quando trabalhou em duas empresas do ABC paulista, “no período do movimento metalúrgico. Sempre atuei na área de Recursos Humanos, então entendia desde aquela época o que eram as convenções coletivas”. Sobre o momento atual das instituições particulares, na pandemia, S3 relata que o Sinepe-PR “teve embates aguerridos pela retomada das aulas. Algumas decisões dos governantes, nas três esferas, foram muito erradas, devido à visibilidade política da pandemia. Então foi preciso fazer uma grande campanha publicitária pela retomada, mostrando nosso olhar e intenção.”

Representante do Sinpes, S4 é advogado e atua sindicalmente há 30 anos. Anteriormente, atuou também na diretoria de outra entidade sindical, ligada ao setor da Procuradoria da Fazenda. Segundo S3, suas motivações são manter a combatividade nas causas jurídicas em favor dos professores de ensino superior associados ao Sinpes. "Temos muito apelo na categoria quando surgem problemas, somos uma referência. Tem sido bastante gratificante esses 30 anos de luta". Por outro lado, ele admite que a atuação sindical, nos anos recentes, tem sido "ingrata", diante das reformas políticas e trabalhistas, "pois o sindicato é forçado a representar toda a categoria, mas só recebe dos sindicalizados. E acaba sendo o pior dos mundos nas duas vias".

S5, representante do Sinpropar, foi professor por 30 anos na Unespar. Formado em Administração e Publicidade pela FAE, tem mestrado em Portugal e doutorado na Argentina. Além do Sinpropar, atua também na Federação dos Trabalhadores em Educação do Estado do Paraná (Fetepar), que inclui professores e auxiliares. Sua motivação para a atuação sindical é a importância de se "atuar em grupo para ter mais representação. Esse foi um dos maus legados da reforma trabalhista, pois estimula a relação pessoal com o empregador, o que constitui uma relação completamente desfavorável ao trabalhador." Em sua visão:

Uma economia forte, indiscutivelmente, é formada por um setor não só de empresas fortes, mas de um setor produtivo de trabalhadores amparados e sindicatos sólidos. O sindicato acaba sendo uma segurança para o próprio empregador, quando está sujeito a ser questionado na justiça se não houver supervisão sindical. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Por fim, a representante do Sismmac, identificada aqui como S6, é professora da rede municipal há 22 anos, também lecionou na rede estadual e em entidades particulares. Graduada pela UFPR, tem mestrado em Políticas Educacionais e doutorado no Chile. Além do Sismmac, que faz parte desde 2002, quando entrou na rede pública municipal, também já atuou na APP Sindicato e no Sinpes. Em relação à atuação dos sindicatos em pautas comuns à Educação, ela considera que as lutas deveriam ser mais unificadas, pois:

(...) os sindicatos são um movimento social que conta com recurso financeiro, ao contrário de outros movimentos. Então os sindicatos progressistas têm uma tarefa que vai além da questão corporativa, de disputa ideológica. A gente acredita nisso. Nesse sentido, a própria imprensa sindical deixa muito a desejar, sem engajamento em temas fundamentais. Temos uma responsabilidade por isso. É um trabalho com qualidade que deveria ser feito. Em geral, temos apenas campanhas salariais mais “quadradas”, que não vão além. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Dentre os seis entrevistados, todos possuem ensino superior: três possuem mestrado e doutorado em seus campos de atuação acadêmica; dois possuem especialização e/ou pós-graduação; e um entrevistado possui apenas graduação. Já em relação às vivências sindicais, os entrevistados possuem entre 15 e 30 anos de experiência. A categoria revela a especialização dos entrevistados na área, assim como o tempo dedicado às atividades sindicais/representativas.

b) Consumo de notícias e assinatura de veículos

A segunda categoria abrange o consumo de notícias (gerais e de Educação) pelo grupo de entrevistados, tendo como subcategoria o aspecto de serem consumidores flutuantes (em portais, jornais, revistas, rádios e televisões) ou de serem assinantes.

Na visão do professor S2, representante da APUFPR, nenhum veículo de comunicação seria “isento”, pois cada um “tem seu dono, sócios e uma linha editorial”. Contudo:

(...) quando a notícia é muito seletiva em serviço de uma ideologia, ela deixa de fornecer informações que o leitor precisa. Por exemplo, gosto muito de ler colunas. Mas quando todos defendem uma mesma posição, sem articulistas que tragam múltiplos enfoques, acho que (o leitor) perde o interesse. É diferente dos editoriais do jornal, que posso ler ou não. Mas quando todos os articulistas vão na mesma direção, fica partidarizado, um “catecismo” de uma tendência única. Não busco isso quando leio um veículo de informação, quero pontos de vista discordantes, mas sem a ilusão de achar que o jornal deve ser neutro. Se quiser um jornal partidarizado, vou ler do meu partido. (Entrevista ao autor, novembro de 2021).

S2 é assinante da *Piauí*, *Folha de S. Paulo* e *Superinteressante*. Ele conta que foi assinante da *Gazeta do Povo* por três décadas, entre 1982 (quando chegou a Curitiba) e 2009 – quando morreu o *publisher* Francisco da Cunha Pereira. Na visão de S2, “houve um estreitamento quando os filhos assumiram”.

Eu gostava muito, lia o impresso todos os dias. Nos anos 1980 e 90, tinha crônicas, articulistas, uma diversidade. Eu mesmo publiquei artigos lá, entre 2005 e 2006, sobre a universidade. Acho que a *Gazeta* resolve tomar uma posição ideológica mais clara depois da morte do Dr. Francisco, mas não me interessava mais. Quando começaram a defender e nas propagandas conceitos religiosos, de controle comportamental, de preservação fundamental de instituições, “jornal da família”, isso me desinteressou. (Entrevista ao autor, novembro de 2021).

Já S3 nunca foi assinante da *Gazeta*, mas lia o impresso quando atuava em uma faculdade, antes de levar o exemplar para a biblioteca. Quando morava em São Paulo, foi assinante de *O Estado de S.Paulo* e do *Valor Econômico*, mas deixou de ser quando se mudou para Curitiba. Sobre seus hábitos de leitura e relacionamento com a imprensa, ele conta que:

Já fui assinante de jornais, hoje não mais. Mas leio de tudo, vou atravessando notícias em vários portais. Acho importante o papel da imprensa, respeito e respondo sempre que sou demandado. Essa relação pode se tornar uma equação boa para todos os lados. A gente sempre tenta fazer o melhor nessa relação entre sindicato e imprensa. É preciso ética nesse processo, com sinergia de esforços. Minha leitura é mais nos portais nacionais, alguns de fora também. Pelo nosso cenário, é preciso estar antenado em novas tecnologias educacionais, focadas no ensino superior, para trazer novidades. (Entrevista ao autor, dezembro de 2021).

Por sua vez, S4 relata que “o sindicato cortou todas as assinaturas” na pandemia, mas que ele pessoalmente assina “a *Folha de S.Paulo*, o UOL e o portal *Plural*”, além de acessar o jornal *Bem Paraná* e os portais jurídicos *Jota e Jus Brasil*, “que nos orienta para acompanhar casos de professores”. Sobre a cobertura desses veículos, S4 as considera “a contento”.

O entrevistado S1 conta que tem utilizado muito o Twitter para se informar, mas que saiu do Facebook há dois anos “pela minha saúde mental”. Além disso, segundo ele, acessa muito “sites de notícias, seja mídia convencional ou sites alternativos como o *Brasil de Fato*, o *Fórum* e o *Plural*”. Já S5, do Sinpropar, foi assinante da *Gazeta do Povo* por muitos anos, mas deixou de assinar em 2017. Atualmente, assina a *Folha de S.Paulo*, ouve a rádio Bandnews e acompanha o noticiário em emissoras como a RPC TV. Em sua visão, a cobertura de Educação “poderia melhorar bastante, com esforço para ampliar a divulgação”:

Até sentimos falta do jornal físico, mas confesso que com a mudança para a plataforma digital, a *Gazeta* sofreu uma mudança completa na linha editorial. Por conta disso, acabei cortando minhas ligações. Em termos de jornal, até assisto a RPC que é do mesmo grupo, mas editorialmente a *Gazeta* partiu para uma linha muito conservadora, até meio fascista. Haviam bons colunistas antes, como Celso Nascimento, Fabio Campana. A cobertura política tinha uma linha mais neutra. Mas ultimamente, parece que reúnem pessoas que estão “sobrando” e tem opiniões radicais de extrema direita, servindo apenas a um nicho. Sinceramente, não tenho mais vontade de ler a *Gazeta*. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

S6 é assinante do *Brasil de Fato* (com assinatura pessoal e do Sismmac, “por uma questão ideológica e para ajudar”) e do *Plural*. O sindicato também assina o *Diário Indústria & Comércio*, devido à publicação de editais. Em sua visão, o *Bem Paraná* traz informações incorretas ou incompletas, que causam tumulto na base de professores do sindicato. Contudo, S6 acompanha o portal para acompanhar notícias sobre a Prefeitura de Curitiba, e também a *Banda B*, que ela considera “mais sensacionalista”. Sobre a relação com a mídia, ela critica:

Em geral a cobertura é negativa tanto para o servidor, quanto para a Educação. A grande mídia local acaba ficando do lado da prefeitura. As maiores emissoras de TV, por exemplo, são governistas. Temos pouquíssima inserção. Nossa base até pede para a gente ocupar a mídia com nossas pautas, mas ela não está aberta para a gente. Por isso precisamos de instrumentos diferentes, via publicidade e redes sociais. Acho que deveria ter mais imparcialidade nas TVs, oferecer o mesmo tempo e espaço. As vezes entra uma fala de 15 segundos do sindicato e um bloco inteiro de falas ou da visão da prefeitura. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

A segunda categoria traz uma constatação bastante significativa sobre o grupo de informantes qualificados: nenhum deles é assinante da *Gazeta do Povo* atualmente. No passado, quatro deles foram assinantes do jornal, um deles lia a edição impressa diária pela assinatura do sindicato, e uma entrevistada nunca foi assinante (mas lia esporadicamente o caderno *Viver Bem*, há mais de 20 anos).

Três dos representantes sindicais assinam atualmente a *Folha de S. Paulo*; dois assinam o jornal *Brasil de Fato* e dois assinam o jornal *Plural*. E uma das entidades assina o jornal *Diário Indústria & Comércio*. Outros veículos citados nas assinaturas são as revistas *Piauí* e *Superinteressante*. Em relação ao acesso como leitores flutuantes (sem assinatura), foram citados o jornal *Bem Paraná*, os portais *Banda B*, *Jota* e *Jus Brasil*, além da rádio *Bandnews* e da RPC TV.

c) Percepção da editoria de Educação da *Gazeta do Povo*

Quando o assunto abordado foi a percepção que os representantes sindicais têm (ou tinham quando liam) da editoria de Educação do jornal, e se a *Gazeta* cumpre um papel social

com sua cobertura, cinco entrevistados revelaram impressões críticas e/ou negativas, com apenas uma avaliação positiva, vinda de S3:

A Gazeta do Povo é bastante preocupada, observa-se uma cautela em publicações que sigam a ética, sem sensacionalismo além do necessário, tem uma medida. E se a gente usava a *Gazeta* como parte do acervo da biblioteca de uma faculdade, significa que tinha uma expressão na divulgação de assuntos de interesse. Acho que ela cumpre um papel social e político. E também atua na formação de opinião. A *Gazeta* tem um poder de influência, mas sabemos que cada veículo faz sua cobertura, tem seu enfoque, a partir de um mesmo fato ou entrevista. Acho que fazer essa comparação nos mostra qual veículo leva a notícia no caminho mais retilíneo de como ela de fato aconteceu. (Entrevista ao autor, dezembro de 2021).

Para S4, a percepção da mudança na cobertura veio na prática, quando o Sinpes deixou de ser procurado como fonte para matérias da *Gazeta do Povo*:

Sempre achei tendenciosa (a cobertura), mas até quatro anos atrás ainda colocavam a opinião do Sinpes, depois não mais. Presumo que ou eles estão completamente parciais, ou não tratam mais desses assuntos locais. Um amigo do sindicato, já falecido, dizia que a *Gazeta* impressa era um jornal que já vinha lido: só tinha conteúdo requeitado de outros jornais. E acho que só piorou, infelizmente. Antes havia *O Estado do Paraná*, do Paulo Pimentel, que eu não morria de amores, mas era um pouco melhor. Tinha uma boa página jurídica, acabava sendo um contraponto. Hoje nem isso, voltamos a ser a quinta comarca de São Paulo. É uma pena. (Entrevista ao autor, janeiro de 2022).

Sobre o papel social desempenhado pelo jornal com sua cobertura de Educação, S1 afirma que este “não deixa de ser um papel social, mas com um lado bem delineado”:

Dessa forma, cumpre um papel, leva a sua visão à sociedade. Mas poderia levar outras visões. Já tivemos isso, eles tinham espaço de artigos e queriam nossa visão. O presidente da APP escrevia artigo, os diretores também, sempre que a Secretaria de Educação escrevia um artigo. Se a editoria fizesse isso hoje, seria muito bom. Eu lia a *Gazeta do Povo* todos os dias quando estava no sindicato (presencial), hoje me reservo ao direito de não olhar, também pela minha saúde mental. No máximo acompanho o G1 para os assuntos estaduais, mas a *Gazeta* me nego. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Por sua vez, S2 reforça a impressão de que a entidade (APUFPR) deixou de ser procurada como fonte pela editoria (ou pela *Gazeta*, de um modo geral), e que os canais internos e redes sociais da associação são os meios mais utilizados:

Quando precisamos noticiar pra fora, buscamos veículos alternativos, pouco a imprensa tradicional. Até porque não é fácil, se escrever um artigo falando todos os pontos da APUFPR, dificilmente a *Gazeta* irá publicar. Nossa pauta não vende jornal. Acho que a cobertura da UFPR é maior que a cobertura da APUFPR, e das demandas dos professores. Temos grupos avançadíssimos de pesquisa na universidade, mas isso não vende notícia como uma notícia policial. Um professor que joga a esposa pela janela é mais notícia do que um que descobre a vacina da Covid-19. Entendo essa lógica, mas poderiam se dedicar um pouco mais à Ciência, Tecnologia. A cidade produz muita Cultura. A *Gazeta* já foi um bom jornal de Cultura, seria bom se retomasse isso. (Entrevista ao autor, novembro de 2021).

Em relação a ser procurado como fonte, o Sinpropar é muito pouco lembrado, segundo S5. “Quase nada. Principalmente na pandemia. Com exceção do início, em que naturalmente nos posicionamos sobre as aulas remotas e estimulamos a vacinação. Chegamos à conclusão de que é um momento em que já deu, o aluno precisa de aula presencial.” Sobre a cobertura de Educação, S5 sente falta de mais conteúdo que ajude na reciclagem dos professores:

Nosso último evento foi em 2018, o seminário “Educar”, com uma reunião de palestrantes, quando o sindicato tinha mais recursos. Seria positivo lermos mais notícias sobre questões como tecnologia, redes sociais, como tratar disso com alunos do fundamental. Sempre no sentido de estar informando e possibilitando ao professor alternativas de reciclagem (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

A professora S6, do Sismmac, afirma que nunca foi assinante da *Gazeta do Povo*, até mesmo antes do fim do jornal impresso, por sempre considerar o jornal “muito conservador, de direita e tendencioso”, mas que prefere esse posicionamento editorial assumido:

A *Gazeta* deixa muito claro o posicionamento ideológico vinculado à extrema direita, eles fizeram essa opção e não tem o que tirar dali. Todas as notícias vão ser para esse espectro bolsonarista. Acho que o Sismmac tem uma assinatura institucional, para ter acesso aos conteúdos, mas não tenho certeza. Eu gostava do caderno *Viver Bem*, quando era impresso. Mas faz muito tempo, uns 20 anos atrás. O tipo de matéria que eles publicam hoje eu não leio, não consigo. Alguns colunistas são fascistas, não é chavão, é assumido. Mas ao menos assume esse perfil, acho que no Brasil ainda falta isso para a Rede Globo e outros veículos, de assumirem sua posição editorial. Acho que deveria ser regulamentado. A página de princípios da *Gazeta* falta em outras mídias. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

A categoria revela que, entre os seis entrevistados, predomina a impressão negativa ou crítica sobre a cobertura feita pelo jornal estudado, com apenas um dos representantes considerando a cobertura com viés positivo. Já em relação às entidades serem procuradas como fontes noticiosas ou de opinião pela *Gazeta do Povo*, isso só acontece em caso de greves ou mobilizações de classe, e não como sugestão de pautas como se fazia no passado.

d) *Gazeta do Povo*: impactos da cobertura e do fim do jornal impresso

Outra conclusão bastante reveladora sobre a percepção dos entrevistados, enquanto informantes qualificados dentro do setor de Educação do Paraná, foi a de que, para todos os seis representantes, não foi o fim do jornal impresso o que mais gerou impacto na cobertura feita pela *Gazeta do Povo*, e sim o movimento editorial e de nacionalização que já vinha sendo implementado nos últimos anos (antes de 2017).

Para S2, por exemplo, o processo de digitalização é inevitável pois “a notícia ganhou outros canais mais dinâmicos. Não tenho mais a *Folha* em papel, leio pelo UOL todo dia. Nossa vida mudou, e a forma de aquisição de conhecimento e notícia mudou”. Contudo,

segundo S2, “jornal ideológico não gera interesse”. “Poderia dizer com toda a sinceridade que gostaria de voltar a ser leitor da *Gazeta*, desde que cobrisse mais a diversidade”.

O aspecto da tecnologia e velocidade das notícias também foi destacado pelo entrevistado S3, do Sinepe-PR, além do impacto ambiental do papel jornal:

Existe mais velocidade, economia e escala, com menor impacto na natureza ao se abrir mão do papel. Na minha visão, como especialista e auditor ambiental, praticamente não vai mais existir impressos daqui uns anos. Afinal já existem bibliotecas digitais de excelência, trabalho com uma de 6 mil títulos, além dos jornais e publicações digitais. Até mesmo para o estudo, o impresso e o livro físico dificultam no acesso a todos os estudantes. Sobre a cobertura nacional, acho que é uma opção até melhor. Não se tem mais as fronteiras locais e estaduais. Não vejo problemas (Entrevista ao autor, dezembro de 2021).

S1 destaca que a *Gazeta do Povo* vinha “num processo de mudança da linha editorial, mas quando se tem um (jornal) impresso, ele chega a mais pessoas e se tem um retorno das notícias de um público diferenciado, pois o impresso atinge mais gente”:

As pessoas querem comprar um jornal com aquilo que querem ler, o *feedback* é diferente. Quando passa a ser somente digital, ele afunila o público. Ao meu ver, por mais que houvesse um posicionamento de direita, ainda havia uma posição diferenciada, pois o jornal tinha que agradar mais gente. Mas o público está muito afunilado hoje. Eles achavam que iria ampliar a assinatura digital e não ampliou, a gente percebe isso nas propagandas e campanhas deles. Então acabam escrevendo para esse nicho específico. É uma avaliação pessoal. Então piorou, sim, essa cobertura, de um jornal com mais de 100 anos que se tornou um “jornaleco” digital para um público seletivo que quer ver no site e nas redes sociais, não mais para toda a sociedade. O nome *Gazeta do Povo* remete a algo tão importante, apesar de o jornal nunca ter sido realmente do povo. E hoje é menos ainda. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Por sua vez, o entrevistado S4, do Sinpes, aprofunda a crítica em relação à linha editorial e ideologia defendida pelo jornal em suas “Convicções”, e sobre como isso impactou muito mais a cobertura do que o fim da edição impressa:

Acho que a morte do Dr. Francisco impactou mais (do que o fim do impresso). Ele era conservador, mas tinha uma visão empreendedora. Os leitores já eram conservadores antes. Então não foi só o conservadorismo exagerado que causou essa mudança. Apesar de que a visão da Opus Dei é “medieval”, não dá... O que atrapalhou muito foi essa mistura de interesses pessoais com o veículo. Tenho saudades de ler os classificados da *Gazeta* de domingo. O fim do impresso e a ida para o virtual é consequência da queda de leitores. Também em função do fim dos classificados, acho que contribuiu muito. (Entrevista ao autor, janeiro de 2022).

A linha editorial e as opções de colunistas nacionais, em detrimento da identificação histórica com o Paraná, também foram apontadas por S5, do Sinpropar, como razões impactantes nessa mudança de cobertura, mais do que o fim do jornal impresso. Na sua

percepção, a *Gazeta* parecia “mais neutra, diversificada, tinham opiniões seguras. Hoje parece que a tendência é escutar um lado só”:

Eles têm feito um esforço sobre-humano em ser tendenciosos. Isso faz a *Gazeta* perder a função jornalística, acaba sendo um informativo de determinado segmento. Talvez aproveitando o digital, veio a ampliação da cobertura para o nacional. Mas parece ser o motivo dessa linha editorial tão fechada nesse segmento conservador. Talvez queiram ser o “veículo da ultradireita brasileira”. Mas acaba perdendo a identificação com o Paraná. Antes havia âncoras locais, colunistas, hoje a maioria é de fora. Virou uma “curva de rio” onde encostaram os desprezados de outros veículos: Alexandre Garcia, Rodrigo Constantino, Luís Ernesto Lacombe. A gente tinha a *Gazeta* como marca forte, com identidade forte, mas com essa proposta que assumiram, acabam perdendo relevância. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

Ainda nas palavras de S5, “recebo alguns e-mails da *Gazeta* me convidando a voltar a ser assinante, mas nos últimos dois anos eu nem abro mais. Começo a me irritar”. Já S6, do Sismmac, considera que o fim do jornal impresso (além de ser uma estratégia comercial) também contribuiu para estimular a polarização entre os leitores da *Gazeta do Povo*:

Quando você tinha jornal impresso, o leitor tinha o hábito da leitura, que era feita de outra forma. Hoje, o leitor de internet tem outro perfil, o que contribui para esse momento de polarização do país. Estrategicamente e comercialmente, eles adotam esse modelo (digital) pela possibilidade de ganhar dinheiro, gerar compartilhamento, engajamento, com público jovem também, o que é triste. Além do público mais velho, propenso às *fake News*. (Entrevista ao autor, fevereiro de 2022).

A análise das quatro categorias do grupo que reúne seis representantes sindicais nos permite averiguar que o setor de Educação por eles representado foi, sim, impactado pela mudança na cobertura territorial das pautas pela *Gazeta do Povo*, bem como pelo fim da circulação do jornal impresso. Enquanto um deles (S3) considera as mudanças benéficas diante do progresso tecnológico, e não se incomodou com a nacionalização das pautas (ainda que não seja assinante do jornal), os demais concordaram com a visão de que faz falta um jornal que cubra, de maneira plural, as pautas de interesse da categoria (de escolas, alunos e professores), com enfoque em Curitiba e no interior – até mesmo pela importância da *Gazeta do Povo* no estado e sua identificação histórica com o Paraná.

Outro ponto destacado por dois dos entrevistados (S2 e S4) foi que, desde a morte do *publisher* Francisco da Cunha Pereira, em 2009, gradualmente o jornal foi dando início ao processo que desaguou na publicação das “Convicções” editoriais e na mudança estratégica do modelo de negócio (do regional para o nacional), conforme abordado no Capítulo 1.

Essa “lacuna” na cobertura foi explicitada quando indagados sobre quais meios de comunicação utilizam para se informar no dia a dia, e sobre como conseguem manter a visibilidade de suas divulgações da categoria diante da mudança de cobertura da *Gazeta do*

Povo – um dos *objetivos específicos* desta dissertação. Os sindicatos passaram a investir em grupos de associados nas redes sociais (Facebook e Instagram) ou grupos e listas de distribuição de mensagens (WhatsApp), além dos sites e perfis oficiais de cada entidade.

O contato com a imprensa, dessa forma – e acentuado pela pandemia, com redução dos recursos, de modo geral, nas entidades sindicais e associadas pelo país – passa a ser mais pontual, quando procurados por veículos locais (*Bem Paraná, Plural*, entre outros) ou nacionais (*Brasil de Fato*). Apenas um dos sindicatos afirmou avaliar o investimento em publicidade direcionada a partir de 2022, mais do no trabalho de assessoria de imprensa, como fazia até então.

A visão dos informantes qualificados joga luz sobre pontos que também foram explicitados pelo grupo de jornalistas entrevistados.

4.2.2 Categorias de análise do Grupo 2

Passando para o grupo de jornalistas – ao todo, foram sete os entrevistados: quatro editores, um repórter que depois se tornou editor-assistente, uma repórter contratada e um repórter *freelancer* – foi possível dividir a Análise de Conteúdo em três categorias: *Critérios de seleção de pautas e sugestões recebidas; Relações da equipe com as “Convicções” da Gazeta do Povo; e Mudança de cobertura e fim do jornal impresso*. As ementas de cada categoria estão explicadas no Capítulo 3.

Ressalte-se ainda que, resguardadas às identidades dos jornalistas entrevistados, suas formações acadêmicas e experiências profissionais foram apresentadas anteriormente nesta pesquisa, no Capítulo 2. Em relação à dinâmica básica das reuniões diárias e semanais de pauta, os relatos foram detalhados no Capítulo 1. Passaremos a seguir a análise das três categorias:

a) Critérios de seleção de pautas e sugestões recebidas

No primeiro período do levantamento, que contempla a editora E2 e a repórter R2, a definição de pautas mais amplas, sobre temáticas nacionais e de comportamento, teve como critérios descritos por E2 os de “atestar o interesse público”, sendo definidos pela equipe após “debater em conjunto, elencar os assuntos mais importantes e distribuir as pautas de acordo com a capacidade” de cada jornalista. Questionada se costumava aceitar sugestões enviadas por sindicatos ou instituições de ensino, e quais os critérios para publicação, E2 afirmou que

“os critérios para publicação são: interesse público, contribuição para a melhoria da qualidade da educação (mesmo que por vezes um determinado tema não traga tanta audiência)”.

A repórter R2 contou que a maioria de suas pautas vinham da editora E2, já que inicialmente ela (R2) tinha pouca experiência com o segmento educacional. O fator predominante nas escolhas, segundo ela, eram os assuntos do dia a dia, que pautavam as matérias especiais de Educação. Segundo R2, as pautas de agenda e eventos eram encaminhadas para as editorias de Curitiba e Vida e Cidadania:

A gente fazia mais pautas gerais, como uma entrevista *ping pong* sobre o movimento Escola Sem Partido, ouvindo os dois lados numa mesma edição. Nessa época foi movimentado, pegamos também o período de greves e ocupação das escolas pelos secundaristas e universitários. (...) A gente recebia sugestões e entrevistava as entidades e sindicatos, era sempre tranquilo. Eles nos atendiam bem, cada um defendendo seu ponto de vista. Nunca tivemos problemas com fontes em não nos atenderem. (Entrevista ao autor, março de 2022).

No maior período do levantamento, com a equipe chefiada pelo editor E1 e composta pelo repórter R1, com contribuições do *freelancer* R3, o jornalista E1 explica que as pautas da editoria do caderno Ideias “eram mais teóricas ou filosóficas” como, por exemplo, apresentar as razões para a Educação Ocidental ter se destacado ao longo da História. E1 conta que conversava bastante com o editor de *Ideias*, de maneira informal, para negociar quem iria fazer uma determinada reportagem se os assuntos coincidissem. “Além disso, a reunião diária para definição da *homepage* nos ajudava a alinhar as pautas, para não coincidir assuntos entre Educação e outra editoria, como *Ideias*”. Ainda sobre a rotina, R1 relata que:

A gente se falava o dia todo, eu e o E1. Mas sem formalidades. A gente sabia o que tinha que ser feito. Eu não acredito naquelas coisas (as “Convicções” do jornal), já ele (E1) acredita. Mas nós dois sabíamos o que tinha que fazer, fomos contratados para isso, não dava para “dar murro em ponta de faca”. A gente passava matérias menos factuais para os *freelancers*, em geral o que dava mais tempo de apuração, que precisava ligar para muitas fontes, personagens, às vezes escolas em outros estados e etc. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Em relação à forma como era feita a cobertura das pautas locais e a relação com as instituições de ensino, E1 relatou um episódio com o reitor da UFPR, Ricardo Fonseca:

Uma vez fomos procurados pelo reitor da UFPR, eu, o Leonardo (Mendes Jr.) e o Dr. Guilherme (Cunha Pereira), (...) cuja principal queixa era a de que não havia mais espaço para a UFPR no jornal e, quando havia, tinha viés negativo. De certa forma, ele tinha razão. Minha experiência, tendo vindo da *Veja* e cobrindo política em Brasília, era a de que pautas positivas não vingam nacionalmente. Talvez eu tenha levado um pouco disso para à *Gazeta*, mas com boa intenção: quando se cobre gestores e instituições públicas, em geral, isso envolve a perspectiva crítica. Concordamos que bons exemplos de pesquisas científicas relevantes teriam espaço. E, de fato, fizemos matérias mostrando isso. Mas se algo acontecesse na UFPR sem relevância nacional, não era pautado. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Já em relação a receber sugestões de associações, R1 destacou que a relação com as fontes ajudava bastante: se no início a redação tinha que “correr atrás”, um ou dois meses depois “todos tinham meu telefone e mandavam coisas”. A necessidade de filtrar as sugestões, porém, era recorrente nos “grupos de mães de escola”:

Tinha uma mãe do grupo “Mães pela Escola Sem Partido” que todo dia me mandava alguma coisa. O Miguel Nagib (fundador do Escola Sem Partido) também mandava pautas. Mas o nível da “loucura” é surreal, acima da “loucura aceitável”: de dez coisas que chegavam, sete não iam adiante, até para a linha editorial da *Gazeta*. Era surreal, não fazia sentido algum. E as outras três que sobravam, a gente tinha que avaliar para ver se ia render mesmo ou não. Em geral, as pautas sobre questões de gênero também vinham desses grupos. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Repórter *freelancer*, R3 citou exemplos de pautas que foram suas sugestões, como “Bons exemplos: cinco iniciativas inovadoras de educação Brasil afora”, de 12/12/2017. O personagem da matéria, o jornalista Caio Dib, já havia sido entrevistado anteriormente por R3 em outro veículo, “um personagem que dedicou a vida à Educação”.

Uma conclusão bastante clara sobre a rotina dos editores, repórteres e *freelancers* da equipe de Educação da *Gazeta do Povo* é a de que tanto as “Convicções” editoriais, quanto a priorização de pautas que despertassem o interesse do leitor nacional (seja em assuntos polêmicos, como questões de gênero, ou sobre políticas de educação e ideologias político-filosóficas), eram comunicadas à toda a equipe desde o momento de chegada. Este aspecto foi melhor detalhado na categoria a seguir.

b) Relações da equipe com as “Convicções” da *Gazeta do Povo*

Na segunda categoria, são abordadas as relações que a equipe entrevistada mantinha (pessoalmente e coletivamente) com as “Convicções” editoriais do jornal, que foram veiculadas ao público em 2017. Aqui também são explicitadas as impressões dos repórteres e editores diante das sugestões e indicações de pautas vindas de seus superiores na redação (coordenador de redação, editor chefe e *publisher*).

Para a editora E2, quando questionada sobre a interferência dos gestores do jornal nas pautas de Educação, ela afirmou que sempre recebeu sugestões dos superiores desde que entrou na *Gazeta do Povo*, o que ela considera “normal em qualquer redação ou empresa”. “Por outro lado, nunca fui proibida de publicar algo ou obrigada a adotar algum viés. Sempre primamos por ouvir os dois lados, explicar objetivamente os fatos”, completou E2.

Já em relação a ter testemunhado algum ajuste no conteúdo ou enfoque de matérias devido às “Convicções” do jornal, E2 revela que isso acontece em matérias sobre aborto:

Cientificamente, não está provado que um ser em gestação em uma mulher não seja humano. E está comprovado cientificamente que um feto tem um DNA diferente da gestante, ou seja, não é parte do corpo da mãe. Assim sendo, o jornal adota o princípio filosófico da dúvida que este ser não deve ser eliminado. Por isso, da mesma forma como não se relativiza um homicídio como crime, o jornal não relativiza um aborto. Mas o jornal nunca – nem pode – obrigar alguém a escrever um texto contra sua consciência. Temos colegas na *Gazeta do Povo* favoráveis ao aborto que, simplesmente, não escrevem sobre esses assuntos, e está tudo certo. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Por sua vez, R2 relata que só se lembra de uma pauta “mais enviesada” sobre as razões pelas quais as ementas dos cursos e disciplinas nas universidades federais tendiam à esquerda do espectro político-partidário e ideológico⁶³, de forma a existirem poucos “autores de direita” nessas ementas. “Mas nunca houve uma ingerência das chefias num sentido mais ostensivo. São núcleos mais específicos que abordam isso, em outras editorias não há (direcionamento ideológico)”, afirmou R2.

Ao vir da revista *Veja*, o editor E1 soube das “Convicções” antes de mandar seu currículo para a *Gazeta do Povo*. Segundo ele, “a *Veja* estava fazendo uma transição no sentido contrário, após o fim dos governos petistas. Antes havia princípios bem claros, mas nesse período acho que mudou o diretor de redação, e a identidade da *Veja* passou a ser menos clara.” Em sua visão, foi “interessante que a *Gazeta* estivesse ocupando esse espaço de forma estruturada.”

E1 ainda explicou que o núcleo composto pelas editorias de *Ideias*, Educação e Justiça, sob a coordenação de Ewandro Schenkel, “tinha um perfil de representar as ‘Convicções’ da *Gazeta*, mais do que outras editorias como Cultura, Esportes ou Economia”. Mas que ele (E1) nunca teve problemas pessoais com isso, porque se identificava ideologicamente com as “Convicções” do jornal. Contudo, segundo o editor, “não tinha cobranças, era algo natural”.

Essa “naturalidade” do processo, entre o que vinha como ordem dos gestores e o que era iniciativa da equipe, também foi apontada por R1, que complementou:

Muitas coisas a gente simplesmente achava que tinha que ser feito. A matéria “A desproporção entre esquerda e direita no acervo das universidades públicas”, de 06/07/2017, por exemplo, foi ideia que veio de cima, sugestão da chefia. Pautas sobre Paulo Freire, por exemplo, também eram sugeridas (pelos gestores do jornal). Mas nunca era imposto, sempre vinha como sugestão mesmo. Nunca teve reunião para isso ou nenhuma imposição. Lógico que pode ter mudado depois que eu saí, mas não posso afirmar. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Ainda na visão de R1, “uma constante na redação da *Gazeta*, em todas as editorias, é que a gente sabe o que não pode fazer. Até em Esportes. A gente sabe. Agora tirando isso, a

⁶³ A matéria citada é “O mito da pluralidade ideológica nas universidades”, de 24/02/2017.

forma como vai se cobrir determinado assunto vai de cada editor e repórter.” E também da habilidade de cada um, sublinhou R1. “As pessoas sabem o que esperar da *Gazeta*: tanto os jornalistas quanto os leitores sabem do viés editorial”.

Por fim, R3 reforçou a impressão de que as interferências na editoria eram feitas de forma sutil. Ele recordou dois exemplos de pautas produzidas em seu período de *freelancer*:

A pauta sobre os nomes das escolas, de pensadores da esquerda (“Paulo Freire, Monteiro Lobato e Tancredo Neves: os nomes de escola mais comuns em alguns estados”, de 24/11/2017), estava mais explícita, foi pedido dessa forma pelo editor. Deu um trabalho enorme, tive que ligar para Secretarias de Educação pelo país. E pauta a do palestrante expulso por manifestantes também, eu sabia o direcionamento (“Alunos e palestrante são expulsos a tapas da USP por manifestantes de extrema-esquerda”, de 01/12/2017). Esse palestrante era um integralista, defensor das ideias do Plínio Salgado. (Entrevista ao autor, março de 2022)

R3 enfatizou ainda que, se comparada aos outros veículos onde havia atuado, em especial cobrindo Educação, “na *Gazeta* a cobertura já vinha muito direcionada. Ainda que não fosse explícita, estava subentendida.” Na primeira conversa que R3 teve com o editor de Educação (E1), foi percebido “esse direcionamento de que todas as ações de doutrinação partiam de um lado, contra a esquerda. Então havia essa visão, esse eco que fazia parte de tudo o que eu produzia na editoria. Mesmo que não fosse o principal, era um pano de fundo.”

Por sua vez, o editor E3 também opinou sobre a cobertura feita atualmente pelo jornal (“tudo superficial, fazem só o factual, assim como outros grandes veículos pelo país, muito difícil ler algo que traga reflexão, que mostre além e faça pensar”), além da publicação das “Convicções” editoriais: “Sei que foi um ponto de vista deles, mas muitos leitores não concordaram. Eu não teria publicado as ‘Convicções’ daquela forma.”

Ainda nesta categoria, nenhum dos jornalistas alegou desconhecimento da linha editorial caso não fizesse pautas dentro do que a *Gazeta* defende em suas “Convicções”. Da mesma forma, nenhum deles disse ter sido pressionado pelos superiores hierárquicos na redação, diante de sugestões vindas da chefia ou de impactos posteriores a partir de notícias produzidas por iniciativa da editoria. Ou seja, a análise da categoria revela a clareza do viés editorial ultra conservador do jornal e que editores e repórteres tinham esse “norte” quando definiam pautas de cobertura na área de educação.

c) Mudança de cobertura e fim do jornal impresso

A terceira e última categoria reúne as impressões dos jornalistas sobre a mudança de territorialidade de cobertura (local, estadual e nacional) e o cenário do fim da edição impressa. Ou seja, é a categoria que mais se aproxima do *objetivo principal* desta pesquisa.

Segundo a editora E4, que trabalhou com Educação antes do período levantado no *corpus*, já havia um enfoque “amplo e nacional” na cobertura de algumas pautas, até mesmo pelo perfil do público para quem a *Gazeta do Povo* se direcionava no período: o chamado “cidadão interessado”, das classes A e B, com faixa etária entre 20 e 50 anos. E4 recorda que havia bastante debate sobre esse público quando trabalhava no jornal.

Já o editor E3, que também atuou na editoria numa época anterior a 2017, relembra que a questão da territorialidade da cobertura “sempre foi um grande enigma para a gente, se a *Gazeta* era de Curitiba, paranaense ou nacional”. Natural de Umuarama, no interior do Estado, ele contou que seu pai sempre assinou jornais de São Paulo, como o *Estadão*, mesmo que a edição chegasse com um dia de atraso. Mas não assinava a *Gazeta*. “Eu nunca vi uma *Gazeta do Povo* na minha cidade”. Ainda segundo E3, ele só foi compreender por que o jornal nunca chegava à Umuarama quando trabalhou na redação e entendeu a lógica da distribuição.

Em linha cronológica, a repórter R2 opinou que o processo de mudança “não teve alteração brusca, do dia para a noite”, e que já acontecia não só em Educação, mas devido à “guinada bastante clara das ‘Convicções’ do jornal”

Quando fomos expostos a isso (publicação das “Convicções”), já havia sinais sutis da mudança. Foi como uma evolução, não necessariamente pelo fim do impresso. Acho que se, financeiramente, o jornal impresso fosse algo sustentável, isso não impediria a chegada das “Convicções” daquela forma. Então não acredito que foi a descontinuidade do impresso que originou essa mudança de cobertura. (...) Na época em que eu estava (na editoria), eu não sentia a linha ideológica no meu dia a dia. Teve apenas esse caso do *ping pong* sobre o movimento Escola Sem Partido. Fui acusada de ser tendenciosa por um dos entrevistados, mas a matéria havia sido aprovada pela editora. (Entrevista ao autor, março de 2022).

A inclinação pela cobertura dentro das “Convicções” defendidas pela *Gazeta do Povo*, porém, não impedia ou limitava a apuração das notícias, na visão da editora E2:

Por definição, um jornalista deve buscar, com uma excelente apuração e com honestidade intelectual, relatar a objetividade dos fatos. É impossível ser imparcial, ninguém deixa de lado suas convicções pessoais ao escrever uma matéria, mas é possível ser fiel ao retratar uma realidade concreta. Não tenho experiência, na vida, de ter recebido um direcionamento para fugir dessa forma de atuar. (Entrevista ao autor, março de 2022).

Por fim, vale lembrar que esses relatos coincidem com a percepção advinda da amostragem por territorialidade no levantamento do *corpus* noticioso: as matérias nacionais concentraram 77% das pautas no período, com aumento de 133% na cobertura na comparação entre o primeiro e o segundo semestres de 2017.

Já as pautas internacionais triplicaram no mesmo período, enquanto as pautas locais (Curitiba) e regionais (Paraná) mantiveram-se estáveis, o que revela que a baixa cobertura pela editoria de Educação já vinha acontecendo antes do fim da circulação do jornal impresso.

Em relação ao editor (E1) e repórter (R1) que trabalharam na maior parte do período estudado, em 2017, vale ressaltar que ambos chegaram à *Gazeta do Povo* vindos de fora, com experiências em veículos nacionais; em especial E1, que vivia em Brasília e não tinha conhecimento do que a cobertura da *Gazeta* feita anteriormente significava para Curitiba. Todos estes aspectos serão abordados mais profundamente na síntese analítica a seguir.

4.3 SÍNTESE ANALÍTICA

As entrevistas semiestruturadas com representantes de sindicatos de Educação – os mais representativos do ponto de vista social e político na área em Curitiba e Região Metropolitana – escolhidos dentro do caráter metodológico de *informantes qualificados*, exemplificam o que a literatura sociológica e de Comunicação define como Construção Social da Realidade (TUCHMAN, 1983; BERGER e LUCKMAN, 2004; REGINATO, 2018).

A primeira evidência que saltou aos olhos neste Grupo 1 foi o fato de que nenhum dos seis representantes é assinante da *Gazeta do Povo* atualmente. Alguns nunca o foram, outros deixaram de ser nos anos recentes. Perde-se, desta forma, o elo entre jornal e a comunidade representativa da área educacional, entre o jornal e o leitor, abordados nos capítulos teóricos.

Além do dado de assinatura, o que se percebe das falas coletadas deste grupo de entrevistas individuais é que o hábito de leitura do jornal/site passou a ser flutuante: poucos afirmam ainda ler a *Gazeta* e, quando o fazem, é por dever de ofício, quando sua entidade é procurada ou mencionada. Ou quando uma pauta de interesse é coberta pelo jornal.

Concluiu-se também que, na visão dos informantes qualificados, a cobertura de Educação na imprensa poderia ser melhorada, com mais pluralidade e diversidade dos pontos de vista e pautas abordadas. Um exemplo eram as páginas que publicavam duas opiniões divergentes sobre uma mesma temática, bastante comum na *Gazeta* impressa, mas que caiu em desuso com a digitalização e a política editorial de uma “voz única” dentre os colunistas atuais – dentro do espectro conservador defendido pelo jornal. Se essa diversificação de espaços opinativos voltasse a acontecer na *Gazeta do Povo*, em específico, um dos entrevistados (S2) “gostaria de voltar a ser assinante” do jornal.

Por fim, todos os representantes opinaram que a linha editorial e as “Convicções” do jornal tiveram maior impacto nas pautas do segmento de Educação do que o fim da edição

imprensa diária – o que acabou sendo mais um marco simbólico, financeiro e potencializador desse movimento que acontecia gradualmente nos anos anteriores a 2017.

Da Análise de Conteúdo das três categorias que enquadram as entrevistas dos jornalistas da *Gazeta do Povo*, constatou-se que os editores de Educação E1 e E2 concordavam com as “Convicções” e posturas editoriais, estando mais confortáveis do que os repórteres R1 e R2, que basicamente “seguiam o protocolo editorial”, ainda que não achassem a cobertura enviesada em toda parte do tempo. Já o repórter R3 demonstrou maior contrariedade tanto com algumas sugestões de pauta (do editor ou dos superiores na redação), quanto com o direcionamento da cobertura das matérias que faziam críticas declaradas à esquerda política.

Ainda em relação ao Grupo 2, constatou-se a rotina prática da Construção da Notícia (TRAQUINA, 2004; ALSINA, 2009), bem como os desafios e limitações do fazer jornalístico (ADGHIRNI, 2017). E também a mediação e cumplicidade dos agentes que executam a cultura midiática (SILVERSTONE, 2002; SIRELLE, 2016). Este conjunto de entrevistas também ajudou a elucidar o *objetivo específico*: compreender de que maneira as práticas jornalísticas da editoria foram afetadas pela digitalização do jornal.

Dessa forma, fica evidenciado que a pauta diária de Educação era definida em conjunto pelo editor e repórter responsáveis (e fixos na editoria), repassadas aos *freelancers* quando necessário uma apuração mais longa. A maior parte dos assuntos, dessa forma, surgia das ideias da equipe a partir do noticiário diário, com liberdade para produzir outras sugestões – desde que não conflitassem com as posições oficiais do jornal.

Já as sugestões que vinham da chefia do jornal (coordenadores, editor chefe e *publisher*) não eram vistas como impositivas pela equipe. As “Convicções” editoriais, contudo, predominaram ainda que sutilmente em toda e qualquer matéria produzida pela equipe da editoria, conforme múltiplos relatos. E por vezes, explicitamente, como nos casos em que eram abordadas ideologias políticas e filosóficas em sala de aula (ou matérias que envolvessem Paulo Freire, por exemplo, conforme relato de R3).

Também foram mencionadas por um dos jornalistas (R1) as contribuições surgidas em grupos de pais de estudantes, preocupados com a dita “doutrinação ideológica” nas escolas – em especial da rede pública. Esses episódios recorrentes originaram a criação do polêmico “Monitor da Doutrinação”, iniciativa do editor E1, conforme explicitado no Capítulo 3.

Do rescaldo geral da análise, pode-se responder à pergunta principal da pesquisa que será melhor focada nas Conclusões deste trabalho.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação partiu da *premissa* de que a cobertura de notícias feita por um veículo de comunicação tradicionalmente conhecido e reconhecido gera efeitos em sua comunidade imediata (local e regional). E tais efeitos são especialmente perceptíveis em segmentos como o da Educação. Conforme abordado nos capítulos teóricos, essa relação se construiu ao longo de décadas entre jornal e leitor (FERNANDES, SANTOS, 2010), bem como na divulgação de fatos diários que ajudam na tomada de decisões públicas e privadas que afetam estudantes, professores, gestores e lideranças do setor, do ensino básico ao superior.

Inegável também é a relevância da cobertura noticiosa diária de Educação para dar visibilidade e gerar debate sobre os problemas e desafios do segmento junto à comunidade. Seja na aldeia local ou na “Aldeia Global”, definida pelo canadense Marshal McLuhan nos anos 1960 como a realidade de interconexão das pessoas em todo o planeta, possibilitadas pelas novas tecnologias midiáticas que encurtam as distâncias físicas (MCLUHAN, 1998).

Tanto a “Aldeia Global”, quanto as novas tecnologias radicalmente potencializadas a partir do final de 2019, com a propagação da Covid-19 e sua conseqüente pandemia, o que aprofundou (e aprofunda) ainda mais todo este cenário digitalmente midiaticizado online.

A partir da *premissa* citada, iniciamos esta pesquisa com o levantamento de 309 matérias produzidas pelos jornalistas alocados na editoria de Educação do jornal *Gazeta do Povo* entre dezembro de 2016 e dezembro de 2017. Conforme justificado anteriormente, a marcação temporal foi definida para englobar um semestre antes e um semestre após o fim da circulação impressa diária do jornal, ocorrida em 31 de maio de 2017.

Esse *corpus* noticioso munuiu a pesquisa, quantitativa e qualitativamente, dos primeiros e reveladores dados sobre a cobertura noticiosa que se desejava estudar para responder à pergunta do *objetivo principal*: verificar e compreender *se e como* o fim da edição impressa da *Gazeta do Povo* alterou a cobertura da editoria de Educação, afetando o setor educacional na cidade de Curitiba (PR), devido à abrangência e ao conteúdo das reportagens produzidas pelo veículo no período determinado.

A cobertura da editoria foi alterada pelo fim da edição impressa? Não exatamente como se presumia na premissa da pesquisa. Tanto o levantamento de matérias, quanto as entrevistas com a equipe do jornal e com os representantes dos sindicatos de Educação mais relevantes no cenário de Curitiba confluíram seus resultados e impressões para um cenário amplo e gradativo: a *Gazeta do Povo* já estava colocando em prática uma nova estratégia comercial e editorial na cobertura de notícias de Educação, tanto nas pautas com enfoque mais

nacional, na visibilização de debates de temas que interessavam ao jornal (dentro de suas “Convicções”), quanto na relação com as fontes de notícias (que também se enquadram como leitores).

Contudo, essa evolução/transformação na cobertura não se deu da noite para o dia, com reflexos que só passaram a ser mais perceptíveis tanto para a equipe de jornalistas, quanto pelo público leitor, após o falecimento do *publisher* Francisco da Cunha Pereira, em 2009. Curiosamente, a morte do “Dr. Francisco” foi tão ou mais simbólica para se marcar o “antes e depois” da *Gazeta do Povo* do que o próprio fim do jornal impresso, de acordo com a percepção dos informantes qualificados ouvidos.

Assim sendo, *como* a cobertura foi afetada pelo fim do jornal impresso?

Primeiramente, com uma menor disposição de jornalistas na equipe. Prova disso foi o mês de abril de 2017, período de menor publicação nos treze meses de levantamento (apenas sete matérias de Educação), marcado pela transição da equipe de editores e repórteres. Menos jornalistas alocados na editoria representavam mais conteúdo direcionado a *freelancers*, ocupados das reportagens mais longas, com as pautas factuais sendo produzidas pelos jornalistas fixos, seja em produções próprias, usando informações de agências de notícias ou notícias não assinadas (*Da Redação*, que totalizam 37 notícias ou 11% do total).

Em segundo lugar, na dedicação da equipe de Educação em cobrir as temáticas mais recorrentes (conforme explicitado no Capítulo 4), em especial sobre política nacional, ideologias político-filosóficas de visão muito conservadora, pautas de aprendizagem e tecnologias.

As pautas nacionais foram a imensa maioria (77%) na editoria de Educação na *Gazeta do Povo* nos treze meses levantados. Essa cobertura nacional já acontecia, mas foi intensificada, *potencializada*, quando o jornal impresso se findou, o que é diferente de ter sido *ocasionada* por este fato histórico de 31 de maio de 2017. O mesmo pode ser constatado sobre as pautas internacionais, sobre *cases* e exemplos vindos de fora, além de *rankings* comparativos entre países. E também sobre a baixa cobertura de pautas sobre Curitiba e o Paraná, uma constante nos semestres levantados.

Ao final, conclui-se que a editoria de Educação do jornal vinha num movimento de nacionalização de sua cobertura, com predomínio de pautas sobre políticas de educação, ideologias político-filosóficas e comportamentais sobre gênero, movimento este que foi ampliado com o fim da edição impressa em maio de 2017. Os dados do levantamento e o conteúdo das entrevistas revelam que o jornal impresso acabou sendo um marco desse processo, mas que não foi o motivo causador da mudança na cobertura jornalística.

Contudo, os efeitos dessa mudança de cobertura foram e ainda são sentidos, nos últimos cinco anos, pelos representantes educacionais aqui entrevistados, principalmente pela ausência de um espaço na mídia local para veiculação de suas pautas de interesse e de interesse dos cidadãos que se preocupam com o papel da Educação em um país onde esta área apresenta constantemente indicativos preocupantes, recentemente ainda mais agravados pela pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E2: *Por definição, um jornalista deve buscar, com uma excelente apuração e com honestidade intelectual, relatar a objetividade dos fatos. É impossível ser imparcial, ninguém deixa de lado suas convicções pessoais ao escrever uma matéria, mas é possível ser fiel ao retratar uma realidade concreta. Nunca tive experiência de ter recebido um direcionamento para fugir dessa forma de atuar.*

E1: *Pautas positivas não vingam nacionalmente. (...) Quando se cobre gestores e instituições públicas, em geral, isso envolve a perspectiva crítica.*

R1: *Assinar ou não matérias não tem uma razão muito clara, ao meu ver. Porque as vezes um repórter não assinava hoje, mas assinava na semana seguinte, e sobre o mesmo assunto. Isso é muito variável. A gente nunca publicou mentiras nem fatos que não existiam. Mas havia o viés editorial, era enviesado. A partir do momento em que se “bate” em um lado, fica enviesado.*

S1: *(Nos sindicatos de Educação), cada um faz o seu e acha que aquilo é o mundo. O Vito Giannotti, do Núcleo Piratininga de Comunicação, dizia que temos essa necessidade de unificar, afinal somos todos trabalhadores. Os setores privados se unificam, fazem propagandas juntos, mas nós não. Em outros setores, as entidades públicas e privadas também se unem (por uma mesma causa). E isso acaba transparecendo no resultado final.*

S2: *Nossa pauta não vende jornal. (...) Temos grupos avançadíssimos de pesquisa na universidade, mas isso não vende notícia como uma notícia policial. Um professor que joga a esposa pela janela é mais notícia do que um que descobre a vacina da Covid-19. Entendo essa lógica, mas poderiam se dedicar um pouco mais à Ciência e Tecnologia.*

S3: *A Gazeta do Povo tem um poder de influência, mas sabemos que cada veículo faz sua cobertura, tem seu enfoque, a partir de um mesmo fato ou entrevista. Acho que fazer essa comparação nos mostra qual veículo leva a notícia no caminho mais retilíneo de como ela de fato aconteceu.*

S5: *Quando você tinha jornal impresso, o leitor tinha o hábito da leitura, que era feita de outra forma. Hoje, o leitor de internet tem outro perfil, o que contribui para esse momento de polarização do país. Estrategicamente e comercialmente, eles adotam esse modelo (digital) pela possibilidade de ganhar dinheiro, gerar compartilhamento, engajamento, com público jovem também, o que é triste. Além do público mais velho, propenso às fake news.*

Ao escolher como objeto de estudo uma editoria tão fundamental à sociedade como a de Educação, a proposta principal desta dissertação foi buscar ampliar o entendimento sobre

os impactos que a desmaterialização de um jornal impresso histórico – somado ao seu posicionamento editorial na busca estratégica e comercial por um leitor nacional – geraram no setor educacional de Curitiba, contemplado por meio das lideranças de suas entidades de classe mais representativas.

Mesmo a Educação sendo um tema tão importante socialmente, ainda são escassas as pesquisas acadêmicas e publicações científicas sobre quem produz jornalismo de Educação no Brasil, sobre como é feita, escolhida e direcionada esta cobertura pelos agentes midiáticos envolvidos, suas relações com as pautas e fontes de notícia no setor público, iniciativa privada e na academia, bem como seus efeitos sobre leitores e a comunidade imediata, como um todo, seja ela acessada via jornal impresso ou digital.

Essa percepção esteve clara desde o início da pesquisa, quando foram coletadas 50 publicações de estado da arte dos últimos cinco anos, em bancos de pesquisas (publicações, teses e dissertações) que relacionassem os termos “Gazeta do Povo” e “editoria de Educação”. E essa visão acabou sendo ampliada durante a escrita dos capítulos teóricos sobre as transformações do jornalismo pós-industrial, a crise dos jornais impressos no Brasil e no mundo, em meio ao combate às *fake news* na era da pós-verdade, além dos estudos sobre Mídia, Tecnologia e Educação.

Afinal, são poucos os pesquisadores que se debruçaram, até agora, sobre o fazer jornalístico especificamente voltado às pautas de Educação no país. Um exemplo veio de Cripa (2007), que comparou em sua dissertação (na ECA-USP) a cobertura de Educação feita pela *Folha de S. Paulo* nos anos de 1973, quando o caderno foi criado, e de 2002.

Passando para as conclusões desta pesquisa, não podemos deixar de mencionar que os cinco artigos selecionados para análise aprofundada no estado da arte tiveram ligações bastante próximas tanto com o recorte do nosso objeto de estudo, quanto com os impactos gerados pela “nova fase”, por assim dizer, da *Gazeta do Povo* nos últimos cinco anos. Mesmo que o enfoque desta dissertação não seja a posição editorial do jornal, é impraticável buscar compreender os impactos na pauta de Educação sem perpassar pelas “Convicções” da *Gazeta do Povo* – publicadas em 2017, mesmo ano do fim do jornal impresso. Ainda que o processo de transformação do jornal tenha origens mais distantes, como na consultoria da Universidade de Navarra, na década de 1990, e no falecimento do paradigmático *publisher* Francisco da Cunha Pereira, em 2009, quando a nova geração familiar assumiu o comando da *Gazeta do Povo*.

Já em relação aos efeitos dessa mudança na relação jornal e público leitor, quando se optou pela digitalização integral dos conteúdos e plataformas noticiosas, os reflexos ainda são

sentidos cinco anos depois, principalmente nos leitores mais idosos e até mesmo nostálgicos – aqui presentes na condição de informantes qualificados do setor de Educação. A nostalgia foi constatada principalmente com relação à pluralidade de opiniões de espaços e articulistas que existia no jornal anteriormente, do que pela falta do papel jornal.

O mesmo pode ser dito sobre os assuntos mais recorrentes – perceptíveis tanto no levantamento das 309 matérias no período selecionado pela pesquisa, quanto na análise de conteúdo das 13 entrevistas individuais – a investidas do jornal *Gazeta do Povo* contra as universidades públicas e a cobertura ultra-conservadora da *Gazeta do Povo* das questões de gênero e diversidade sexual. Desse último tópico, ficam as sugestões para pesquisas acadêmicas futuras sobre questões de gênero na mídia hegemônica nos anos pós-2016, além dos embates sobre o ensino público e a pesquisa científica (em especial nas universidades federais) a partir da cobertura de jornais e revistas mais identificados editorialmente com o espectro político da direita.

É preciso destacar ainda que o campo do *webjornalismo* ainda é pouco explorado na imprensa paranaense, seja como objeto de estudo, ou mesmo como análise de veículos nativos digitais ou desmaterializados, como é o caso da *Gazeta do Povo*. Por mais que os recursos multimídia estejam disponíveis (infográficos, vídeos, hiperlinks e outros), ainda se produz um jornalismo diário à moda antiga, utilizando essas ferramentas como acessórios, e não como base do jornalismo para a *web*.

Foi o que se percebeu, por exemplo, com a criação da malfadada ferramenta do “Monitor de Doutrinação”: apesar de baseado numa plataforma multimídia que executaria o *webjornalismo* na prática, o monitor ficou poucos dias no ar, devido às polêmicas geradas por uma “caça às bruxas” que seria ocasionada, inevitavelmente, a partir do momento em que pais e estudantes fossem estimulados a fiscalizar professores para “denunciá-los” à imprensa.

Toda obra é fruto do tempo em que é produzida. Isso se dá pelas motivações que levam um autor a escrever, um pesquisador a sair a campo, um artista a criar. Ambientada inteiramente durante uma pandemia, que exigiu isolamento social e vigilância constante com a higiene, esta pesquisa encontrou limitações físicas, mas que não a impediram de seguir adiante, utilizando os meios audiovisuais e de registros que a tecnologia oferece.

O panorama pandêmico também se reflete nas análises teóricas e de conteúdos aqui presentes, pois influencia – e muito – no que se pretende executar enquanto comunicadores e educadores do século 21, para citar os grupos de entrevistados. Se o cenário já se mostrava incerto em 2017, o mundo virou do avesso nesses cinco anos subsequentes.

Este pesquisador estuda desde 2014 o cenário da chamada crise dos jornais impressos, primeiro tendo como objeto de pesquisa o jornal gratuito *Metro Curitiba* (que circulou entre 2011 e 2019). Na pesquisa em Comunicação, em suas múltiplas áreas, são sempre bem-vindos os estudos que buscam jogar luz sobre fenômenos editoriais e de modelos de negócios, que impactam a forma como o público leitor entende e constrói a realidade em sua vivência diária, por meio do consumo de notícias em meio à proliferação de *fake news*.

Somaram-se a essa “bagagem”, por assim dizer, duas experiências profissionais vividas pelo pesquisador nos anos de 2017 e 2018: um trabalho como *freelancer* na redação da *Gazeta do Povo*, em um projeto da revista *Haus* na linha de planejamento urbano; e um atendimento de imprensa, enquanto assessor, de uma entidade sindical que representa a classe patronal de Educação no Paraná. Foi dessas experiências, somadas ao interesse pela literatura sobre o futuro dos jornais impressos, que surgiu o embrião desta pesquisa.

Fica o convite para que colegas pesquisadores aceitem o desafio de embarcar nesse campo complexo, mas bastante recompensador, que é compreender as relações entre mídia, público e a construção de uma sociedade mais digna por meio da Educação de qualidade. É o que buscam, por exemplo, os pesquisadores do grupo de pesquisa Click (Comunicação e Cultura Ciber), que faz parte do PPGCom-UFPR, ao qual tenho a satisfação de fazer parte.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Z. L. O Jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol.II Nº 1, 1º Semestre de 2005 Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088>. Acessado em 23/09/2021.

ADGUIRNI, Z. L. **O jornalista – do mito ao mercado**. Florianópolis (SC): Ed. Insular, 2017.

ALBUQUERQUE, A; BERGER, C; KÜNSCH, D. A.; SILVA, G. **Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), EDUFBA (Editora da Universidade Federal da Bahia), 2011.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Tradução: Jacob A. Pierce. Ed. Vozes. Petrópolis, 2009.

ANDERSON, C.W., BELL, Emily. SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism: Adapting to The Present**. Columbia Journalism School, 2011. Disponível em: <http://towcenter.org/research/post-industrial-journalism-adapting-to-the-present-2/>.

ARAUJO, B. P. **As transformações do uso do Jornalismo em sala de aula: o Projeto Ler e Pensar diante da desmaterialização da Gazeta do Povo (Curitiba-PR)**. Dissertação (Comunicação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ATHANÁSIO, E. A corrupção na opinião do jornal: o discurso dos editoriais da Folha de S. Paulo e da Gazeta do Povo sobre a Lava Jato. **Temática**, ano XIII, n. 8, p. 126-145, 2017 Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/35737/18146>

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação & Educação**, 14(3), 19-28, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v14i3p19-28>

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação: relações com o consumo, Importância para a constituição da cidadania. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 7, n. 19, p.49-65. Jul 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. **Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, PT: Livros LabCom, 2013, p. 33-54. Disponível: <http://migre.me/hUrFq>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro, 2016.

BELTRÃO, L. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, coleção Mass-Media, vol.1, 1969.

BELIN, L.L. Conservadorismo como diretriz: o que o conteúdo e o léxico do encarte “Nossas Convicções” dizem sobre o jornal ‘Gazeta Do Povo’. **Index Comunicación**. nº 10(2). 2020 (p. 169-196). Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7549646>

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2004.

BEVORT, E; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc., Campinas**, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, Dezembro 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000400008&lng=en&nrm=iso. Acessado em 14/04/2021.

BOCZKOWSKI, P.J. MITCHELSTEIN, E. **The News Gap. When the Information Preferences of the Media and the Public Diverge**, MIT Press, 2013.

BONTEMPI JR., B. Em defesa de “legítimos interesses”: o ensino secundário no discurso educacional de *O Estado de S. Paulo* (1946-1957). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 6, n. 2 [12], p. 121-158, 2006.

BORGES, P. V. **Educação, comunicação e cidadania: Reflexões acerca da autonomia e do sujeito “no mundo e com o mundo”**. III Encontro de Pesquisa em Comunicação e Cidadania, Goiânia, nov. 2009. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/comunicacao_educacao_cidadania.pdf. Acessado em 04/04/2022.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. O imperativo da cultura digital: entre novas tecnologias e estudos culturais. **Rev. Cad. Comunicação**, Santa Maria, v.20,n.1, art 1, p.1 de 24, jan/abr.2016.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRANTS, K. O Bom, o Mau e o Cínico: ataques feitos ao jornalismo político. **Media & Jornalismo**, v. 10, p. 23-32, 2007.

BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, 7(2), 119-140, 2011.

BUCCI, E. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2021.

BREDARIOLI, C.M.M. **Comunicação e Educação ou Educomunicação: sinônimos ou continuidades?** 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – set. de 2019.

CANAVILHAS, J. (Org.) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CAREGNATO, R. C. A. MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CARLSON, M. **Journalistic Authority: Legitimizing News in the Digital era**. Columbia University Press, 2017.

CASAGRANDE, D. A. **Conflitos no campo nas páginas da Gazeta do Povo: os movimentos sociais enquadrados pelo jornalismo diário**. Dissertação (Comunicação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CASTILHO, C. Jornalismo hiperlocal ganha adeptos na grande imprensa. In: **Observatório da Imprensa**, n. 815, 5 mar. 2009. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/jornalismo-hiperlocal-ganha-adeptos-na-grande-imprensa/>. Acesso em 21/09/2021.

CERVI, E. **Um empresário conservador, do tipo que não existe mais**. Homenagem: Espaços de Comunicação, Unibrasil, pp. 75-77, 2020. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/revistaexpressao/article/view/5902/4202>

CHARRON, J. BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

CHRISTOFOLETTI, R; KARAM, F. J. C. **Fundamentos jornalísticos para novos cenários éticos da informação**, 2011. In: **Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), EDUFBA, 2011.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** Coleção Interrogações (coord. Lucia Santaella). Estação das Letras e Cores, Barueri SP, 2019

CORRÊA, E. S. O jornalismo contemporâneo no Brasil: as mídias digitais como elo entre a crise e a busca de uma nova identidade. In: **Comunicação e Sociedade: jornalismo e internet**, vol. 9-10, 2006, p. 49-61.

CORREIA JÚNIOR, M. **Ninguém cobre melhor a cidade que o jornal**. ANJ, Brasília (DF), p. 16. ago. 2009

COSTA, L. A. Gêneros jornalísticos. In: MELO, J. M. de; ASSIS, F. de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

COSTA, C.T. et al. **Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional**. Rio de Janeiro: História Real, 2021.

CRIPA, M. L. **A cobertura da educação no jornal Folha de S. Paulo: uma análise comparativa dos anos 1973 e 2002**. 2007. (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DA PAZ, F.M. **O IDEB e a qualidade da educação no ensino fundamental: fundamentos, problemas e primeiras análises comparativas**. ETIC (ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Campus de Marília (SP). V.5, n.5, 2009.

DEL VECCHIO, M. R. FERNANDES, J. C. MIERS, J. K. Táticas de resistência dos jornalistas: notas sobre práticas na defesa da cultura profissional em tempos de imprensa digital. **Mediapolis** – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, nº 13, 2021. Disponível em <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/9265>.

DEL VECCHIO-LIMA, M. DE PAULA, E. L. R. PIRES, G. P. LIRA, A. O. Possibilidades, limites e fragilidades de um nativo digital: o jornal *Plural* (Curitiba, PR). **Anais...** 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Anais... SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo). Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO), novembro de 2019.

DIMENSTEIN, G. CORTELLA, M.S. **A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa!** Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2015

DOCTOR, K. **Newsonomics** – Doze novas tendências que moldarão as notícias e o seu impacto na economia mundial. Tradução Claudia Gerpe Duarte. Ed. Cultrix, São Paulo, 2010.

DORNELLES, B. O futuro dos jornais do interior. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, 4(1): 21-36, 2012.

DUARTE, J. BARROS, A (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Ed. Atlas, 2005.

EDO, C. **Del Papel a la Pantalla: la Prensa en Internet**. Sevilla: Comunicación Social, 2002.

FARAGO, C. FOFONCA, C. E. **A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações**. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>. Revista Linguagem, v. 18, n. 1, 2012.

FERNANDES, J. C. **Um capítulo para dona Lulu**. Disponível em: <https://www.gazeta dopovo.com.br/vida-e-cidadania/historia/um-capitulo-para-dona-lulu-0z54loiiwpjghxptomp78ecc/>. Publicado em 04/09/2015.

FERNANDES, J. C. MARCHETTE, T. COSTA, V. A. Pequeno inventário de um grande acervo: a coleção de fotografias, charges e recortes dos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. **Anais...** 6.º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Disponível em: <file:///C:/Users/Jos%C3%A9%20Carlos/Downloads/07.pdf>

FERNANDES, J.C.; DEL VECCHIO DE LIMA, M.R. Conexões entre o jornalismo hiperlocal e o jornalismo investigativo: algumas reflexões e observações. **Comunicação & Inovação**. v. 18 n. 36, jan.abr. (2017). pp. 45-61.

FERNANDES, J. C. DEL VECCHIO-LIMA, M. Os vestígios da “Escola de Navarra” no Jornalismo brasileiro: Primeiras aproximações – O caso da Gazeta do Povo. **Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Organização Marta R. Maia, Mateus Yuri Passos - Santa Cruz do Sul: Catarse, p.141-158, 2020.

FERNANDES, J. C. DOS SANTOS, M. R. **Todo dia nunca é igual**: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo. Curitiba. Editora Gazeta do Povo, 2010.

FERRARI, P. **Jornalismo Digital**. 4ª edição, São Paulo, Ed. Contexto, 2010.

FIDALGO, A. Jornalismo Online segundo o modelo de Otto Groth. **Pauta Geral**, n. 6, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação**. São Paulo: Publifolha, 2010.

FONSECA, F. O conservadorismo patronal da grande imprensa brasileira. **Opinião Pública**, Campinas, Vol. IX, n. 2, p. 73-92, Outubro de 2003.

FORESTIER, Y. L'École, entre choix techniques et enjeux identitaires: la construction ambiguë d'un objet médiatique (1959-2008). **Le Temps des médias**, v. 24, n. 1, p. 195-208, 2015.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 24ª. Ed.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. rev. atual. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Formato: ePub. Edição do Kindle.

FOFONCA, E. A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa! **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 67, p. 311-315, jan./fev. 2018

GAZETA DO POVO. **Opinião: Por que apresentar nossas convicções?** Disponível em www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/nossas-conviccoes/por-que-apresentar-nossas-conviccoes-amjuimg7lvsoo32kbx8ih23o4/. Publicado em 29/04/2017.

GALANI, L. **Gazeta do Povo completa 100 anos como um dos jornais mais lidos do Brasil**. Disponível em <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/centenario-jornal-mais-lido-brasil>. Publicado em 01/02/2019a.

GALANI, L. **Transformações em 100 anos**. Disponível em <https://especiais.gazetadopovo.com.br/100-anos/transformacoes-em-100-anos/>. Publicado em 02/02/2019b.

GANDOUR, R. **Jornalismo em retração, poder em expansão**: a segunda morte da opinião pública. São Paulo, Ed. Summus, 2020.

GILLHAM, B. **Case Study Research Methods**. Londres, Continuum, 2000.

GUANAES, N. O debate municipal é global. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2012. Mercado, B8.

GUAZINA, L. Jornalismo que tem lado: o caso dos blogueiros brasileiros “progressistas”. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 2, p. 68-88, 2013.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psic.: Teor. e Pesq.** vol.22 no.2 Brasília May/Aug. 2006.

GRPCOM. **Bem-vindo ao Grupo Paranaense de Comunicação**. Disponível em <https://www.grpcom.com.br/>. Acessado em 01/06/2021.

HORN, A. T. A. **Educomunicação e a atuação do jornalista na televisão**. 1. ed. Colombo: Platô Editorial, 2020.

HORN, A. T. A.; DEL VECCHIO DE LIMA, M. R. João Canavilhas: Pontuações e revisões sobre o jornalismo em uma cultura midiática digital. **MATRIZES**, 14(2), 2020, 145-159. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/174033>.

JEDUCA. **Relatório Pesquisa Associados(as) JEDUCA 2021: O perfil dos(as) jornalistas de Educação**. Julho de 2021. Disponível em https://jeduca.org.br/arquivos/Relatorio-Pesquisa-Associados-Jeduca_2021.pdf.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAUFMANN, J.-C. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis/ Maceió, Vozes/Edufal, 2013.

KOVACH, B; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LE CAM, F. PEREIRA, F. H. RUELLAN, D. Introduction: Changements et permanences du journalisme. En: Le Cam, F., & Ruellan, D. (org.). **Changements et permanences du journalisme**, p. 7-17. Paris. L’Harmattan, 2014.

LENE, H. **Entre os tempos histórico e o midiático: os jornais centenários do Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...** 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém-PA, 2 a 7 de setembro de 2019.

LIMA, Myrian R. Del Vecchio de; FERNANDES, José Carlos; DALLA COSTA, Rosa Maria. Os leitores da *Gazeta do Povo* diante de um jornal em desmaterialização. **E-Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. v. 22, jan-dez, 2018 (p. 1-23). Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1478>.

LONGHI, R.R., & WINQUES, K. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. In: **Anais do 24º Compós**, Brasília, 2015. Disponível em <https://goo.gl/vs44F9>

LOWREY, W & CHOI, J. The News Story and Cognitive Flexibility. In **Xingen Li, Internet Users: the Making of a Mainstream Medium** (pp. 99-120). New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2006.

MACEDO, K. C. A. **As interações entre leitores na seção *the long read* do The Guardian:** entre a política editorial de moderação e a participação das audiências ativas. Dissertação (Comunicação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

MADS, L. **Análise de conteúdo: estudo e aplicação.** Rev Logos, 1993; p.53-8.

MANNA, N. JÁCOME, P. FERREIRA, T. Recontextualizações do –ismo: Disputas em torno do jornalismo “em crise”. **Rev Famecos** (Online). Porto Alegre, v. 24, n. 3, set, out, nov e dez de 2017. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revista_famecos/article/view/26991/15698

MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacke, 2000.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo: compreensão e reinvenção.** São Paulo: Saraiva, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. 5ª. Ed.

MARTINS, G. L. RIVERA, D. (Orgs.) **+25 Perspectivas do Ciberjornalismo.** Ria Editorial, junho de 2020.

MARTINS, R. M. **Como a Gazeta do Povo, do Paraná, deu uma guinada à direita e virou porta-voz do Brasil de Bolsonaro.** Disponível em <https://theintercept.com/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>. Publicado em 10/12/2018.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** Tradução de Décio Pignatari. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MELO, J.M. ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom - RBCC**, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MELO, M. L. D.; ROSA, M. N. B.; OLIVEIRA, B.M.J. F. Memória, Informação e Pós-verdade em tempos líquidos. **ConCI: Conv. Ciênc. Inform.**, v. 3, n. 1, p. 25-41, jan./abr. 2020. Pp. 25-42.

MENEZES, E. T. Verbete níveis de ensino. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/niveis-de-ensino>.

MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o Jornalismo na era da informação. Tradução Patricia de Cia. 1 ed. Ed. Contexto, São Paulo, 2004.

MIRANDA, P. R. AZEVEDO, M. L. N. de. Fies e Prouni na expansão da educação superior brasileira: políticas de democratização do acesso e/ou de promoção do setor privado-mercantil? **Revista Educação & Formação**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. e1421, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1421>. Acesso em 05/04/2022.

MOLINA, M. **Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional**. São Paulo: Globo, 2007.

MOLINA, M. M. **História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)**, v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NASCIMENTO, L.; CERVI, E. U. Jornalismo Cínico: as investidas do Jornal *Gazeta do Povo* contra as universidades públicas. In: **Anais...** XXI Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação, Ponta Grossa/PR, 18 a 22/06/2018. Disponível em https://www2.uepg.br/ppgjor/wp-content/uploads/sites/26/2019/07/NOVA-VERSAO-ISBN_SEMINARIO-DE-INVERNO.pdf#page=185 .2018.

NIELSEN, J. **In Defence of Print**. Disponível em <http://www.useit.com/alertbox/9602.html>, 1996.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

NUNES, A. F. **A crise dos impressos e o fenômeno dos jornais gratuitos: Estudo de caso do Metro Curitiba**. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Setor de Artes, Comunicação e Design. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2014.

OLIVEIRA FILHA, E. A. **Olhares sobre uma cobertura: a eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais locais**. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2006.

ORGANISATION DES NATIONS UNIES POUR L'EDUCATION, LA SCIENCE ET LA CULTURE (UNESCO). **L'éducation aux médias**. Paris, 1984.

OROZCO GÓMEZ, G. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PAULA, E. L. R. de. **Mídia e Escola: um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula**. Dissertação de Mestrado (Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PEREIRA, F. H. MORAES, F. M. de. Introdução. In: ADGUIRNI, Z. L. **O jornalista – do mito ao mercado**. Florianópolis (SC): Ed. Insular, 2017.

PEREIRA, F. R. **Jornalismo e Educação: Um estudo da cobertura da Folha de S. Paulo sobre a educação no Brasil**. Dissertação de Mestrado (Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

PODER360. **Gazeta do Povo anuncia suspensão dos jornais impressos.** Da redação, disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/gazeta-do-povo-anuncia-suspensao-dos-jornais-impressos/>. Publicado em 03/09/2020.

POLETTI, M. BRANTS, K. **Between partisanship and cynicism: italian journalism in a state of flux.** *Journalism*, nº 11, 2010.

POZZOBON, G. **Gazeta do Povo foi o jornal mais lido do país no mês das eleições.** Disponível em www.gazetadopovo.com.br/economia/gazeta-do-povo-foi-o-jornal-mais-lido-do-pais-no-mes-das-eleicoes-5yiwf8ipzr51ek3ygoecwunyb/. Publicado em 23/11/2018.

REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo: percepções de veículos, jornalistas e leitores. **Revista FAMECOS**, 25(3), ID29349. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29349>. 2018.

RENÓ, J. Um panorama sobre a crise da mídia impressa no Brasil. **Portal Comunique-se.** Disponível em <https://portal.comunique-se.com.br/um-panorama-sobre-a-crise-do-jornalismo-impresso-no-brasil/>. Publicado em 13/01/2022.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RIBEIRO, F.P. **Paulo Freire na Comunicação e os meios de “comunicados”.** Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, dez. 2013.

RINGOOT, R. L’information perpétuelle. Les constructions temporelles das l’Internet local. IN: DAMIAN, B.; RINGOOT, R.; THIERRY, D.; RUELLAN, D. (Orgs.). *Inform@tion.local. Le paysage médiatique régional à l’ère électronique.* Paris: L’Harmattan, 2002.p. 293-305.

ROMANCINI, R. Do «Kit Gay» ao «Monitor da Doutrinação»: a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, ago-nov, 87-108, 2018.

RUELLAN, D. Mudanças e continuidades estruturais do jornalismo. **Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo** – Mejor, 1. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB., p.05-09, 2011.

SACCHITIELLO, B. **Jornal Diário do Povo deixa de circular.** Disponível em: www.meioemensagem.com.br/home/midia/2012/11/01/jornal-diario-do-povo-deixa-de-circular.html. Meio & Mensagem, publicado em 01/11/2012.

SACCHITIELLO, B. **Circulação dos maiores jornais do País cresce em 2019.** <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>. Meio & Mensagem, publicado em 21/01/2020.

SALAVERRÍA, R. **Redacción Periodística en Internet.** Pamplona: EUNSA, 2005.

SALAVERRÍA, R. Jornalismo, compartilhamento e credibilidade no contexto pós-industrial. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo. n. 447, jun. 2014. Entrevista concedida a Andriolli Costa.

SALAVERRÍA, R. Periodismo digital: 25 años de investigación. **Revista El Profesional de la Información**. Vol 28, n.1, 2019. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/EPI/article/view/69729>.

SANT'ANNA, L. **O Destino do Jornal** – A Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, R. L. G. **Usabilidade de interfaces para sistemas de recuperação de informação na web**. Tese (Doutorado), Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ), 2006.

SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: propostas de novos critérios de classificação**. Covilhã, Portugal: Livros LabCom, 2009.

SENKEVICS, A.S. MELLO, U.M. O perfil discente das universidades federais mudou pós-Lei de Cotas? **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 172, p. 184-208, 2019.

SILVA, C. S. LABRE, E. **A Figura da Mulher Jornalista na Redação e Administração da Gazeta do Povo: um Estudo de Memória Jornalística e Gênero**. Entrevista realizada por estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Myrian Del Vecchio de Lima, como depoimento para projeto de Iniciação Científica, 2019.

SILVERSTONE, R. **Complicity and collusion in the mediation of everyday life**. *New Literary History*, v. 33, n. 4. p. 761-780, 2002.

SILVERSTONE, R. The sociology of mediation and communication. In: CALHOUN, C.; ROJEK, C.; TURNER, B. (Eds.). **The international handbook of sociology**. Londres: Sage, p. 188-207, 2005.

SOUZA, N.R. SOUZA, J.I.L. DRUMMOND, D.R. A cobertura do jornal *Gazeta do Povo* das questões de gênero e diversidade sexual nos Planos de Educação. **Ação Midiática**, n.15. Jan./Jun. Curitiba, 2018. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/58822>

STOVALL, J. G. **Web Journalism: Practice and Promise of a New Medium**. Boston: Pearson, 2004.

SULZBERGER, A. In: GATES, D. Newspapers in the Digital Age. **Online Journalism Review**, 2002. Disponível em: www.ojr.org/ojr/future/1020298748.php. Acesso em 17/08/2021.

TAVARES, C. Q. Do jornalismo informativo ao de posição: a “guinada à direita” do jornal *Gazeta do Povo*. **Revista Mídia e Cotidiano**. Volume 14, Número 3, set./dez. de 2020.

TOKARNIA, M. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agência Brasil, disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Publicado em 29/04/2020.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Ed. Gili, Barcelona, 1983.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, V.12 - Nº 3. São Paulo, 2018.

VIANNA, H.M. Construindo o campo e a crítica: o debate: In: FREITAS, Luiz Calos de. **Avaliação: construindo o campo e a crítica**, Florianópolis: Insular, p. 99–214, 2002.

WATERSON, J. **Guardian breaks even helped by success of supporter strategy**. The Guardian. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2019/may/01/guardian-breaks-even-helped-by-success-of-supporter-strategy> .

APÊNDICE 1: Artigos selecionados para análise de estado da arte

Base de dados	Publicação/Evento	Título	Autor	Ano
Web of Science Capes	Revista Mídia e Cotidiano	Do jornalismo informativo ao de posição: a “guinada à direita” do jornal Gazeta do Povo	Camilla Quesada Tavares	2020
Web of Science Capes	Revista Index Comunicaci3n	Conservadorismo como diretriz: o que o conteúdo e o léxico do encarte “Nossas Convic33es” dizem sobre a Gazeta do Povo	Luciane Leopoldo Belin	2020
Google Acadêmico	Revista E-Comp3s	Os leitores da Gazeta do Povo diante de um jornal em desmaterializa33o	Myrian D. V. de Lima, Jos3 C. Fernandes, Rosa M. Dalla Costa	2018
Google Acadêmico	XXI Semin3rio de Inverno da UEPG	Jornalismo C3nico: as investidas do jornal Gazeta do Povo contra as universidades p3blicas	Louize Nascimento, Emerson Cervi	2018
Web of Science Capes	Revista A33o Midi3tica	A cobertura do jornal Gazeta do Povo das quest3es de g3nero e diversidade sexual nos Planos de Educa33o	Nelson R. de Souza, Juliana I. Luiz de Souza, Daniela R. Drummond	2018

Fonte: Elaborado pelo autor

APÊNDICE 2: Coleta das reportagens da *Gazeta do Povo* (Dez 2016 – Dez 2017)

DATA	TITULO	LINK
05/12/2016	Confira como argumentar com o seu filho adolescente	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/confira-como-argumentar-com-o-seu-filho-adolescente-ds96i4jg85d2ya51ejhlvbcgr/
06/12/2016	Escolas p3blicas e privadas do Paran3 definem calend3rios letivos de 2017; veja datas	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/escolas-publicas-e-privadas-do-parana-definem-calendarios-letivos-de-2017-veja-datas-7kuuwlpkhuah9sgrm17et41c/
06/12/2016	Banir cl3ssicos liter3rios que usem linguagem racista n3o 3 a sa3da	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/banir-classicos-literarios-que-usem-linguagem-racista-nao-e-a-saida-3d9h6ej8gi21x7954r7toggj4/
06/12/2016	Brasil continua entre os piores do mundo em ci3ncias, matem3tica e leitura	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/brasil-continua-entre-os-piores-do-mundo-em-ciencias-matematica-e-leitura-6w5ri4eal9cvz0a9qgtykya40/
06/12/2016	Estados brasileiros apresentam diferen3a de aprendizado de at3 dois anos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estados-brasileiros-apresentam-diferenca-de-aprendizado-de-ate-dois-anos-8n2agx4zady92n6cj1fs0hho0/
07/12/2016	O que os melhores sistemas de educa33o do mundo t3m a ensinar (Pisa 2015)	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-os-melhores-sistemas-de-educacao-do-mundo-tem-a-ensinar-8swcs1gq729t7it5jg7i8c1ps/
12/12/2016	UFPR inaugura novo campus no Rebou3as para as 3reas de Educa33o e Humanas	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ufpr-inaugura-novo-campus-no-reboucas-para-as-areas-de-educacao-e-humanas-bir148oii1qjxik9y0g4i6tbb/
13/12/2016	Reforma do ensino m3dio: sociologia e filosofia voltam ao curr3culo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/reforma-do-ensino-medio-sociologia-e-filosofia-voltam-ao-curriculo-dmwhg8p526tgygwk683h0dk9z/
15/12/2016	Filosofia e sociologia no ensino m3dio: mitos e verdades	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/filosofia-e-sociologia-no-ensino-medio-mitos-e-verdades-

		0j7ifquqsvs27adx6gd6bbgmf/
18/12/2016	Estudante paranaense vence Olimpíada da Língua Portuguesa com texto de memória	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estudante-paranaense-vence-olimpiada-da-lingua-portuguesa-com-texto-de-memoria-2dwiubhpyt7nxyuzpluigc87/
19/12/2016	O que fazer nas férias para descansar e não se arrepender	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-fazer-nas-ferias-para-descansar-e-nao-se-arrepender-ecui4x9gstakawa36d3612k87/
19/12/2016	UFPR, PUCPR, UTFPR e UP assinam acordo de inovação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ufpr-pucpr-utfpr-e-up-assinam-acordo-de-inovacao-42u2u5pf2pmoljbm3baiy8f6r/
19/12/2016	MP 746: PGR diz que MP do Ensino Médio é inconstitucional	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pgr-diz-que-mp-do-ensino-medio-e-inconstitucional-9g613jxjz8pk8czjakflvwtf/
20/12/2016	Escolas particulares deixam a desejar em qualidade	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-particulares-deixam-a-desejar-em-qualidade-c7pbsivha4lqprjxtrigv7yeb/
20/12/2016	Crianças sem-teto têm mais dificuldade de estudar em escolas terceirizadas em NY	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/criancas-sem-teto-tem-mais-dificuldade-de-estudar-em-escolas-terceirizadas-em-ny-82oaoqg7bml0vr5b0444b7sv7/
21/12/2016	Meninos de até 15 anos são mais imaturos que as meninas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/meninos-de-ate-15-anos-sao-mais-imaturos-que-as-meninas-eepbw8zfdgldj90gtmtib95ur/
26/12/2016	Estudantes buscam métodos alternativos para aprender idiomas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-buscam-metodos-alternativos-para-aprender-idiomias-03abgxno73h4db8hf5a1hgyqr/
26/12/2016	Os 10 principais feitos e descobertas da ciência em 2016	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/os-10-principais-feitos-e-descobertas-da-ciencia-em-2016-2tuho0h5pp05h0n0lculzlmg7/
27/12/2016	UFPR recebe quase 10 mil recursos às provas da 2.ª fase. Resultado deve sair até 10/01	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ufpr-recebe-quase-10-mil-recursos-as-provas-da-2-fase-resultado-deve-sair-ate-10-de-janeiro-aeylz6d33pewpbu4pwvyrk8w/
30/12/2016	Férias! 7 ferramentas para criar histórias em quadrinhos com as crianças	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ferias-7-ferramentas-para-criar-historias-em-quadrinhos-com-as-criancas-4shzmndla4qg80cqwwq7mlwov/
02/01/2017	Reprovação escolar: como não cair no desespero nem na indiferença	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/reprovacao-escolar-como-nao-cair-no-desespero-nem-na-indiferenca-5mkjtm4k0cqjrp4e8oedaxio0/
03/01/2017	Orientador que não orienta: você não é o único a sofrer desse mal	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/orientador-que-nao-orienta-voce-nao-e-o-unico-a-sofrer-desse-mal-62y0op5vst6efbwfmsma8vvnwg/
05/01/2017	Escola chama uso de saias e shorts curtos por meninas de ‘atitude abusiva’	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-chama-uso-de-saias-e-shorts-curtos-por-meninas-de-atitude-abusiva-7oyrucy5uqcv2t8jssw910lkr/
06/01/2017	Cotas para pessoas com deficiência é medida paliativa, afirmam especialistas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cotas-para-pessoas-com-deficiencia-e-medida-paliativa-afirmam-especialistas-2pkqjm94301wtfyzkc413s5kr/
09/01/2017	Apostilas x livros didáticos: a solução de um país que não sabe pensar?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/apostilas-x-livros-didaticos-a-solucao-de-um-pais-que-nao-sabe-pensar-39ipxdeqmwud02y33i1bobeij/
09/01/2017	Estudantes não querem estudar Platão, Descartes e Kant “porque são brancos”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-nao-querem-estudar-platao-descartes-e-kant-porque-sao-brancos-3nehbj9iiz6t3cf9trlovvp7/
12/01/2017	UFPR divulga lista dos aprovados no Vestibular 2016/2017	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ufpr-divulga-lista-dos-aprovados-no-vestibular-20162017-1ki0r4ywlwxy9d4z6e35kdn3v/
12/01/2017	Jovens são facilmente enganados em sites e nas mídias sociais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jovens-sao-facilmente-enganados-em-sites-e-nas-midias-sociais-8pc4fds2l3zw0edwegzxi8u3/

13/01/2017	UFPR libera consulta do desempenho individual dos candidatos do vestibular	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ufpr-libera-consulta-do-desempenho-individual-dos-candidatos-do-vestibular-epuquduw14q65yxefhte3e39rv/
13/01/2017	Prefeituras deixam de receber livros didáticos gratuitos para comprar apostilas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/prefeituras-deixam-de-receber-livros-didaticos-gratuitos-para-comprar-apostilas-500pwxctf79z4moxxpjotn3v/
16/01/2017	Fui aprovado no vestibular em outra cidade. E agora?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/fui-aprovado-no-vestibular-em-outra-cidade-e-agora-4ohpo1kpr1zgl7fj5fvd7kqij/
16/01/2017	Por que é importante manter professores negros em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-e-importante-manter-professores-negros-em-sala-de-aula-1scjfnv7htmr6zdt8lsa5kjsr/
17/01/2017	Por que uma sala de aula inclusiva não é o que funciona para minha filha autista	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-uma-sala-de-aula-inclusiva-nao-e-o-que-funciona-para-minha-filha-autista-2he8gi80vfesqwfbl08x9ckhf/
17/01/2017	3 de cada 4 alunos não sabem matemática do 9º ano em 85% dos municípios	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/3-de-cada-4-alunos-nao-sabem-matematica-do-9-ano-em-85-dos-municipios-b3li68hlf8hmqlsgpfat8412r/
17/01/2017	Cientistas denunciam falta de rigor em artigos científicos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cientistas-denunciam-falta-de-rigor-em-artigos-cientificos-clw0oyjr5lkgzqndu49f7t1gz/
18/01/2017	UFPR divulga notas de corte do vestibular 2016/2017	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ufpr-divulga-notas-de-corte-do-vestibular-20162017-6c2ncvhyi63kyrvijicxsiylr/
18/01/2017	Conheça a cota 'por situação geográfica' adotada na França, sem questão racial	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/conheca-a-cota-por-situacao-geografica-adotada-na-franca-sem-questao-racial-5norg9jhw481swerk8hjurw3/
19/01/2017	Mãe e universitária: uma combinação possível	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mae-e-universitaria-uma-combinacao-possivel-3zn60jg589y61q70lu79e7yuz/
20/01/2017	Matrículas de 81 calouros por cotas raciais foram indeferidas na UFPR	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/matriculas-de-81-calouros-por-cotas-raciais-foram-indeferidas-na-ufpr-c0ti50s8aexjmasx14rs216b/
23/01/2017	Como lidar com a mudança de escola do filho?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-lidar-com-a-mudanca-de-escola-do-filho-4ntp24g3bo5hez00wzb4549iz/
23/01/2017	Governo divulga resolução que ajusta hora-atividade dos professores estaduais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/governo-divulga-resolucao-que-ajusta-hora-atividade-dos-professores-estaduais-352z6npzjghpry09ja9emmi30/
24/01/2017	Inscrições para o Sisu podem ser feitas de hoje até sexta-feira (27)	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/inscricoes-para-o-sisu-podem-ser-feitas-de-hoje-ate-sexta-feira-27-1a4ran8up5jbl1ejgw5eishsc/
25/01/2017	Alunos que fizeram 2.ª aplicação do Enem questionam notas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/alunos-que-fizeram-2-aplicacao-do-enem-questionam-notas-89tu15dwzp11ubt64y0r4lvkc/
26/01/2017	Saiba como fazer um mapa mental eficaz para o estudo; veja o vídeo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/saiba-como-fazer-um-mapa-mental-eficaz-para-o-estudo-veja-o-video-0ff9crhz9g4l3vbqlye6qwr2k/
26/01/2017	Esposa de Romanelli deixa a superintendência da Secretaria de Educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/esposa-de-romanelli-deixa-a-superintendencia-da-secretaria-de-educacao-44mh7d5cso6siypkgcsh1vrpo/
01/02/2017	Hora-atividade, sozinha, não garante a qualidade do ensino	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/hora-atividade-sozinha-nao-garante-a-qualidade-do-ensino-0leyzr9j95xvr9p2p0h5kd3oc/
03/02/2017	Criacionismo e evolucionismo: uma conciliação possível nas escolas?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/criacionismo-e-evolucionismo-uma-conciliacao-possivel-nas-escolas-d0epp7orycqhnsfb9fzaqojq4/
08/02/2017	Em trote do bem, calouros de Medicina da UFPR transformam dia de crianças com câncer	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/em-trote-do-bem-calouros-de-medicina-da-ufpr-transformam-dia-de-criancas-com-cancer-flg3rf2uustencyotlcu3hig7/

08/02/2017	Quatro anos após aquisição, governo do Paraná instala ar-condicionado nas escolas	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/quatro-anos-apos-aquisicao-governo-do-parana-instala-ar-condicionado-nas-escolas-68tfixom45ot84kmpuc4y3c87/
10/02/2017	Dificuldade em matemática pode ser transtorno neurológico. Mas é possível superá-lo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dificuldade-em-matematica-pode-ser-transtorno-neurologico-mas-e-possivel-supera-lo-7e145qp8csag3firmcjs7x6sh3/
14/02/2017	Ensino Religioso deve fazer parte do currículo escolar?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ensino-religioso-deve-fazer-parte-do-curriculo-escolar-3monvhq9ghyj6tqualgl0b1yf/
15/02/2017	Vice-reitora é uma das investigadas pela PF no desvio de bolsas na UFPR	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/vice-reitora-e-uma-das-investigadas-pela-pf-no-desvio-de-bolsas-na-ufpr-4ln89wzjp1uox750mbion0emt/
16/02/2017	Por que é preciso ensinar bondade aos jovens?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-e-preciso-ensinar-bondade-aos-jovens-0dnj3t00pa1y0817lrgt1jqc5/
20/02/2017	Pais devem estar abertos às escolhas profissionais dos filhos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pais-devem-estar-abertos-as-escolhas-profissionais-dos-filhos-4pis6rzbah4lxh4felhfdhcn/
22/02/2017	Escola bilíngue ou internacional? Conheça as diferenças entre os modelos de ensino	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-bilingue-ou-internacional-conheca-as-diferencas-entre-os-modelos-de-ensino-aikafguilzh23t1wuga3iyj46/
22/02/2017	Estudante detectou sozinha desvio milionário de bolsas que a UFPR não viu	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estudante-detectou-sozinha-desvio-milionario-de-bolsas-que-a-ufpr-nao-viu-52c7c52x896li4rb2qkrjeona/
24/02/2017	O mito da pluralidade ideológica nas universidades	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-mito-da-pluralidade-ideologica-nas-universidades-dehf7qyxnbx38iudk2ubeezq/
02/03/2017	Queixa de candidatos à UFPR mostra fragilidades do sistema de cotas raciais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/queixa-de-candidatos-a-ufpr-mostra-fragilidades-do-sistema-de-cotas-raciais-5ftupd8wo0d15x7ougjbowfa3/
02/03/2017	Diálogos para ‘chocar’ e ajudar na segurança de crianças e jovens na web	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dialogos-para-chocar-e-ajudar-na-seguranca-de-criancas-e-jovens-na-web-0th8i8dq29fmgd3czt113hnq3/
06/03/2017	As crianças superdotadas e os riscos de fracassar no futuro	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/as-criancas-superdotadas-e-os-riscos-de-fracassar-no-futuro-3v1inqnww2y5hxcmh5xpbmk7h/
07/03/2017	Universidade privada dos EUA é gratuita para renda de até R\$ 400 mil por ano	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidade-privada-dos-eua-e-gratuita-para-renda-de-ate-r-400-mil-por-ano-6lb3gou8ieej7xjiagwgczi/
08/03/2017	Falar em público: dicas para a apresentação de trabalhos acadêmicos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/falar-em-publico-dicas-para-a-apresentacao-de-trabalhos-academicos-0wrrr631rxe01pqqfuhxafw7h/
08/03/2017	Professores engrossam ato nacional dia 15 de março. Veja quem mais pode parar	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/professores-engrossam-ato-nacional-dia-15-de-marco-veja-quem-mais-pode-parar-5c74jo6ib20qjb96pth80gct/
10/03/2017	Como o “monopólio” dos sindicatos pode travar a educação no Brasil	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-o-monopolio-dos-sindicatos-pode-travar-a-educacao-no-brasil-9cwo7it3oyoftyxprbjg35y31/
12/03/2017	Greve: veja quem vai parar no dia 15 e como isso afeta sua vida	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/greve-veja-quem-vai-parar-no-dia-15-e-como-isso-afeta-sua-vida-5h8jcewileihso74uuy8hqi19/
13/03/2017	Greves e estrutura precária afastam bons alunos de universidades públicas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/greves-e-estrutura-precaria-afastam-bons-alunos-de-universidades-publicas-5zrv5kyotnfmism4ksfz2ddiuj/

13/03/2017	Incêndio em escola estadual deixa mais de 500 alunos sem aula em Curitiba	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/incendio-em-escola-estadual-deixa-mais-de-500-alunos-sem-aula-em-curitiba-7qr2r3fv20gff2i6ipwhyn6az/
13/03/2017	Brigar e ameaçar o professor é prejudicial para o seu filho	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/brigar-e-ameacar-o-professor-e-prejudicial-para-o-seu-filho-cb0zesi6cojjhwfgq7sebext7/
14/03/2017	Prefeitura de Araucária abre sindicância para investigar assombração em escola	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/prefeitura-de-araucaria-abre-sindicancia-para-investigar-assombracao-em-escola-1z66hd0wizmw7ufq2ljqqeuj/
17/03/2017	Escolas particulares se preparam para o novo ensino médio; custo deve aumentar	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-particulares-se-preparam-para-o-novo-ensino-medio-custo-deve-aumentar-28nnonocni5k5u5pp5hgtwm97/
17/03/2017	Projeto de lei nos EUA quer proteger professores que ensinam o criacionismo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/projeto-de-lei-nos-eua-quer-protoger-professores-que-ensinam-o-criacionismo-9ld8xraej2srja430i93acaej/
20/03/2017	Prefeitura de Araucária desvenda farsa de vídeo de escola “assombrada”	https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/prefeitura-de-araucaria-desvenda-farsa-de-video-de-escola-assombrada-end8jlse07302hx6ec3v6owiv/
20/03/2017	Instituições de ensino filantrópicas estão na mira da reforma da previdência	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/instituicoes-de-ensino-filantronicas-estao-na-mira-da-reforma-da-previdencia-6wxbxdu1cnt516g3xixbbljrf/
25/03/2017	Professores podem ter regras diferentes na aposentadoria	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professores-podem-ter-regras-diferentes-na-aposentadoria-e8xjng6bahhxmed6tojerogiv/
25/03/2017	Suprema Corte nos EUA toma decisão inédita a favor de criança autista	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/suprema-corte-nos-eua-toma-decisao-inedita-a-favor-de-crianca-autista-c8w37364dw65z7mxxdfs28ntz/
27/03/2017	Percy Jackson e Marx inspiram o grego e o latim em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/percy-jackson-e-marx-inspiram-o-grego-e-o-latim-em-sala-de-aula-84t0np3mi7sgk1fjo7zl994mf/
03/04/2017	Como motivar estudantes do 6.º ao 9.º ano do ensino fundamental	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-motivar-estudantes-do-6-ao-9-ano-do-ensino-fundamental-6oqqz9vi0kxjc2bk9n2bc7nz8/
10/04/2017	Estudantes aprendem melhor quando colocam a “mão na massa”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-aprendem-melhor-quando-colocam-a-mao-na-massa-d8h9ew4jfp3lhd312gubzz3tw/
11/04/2017	‘Cola’ tecnológica cresce em sala de aula e assusta universidades	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cola-tecnologica-cresce-em-sala-de-aula-e-assusta-universidades-89ci6bo0i4o1qeltld8jgqhbv/
13/04/2017	Os argumentos pró e contra a alfabetização aos 7 anos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/os-argumentos-pro-e-contra-a-alfabetizacao-aos-7-anos-9525qkmcvpqm0tus6zol0mnub/
18/04/2017	8 mitos sobre o cérebro que ainda estão presentes em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/8-mitos-sobre-o-cerebro-que-ainda-estao-presentes-em-sala-de-aula-0vsdhk87bbkmvry02fxncgiwl/
26/04/2017	Me formei, e daí? Como desenvolver competências que a faculdade não ensina	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/me-formei-e-dai-como-desenvolver-competencias-que-a-faculdade-nao-ensina-ckpxauevv9kxf341nk5p1b5h/
27/04/2017	Em carta, alunos rebatem professores e defendem a reforma da Previdência	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/em-carta-alunos-rebatem-professores-e-defendem-a-reforma-da-previdencia-exyv829tnogx4jijwb7650etw/
01/05/2017	Aprender linguagem de programação é falar o idioma do futuro	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/aprender-linguagem-de-programacao-e-falar-o-idioma-do-futuro-43wnq679zcwtahhb3rakupv6c/

05/05/2017	Candidatos negros a vaga de professor enfrentam discriminação em região rica	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/candidatos-negros-a-vaga-de-professor-enfrentam-discriminacao-em-regiao-rica-7ump1tc18snazdp2av8dal5x1/
05/05/2017	Violência nas escolas influencia aprendizado e formação cidadã	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/violencia-nas-escolas-influencia-aprendizado-e-formacao-cidada-6sk890c3bn5hbtwdwia7ww3gqs/
08/05/2017	Metade das pré-escolas do Brasil não tem parquinho, mas lei diz que brincar é fundamental até os 6 anos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/metade-das-pre-escolas-do-brasil-nao-tem-parquinho-mas-lei-diz-que-brincar-e-fundamental-ate-os-6-anos-e4d2c4qwfvi080r1c38am2vy/
11/05/2017	Como saber se um professor é ruim?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-saber-se-um-professor-e-ruim-eb3a6iy9lfdnthtvt4qvn05g/
13/05/2017	De que maneira os professores podem ensinar melhor?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/de-que-maneira-os-professores-podem-ensinar-melhor-eyuh3h17f9ju92c1om1t4men0/
16/05/2017	Gênero: Escola muda regras de uniforme para permitir que meninos usem saia	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-muda-regras-de-uniforme-para-permitir-que-meninos-usem-saia-1qzzxr2p49rhku03jg3d5cht3/
17/05/2017	Escola usa algemas e choque para conter aluno de apenas 7 anos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-usa-algemas-e-choque-para-conter-aluno-de-apenas-7-anos-7hokuxyq9nkk1sp2v7j511ifi/
17/05/2017	O Brasil precisa mesmo de um currículo unificado?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-brasil-precisa-mesmo-de-um-curriculo-unificado-9d0dex0roe3y9r1f7uem6528e/
19/05/2017	Ideologia de gênero: Banheiro único para meninos e meninas em escolas é medida que ignora segurança	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/banheiro-unico-para-meninos-e-meninas-em-escolas-e-medida-que-ignora-seguranca-e30hhtpyqcly9zk375y678c2v/
25/05/2017	Pesquisa: escolas com estrutura esportiva são exceção no Brasil	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pesquisa-escolas-com-estrutura-esportiva-sao-excecao-no-brasil-9uf4wbsa49p88k7skvi7otud8/
27/05/2017	Conheça a história por trás das mochilas gigantes de Jequié	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/conheca-a-historia-por-tras-das-mochilas-gigantes-de-jequie-60tw4r1ee3xvztw3smuavtgo3/
27/05/2017	Dormir bem para aprender: pesquisa mostra que sono ruim atrapalha aprendizado	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dormir-bem-para-aprender-pesquisa-mostra-que-sono-ruim-atrapalha-aprendizado-6cv0m31txcm9io46ugg4pclgi/
30/05/2017	Nem 1%, nem 80%: a real taxa de analfabetismo funcional entre universitários	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/nem-1-nem-80-a-real-taxa-de-analfabetismo-funcional-entre-universitarios-8eipsba6xmr44t7602oum3ppq4/
01/06/2017	Cinco ideias indefensáveis de Paulo Freire	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cinco-ideias-indefensaveis-de-paulo-freire-0z1mo7zd2a3kpg79729vsihvg/
01/06/2017	Educação chilena é a melhor da América Latina com modelo oposto ao do Brasil	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/educacao-chilena-e-a-melhor-da-america-latina-com-modelo-oposto-ao-do-brasil-5otfucsyzefqd4a7x6v51lo8s/
02/06/2017	Universidades americanas: para cada orador de direita, 11 de esquerda	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidades-americanas-para-cada-orador-de-direita-11-de-esquerda-2twuuyhiuea8t5jc32pflp14s/
03/06/2017	Escolas nos EUA e Inglaterra banem fidget spinners	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-nos-eua-e-inglaterra-banem-fidget-spinners-eg5dgm55vke2jtw76mb9a3g8s/
05/06/2017	Cinco casos de doutrinação ideológica em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cinco-casos-de-doutrinacao-ideologica-em-sala-de-aula-49pny598nri601im1tjkrq2y1/

07/06/2017	Se nada der certo: o que a controvérsia das fantasias em escolas diz sobre nós mesmos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/se-nada-der-certo-o-que-a-controversia-das-fantacias-em-escolas-diz-sobre-nos-mesmos-e8t37sgwjz00flvq6a61nmxq/
08/06/2017	Palestrante tenta “desmascarar feminismo” mas acaba escoltada para fora de universidade	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/palestrante-tentadesmascarar-feminismo-mas-acaba-escoltada-para-fora-de-universidade-elrx7swr5daz09ckgqim31a12/
09/06/2017	Seis cenas “peculiares” que aconteceram em universidades públicas brasileiras	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/seis-cenas-peculiares-que-aconteceram-em-universidades-publicas-brasileiras-br4csifdjnqafjhjeacu1dmjt/
10/06/2017	Ícone gay critica banheiros transgêneros em escolas paulistas: “Biologia não é intolerância”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/icone-gay-critica-banheiros-transgeneros-em-escolas-paulistasbiologia-nao-e-intolerancia-7yizf9hzeyysuft80w4e1om/
12/06/2017	Professor com doutorado “mendiga” ajuda por causa de salários atrasados	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professor-com-doutorado-mendiga-ajuda-por-causa-de-salarios-atrasados-8gsy0s5jx97r77i9xu9djiz3t/
13/06/2017	Quer entrar para uma universidade no exterior? Conheça bolsas de graduação para brasileiros	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quer-entrar-para-uma-universidade-no-exterior-conheca-bolsas-de-graduacao-para-brasileiros-34g3oz1lixgdsrrrelkm1aavx/
13/06/2017	Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-monografias-incomuns-bancadas-com-dinheiro-publico-a8q52qvze7py9r8qavfieakyl/
14/06/2017	Homeschooling cresce no Brasil com curso online e vitória parcial no STF	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/homeschooling-cresce-no-brasil-com-curso-online-e-vitoria-parcial-no-stf-8qz8q44hruzncg71e5gufddss/
17/06/2017	Autora de tese de doutorado sobre Mr. Catra critica pensamento “elitista e preconceituoso”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/autora-de-tese-de-doutorado-sobre-mr-catra-critica-pensamento-ELITISTA-e-preconceituoso-9jxaz85j3uucblcipuyve3r5j/?ref=link-interno-materia
19/06/2017	Filiada do PC do B assume UNE: “Esquerda atingiu unidade inédita”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/filiada-do-pc-do-b-assume-une-esquerda-atingiu-unidade-inedita-awq4327e7clwpu2i9mxhdl1pd/
20/06/2017	Carreira política é regra para ex-presidentes da UNE	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/carreira-politica-e-regra-para-ex-presidentes-da-une-bk4lo1qfehncowhchw7td4eve/
21/06/2017	Projeto de lei cria cotas para idosos em universidades – sem vestibular	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/projeto-de-lei-cria-cotas-para-idosos-em-universidades--sem-vestibular-ebhabac2sox7nau9u54bformp/
21/06/2017	Contra a maré: 15 prêmios vencidos por cientistas brasileiros no exterior	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/contra-a-mare-15-premios-vencidos-por-cientistas-brasileiros-no-exterior-axijo52b6uyqldhfy57bzuo96/
22/06/2017	Coreia do Sul deu salto ao priorizar ensino básico – ao contrário do Brasil	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/coreia-do-sul-deu-salto-ao-priorizar-ensino-basico--ao-contrario-do-brasil-0t7zs2apxhtbspap3kdhdviii/
22/06/2017	Estudantes Pela Liberdade desafia hegemonia da esquerda	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-pela-liberdade-desafia-hegemonia-da-esquerda-9qk7kw1vsghnu6ulrnup1s6kq/
23/06/2017	Garotos usam saias na escola como forma de protesto	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/garotos-usam-saias-na-escola-como-forma-de-protesto-5oqoip7ptlpmv908i0nhydikq/
23/06/2017	Notebooks em sala de aula atrapalham mais do que ajudam	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/notebooks-em-sala-de-aula-atrapalham-mais-do-que-ajudam-7zbrqrms1gj94wpgdht98ojm2/
26/06/2017	Ano sabático antes da faculdade ajuda a amadurecer escolha	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ano-sabatico-antes-da-faculdade-ajuda-a-amadurecer-escolha-amatk5g2gbjw8r4tex04lmpk2/

28/06/2017	Sesi gaúcho abre escola com método inovador e ênfase em ciências exatas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/sesi-gaicho-abre-escola-com-metodo-inovador-e-enfase-em-ciencias-exatas-6x5qj3nh4secpxumi8780couq/
29/06/2017	A escola do futuro: entre o virtual e o real	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-escola-do-futuro-entre-o-virtual-e-o-real-6cv0b1s0cmouiv1p7bxaexz76/
30/06/2017	Guerra contras os meninos? Padronização do ensino não dá conta das diferenças entre sexos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/guerra-contras-os-meninos-padronizacao-do-ensino-nao-da-conta-das-diferencas-entre-sexos-3nnt7enly7neafh27eh89bs2/
03/07/2017	Cotas para quem? Classificação racial esbarra em critérios subjetivos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cotas-para-quem-classificacao-racial-esbarra-em-criterios-subjetivos-73gp1rc72e9vi16mdo3psg7tf/
04/07/2017	Escola diz que exercício com “transgêneros” para ensino infantil foi erro	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-diz-que-exercicio-comtransgeneros-para-ensino-infantil-foi-erro-axe15xni535058vcr3hs3koer/
04/07/2017	Escolas americanas substituem prova escrita por avaliação de desempenho	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-americanas-substituem-prova-escrita-por-avaliacao-de-desempenho-etay42bpt7t4t90marvblse76/
05/07/2017	Petição online propõe regulamentação do homeschooling	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/peticao-online-propoe-regulamentacao-do-homeschooling-9clpciwn2robzfzhqynnhrsv6/
06/07/2017	A desproporção entre esquerda e direita no acervo das universidades públicas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-desproporcao-entre-esquerda-e-direita-no-acervo-das-universidades-publicas-8v6lu5iximxewnrxfbz3qphn7/
06/07/2017	Ato com nudez surpreende alunos de universidade federal	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ato-com-nudez-surpreende-alunos-de-universidade-federal-33urvkc5vhqgmq6xlal35thv/
06/07/2017	Só para meninos (ou meninas): escolas com sexo único voltam a ganhar espaço	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/so-para-meninos-ou-meninas-escolas-com-sexo-unico-voltam-a-ganhar-espaco-6ntf28dmqom2gy6q5z9yg0a6r/
07/07/2017	Imigração muçulmana aumenta choques culturais em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/imigracao-muculmana-aumenta-choques-culturais-em-sala-de-aula-emquunt93cdkrjg3413ug9bpv/
10/07/2017	Passo a passo: saiba como elaborar um projeto de pesquisa	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/passo-a-passo-saiba-como-elaborar-um-projeto-de-pesquisa-63xdwq74185o6s3kzrtemsvz/
10/07/2017	Impedido de usar o banheiro masculino, aluno transgênero processa escola	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/impedido-de-usar-o-banheiro-masculino-aluno-transgenero-processa-escola-482vvh2jga2726xhv35r2edkf/
11/07/2017	As universidades dos EUA que são porto seguro para os conservadores	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/as-universidades-dos-eua-que-sao-porto-seguro-para-os-conservadores-dzzw32l70jzglm2q3chl1ow9/
12/07/2017	Novo Ensino Médio deve começar a valer só em 2021; veja o que muda	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/novo-ensino-medio-deve-comecar-a-valer-so-em-2021-veja-o-que-muda-apwer16r2vyaatn0jggwkw7t5/
12/07/2017	Batalha religiosa nas escolas testa o multiculturalismo do Canadá	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/batalha-religiosa-nas-escolas-testa-o-multiculturalismo-do-canada-28sm8buffbdd28n94mozposw9/
13/07/2017	Educação bilíngue vale mesmo a pena?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/educacao-bilingue-vale-mesmo-a-pena-5mhnqohm1zeqzi3znn63a0q3z/
14/07/2017	Risco de suicídio entre alunos de medicina exige cuidados	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/risco-de-suicidio-entre-alunos-de-medicina-exige-cuidados-9t2e1rd3d1xao8dazbq2rbk9/

16/07/2017	Construtivismo segue popular no Brasil apesar das críticas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/construtivismo-segue-popular-no-brasil-apesar-das-criticas-9h99lcn6iwdn113w5ixsq8g9/
17/07/2017	Estudos apontam desvantagens das férias escolares	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudos-apontam-desvantagens-das-ferias-escolares-3gsiccehy4vxuxup1cezvlp0b/
19/07/2017	Festa do Colégio Pedro II tem funk com letra explícita	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/festa-do-colegio-pedro-ii-tem-funk-com-letra-explicita-5e92ne2dkssyc3nnuvxvt8e6z/
19/07/2017	Cotas raciais: exigência de entrevista elimina quase 70% dos candidatos em federal	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cotas-raciais-exigencia-de-entrevista-elimina-quase-70-dos-candidatos-em-federal-6f8vg2rsdlb3iixigo5k4a6e3/
20/07/2017	Terceira melhor particular do país, PUCPR fica à frente da UFPR em novo ranking	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/terceira-melhor-particular-do-pais-pucpr-fica-a-frente-da-ufpr-em-novo-ranking-70sbe94i3b05ni9yh86y9g1jv/
22/07/2017	Escolas substituem dever de casa por tempo de leitura. Funciona?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-substituem-dever-de-casa-por-tempo-de-leitura-funciona-93yt7xp0270cf4m85vcs554uz/
23/07/2017	Governo da Libéria cedeu a gestão de escolas a instituições privadas. Deu certo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/governo-da-liberia-cedeu-a-gestao-de-escolas-a-instituicoes-privadas-deu-certo-77pcogofixstl6cksk4o0hpsr/
24/07/2017	Um bom jeito para fazer os alunos conversarem: aulas online	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/um-bom-jeito-para-fazer-os-alunos-conversarem-aulas-online-2urkqaj8zolknc781p753bvmm/
24/07/2017	Saiba como tirar uma boa nota na redação do Enem	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/saiba-como-tirar-uma-boa-nota-na-redacao-do-enem-cxc7sbyi6zx4iyeco5qy6ksm6/
24/07/2017	Quadro negro não basta: ensino de ciências deve trocar decoreba por experiência concreta	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quadro-negro-nao-basta-ensino-de-ciencias-deve-trocar-decoreba-por-experiencia-concreta-csa6exrjxh17r9xv6tkcfhpsu/
24/07/2017	Voucher educacional é tratado como solução provisória no Brasil - mas não deveria	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/voucher-educacional-e-tratado-como-solucao-provisoria-no-brasil---mas-nao-deveria-f068gm1bwb1img3yprofdo5pa/
25/07/2017	Diretor é demitido após aumentar rigor na seleção por cotas em universidade federal	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/diretor-e-demitido-apos-aumentar-rigor-na-selecao-por-cotas-em-universidade-federal-4ldxlz5g5besitp7o91zp13a6/
25/07/2017	“Por que é aceitável criticar o Cristianismo mas não o Islã?”, diz ícone ateu após evento cancelado	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-e-aceitavel-criticar-o-cristianismo-mas-nao-o-islã-diz-icone-ateu-apos-evento-cancelado-3p2004f081m6bpvcfjz2pvba6/
27/07/2017	Diretora de vestibular em federal já foi condenada por irregularidade em concurso	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/diretora-de-vestibular-em-federal-ja-foi-condenada-por-irregularidade-em-concurso-4060ana7s77xpig3wvlcc5j32/
27/07/2017	Torneios de debates ganham força entre estudantes brasileiros	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/torneios-de-debates-ganham-forca-entre-estudantes-brasileiros-7xd9qk06bn6zg4vslke7sh87y/
28/07/2017	Quem quer ser professor e trabalhar de graça em um Instituto Federal?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quem-quer-ser-professor-e-trabalhar-de-graca-em-um-instituto-federal-1iqzsz7uzh9t6ajzfs3so5we/
28/07/2017	Por que o governo japonês está fechando cursos de humanas?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-o-governo-japones-esta-fechando-cursos-de-humanas-eg6kr3nk619a18tylf3aso9um/
28/07/2017	Curitiba vai ganhar novo Colégio Militar; veja como garantir a vaga do seu filho	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/curitiba-vai-ganhar-novo-colegio-militar-veja-como-garantir-a-vaga-do-seu-filho-4cjo0rnuyy19ih0nebzqy6t0/

31/07/2017	Você pode estudar de graça nessa faculdade americana. Com uma condição: trabalhar pesado	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/voce-pode-estudar-de-graca-nessa-faculdade-americana-com-uma-condicao-trabalhar-pesado-eeshm7o8i00cf4jpg32hxjpd5/
31/07/2017	Suspender alunos por mau comportamento pode não funcionar	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/suspender-alunos-por-mau-comportamento-pode-nao-funcionar-4k4ewpo1vt7500fz8d118t5bd/
02/08/2017	5 bons exemplos para a Educação Infantil brasileira	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/5-bons-exemplos-para-a-educacao-infantil-brasileira-a3c0pbkli0c0i91ypez1boaw9/
04/08/2017	Bullying, exposição e golpes: o papel das escolas diante dos riscos da internet	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/bullying-exposicao-e-golpes-o-papel-das-escolas-diante-dos-riscos-da-internet-b21qyo4o7gkqsjqx0u4rkf9r/
07/08/2017	Despreparo: calouros chegam à universidade sem saber o que os espera	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/despreparo-calouros-chegam-a-universidade-sem-saber-o-que-os-espera-47lh0w1ud7h8aqkzycy2re8zo/
08/08/2017	MBL fará marcha pelo Escola Sem Partido em todo o país	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mb1-fara-marcha-pelo-escola-sem-partido-em-todo-o-pais-4i3elisi28qrft1bzodr5y11l/
09/08/2017	O QI brasileiro pode estar diminuindo, e a culpa é da escola	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-qi-brasileiro-pode-estar-diminuindo-e-a-culpa-e-da-escola-5m1h1nfcw3fkoijjsqzgnlqfd/
09/08/2017	Medo de passar vergonha impede inovação em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/medo-de-passar-vergonha-impede-inovacao-em-sala-de-aula-emr32bz818adazub8yj8d4z5w/
10/08/2017	Escolas municipais de Curitiba foram assaltadas 505 vezes em 2017	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/escolas-municipais-de-curitiba-foram-assaltadas-505-vezes-em-2017-aa7hajoi97rwqara08cgr45rn/
11/08/2017	Gostem ou não, em seis meses Donald Trump fez a diferença na educação dos EUA	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/gostem-ou-nao-em-seis-meses-donald-trump-fez-a-diferenca-na-educacao-dos-eua-93gic8t1cnaoqiql1usbwoikp/
11/08/2017	Pensar “como computador” prepara crianças para avanços tecnológicos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pensar-como-computador-prepara-criancas-para-avancos-tecnologicos-116mapyfu2qmxr19gdnwn9jd/
14/08/2017	Principal universidade católica do Brasil, PUC-SP passa a oferecer banheiros unissex	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/principal-universidade-catolica-do-brasil-puc-sp-passa-a-oferecer-banheiros-unissex-9z8fqe0mlwzgxxyg7ds6g6n10/
15/08/2017	Brasil tem 2,5 milhões fora da escola; trabalho é principal razão para abandono	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/brasil-tem-25-milhoes-fora-da-escola-trabalho-e-principal-razao-para-abandono-7g4ljozkru2w9y6wu1hjag3gc/
16/08/2017	Aluno superdotado pode ser apenas... Inteligente	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/aluno-superdotado-pode-ser-apenas-inteligente-egag5n6w871l07aj49czky1do/
17/08/2017	É possível aprender História com youtubers?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/e-possivel-aprender-historia-com-youtubers-2sqxx2902jym593vej76nqbgc/
19/08/2017	Vídeo: professora petista incentiva estudantes a gritar “Fora, Temer”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/video-professora-petista-incentiva-estudantes-a-gritar-fora-temer-2kho4rp64bx17ml7o1vb2wi6s/
20/08/2017	Escola municipal marca mão de aluno para não repetir merenda	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-municipal-marca-mao-de-aluno-para-nao-repetir-merenda-6j677m3sd4ouwsv8rbrmt6txw/
21/08/2017	Diploma dado a Lula tem erros de português; universidade nega ter produzido documento	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/diploma-dado-a-lula-tem-erros-de-portugues-universidade-nega-ter-produzido-documento-4uhupe4thbv1p98eaa7355qnt/

21/08/2017	Ordem em meio ao caos: escolas militares ganham espaço com bons resultados	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ordem-em-meio-ao-caos-escolas-militares-ganham-espaco-com-bons-resultados-8mvefin96no0oydxmdkgaqreh/
24/08/2017	Aprovação automática ainda é tema de debate entre especialistas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/aprovacao-automatica-ainda-e-tema-de-debate-entre-especialistas-50g4j8ovqo2mqd8v3xgiljt4p/
25/08/2017	Terceirização de escolas públicas: novidade no Brasil, comum lá fora	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/terceirizacao-de-escolas-publicas-novidade-no-brasil-comum-la-fora-3x54omwyg7xzekfvyi6rap16z/
26/08/2017	Incentivar a curiosidade da criança pode ajudá-la a se tornar um adulto bem sucedido	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/incentivar-a-curiosidade-da-crianca-pode-ajuda-la-a-se-tornar-um-adulto-bem-sucedido-7ujz6l9nif7e9iehrwc662iz/
28/08/2017	Escolas unem currículos de artes e ciências	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-unem-curriculos-de-artes-e-ciencias-d8n035m3cyrmtjefdp2ddaedn/
29/08/2017	Escola às 7h da manhã? Talvez seja cedo demais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-as-7h-da-manha-talvez-seja-cedo-demais-9ty72p110dhku3bz12nwxvwo/
30/08/2017	STF decide sobre ensino religioso; veja como outros países tratam o assunto	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/stf-decide-sobre-ensino-religioso-veja-como-outros-paises-tratam-o-assunto-6s1nznfj1fledhar99dvhj5h/
01/09/2017	Pseudociência? Homeopatia nas faculdades de medicina é assunto controverso	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pseudociencia-homeopatia-nas-faculdades-de-medicina-e-assunto-controverso-51wvu2p0ss6ia8uocjmzhjvh9/
01/09/2017	Jogos eletrônicos: uma boa alternativa nas salas de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jogos-eletronicos-uma-boa-alternativa-nas-salas-de-aula-1hln910njww0g62ciya16euyd/
04/09/2017	Brasil é número 1 em agressões a professores	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/brasil-e-numero-1-em-agressoes-a-professores-7h0mew5jujkzrvszzmtv0j2/
05/09/2017	Com apoio do governo, escola convida alunos a se vestirem como transexuais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/com-apoio-do-governo-escola-convida-alunos-a-se-vestirem-como-transexuais-4qt571znauo1h3x0u83z2ynf8/
05/09/2017	PUC e UEPG são únicas paranaenses entre melhores do mundo; UFPR deixa lista	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/puc-e-uepg-sao-unicas-paranaenses-entre-melhores-do-mundo-ufpr-deixa-lista-bbxcoih0e55gc53zl3xyzusyc/
06/09/2017	A importância dos desfiles de 7 de Setembro e do ensino cívico para a educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-importancia-dos-desfiles-de-7-de-setembro-e-do-ensino-civico-para-a-educacao-97g7hkwiczxywjm2j383sz2/
07/09/2017	Níveis de doença e stress entre os professores são alarmantes	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/niveis-de-doenca-e-stress-entre-os-professores-sao-alarmanentes-4e3hoiomzo5jhw9by77pli6b2/
08/09/2017	Reggio Emilia: como uma cidade italiana virou referência de educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/reggio-emilia-como-uma-cidade-italiana-virou-referencia-de-educacao-c71289e9ic50o5f4eaq30y4xa/
09/09/2017	Cinco países mais pobres que o Brasil com melhores resultados na educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cinco-paises-mais-pobres-que-o-brasil-com-melhores-resultados-na-educacao-cfwu720mb6gtz19ga2id6q5pq/
10/09/2017	O que alunos estrangeiros pensam sobre a educação do Brasil	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-alunos-estrangeiros-pensam-sobre-a-educacao-do-brasil-4u1qlh3hcbg0tk5s95m3lvqlq/
12/09/2017	UFBA, UFPE, UFMA: drogas não são segredo nas universidades do Nordeste	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ufba-ufpe-ufma-drogas-nao-sao-segredo-nas-universidades-do-nordeste-ayos3w4un65y408rjgshug2qo/

12/09/2017	Brasil gasta 16% do orçamento com educação - mais do que a Noruega	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/brasil-gasta-16-do-orcamento-com-educacao---mais-do-que-a-noruega-851b9v5o4av1rrmhe1ktietpc/
13/09/2017	“É como se fosse legalizado”: o uso de drogas nas universidades do Sudeste	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/e-como-se-fosse-legalizado-o-uso-de-drogas-nas-universidades-do-sudeste-0ypkb2j0cth3ytojwa3oeljvk/
14/09/2017	Escândalo da UFSC ajuda a explicar alto custo da educação superior	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escandalo-da-ufsc-ajuda-a-explicar-alto-custo-da-educacao-superior-a90nsqqv3e41eygxxf25voesg/
15/09/2017	Cultura dos bacharéis: corrida por diplomas desvaloriza graduações	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cultura-dos-bachareis-corrída-por-diplomas-desvaloriza-graduacoes-82bagedsl1bnti48jh5dvszv4/
19/09/2017	“Uber das aulas particulares” reúne alunos e professores	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/uber-das-aulas-particulares-reune-alunos-e-professores-52h1vucrybiybfetd5907s9/
21/09/2017	Proposta retira de Paulo Freire o título de patrono da educação brasileira	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/proposta-retira-de-paulo-freire-o-titulo-de-patrono-da-educacao-brasileira-d1vvgoq7qwiylouov98mnl0c4/
22/09/2017	Tem curiosidade sobre famílias que fazem homeschooling? Pergunte isso a elas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/tem-curiosidade-sobre-familias-que-fazem-homeschooling-pergunte-isso-a-elas-7i450wduc1xhzm2j3ply1s8rt/
22/09/2017	Na era petista, Brasil quadruplicou pesquisa mas perdeu relevância	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/na-era-petista-brasil-quadruplicou-pesquisa-mas-perdeu-relevancia-5ti939purvgrcikav6ppzjwv/
23/09/2017	Educação: Os desafios da alfabetização bilíngue	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/os-desafios-da-alfabetizacao-bilingue-7rgrfd3h20j27rmam02qcdyic/
25/09/2017	“O fato de o Estado ser laico não quer dizer que a nação seja atea”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-fato-de-o-estado-ser-laico-nao-quer-dizer-que-a-nacao-seja-atea-5vuz5sfjhnqeuqgue8ai3k5r/
25/09/2017	Como no século 19: nossas salas de aula pararam no tempo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-no-seculo-19-nossas-salas-de-aula-pararam-no-tempo-arjn56m7xzsmid2inpnhu8cv/
27/09/2017	Por que a religião deve ter espaço nas escolas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-a-religiao-deve-ter-espaco-nas-escolas-7vc1amumtyv6hcfb7swuswwy7/
28/09/2017	Paulo Freire: o pai da doutrinação nas escolas?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/paulo-freire-o-pai-da-doutrinacao-nas-escolas-3g4a7hcqsoaij79ojo3c8/
28/09/2017	Faltam bibliotecas no Brasil. Mas este não é o maior problema	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/faltam-bibliotecas-no-brasil-mas-este-nao-e-o-maior-problema-21en1fv7vebrj6ri82p29276w/
29/09/2017	Cinco táticas de doutrinação em sala de aula que você precisa conhecer	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cinco-taticas-de-doutrinacao-em-sala-de-aula-que-voce-precisa-conhecer-0bjj85rgqfajhagh43q0zi30v/
29/09/2017	Faculdade para ser blogueira? Dez cursos que você não sabia que existiam	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/faculdade-para-ser-blogueira-dez-cursos-que-voce-nao-sabia-que-existiam-dt2jset5v4bw6bcybth3z1uy0/
30/09/2017	O que os casos do Santander e do MAM dizem sobre a educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-os-casos-do-santander-e-do-mam-dizem-sobre-a-educacao-al226doj5hk785mfvr87il0o/
02/10/2017	Projeto de lei acaba com a aprovação automática nas escolas; Senado abre consulta	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/projeto-de-lei-acaba-com-a-aprovacao-automatica-nas-escolas-senado-abre-consulta-ax666r7aonhknm07k74igtzvh/

03/10/2017	O que levou dois programas de pós-graduação da UFPR à excelência internacional	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-levou-dois-programas-de-pos-graduacao-da-ufpr-a-excelencia-internacional-5dtkf5fhpod0edmx4tqckp0il/
03/10/2017	Universidade Federal do Tocantins passa a oferecer banheiros unissex	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidade-federal-do-tocantins-passa-a-oferecer-banheiros-unissex-2gsd3z0yg9wghbuk6kenjc2l/
04/10/2017	Em universidade federal, doutorado sobre orgias gays tem “participação especial” de autor	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/em-universidade-federal-doutorado-sobre-orgias-gays-tem-participacao-especial-de-autor-3eppke8i3rfdghp29hacdbj6l/
05/10/2017	Dez filmes imperdíveis sobre educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-filmes-imperdiveis-sobre-educacao-aeu7wkyv7tdy4saveuid34d7h/
05/10/2017	Como combater as fake news em sala de aula?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-combater-as-fake-news-em-sala-de-aula-7x6crli6ktikdvr9gz3edcgd9/
06/10/2017	Quer estudar nos Estados Unidos? Conheça os 3 tipos de vistos existentes	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quer-estudar-nos-estados-unidos-conheca-os-3-tipos-de-vistos-existent-5clsqwzrx0b02psewi3bprdnh/
06/10/2017	A educação no Brasil tem jeito: seis exemplos inspiradores	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-educacao-no-brasil-tem-jeito-seis-exemplos-inspiradores-2ttvh7dxe19n3hiqlid2occ1r/
06/10/2017	O que aconteceu quando a Inglaterra passou a oferecer universidade ‘gratuita’	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-aconteceu-quando-a-inglaterra-passou-a-oferecer-universidade-gratuita-0xmyqwnh57jb60nopk7hbngm5/
09/10/2017	Por que o Brasil nunca ganhou um Nobel?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-o-brasil-nunca-ganhou-um-nobel-4t9ygxoswn8gbsxjdd8e5gfvb/
10/10/2017	Sem fantasia: crianças aprendem mais com histórias reais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/sem-fantasia-criancas-aprendem-mais-com-historias-reais-3k4y4sqeupqfzw9yzca74s0gn/
11/10/2017	Aula de química em escola estadual tem “Fora Temer” no quadro	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/aula-de-quimica-em-escola-estadual-tem-fora-temer-no-quadro-206kyqc0drsrja1ycjolj989/
11/10/2017	O Nobel que o Brasil ganhou e ninguém sabia	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-nobel-que-o-brasil-ganhou-e-ninguem-sabia-78pavf4xstt2d1pggqw16c5lj/
11/10/2017	Dez documentários essenciais para discutir educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-documentarios-essenciais-para-discutir-educacao-85csmomtpu64qb3lw2m9hwigp/
11/10/2017	Cantadas e desabafos: páginas “Spotted” viram diário anônimo de universitários	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cantadas-e-desabafos-paginas-spotted-viram-diario-anonimo-de-universitarios-ae468ainbbq2couq4irky32hj/
13/10/2017	Eu sou um professor conservador. Meus alunos nunca deveriam ser impedidos de ter liberdade de expressão	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/eu-sou-um-professor-conservador-meus-alunos-nunca-deveriam-ser-impedidos-de-ter-liberdade-de-expressao-0a5fxrs5x6um8nn1uy50w0rcp/
13/10/2017	Drag queen dá “aula” sobre papéis de gênero para comemorar Dia das Crianças em escola	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/drag-queen-da-aula-sobre-papeis-de-genero-para-comemorar-dia-das-criancas-em-escola-2mbckp4pqarcq327zyi2ywkmx/
14/10/2017	Como Cingapura chegou ao topo dos rankings educacionais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-cingapura-chegou-ao-topo-dos-rankings-educacionais-7jcs3y06pgt19bd19f11kd9q1/
15/10/2017	Por que o Dia do Professor é comemorado em 15 de outubro?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-o-dia-do-professor-e-comemorado-em-15-de-outubro-a6ieb4542ctff2eju1s3otnuz/

15/10/2017	Ele venceu o câncer e hoje leciona na escola onde estudou	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ele-venceu-o-cancer-e-hoje-leciona-na-escola-onde-estudou-9z0kg0suor2kqjsbqvog2m2yh/
15/10/2017	Zona de guerra: como as escolas do Rio lidam com os conflitos armados	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/zona-de-guerra-como-as-escolas-do-rio-lidam-com-os-conflitos-armados-8ddqeyt3252ls6owh2yv06yww/
16/10/2017	Estudante negra abre mão de cotas: “Não achei legal tirar a vaga de uma pessoa que precisa mais do que eu”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudante-negra-abre-mao-de-cotas-nao-achei-legal-tirar-a-vaga-de-uma-pessoa-que-precisa-mais-do-que-eu-6rvp74eb5mu1h4ekd0304ghtv/
16/10/2017	Com robô e scanner 3D, Feira de Cursos da UTFPR acontece nesta terça-feira (17)	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/com-roboto-e-scanner-3d-feira-de-cursos-da-utfpr-acontece-nesta-terca-feira-17-ayb5jqrcelxxr0e87x3ok3d7/
17/10/2017	O Brasil tem cada vez menos alunos na escola. E esta pode ser uma boa notícia	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-brasil-tem-cada-vez-menos-alunos-na-escola-e-esta-pode-ser-uma-boa-noticia-8wa8nffaabxonqueuyan4vsq4j/
17/10/2017	Afro-matemática será matéria obrigatória em curso de universidade federal	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/afro-matematica-sera-materia-obrigatoria-em-curso-de-universidade-federal-1625q3gzbok0ijlhw0x6iecsj/
18/10/2017	Professores sem qualificação fazem parte da realidade educacional brasileira	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professores-sem-qualificacao-fazem-parte-da-realidade-educacional-brasileira-ech6r94m2t7t648hjmzz4vcou/
18/10/2017	Evento sobre gênero tem ato com nudez em universidade pública	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/evento-sobre-genero-tem-ato-com-nudez-em-universidade-publica-4xyt62qstypmbut0e1dv26ta/
18/10/2017	Exclusivo: pesquisa mostra rejeição dos brasileiros à ideologia de gênero nas escolas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/exclusivo-pesquisa-mostra-rejeicao-dos-brasileiros-a-ideologia-de-genero-nas-escolas-a69umi8p0hvhwv11iee04e4fy/
19/10/2017	Escola transforma lanche do recreio em teste de honestidade	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-transforma-lanche-do-recreio-em-teste-de-honestidade-aj9wsffwais64tsroouz32h32/
20/10/2017	Em sala, professora zomba de “pobretões falando mal do socialismo”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/em-sala-professora-zomba-de-pobretoes-falando-mal-do-socialismo-1p9p0kpwlj7a5b03axp3fhzrf/
20/10/2017	Ao priorizar ensino superior, Brasil abandona educação infantil	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ao-priorizar-ensino-superior-brasil-abandona-educacao-infantil-epxmr7oxlalamf5im2fvzf26/
20/10/2017	Por que o Canadá tem um dos melhores modelos educacionais do mundo?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-o-canada-tem-um-dos-melhores-modelos-educacionais-do-mundo-845czc9ts4ljbk1r8exyelhkz/
24/10/2017	USP faz evento por “criança viada travesti”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/usp-faz-evento-porcrianca-viada-travesti-0gd2k0ypdm8t4p0q1mxujai1q/
24/10/2017	O que massacres em escolas têm em comum?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-massacres-em-escolas-tem-em-comum-b4bkjzz32rx3wod77h5xa0ud0/
26/10/2017	Integral e com rotina militar, Colégio Guarda Mirim do PR está com processo seletivo aberto	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/integral-e-com-rotina-militar-colegio-guarda-mirim-do-pr-esta-com-processo-seletivo-aberto-21mgsfud41orfdi61pscxem2/
27/10/2017	Arquitetura da escola auxilia na construção da aprendizagem	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/arquitetura-da-escola-auxilia-na-construcao-da-aprendizagem-0spzc9d4oao28nvswxs5g8cf2/
27/10/2017	Pais se revoltam com fusão de escola e CMEI em Curitiba	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/pais-se-revoltam-com-fusao-de-escola-e-cmei-em-curitiba-dibswom40pzewtxtmfzlpfeii/

28/10/2017	Senador quer investigar escola por exposição com referência a suicídio e aborto	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/senador-quer-investigar-escola-por-exposicao-com-referencia-a-suicidio-e-aborto-5qp1f8mp59cqs6i9p44gzrnxa/
29/10/2017	Eles chegaram lá: os brasileiros nas melhores universidades do mundo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/eles-chegaram-las-brasileiros-nas-melhores-universidades-do-mundo-5ukfupkfgb2cbfop3vo91jlsu/
30/10/2017	Josias Teófilo: “Profanamos o templo da religião degradada do esquerdismo”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/josias-teofilo-profamos-o-templo-da-religiao-degradada-do-esquerdismo-bsxt7qp07f2crwr3ewszat52w/
01/11/2017	Mercado enxerga formação insuficiente nas principais profissões	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mercado-enxerga-formacao-insuficiente-nas-principais-profissoes-0rzqwc5gncmiejtrivey7xbg/
01/11/2017	Por que a escola deve ensinar economia?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-a-escola-deve-ensinar-economia-5sazmumiufwvlp115ei8bukj0/
03/11/2017	Estudante se veste de personagem negro no Halloween - e gera crise em universidade	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudante-se-veste-de-personagem-negro-no-halloween---e-gera-crise-em-universidade-7feyei50p4vxc9dk2zhd2ksu0/
03/11/2017	Cresce número de alunos com deficiência matriculados em escolas regulares	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cresce-numero-de-alunos-com-deficiencia-matriculados-em-escolas-regulares-bxqpg600cowewvwemenpsdjp4/
06/11/2016	Comunidade e presos se unem para reformar escola em Piraquara	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/comunidade-e-presos-se-unem-para-reformar-escola-em-piraquara-9zm6a5m2gi6b75yi3igx1t8ai/
06/11/2017	O que os pais podem fazer diante de casos de doutrinação ideológica?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-que-os-pais-podem-fazer-diante-de-casos-de-doutrinacao-ideologica-9ket0n3op8kjeeeb3sa7g1g82/
06/11/2017	Universidade Federal proíbe evento contrário ao comunismo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidade-federal-proibe-evento-contrario-ao-comunismo-4ypipcenajldkhw2cc2co8uhu/
06/11/2018	Quer cursar uma segunda graduação? UFPR oferece 344 vagas	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/quer-cursar-uma-segunda-graduacao-ufpr-oferece-344-vagas-d4a3inaapmtknfc7mtuk4o3vs/
09/11/2017	Colégio da Polícia Militar será aberto em Londrina em 2018	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/colégio-da-polícia-militar-será-aberto-em-londrina-em-2018-9yvmnlrs8bfg2n454u86s8nmw/
09/11/2017	José Pacheco e a escola sem aula: “Prova não serve para nada”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/jose-pacheco-e-a-escola-sem-aula-prova-nao-serve-para-nada-0w7ce75yk8wg857aobrt9v1b8/
10/11/2017	Uso excessivo de aparelhos eletrônicos influencia rotina escolar	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/uso-excessivo-de-aparelhos-eletronicos-influencia-rotina-escolar-744zjs7m893g9a78fz2045cv6/
10/11/2017	Por que mensalidades escolares sobem acima da inflação?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-mensalidades-escolares-sobem-acima-da-inflacao-7badl730g860wkovpbva2b142/
10/11/2017	Cenário aponta para crianças cada vez mais infelizes na escola	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cenario-aponta-para-criancas-cada-vez-mais-infelizes-na-escola-521fxz81cpln86u7dd64x7e5e/
13/11/2017	Estudantes brasileiros estão entre os mais estressados do mundo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estudantes-brasileiros-estao-entre-os-mais-estressados-do-mundo-3bg3ab4zb2q9wn51v3c0vfzze/
13/11/2017	Exibição de filme sobre Olavo de Carvalho é vetada na UFBA	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/exibicao-de-filme-sobre-olavo-de-carvalho-e-vetada-na-ufba-dyq9jzhq7x5awovyvnyj4whr7x/

14/11/2017	O próximo alvo da patrulha ideológica: a matemática	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-proximo-alvo-da-patrulha-ideologica-a-matematica-0fuqjxr0gd1810molybrucy5/
15/11/2017	Yes, we can? Por que o Brasil não consegue falar inglês	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/yes-we-can-por-que-o-brasil-nao-consegue-falar-ingles-7ffa7dqsc04nr8rn487c0igi5/
16/11/2017	São Paulo vai pôr criatividade e empatia no currículo de escolas municipais	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/sao-paulo-vai-por-criatividade-e-empatia-no-curriculo-de-escolas-municipais-5k1hd9urj1e7fh2uagkwb99n1/
17/11/2017	MEC quer suspender criação de cursos de Medicina por 5 anos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mec-quer-suspender-criacao-de-cursos-de-medicina-por-5-anos-c3uhzx8bsvoc41e29hyhguzfu
19/11/2017	O passe livre estudantil é injusto com os mais pobres?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-passe-livre-estudantil-e-injusto-com-os-mais-pobres-51l4mntsonmzu986wockvj5qf/
20/11/2017	Em sala, professora zomba de “pobretões falando mal do socialismo”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/em-sala-professora-zomba-de-pobretoes-falando-mal-do-socialismo-1p9p0kpwlj7a5b03axp3fhzrf/
20/11/2017	Como o Japão conseguiu dar educação de qualidade a ricos e pobres	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-o-japao-conseguiu-dar-educacao-de-qualidade-a-ricos-e-pobres-5gpf9jejr8vevt1cbf31h80nf/
21/11/2017	Apesar da tecnologia, o papel não vai deixar a sala de aula tão cedo	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/apesar-da-tecnologia-o-papel-nao-vai-deixar-a-sala-de-aula-tao-cedo-9y5j9oqk47iu2szuxyebttzxf/
22/11/2017	Pesquisa: Professores brasileiros têm salário adequado e benefícios acima da média, diz Banco Mundial	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/professores-brasileiros-tem-salario-adequado-e-beneficios-acima-da-media-diz-banco-mundial-55q5psmovxd15fvbyru24rgwb/
23/11/2017	Alunas denunciam palestra com simulação de sexo oral em escola pública	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/alunas-denunciam-palestra-com-simulacao-de-sexo-oral-em-escola-publica-9jo5qat4kbn1cr5vsms9y50zv/
24/11/2017	Paulo Freire, Monteiro Lobato e Tancredo Neves: os nomes de escola mais comuns em alguns estados	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/paulo-freire-monteiro-lobato-e-tancredo-neves-os-nomes-de-escola-mais-comuns-em-alguns-estados-1vjy3b10td5kusddtjzcf43m3/
26/11/2017	Escolas do MST: autonomia a serviço da “pedagogia socialista”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-do-mst-autonomia-a-servico-dapedagogia-socialista-c0y4qjdcpc2cy4nfs09ewgw472/
27/11/2017	Novo Colégio da Polícia Militar no Paraná terá 120 vagas	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/novo-colegio-da-policia-militar-no-parana-tera-120-vagas-63os2lxxivvtkj4179x6i79ej/
27/11/2017	Pergunta sobre transexuais no Enade gera crítica por viés ideológico	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/pergunta-sobre-transexuais-no-enade-gera-critica-por-vies-ideologico-1c1gdgtzfcv9oygvy36ww2nwe/
27/11/2017	Curitiba: Apps do Google serão usados na sala de aula das escolas municipais de Curitiba	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/apps-do-google-serao-usados-na-sala-de-aula-das-escolas-municipais-de-curitiba-8a0rstwnrvs39kxmethho3ata/
28/11/2017	Somente 12 universidades do Brasil têm nota máxima em avaliação do MEC	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/somente-12-universidades-do-brasil-tem-nota-maxima-em-avaliacao-do-mec-eb126zflcl895r9l9pmq37zy/
30/11/2017	Colégio da Vila Militar está com matrículas abertas em Curitiba; são 740 vagas	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/colegio-da-vila-militar-esta-com-matriculas-abertas-em-curitiba-sao-740-vagas-5t3szg19p9cyg6tvi2gmpy6aj/
30/11/2017	Brasileira participa de estudo que identifica origem da pele clara	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/brasileira-participa-de-estudo-que-identifica-africa-como-origem-da-pele-clara-6fav8kpdms9klezstdwrh01q/

01/12/2017	Alunos e palestrante são expulsos a tapas da USP por manifestantes de extrema-esquerda	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/alunos-e-palestrante-sao-expulsos-a-tapas-da-usp-por-manifestantes-de-extrema-esquerda-b2qwf9j5hfqg0b1493y34k01q/
01/12/2017	Vídeo mostra aluno agredindo professor com um soco em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/video-mostra-aluno-agredindo-professor-com-um-soco-em-sala-de-aula-46xv4r8dcvd1djb6g5yazcqm/
04/12/2017	Drag queen faz dança sensual ao som de Pablo Vittar em escola pública	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/drag-queen-faz-danca-sensual-ao-som-de-pablo-vittar-em-escola-publica-08ph9kazarkir5uuc7czy6d/
05/12/2017	Projeto de Jean Wyllys limita ensino religioso em escolas públicas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/projeto-de-jean-wyllys-limita-ensino-religioso-em-escolas-publicas-14nt0n2ud1nmys7quqgtwxvpx/
05/12/2017	A pergunta fundamental do homeschooling: a quem pertencem as crianças?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-pergunta-fundamental-do-homeschooling-a-quem-pertencem-as-criancas-ax9mt2mkdckv3dtdq3wxn6xuj/
05/12/2017	Com palestra de drag queen, escola pública prega ideologia de gênero	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/com-palestra-de-drag-queen-escola-publica-prega-ideologia-de-genero-bvfr2n822dj4nrh1kt6b735qt/
06/12/2017	Reitor da UFMG é levado para depor sobre desvio de R\$ 4 milhões	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/reitor-da-ufmg-e-levado-para-depor-sobre-desvio-de-r-4-milhoes-cadr2in7pdq3nf9eai05fpjo5/
08/12/2017	Quanto custa estudar em Harvard e outras universidades de elite?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quanto-custa-estudar-em-harvard-e-outras-universidades-de-elite-f0fesjz0iue3ukczl1qex10ph/
08/12/2017	“Whole brain teaching”: o método de ensino que prega o aproveitamento total do cérebro	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/whole-brain-teaching-o-metodo-de-ensino-que-prega-o-aproveitamento-total-do-cerebro-ae8ihycwh4omcij85a6ryukt1/
09/12/2017	Escola norte-americana reduz suspensões e problemas disciplinares com meditação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escola-norte-americana-reduz-suspensoes-e-problemas-disciplinares-com-meditacao-2061mmkeg0i39choxog4293h7/
10/12/2017	Gazeta do Povo tira do ar “Monitor da Doutrinação”. Entenda por quê	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/gazeta-do-povo-tira-do-ar-monitor-da-doutrizacao-entenda-por-que-31f43x0adm4bz2nc0p95lqgvo/
12/12/2017	Cotistas têm desempenho pior do que a média na maior parte dos cursos	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cotistas-tem-desempenho-pior-do-que-a-media-na-maior-parte-dos-cursos-8spz14agnxhdszul6mpronhu3/
12/12/2017	Bons exemplos: cinco iniciativas inovadoras de educação Brasil afora	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/bons-exemplos-cinco-iniciativas-inovadoras-de-educacao-brasil-afora-1yi0nr3dav3143v3im7zewbuz/
13/12/2017	Por que crianças negras ficam presas em escolas fracassadas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-criancas-negras-ficam-presas-em-escolas-fracassadas-2531sixxzwjlhs79v4zudgah7/
13/12/2017	Prêmio dá R\$ 200 mil a escolas por projetos de educação integral	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/premio-da-r-200-mil-a-escolas-por-projetos-de-educacao-integral-2tzq4xn78aigssx5urro7fcpg/
14/12/2017	Vampiros, Fidel Castro e tricô: 15 disciplinas bizarras de universidades americanas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vampiros-fidel-castro-e-trico-15-disciplinas-bizarras-de-universidades-americanas-09accemabj51b0zdh52hvzpcb/
15/12/2017	Quem são e quanto gastam as fundações privadas que investem na educação	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quem-sao-e-quanto-gastam-as-fundacoes-privadas-que-investem-na-educacao-05pxperfz1kpe44fw0mny54pg/
15/12/2017	Dez perguntas sobre a nova Base Nacional Comum Curricular	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-perguntas-sobre-a-nova-base-nacional-comum-curricular-3jzbenz9wi4kw35zvc64xes4/

18/12/2017	24h de fila: pais passam a noite na frente de escola para garantir matrícula dos filhos	https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/24h-de-fila-pais-passam-a-noite-na-frente-de-escola-para-garantir-matricula-dos-filhos-1yqeuxnzenrlkmpbqr5aus1t/
20/12/2017	Evento em universidade tem sexo simulado e “exposição sobre o ânus”	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/evento-em-universidade-tem-sexo-simulado-e-exposicao-sobre-o-anus-cknqqwskrwgvaaa0r5mchp906/
20/12/2017	Música pode auxiliar professores em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/musica-pode-auxiliar-professores-em-sala-de-aula-6wivgjq8ya38xm91bn2ny2sie/
21/12/2017	600 mil pessoas vão às ruas contra ideologia de gênero nas escolas	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/600-mil-pessoas-vao-as-ruas-contras-ideologia-de-genero-nas-escolas-2u90ds50aoqlzoaeh6swr1j5z/
24/12/2017	Ensino fundamental: quem é o responsável?	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/ensino-fundamental-quem-e-o-responsavel-14xyagqscan2kf6zj6plncn2u/
25/12/2017	Criatividade e engajamento de professores e diretores explicam casos recentes de sucesso na educação pública	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/criatividade-e-engajamento-de-professores-e-diretores-explicam-casos-recentes-de-sucesso-na-educacao-publica-2etk5u1pq9lt3bpprplzihkxz/
26/12/2017	Por que a concorrência da Unicamp é maior do que a de Harvard	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-a-concorrenca-da-unicamp-e-maior-do-que-a-de-harvard-dkzvqun2ivuzdxpqx9nmiiv/
28/12/2017	Transição gradual entre etapas escolares ajuda estudante	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/transicao-gradual-entre-etapas-escolares-ajuda-estudante-7u6yadvah65797ve35szdcedt/
29/12/2017	Crianças precisam de recreio - não de mais tempo em sala de aula	https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/criancas-precisam-de-recreio---nao-de-mais-tempo-em-sala-de-aula-5ftb0bum4w1eg80tanzwr7t92/

APÊNDICE 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GRUPO 1

IDENTIFICAÇÃO

- *Faixa etária, formação acadêmica, escolas/faculdades/cursos onde leciona/lecionou.*
- *Por favor, fale um pouco sobre sua atuação profissional dentro do sindicato. Atua há quanto tempo nessa entidade? Já atuou anteriormente em outros sindicatos ou entidades de classe? Por que atua em sindicato/entidade de classe?*
- *Como você avalia a atuação sindical no setor educacional, como um todo, em Curitiba e no Paraná? Tem alguma crítica ou sugestão de melhoria, em relação às atuações unificadas da classe? Por quê?*

PERCEPÇÃO DA EDITORIA DE EDUCAÇÃO EM JORNAIS E PORTAIS DE CURITIBA E DO PARANÁ

- *Você consome ou acessa informações e notícias sobre Educação em jornais, portais de internet e veículos de comunicação? Em caso afirmativo, quais são esses veículos?*
- *Dentro da sua área de atuação no sindicato, como você avalia a divulgação de notícias, eventos, cursos e pautas de interesse educacional em Curitiba e no Paraná?*
- *Acha que essa cobertura feita pelos veículos de comunicação é efetiva? Por quê?*
- *Teria alguma sugestão para melhorar essa cobertura, na sua avaliação enquanto profissional da educação?*

PERCEPÇÃO DA EDITORIA DE EDUCAÇÃO DA GAZETA DO POVO

- *Você é leitor e/ou assinante de jornal Gazeta do Povo? Em caso negativo, já teve acesso ao jornal impresso ou ao site do jornal por meio do seu trabalho ou sindicato?*
- *Em caso afirmativo, para os leitores/assinantes: com qual frequência isso acontece, no site, ou acontecia, no caso do jornal impresso?*
- *Como você avalia o conteúdo noticioso produzido pela Gazeta do Povo na editoria de Educação?*
- *Você acredita que o jornal cumpre um papel social nessa cobertura de notícias?*
- *Na sua avaliação, o fim da circulação da Gazeta do Povo em edição impressa em 2017 e sua mudança para o jornalismo online mudou de alguma maneira o conteúdo das notícias e a cobertura sobre educação? Por quê?*

APÊNDICE 4

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GRUPO 2

IDENTIFICAÇÃO

- *Faixa etária, formação acadêmica, breve currículo sobre jornais e veículos onde atuou e atua atualmente.*
- *Fale um pouco sobre sua atuação profissional enquanto jornalista, repórter/editor. Atua há quantos anos com Jornalismo?*
- *Quais foram as reportagens mais marcantes de sua carreira até hoje? Recebeu algum prêmio dentro ou fora da categoria por alguma reportagem especial?*
- ***Pergunta para jornalistas que estão atuando em assessorias de imprensa ou saíram do Jornalismo: Como você avalia a atuação de repórteres e assessores, atualmente, em Curitiba e no Paraná? Acredita que essa relação está melhor, igual ou pior? Por que?*

COBERTURA E PAUTA DA EDITORIA

- *Você passou por algum treinamento, trainee ou capacitação específica nas pautas de Educação antes de ser alocado na editoria? Como foi esse processo?*
- *Há quanto tempo você atua ou atuou na Gazeta do Povo e na editoria de Educação?*
- *Como era feita a definição das pautas diárias e semanais da editoria, de cobertura da agenda da cidade e/ou do Estado, nas escolas e faculdades públicas e privadas?*
- *Havia algum critério de seleção sobre quais eventos do setor receberiam registro no jornal? Ou dependia da equipe de editores?*
- *Como era feita a definição e escolha das pautas mais amplas, que envolvem comportamento de professores e alunos, ou mesmo temáticas nacionais?*
- *Na sua percepção, houve alguma alteração na cobertura das pautas de Educação no período em que você trabalhou na editoria dentro da Gazeta do Povo? De que forma?*
- *Você ou seu editor costumam aceitar sugestões de pautas e/ou eventos enviadas por entidades, sindicatos ou instituições de ensino? Quais os critérios para publicação, em linhas gerais?*

JORNALISMO IMPRESSO E DIGITAL

- *Como foi comunicado para você e seus colegas de editoria que a Gazeta do Povo deixaria de circular sua edição impressa diária em maio de 2017? Houve alguma preparação ou período de transição? Como foi esse processo?*

- Na sua percepção enquanto jornalista, houve alguma alteração na cobertura das matérias sobre Educação com o fim da edição impressa diária? Por quê?
- Em caso afirmativo, você acredita que essa alteração se deve a um planejamento editorial macro do jornal? Ou envolve estratégias específicas da editoria de Educação? Por quê?
- Você acredita que a cobertura feita pela Gazeta do Povo durante o ano de 2017, período levantado por esta pesquisa na editoria de Educação, sofreu alguma interferência, sugestão ou alteração por parte dos gestores do jornal? Por quê? /Exemplifique.
- Você presenciou ou realizou algum ajuste nas pautas ou enfoques das pautas e entrevistas de acordo com as “Convicções” do jornal? Se afirmativo, quais seriam?
- Pela sua experiência, existem formas de se manter alguma pauta ou enfoque de reportagem de forma independente do direcionamento editorial do veículo? Se afirmativo, teria algum exemplo?

APÊNDICE 5

IMAGENS DA ÚLTIMA EDIÇÃO IMPRESSA DA GAZETA DO POVO, COM IMPRESSORES



Fonte: Daniel Castellano (31/05/2017)

APÊNDICE 6

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, **Dra. Myrian Del Vecchio de Lima, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), e André de Freitas Nunes, aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Ppgcom)** da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando **o Senhor | a Senhora, representante de sindicato e/ou entidade de classe educacional do Paraná | jornalista (editor)** que trabalhou na redação do jornal *Gazeta do Povo* em 2017 a participar de um estudo intitulado **A cobertura da editoria de Educação diante da migração para uma plataforma jornalística digital: o caso do jornal Gazeta do Povo (PR)**, que se propõe a estudar as transformações na cobertura da editoria de Educação do jornal *Gazeta do Povo*, traçando um paralelo entre o período anterior e o posterior ao fim da circulação da edição impressa diária do veículo, em maio de 2017. O tema e objeto de pesquisa se justificam pela necessidade de se valorizar e apoiar a área de Educação e da visibilização dos problemas do setor nas mídias jornalísticas. A pesquisa se adequa aos estudos de Mídia e Educação.

a) O objetivo desta pesquisa é entender como o fim da edição impressa da *Gazeta do Povo*, em 2017, transformou a cobertura da editoria de Educação, gerando impactos no setor educacional público e privado em Curitiba, devido à abrangência e ao conteúdo das reportagens produzidas pelo veículo no período estudado (entre dezembro de 2016 e dezembro de 2017).

b) Caso **o Senhor | a Senhora** concorde em participar da pesquisa, será necessário responder a **uma entrevista realizada de forma online e remota (não presencial)** com o pesquisador, feita em uma plataforma de som e vídeo (Zoom, Google Meet ou WhatsApp), e todo o conteúdo será gravado. A duração prevista da entrevista é de cerca de uma hora (60 minutos).

c) As entrevistas serão todas realizadas de maneira remota e online, na plataforma de melhor conveniência para os entrevistados (Zoom, Google Meet ou WhatsApp em vídeo em áudio), seguindo os protocolos de isolamento social impostos pela pandemia da Covid-19 no Brasil.

d) É possível que **o senhor | a senhora** experimente algum desconforto, principalmente relacionado a revelar sua opinião profissional sobre o tema estudado, e as relações da sua entidade/ sindicato com o jornal pesquisado. Dessa forma, alguns riscos relacionados ao estudo (risco mínimo) podem ser o constrangimento com a entrevista, diante do tema pesquisado e dos assuntos relacionados à Mídia e Educação em Curitiba e no Paraná.

e) A pesquisa deve revelar de que maneira a migração da plataforma impressa para a digital, em 2017, pode ter impactado na cobertura de notícias, na produção de pautas e conteúdo, edição e abrangência das notícias da editoria de Educação, bem como seu efeito entre as entidades de classe educacionais selecionadas pelo pesquisador.

f) Os benefícios esperados com essa pesquisa à sociedade são diretos e indiretos, como em todo estudo que se dedica à Educação, ao tornar público os meios noticiosos que auxiliam na veiculação de problemas e demandas do setor educacional público e privado, da educação básica ao ensino superior. A pesquisa busca contribuir com este cenário, na tentativa de compreender como o jornal de maior leitura no estado do Paraná passou a cobrir a editoria de Educação após o fim da circulação de sua edição impressa no ano de 2017, e como esta nova configuração tem atendido as demandas dos profissionais e entidades importante setor da sociedade. A temática da pesquisa também vai além do espaço empírico de levantamento quantitativo e entrevistas, em face do agravamento dos problemas estruturais e pedagógicos do setor educacional brasileiro, ampliados pela pandemia da Covid-19 na sociedade.

g) Os pesquisadores **André de Freitas Nunes e Professora Doutora Myrian Del Vecchio de Lima**, responsáveis por este estudo, poderão ser localizados no campus Juvevê da UFPR (Rua Bom Jesus, 650, Juvevê – Curitiba), ou por meio dos e-mails andre.fnunes@gmail.com e myriandel@gmail.com, para esclarecer eventuais dúvidas que **o senhor | a senhora** possa ter e fornecer-lhe as informações que queiram, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. Em caso de emergência **o senhor | a senhora** também pode me contatar (**André de Freitas Nunes**), neste número, em qualquer horário: **(41) 99667-8067**.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e se **o senhor | a senhora** não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

i) O material obtido – gravação em vídeo da entrevista – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será eliminado/descartado ao término do estudo. As informações obtidas durante a pesquisa ficarão sob a responsabilidade do pesquisador principal e mestrando **André de Freitas Nunes**, sob a orientação da pesquisadora colaboradora, professora **Dra. Myrian Del Vecchio de Lima**. Os dados serão utilizados para o embasamento da dissertação de mestrado do aluno. As informações podem embasar também a produção de artigos sobre o tema para publicação em periódicos científicos da área de Comunicação, Educação e/ou Jornalismo.

j) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas (professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPR) sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida a confidencialidade.

k) **O senhor | a senhora** terá a garantia de que quando os dados/ resultados obtidos com este estudo forem publicados, não aparecerá seu nome.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa (papelaria e impressão de documentos) não são de sua responsabilidade e **o senhor | a senhora** não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

m) Caso os resultados da pesquisa sejam publicados, fica assegurado que seu nome não será divulgado e sim um código.

n) Se o **senhor** | a **senhora** tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, o **senhor** | a **senhora** pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo e-mail cometica.saude@ufpr.br e/ou telefone 41 -3360-7259, das 08:30h às 11:00h e das 14:00h às 16:00h. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde). CAAE 46449221.4.0000.0102, parecer 4.766.134.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu concordo, voluntariamente, em participar deste estudo.

[Curitiba, ____ de _____ de 2022]

[Assinatura do Participante de Pesquisa]

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]